

MATHEUS

LOURA



**SOB A
CIDADE**

Dedicatória

Para todas as almas mágicas que tiveram o seu brilho apagado neste mundo cheio de escuridão.

Epígrafe

“Bewitched by delight, you’ll reach the night Dancing
and singing to my fiddle
So take my hand, and understand
That no one will see you again”

BEWITCHED - CANDLEMASS

Tragédia

— Essa casa é assustadora...

Adriana sussurrou para si mesma enquanto um de seus braços segurava a parte de baixo da caixa de papelão, erguendo-a alguns metros, bem na altura de seu peito, o que não era muito fácil de equilibrar com seu corpo franzino e continuar caminhando em frente, rumo ao desconhecido.

Aquela era a última que estava no porta malas do carro de mudanças e já se sentia irritada em imaginar quanto trabalho teria em arrumar todas as suas coisas na casa nova. Antes de entrar, parou por alguns segundos para olhar a imponente casa tingida de amarelo que despontava em sua frente, a cor estava desbotada e um pouco de lodo verde escorria pela parede ao lado da porta de entrada em madeira, era bem mais alta que ela, em uma estrutura entalhada em madeira negra. No frontão, bem acima de sua cabeça, algumas samambaias crescem pelas laterais das esculturas, agarradas a estrutura antiga, bem ao centro uma moldura em gesso traz uma inscrição meio apagada de uma data desconhecida, 188... e alguma coisa, com toda certeza era bem mais velha do que a sua avó, que a observava em silêncio, próxima a porta de entrada.

A senhorinha se chamava Alessandra, não era tão idosa, mas há alguns meses sofreu um acidente que a tinha feito ficar em uma cadeira de rodas, era temporário, mas aquela condição era difícil de se lidar, haja visto sua personalidade animada e seu rancor em receber qualquer ajuda em serviços domésticos ou no cuidado consigo mesma.

Ao notar que a garota de longos cabelos castanhos observava a casa, insegura, prendeu os fios brancos sobre a cabeça e ficou a observando, como se não a visse há muitos anos, e era verdade, por algum motivo os pais de Adriana nunca foram muito próximos dela, que vivia reclusa na-

quela herança centenária sozinha desde a morte de seu marido, alguns anos antes, coberta em mistério e oração.

— É a última?

Perguntou Alessandra para a curiosa garota que passou pela porta de entrada.

— É sim.

Ela respondeu timidamente, em um tom baixo, olhando em direção ao cenário que teria de conviver pelos anos que viriam, era de se estranhar a decoração se a comparasse com o apartamento minúsculo que morava antes.

Seus olhos passeavam pelos móveis históricos que se estendiam por toda a casa, talhados em uma madeira escura, e delicadamente talhados em detalhes luxuosos, mesmo que pela falta de cuidado estivessem cobertos de poeira e arranhões, a alguns metros haviam várias fotos em preto e branco, posicionadas em molduras rebuscadas de madeira pelas paredes de todo o corredor que cortava a casa.

Vários dos santos católicos estavam posicionados sobre os móveis, observando a sua chegada de longe, um pequeno altar estava montado perto de uma janela, com muitas velas derretidas sobre um tecido branco, lá fora o sol se punha em um brilho amarelado. Em seus braços, enquanto andava, sentia o peso de suas coisas, que levava até o que seria o seu novo quarto, haviam caixas por todo o lugar e a casa estava um total caos.

Sua avó foi na frente, tagarelando sobre a casa, Adriana a seguia silenciosamente, um som estridente era feito pelo contato da borracha das rodas da cadeira com o chão de madeira, a avó tentava parecer amigável, mas aqueles dias não estavam sendo fáceis para nenhuma das duas, e por mais que a garota lutasse em se manter de pé, estava emocionalmente esgotada, desejando encontrar qualquer lugar onde pudesse dormir um pouco e se esquecer da realidade.

No final do corredor, ela abriu a porta de madeira, que emitiu um rangido metálico irritante, jogou a pesada caixa no chão, bem perto a um velho armário de pinho, era um quarto bonito, mas com um forte cheiro de mofo e madeira velha dos móveis antigos, deu alguns passos e se sentou na cama, observando o ambiente ao seu redor e planejando como poderia deixar o lugar centenário do seu jeito, tentava se manter minimamente animada mas sabia que seria muito difícil ver aquele lugar como um lar e não uma peça de museu bem mal conservada.

Era o último quarto, no final de um longo corredor e com uma janela que ostentava um vitral geométrico colorido, este dava acesso a um pequeno jardim de inverno abandonado, o sol emitia seus últimos raios dourados pelo vidro opaco e seus olhos se cruzaram com os raios dourados entre um suspiro, virou o olhar para a senhora à sua frente, que a olhava com ternura, mas também pena.

— Vou voltar, terminar de acertar as coisas com o rapaz da mudança, descanse, querida.

Assentiu, vendo sua cadeira se deslocar de volta pelo corredor. Ouvia o som pesado de sua própria respiração, levantou os pés do piso, tirando suas sandálias azuis e as deixando alinhadas bem ao lado da cama de ferro e voltou o olhar para a janela. Abraçando seu corpo e se deitando enquanto tentava ter colo em si mesma, fechou os olhos, deixando lágrimas pesadas escorrerem, e entre o transparente que enchia os seus olhos, podia ver uma luz confortante do pôr do sol.

Pesadelo

Adriana acordou de sobressalto, seu telefone tocava sem parar, ainda era madrugada e o relógio de parede marcava lá pelas três da manhã, correu até ele, pensando no que estaria acontecendo para que alguém ligasse aquela hora da madrugada. Esfregou seus olhos e calçou as pantufas, guiando sua mão até o celular, que descansava sobre a escrivaninha, e atendendo. Era a sua avó, ao ver o nome na tela se questionou o motivo que estaria ligando para ela, e não para seus pais.

Se lembrou que tinham saído mais cedo, sua mãe estava passando mal, com febre ou algo do tipo, mas a aquela hora eles já deveriam ter voltado, pensou que talvez sua mãe pudesse ter piorado e aquele fosse o motivo da ligação, o que era estranho, ela estava com febre quando saíram, mas não parecia ser nada tão grave aquele ponto.

O mais incomum era que sua avó quem estava ligando, a mulher nunca fora muito próxima dela e não se falavam direito há anos, fazia um tempo que a própria Adriana havia se afastado de todos e acreditava fielmente que a família inteira a odiava desde que tinha se assumido, então para evitar mais conflitos, preferia manter distância deles.

— Querida, preciso falar algo com você.

Sentiu um calafrio pelo tom sério de voz da sua avó e ainda com o celular sobre o ouvido, olhou em direção a pequena televisão sobre a sua cômoda, a ligando ao mesmo tempo que ouvia a voz trêmula da idosa pelo telefone.

— Aconteceu uma coisa com os seus pais.

A televisão tinha uma daquelas notícias urgentes, como as que aparecem quando algo muito incomum acontece, alguns carros de polícia cercavam o carro preto que ela conhecia bem... Nas imagens haviam também ambulâncias e alguns repórteres.

“Casal de suspeitos é alvejado em fuga”.

Não, não podiam ser seus pais, seu pai só estava dirigindo rápido demais porque sua mãe estava doente, não faria sentido.

— Adriana?

Ela não respondeu, seu peito se contraiu no pior desespero que já tinha enfrentado, esperava que tudo aquilo fosse um pesadelo, se beliscou, uma, duas vezes, mas nada aconteceu.

— Confundiram eles, com uns assaltantes.

Seu mundo logo começou a derreter diante de seus olhos, aquilo não podia ser real, ela não queria que aquilo fosse, largou o celular sobre a cômoda, ainda atenta as imagens na televisão, mais algumas horas fizeram com que os verdadeiros culpados fossem pegos, mas a vida de seus pais não seria dada de volta.

A história foi melhor explicada nos dias que se seguiram, quando foi mandada a um abrigo e soube o que realmente tinha acontecido. Alguns homens tinham roubado um banco, atirado no segurança e descido a avenida próxima de sua casa em um carro preto em alta velocidade, seus pais, sem saberem da perseguição que estava acontecendo, fizeram um retorno pela mesma Avenida, indo bem de encontro a onde vários policiais armados procuravam pelos criminosos em viaturas. Ver pessoas negras em um carro parecido foi suficiente para atirar contra eles.

Aquele crime gerou muita comoção, parentes de todos os lugares surgiram e algumas campanhas foram feitas, mas na prática nada aconteceu, os responsáveis foram afastados e a sua guarda foi passada para a sua avó, que mesmo sendo uma idosa em uma cadeira de rodas, fez questão de cuidar de sua única neta.

Adriana acordou aos gritos, meses depois, naquele estranho quarto de sua nova casa, suor escorria pela sua testa, e da janela entreaberta, tudo que podia ouvir era o poderoso som de um trovão. Sua avó invadiu o quarto, desesperada, fazendo um som estrondoso quando empurrou a madeira da porta que se chocou contra a parede.

— O que aconteceu?!

A idosa gritou, enquanto aproximava a cadeira enferrujada de sua cama.

— Nada...

Disse Adriana enquanto tentava conter as lágrimas de seus olhos, sua avó estendeu os braços para ela e sua neta a abraçou, deixando cair o rosto em seu ombro. Não era a primeira vez que ela tinha aquele flashback, ou que acordava de madrugada aos prantos, sabia que aqueles pesadelos pareciam voltar sempre que a tristeza tomava conta dela.

— Eu só queria ter ido com eles...

Sussurrou, escondendo o rosto entre os cabelos brancos de Alessandra.

— Não diga isso!

Ralhou a senhora, a apertando entre seus braços.

— É um mundo tão injusto.

Agora, morando em um outro bairro e prestes a iniciar uma rotina completamente nova, tinha de seguir em frente, era o que a motivava nos dias em que ficou no abrigo, enquanto o estado decidia qual fim seria dado a ela, agora uma órfã, um cenário tão comum como em tantas odisséias clichês.

Sabia que seu destino era tão incerto quanto a sua vontade de continuar, sua tristeza só não era maior que a sua revolta, sabia que seus pais tinham sido condenados pela cor de sua pele, assim como tantos outros. Sua avó acariciava seu cabelo, penalizada, enquanto a adolescente respirava fundo, tentando se recompor aos poucos, ela não se sentia no direito de incomodar ainda mais sua avó, já de idade, e que devia estar tão triste quanto ela. Limpou os olhos e se levantou para ir até a janela, olhando para a noite chuvosa e respirando o ar úmido da noite, ela tinha de poupar suas lágrimas para o dia seguinte.

— Desculpe por te acordar.

— Está tudo bem, só fiquei preocupada.

Ela se virou e, depositando um beijo sobre os fios brancos do topo da cabeça de sua avó, voltou para a cama, tinha que estar acordada cedo no dia seguinte.

— Eu vou ficar bem.

Segunda-feira

A escola nunca fora o lugar favorito de Adriana. Quando mais nova estava constantemente irritada com os outros alunos e fazia toda categoria de birra dentro de seu alcance para evitar ser levada à escola ou ficar muito tempo por lá, o que gerava constantes episódios com os professores que se viam obrigados a ligar para os seus pais no trabalho a fim de tirá-la do lugar onde tinha se escondido, já com os olhos cobertos de lágrimas.

Passaram-se os anos e as lágrimas foram se tornando ineficientes para que ela pudesse escapar das aulas, então teve de se contentar. Embora o ambiente escolar ainda fosse o seu maior temor, mesmo após ter crescido lembrava-se que os professores nunca foram compreensivos com a criança que ela era, diferente, ao menos, bem diferente do que se é imposto como regra social entre crianças.

Ela foi criada com o que é regra para alguém designado como homem ao nascer: Coisas azuis, bolas e carrinhos, além de ter sido batizada com um nome que não se identificava, e para piorar, um nome que detestava. Durante toda a sua infância esteve rodeada por esta imposição, mesmo jamais se identificando com tudo aquilo, claro, ela sabia que não era isso a regra que definia uma pessoa como transgênero, mas para ela, era mais uma evidência de que “havia algo de errado”.

Apesar de a detestar, a escola era o único lugar onde ela podia se juntar com outras garotas, assim como ela, e brincar um pouco com bonecas e outras coisas coloridas que tanto gostava, é claro, isso não era bem-visto pelos garotos de sua idade, que batiam e ofendiam sempre que os olhos dos adultos estavam longe deles, isso piorava a sua ansiedade, seus choros e a ida de seus pais até a escola. Crianças às vezes podem ser bem cruéis, principalmente quando incentivadas por adultos.

O tratamento dos professores não era muito diferente e muitas vezes eles próprios diziam-lhe para brincar com coisas condizentes com o seu gênero, se sentar, ou falar de uma forma que não gostava, tanto eles quanto seus pais. A primeira vez que ouviu falar de transgeneridade foi quando o diretor de sua escola, de forma bem preconceituosa, disse para os seus pais a levarem em um psicólogo, julgava haver algo de errado com ela e que sua presença poderia influenciar negativamente os outros alunos.

Seus pais nunca foram pessoas muito ricas, e precisaram de um certo esforço para pagar as sessões com o profissional. Nele não foram necessárias muitas consultas para que se descobrisse o que estava acontecendo.

Ela lembrava nitidamente da discussão de seus pais logo após o psicólogo ter contado a eles quem ela era, estava escondida, escutando atentamente com os ouvidos atrás da porta e os pés em ponta para diminuir o barulho de seus passos, sua mãe não relutou tanto, de algum modo, ela sempre soube quem sua filha era de verdade, a imposição era mais forte de seu pai, ele sempre sonhara em ter um garoto como filho, aquele dentro de seus padrões, alguém com que pudesse ir em jogos de futebol e falar de mulheres. Naquele dia ela ouviu muitas vezes a palavra “aberração” vinda de sua boca, no que já havia se tornado uma discussão calorosa entre os seus pais.

Então, ela, em sua cabeça não muito segura de catorze anos, foi se trancar em lágrimas no seu quarto, sem conseguir terminar de ouvir a conversa dos dois. Isso fora dois anos antes, e ela nem imaginava que iria perder os pais tão cedo, sua mãe felizmente levou a sério tudo que o psicólogo havia dito e deu início a sua transição, nada muito além dos bloqueadores hormonais e da troca de escola com um novo nome. Já seu pai nunca aceitou, agia como se ela tivesse morrido e evitava ao máximo trocar mais do que algumas palavras com a filha.

Ela esperava que ele, algum dia, mudasse de ideia sobre ela, e que eles pudessem voltar a ter uma boa relação, mas isso nunca aconteceu, isso era um dos motivos de sua culpa, e se sentia péssima por jamais saber se o pai ainda a amava quando ele partiu. Ela sabia que ainda tivera um tanto de sorte. Já lera sobre garotas mais novas que ela indo parar nas ruas e nas garras de aliciadores. Ela ao menos teve apoio de sua mãe, sua melhor amiga, que sentia tanta falta, principalmente de sua voz irritante e do seu jeito extrovertido todos os dias quando acordava.

Agora, o ciclo se repetia, o sol havia nascido não tinham muitas horas e um raio de luz ofuscante que veio da janela bem sobre o seu rosto a despertou, seu corpo se negava a acordar e se revirou algumas vezes na cama. Não queria ter que ir para a escola, sabia que seria um dia difícil, sempre era, as pessoas a enchendo de perguntas rudes ou olhando como se fosse uma atração.

Suspirou fundo, tentando tirar de si os pensamentos negativos que recheavam o seu coração e seguiu até o banheiro. A noite anterior ainda a perturbava, e algumas imagens passavam pela sua mente enquanto a água fria do chuveiro escorria pelo seu cabelo cacheado. Parou em frente ao espelho, e suas órbitas negras furaram a imagem refletida por alguns minutos, suas percepções sempre focaram no que a fazia sentir desconfortável, os ombros eram mais largos do que queria, seios pequenos do pouco tempo de hormonização e olhos que considerava pequenos demais, ganhos de sua descendência parte indígena.

Com um copo de água, tomou às duas pílulas de hormônios que comprava irregularmente. Depois de tudo que aconteceu não tinha mais dinheiro ou pessoas que a dessem apoio para o tratamento convencional. Não era difícil comprar os hormônios, eram vendidos sem receita como anticoncepcional e tomava seguindo orientações da *internet*, sabia que não era seguro, mas era a realidade da maioria das pessoas como ela, e não seria diferente no seu caso.

Arrumou-se rápido, pegando o uniforme de uma das caixas espalhadas pelo quarto, ele era lindo, parecido com o comum de séries e desenhos, uma saia plissada e uma camisa um tanto social, cujo bolso quadrado carregava uma insígnia que mostrava o nome da tradicional escola pública, junto a saltos baixos e meias brancas. Ficou feliz em saber que não era a primeira pessoa trans a estudar ali, foi com semanas de antecedência para garantir que não usariam seu nome de batismo na chamada.

Sua avó, que parecia ser bem neutra em relação a isso, exigiu que ela fosse respeitada nos próximos três anos que passaria naquela escola. Adriana ficou surpresa e orgulhosa por alguém já de idade não ter os preconceitos que ela esperava de uma pessoa de outra geração. Já fazia uma semana que a aula começara, então ela não teria a sorte de estar em um ambiente em que ninguém se conhecia e aquilo só a assustava mais, a mudança para a casa da avó e a ansiedade social a impediram de ir nos dias anteriores.

Olhou-se uma última vez no espelho, apertando os punhos entre os dedos e respirando fundo antes de finalmente colocar a mochila nas costas e ir até a cozinha, de onde um cheiro adocicado de café emanava pelo ar.

— Bom dia, vovó.

A senhora sorriu, usava um longo vestido florido e passava o café para uma jarra preta, formando uma onda de fumaça aromatizada por toda a cozinha, ambiente que somente agora tinha reparado com maior detalhe. O chão era em ladrilho hidráulico multicolorido, e nas paredes, tão altas como o resto da casa, cerâmica azul seguia até a metade, algumas peças

havam caído pela falta de manutenção, formando alguns buracos brancos na sequência de ladrilhos, imaginou como aquele lugar seria lindo se fosse melhor conservado.

— Como você está?

Perguntou a senhora, movendo-se com a cadeira até a cristaleira, onde ela ergueu-se um pouco, pegando duas xícaras e as levando até a mesa, Adriana correu para ajudar, vendo a dificuldade com que ela desempenhava aquela tarefa.

— Égua, me deixa, garota! - Brigou sua avó, se afastando com sua cadeira de rodas rangidenta. — Tô há meses aqui sozinha desse jeito! Pode deixar que eu me viro.

Ela deu uma risadinha correspondida por sua avó. Perguntava-se por qual motivo seus pais haviam deixado aquela senhora idosa sozinha naquela casa, ainda mais nas condições em que se encontrava e seja lá qual fosse a resposta, ela não saberia tão cedo.

— Me desculpe, eu sei que gosta de fazer as coisas sozinha.

Alessandra se esticou, segurando as costas, que fizeram um som alto de osso estalando.

— Você tem razão, menina, essas coisas estão acabando com as minhas costas.

Adriana concordou, indo até os biscoitos que estavam sobre a mesa e pegando alguns, os comendo acompanhados do café e com pressa, pois se ficasse muito tempo ali chegaria atrasada para a escola, e naquela atual conjuntura era a última coisa que queria que acontecesse. Assim que terminou de comer, correu para escovar os dentes, deu um último beijo no topo da cabeça de sua avó e correu até a porta de entrada.

— Adriana! O dinheiro!

Ela voltou, correndo como tinha ido, e pegou algumas moedas que sua avó tinha deixado sobre a cômoda, era o suficiente para que ela comesse algo na escola e não tivesse que ficar com fome até o almoço. Passou pelo corredor, que na luz fraca da manhã ficava ainda mais noturno com aquelas faces mórbidas de parentes mortos a julgando e a enorme porta que dava acesso à rua inclinada de blocos. Antes de sair, desejou a avó um bom dia, e jogou a mochila cor-de-rosa nas costas, pronta para enfrentar qualquer um que aparecesse.

Alguns pássaros cantavam enquanto passavam voando por cima daquela rua, que de modo algum parecia estar inserida no centro de uma metrópole. Era tranquila, com muitas casas abandonadas, e as que estavam ocupadas, eram por idosos, como sua avó. Via uma senhora varrendo a calçada a alguns metros e algumas pessoas andando até a rua de cima, esta sim, barulhenta e com tráfego pesado.

O clima era ameno, aquela época do ano costumava chover pelas manhãs, e estava nublado, de modo que todo o cenário parecia estar banhado por uma luz azul acinzentada, era um tanto dificultoso ter que subir os blocos com o salto obrigatório da escola e as meias $\frac{3}{4}$ que constantemente escorregavam de suas canelas finas, ela temia o tempo todo escorregar e rolar rua abaixo.

A escola era a uns quinze minutos dali, no bairro vizinho, era perto de algumas praças e de um cemitério abandonado que a dava arrepios só de pensar. Seria mais rápido ir de ônibus, mas ela não queria gastar o dinheiro curto de sua avó com algo que podia ser evitado, apesar de saber que andar na rua nunca era uma tarefa muito agradável.

Alguns homens a ficaram encarando durante o trajeto, e ela não sabia se era por ser trans ou pelo uniforme que muitos deles fetichizavam, por sorte, tinha levado um casaco pesado e de mangas longas que usou para se cobrir, morrendo de vergonha, até que chegasse na escola. Aquele primeiro momento já fora ruim, e era com toda certeza horrível que menores de idade tivessem de se esconder de homens com idade de ser pais delas.

Sentiu-se aliviada quando finalmente viu de longe a fachada clássica da escola de ensino médio, depois de percorrer algumas ruas de asfalto sombreadas por várias mangueiras, correndo

para atravessar a rua que dava acesso a entrada da escola e quase sendo atropelada por uma moto, cujo condutor saiu xingando por quase metade da rua.

— Meu Deus!

Gritou assustada, indo até a escola, onde alguns dos alunos que viram a cena começaram a rir, aumentando sua timidez, embora ela também tivesse achado a cena bastante engraçada. Já tinha estado algumas vezes na escola antes para acertar as coisas referentes a sua matrícula, seu nome social e tudo mais, mas era um ambiente totalmente diferente quando tomado por alunos, todos usando aqueles uniformes clássicos e conversando entre si, em um murmurinho alto que tomava conta de todo o ambiente.

Sua presença causou comentários quase que automaticamente, os grupos de amigos sussurrando entre si conforme ela passava, mas aquele era um cenário rotineiro para ela em todos aqueles últimos dois anos, então somente baixou a cabeça, tentando ser o mais invisível possível. Foi até o enorme quadro de avisos, onde viu que sua sala seria bem próxima a entrada da escola, pensou que seria mais fácil de correr de lá caso algo acontecesse. Assim que abriu a porta de madeira que dava acesso à sala que seria parte de sua rotina pelos próximos três anos, todos os alunos que ali estavam se viraram para a olhar, e até mesmo os que não tinham feito foram incentivados pelos outros. Os murmúrios logo começaram e ela seguiu pelo corredor de cadeiras até o canto mais afastado da sala, onde se sentou, e esperou se fundir com as paredes tingidas de branco para ser invisível para os outros, o que não aconteceu.

Abriu sua mochila, tirando seu caderno e algumas canetas. Desenhar ajudava com a ansiedade, e seria a melhor coisa a fazer para distrair sua mente dos olhares e julgamentos alheios por mais difíceis que fossem de se lidar. Abriu a primeira página e começou a desenhar algumas flores, mas não demorou muito tempo até que fosse interrompida, levantou os olhos para ver que alguns alunos a tinham cercado, levou a mão até a mochila, onde despretensiosamente guardava um spray de pimenta.

— Qual o teu nome?

Perguntou uma das garotas, enquanto a olhava, julgativa.

— Adriana...

Ela respondeu, com a voz trêmula de medo.

— E esse é teu nome de verdade mesmo?

Disse entre uma risada, olhando para os outros alunos, como se buscando aprovação do que tinha acabado de dizer.

— Não... Mas...

Um outro garoto tomou a frente, pegando em seu cabelo e o erguendo, para conferir se ele era real.

— Afinal tu és homem ou mulher?

— É travesti isso aí.

Disse um de seus amigos antes de voltar a sua cadeira, algumas pessoas fizeram o mesmo, mas quatro garotos ficaram ali, a encarando com ódio e julgamento, ela ainda não entendia tudo aquilo, afinal, o que ela tinha feito?

Por sorte o professor entrou na sala, dado o início do primeiro horário e os adolescentes que cercavam a apavorada Adriana se dispersaram, voltando para os seus lugares como se nada tivesse ocorrido. Alguns outros alunos entraram junto com o professor, indo cada um para o seu lugar, ela olhou um pouco para cada um deles, a maioria era bastante igual, se diferenciando por alguns poucos com cabelo colorido ou um estilo mais ousado, tentaria falar com eles se tivesse oportunidade. Sua experiência a fazia saber que não era nada seguro ficar sozinha naquele ambiente hostil.

Dado tudo que aconteceu, ela não teve nenhuma paz para continuar a prestar atenção na aula e ficou grande parte do dia olhando pela janela, querendo estar em qualquer outro lugar que não fosse aquele. Os mesmos quatro, que ela já tinha identificado como os valentões da escola, ficaram parte do horário cochichando e a olhando, ela tentou os ignorar, não tinha como reagir a eles.

Logo as flores que desenhava tomaram todo o seu caderno, e quando o sinal do intervalo tocou ela não fazia nem idéia do que o professor havia dito em todas aquelas horas. Sua desatenção explicava as duas vezes que tinha sido reprovada, não que fosse naturalmente incapacitada, gostava de ler e tinha um gosto especial pela arte, só não conseguia se interessar com aqueles pensamentos tirando o seu foco.

Resolveu sair da sala para tomar um pouco de ar e comer alguma coisa, também acreditava que seria mais difícil para os *bullies* a atacarem no meio de um monte de gente, era o que mais parecia fazer sentido. O pátio da escola era bastante amplo e conectava quase todas as turmas de primeiro ano, que eram muitas. Havia alunos de todos os tipos andando por ali, podia até ver algumas tribos se reunindo, o que definitivamente nunca aconteceria em seu ensino fundamental, realmente parecia um novo mundo.

Foi até a cantina, comprando a coisa mais barata disponível, e foi comer em um dos bancos vazios perto da porta da sala. Era o único lugar onde teria um pouco de silêncio e podia fazer algo que sempre gostou: Observar as outras pessoas.

Era meio cedo para se terem casais, não? Alguns se beijavam escondidos perto do corredor onde ela estava, espiando vez ou outra sobre os ombros para evitar os monitores. Se lembrou do último relacionamento que teve, se desse para chamar aquilo de um relacionamento. Ele dizia gostar dela, mas dizia que não podia ter nada sério com ela por seus pais serem preconceituosos, e ela aceitou isso por vários meses, até descobrir que o problema não eram os seus pais, e sim ele próprio.

Adriana não gostava de lembrar daquilo, apesar de tudo, ela o considerava seu amigo e eles terminaram algum tempo antes de tudo que aconteceu com seus pais, então toda a carga teve de suportar sozinha. Apesar da comoção popular que se formulou, ele não deu nenhum apoio, na verdade, nunca mais se falaram desde o término.

Ela se levantou, indo de volta a sala de aula. Tentava não se importar mais com relações, sabia que sua situação não era igual a das outras garotas e seria mais difícil para ela ter um bom relacionamento. De qualquer modo, ela tinha bem mais coisas para se preocupar, como a casa caindo aos pedaços de sua avó e a situação financeira complicada em que ambas ficaram depois da morte de seus pais.

Voltou ao seu caderno, mas quando estava prestes a retornar ao minucioso processo de desenhar flores, uma garota de cabelo azul se aproximou e a ficou encarando.

— Por favor, já fui muito ofendida hoje, se for fazer isso melhor não perder o seu tempo.

A garota à sua frente deu alguns passos para trás, visivelmente confusa.

— Ei! Calma, não vim te ofender nem nada do tipo.

Ela levantou o rosto para olhar melhor para a garota. Cabelo azul e alargadores nas orelhas, baixinha e com um sorriso amigável, apesar de parecer assustada.

— Desculpa, só que alguns garotos...

Ela a tranquilizou, se sentando ao seu lado.

— Não se preocupe, eu sei o que aconteceu, sinto muito por isso, qual seu nome mesmo?

— Adriana.

A garota estendeu a mão, em um sorriso de canto.

— Meu nome é Beatriz, pode ficar perto de mim se eles estiverem te incomodando.

— Obrigada por isso.

Ela piscou o olho direito, antes de se levantar e voltar ao seu lugar.

— Os LGBTs da escola tem que se ajudar, não é?

Era uma ótima notícia, a única que teve naquele dia inteiro! Ela saiu um pouco mais cedo da aula, não queria ter que trombar com nenhum dos valentões na saída ou ter que enfrentar mais perguntas. O sol tinha dado as caras novamente e o calor emanava do asfalto e das calçadas, estava impossível voltar de moleton para casa, então no caminho acabou tirando-o e guardando de volta na mochila. Logo na esquina da saída, um caminhão passou por ela buzinando e os homens que estavam dentro dele gritaram coisas incompreensíveis. Já perto de casa, ficou ao lado de um homem de paletó em um semáforo, que a encarava incessantemente, até agarrar o seu braço, aos berros.

— É uma vergonha tu colocar esse uniforme de criança pra fingir ser mulher!

Ela puxou o braço de volta, algumas pessoas que passavam próximas dali se viraram para ver o que aconteceria, mas todos sem ter nenhuma reação.

— Eu estudo lá! Me deixe em paz!

E desceu a rua correndo, estava apavorada, nunca sabia quando um louco daqueles poderia estar armado. Depois de um tempo, finalmente chegou em sua rua, seus cabelos estavam bagunçados por todo o seu rosto avermelhado de rancor e do sol forte da caminhada. Bateu a porta de madeira trás de si, quase chorando, e demorou alguns minutos para se recompor. Então, foi até o banheiro, molhando o rosto na pia e olhando o próprio reflexo bagunçado no espelho.

Era só o primeiro dia.

Seguiu até a cozinha, onde sua avó preparava o almoço tranquilamente cantarolando alguma música cristã.

— Chegou cedo, como foi o dia na escola?

Suspirou, e olhando para o semblante cansado de sua avó, respondeu:

— Foi ótimo.

CAPÍTULO II

Avó gótica

A semana que se seguiu não fora muito diferente do primeiro dia, ela se aproximou da garota de cabelo azul, mas não conversaram o suficiente para que se tornassem amigas. Suas tardes foram gastas em terminar de arrumar suas coisas e colar alguns pôsteres, os quadros que desenhava e suas bandeiras na parede de seu novo quarto.

Sua avó se mostrou uma mulher bastante reclusa, e apesar de sempre a tratar com respeito e carinho, não falava muito, preferindo gastar seu tempo cozinhando, costurando alguma coisa ou rindo de programas aleatórios que passavam na televisão. Adriana tentava ao máximo não causar incômodo ou alterar a rotina da senhora, passando longos períodos no seu quarto e nas redes sociais. Naquela manhã de domingo, Adriana acordou disposta a dar alguma solução para aquela casa, procurando alguns baldes e vassouras e saindo de seu quarto com os cabelos enrolados em uma trouxa no topo de sua cabeça. Sua avó se assustou, dando um pulo em seu lugar no sofá.

— O que você vai fazer?

Disse entre uma risada surpresa.

— Faxina!

Ela sorriu, desacreditando, pois tinha noção da quantidade de trabalho que a neta teria, era uma casa relativamente grande e longilínea, cujo corredor lateral dava acesso aos vários quartos, sendo cinco no total, mas só dois ocupados, o resto estava entulhado quase até o teto por caixas e móveis velhos. No final estava a sala de jantar e a cozinha, havia também um pequeno quintal e um jardim de inverno abandonado com acesso pela cozinha.

Apesar do trabalho, foi uma boa oportunidade para conhecer melhor o lugar, começou entrando nos quartos, muitos cômodos ali não eram limpos há décadas e uma onda de poeira se levantava sempre que espanava algum dos móveis. Era estranho como todo o lugar parecia ter uma aura mágica, não em um bom sentido, era um tipo de lugar onde você não se sente em casa, mas algum tipo de convidado dos antigos moradores.

Apesar da sujeira e das várias aranhas que acabou matando acidentalmente enquanto limpava os cômodos, acabou por encontrar algumas coisas interessantes que reuniu em uma caixa de madeira entalhada. Esta que não parecia muito antiga, achou algumas jóias, que não sabia se eram valiosas, espelhos e pentes que realmente pareciam itens de museu, iria perguntar mais tarde para a avó se poderia ficar com aqueles objetos para si.

Já quase terminando, passou também pela cozinha, estava engordurada e os itens em ferro cobertos por ferrugem. Gastou grande parte do seu dia no cômodo, parando somente para comer um pouco e descansar por alguns minutos. Sentiu que sua avó estava feliz com sua atitude e orgulhosa por sua disposição em ajudar. Nos armários haviam vários potes de vidro, cada um com ervas e descrições do seu conteúdo, algumas que nunca tinha ouvido falar, plantas secas e algumas flores mergulhadas em conserva, eram muitas e tomavam grande parte do armário. Ao olhar seu conteúdo contra a luz do sol, viu que estavam mergulhadas em um líquido amarelado, suas flores ainda em botão e já sem cor, deviam estar ali por um bom tempo. Um papel velho estava grudado na superfície de vidro, e ela conseguiu ler com certa dificuldade visto as letras rebuscadas em que tinham sido escritas: “Belladonna”.

— Vó, que plantas são essas nesse armário?

A mulher comia em silêncio, olhando para o quintal descuidado, e deu de ombros.

— E eu lá sei, estão aí há anos, nunca mexi nesse armário.

Voltou a guardar o pote, deixaria para se preocupar com eles depois, provavelmente jogando tudo no lixo. Pareciam realmente antigos, mas pensando melhor, tudo naquela casa era. Prendeu a mecha de cabelo atrás da orelha, seus cabelos eram longos e caíam em cachos quase perfeitos de um tom marrom escuro. As madeixas que já alcançavam a metade de suas costas a enchiam de orgulho, e ela sempre se recordava dos anos que foi obrigada a manter um corte militar.

Foi até o jardim, uma grama mal cuidada em tamanho médio estava sobre todo o piso e plantas trepadeiras cresciam por todo lugar, uma escada dava acesso da parte interna da casa até lá, sendo mais ou menos um metro rebaixada do nível da casa. Havia uma escultura de mulher bem ao centro e alguns bancos de pedra e arbustos de flores que resistiam às ervas daninhas, gerando flores miúdas que ornamentavam vasos de pedra quase totalmente tomados por limo.

— Isso seria bem bonito se fosse melhor cuidado.

Sussurrou, tentando motivar a si mesma, começando a varrer perto da estátua, só então parando para a ver com melhor detalhe. Era uma mulher, não em tamanho real, deveria ter lá pelos seus 1.20m, sobre uma base circular de pedra, a figura usava um longo vestido e estava em uma pose contemplatória, com as mãos erguidas, se incomodou pelo quanto a figura parecia a observar, mesmo sendo de pedra. Olhou para o seu rosto, parecia ser o comum àquelas esculturas antigas, cabelo longo, o nariz e os lábios finos de pedra a davam um ar andrógino.

Se aproximou de suas mãos erguidas, em uma delas e abaixo de um pouco de limo que teve de afastar com os dedos, um símbolo estava talhado, ela não fazia ideia do seu significado, mas aquilo deu um arrepio, não parecia ser nada bom. Uma chuva repentina começou, contrastando com o sol intenso que castigava o piso somente alguns minutos antes. Aquele cenário com o sol forte sendo cortado pelas gotas de chuva transparentes a deixaram um tanto atônita, até a sua avó aparecer na janela, gritando para que entrasse.

Naquele ponto, já era final de tarde, e ao entrar, foi direto ao banheiro, pingava de suor pelas horas que se dedicou em deixar aquela casa menos fantasmagórica e ficou lá por um longo tempo. Por algum motivo o olhar de pedra da estátua e o símbolo talhado em sua mão não saíam de sua cabeça, pensou em investigar melhor tudo aquilo depois, ou se não tivesse resultado, só desenhar aquela estátua em seu caderno.

Ao sair do banheiro, foi até a cozinha, onde um prato de jantar já a aguardava, comeu em silêncio, mas não entendia o motivo de sua avó não fazer companhia no jantar, e preferia fazer o mesmo dos outros dias: Não incomodar.

Quando terminou, lavou seu prato e o guardou. Seguindo até a sala, Alessandra olhava pela janela, uma noite tranquila e o vento chuvoso lá fora, fazendo com que a pesada cortina ao seu lado tremulasse junto com os seus cabelos grisalhos. Adriana ficou a observando em silêncio, pensando em todos os seus anos e em quanta experiência alguém como ela deveria ter acumulado, e ao ver os castanhos e tristes olhos de sua avó pensou no quanto deveria estar sofrendo também, mas que estava tentando ser forte por ela.

— Ah, você está aí!

Disse Adriana enquanto ia até a avó, que a acompanhou com os olhos levemente marejados, estes que logo tratou de esconder, limpando brevemente com as mangas rendadas do seu vestido, a neta a abraçou, deixando que seus cabelos se entrelaçassem com os prateados da senhora e ficando em seus braços por alguns minutos.

Quando a soltou, Alessandra parecia mais tranquila, e a garota se sentou no chão, ao seu lado, e por alguns segundos a senhora somente a admirou, enquanto seus dedos acariciavam seus cachos, parecia que seu coração guardava uma euforia, apesar dos seus olhos tristes. Dona Alessandra era uma mulher forte, que não aparentava ter a idade que tinha e mesmo naquela cadeira ainda possuía uma postura dominante e um rosto forte.

— Estava me olhando por quanto tempo?

Perguntou a avó para Adriana, que levou sua mão até a dela e entrelaçou seus dedos magros em sua mão enrugada.

— Não por muito tempo.

— Me assustou parada ali que nem um fantasma, garota!

Ela disse entre uma risada, apertando seus dedos contra os dela.

— Você está bem?

Questionou a garota, tendo como resposta um olhar no fundo dos olhos, olhos estes de um castanho enrubescido pelo quase choro de minutos antes.

— Estou, estou querida, vai tudo ficar bem no final.

Um trovão explodiu em um som estrondoso pela viela e logo gotas de chuva começaram a escorrer do céu.

— Vai chover bastante!

— Quando não chove nessa cidade?

Resmungou a mais jovem, indo até a janela e fechando, viu que algumas pessoas corriam pela rua, tentando se proteger dos pingos de chuva com papéis ou qualquer coisa que estivesse em suas mãos. As casas eram tão antigas que suas fachadas eram frontões lisos, então não havia muito bem onde se esconder, o chão era feito de blocos retangulares alinhados, eram tantos que ela poderia se perder se tentasse os contar.

Este calçamento de blocos se estendia até a rua principal, onde era interrompido pela rua de asfalto negro, onde alguns carros e ônibus passavam em ambas as direções, a chuva escorria pelos valões, descendo rapidamente pela inclinação da rua. O ambiente fez com que ela ficasse por um tempo observando aquele lugar até ser despertada pela avó, todo aquele ambiente fazia com que ela constantemente entrasse naquele estado de contemplação.

— Feche a janela! Vai molhar a casa inteira!

Assentiu, fechando a pesada janela de madeira e se voltando ao interior da casa. Um breu cobriu o lugar inteiro e ela correu até o interruptor, aquela casa provocava arrepios, e durante a noite parecia ter saído direto de um conto de terror, principalmente por aquele corredor longo e escuro que cortava a casa inteira, era tão desagradável que Adriana evitava sair do quarto de madrugada por causa dele.

— Essa casa me dá medo às vezes.

A avó sorriu, indo com a sua cadeira até o centro da sala, onde pegou de volta suas agulhas de tricô e uma lã branca, estava fazendo um novo manto para a santa que ficava bem na entrada.

— Sabe querida, eu não imagino como você deve estar se sentindo, queria conseguir conversar mais com você sobre isso.

Aquele assunto sempre a fazia sentir um aperto no peito, às vezes ela queria fingir que nada daquilo tinha acontecido, era mais fácil, embora o vazio pela perda de seus pais fosse uma espécie de buraco em seu peito que aumentava a cada dia, ao invés de curar.

— Eu ainda não acredito que aconteceu mesmo, sabe... Acho que o que mais me revolta é a covardia de como tudo aconteceu, não gosto nem de pensar muito sobre.

Sua avó concordou, ainda sem tirar os olhos de seu tricô.

— Você acha que um dia a gente vai ter justiça?

Adriana apertou os punhos e sentiu uma lágrima escorrer pelo seu rosto, mas não queria chorar, não naquele momento.

— Sinceramente, não, sei lá, vó, a gente é pobre, não é branco, não vai acontecer nada.

Ela parou com o seu crochê, levando as mãos trêmulas até o rosto de sua neta.

— Não chora... Desculpe pela pergunta.

Limpou suas lágrimas, segurando as mãos de sua avó sobre o seu rosto.

— Tudo bem, não vamos mais falar disso, eu tenho você, você é minha família agora.

Seu rosto voltou a expressão carinhosa de sempre, a chuva lá fora continuava, castigando as ruas e o telhado, alguns pingos das goteiras caíam pela sala.

— Melhor colocar um balde.

Ambas se viraram para observar a poça que se formava no assoalho do piso, Adriana correu até a cozinha, pegando um dos baldes que ficavam espalhados por ali e voltando à sala, percebendo que haviam ainda mais goteiras em diferentes partes da sala sempre que observava.

— Essa casa está um caco!

Resmungou a avó, Adriana respondeu com uma risada, pegando um copo da mesa de centro e o posicionando sobre um dos móveis, onde uma nova goteira tinha surgido.

— Essa casa já foi linda, Adriana, cheia de vida. Seu pai corria de um lado para o outro por aqui, os passinhos dele na madeira eram bem irritantes, e antes dele, os meus, eu cresci aqui também, o meu pai era super caprichoso, vivia consertando o telhado por causa dessas goteiras.

— Eu devia tentar algum dia, não?

— Já basta uma com a bacia quebrada! — Disse Alessandra, balançando a cabeça, negativamente, e tendo uma risada como resposta.

— Gosto de imaginar como era a vida de quem morou aqui primeiro.

— Ah! Eu também! Sempre achei bonito aquelas roupas de época, novela, mas Deus o livre viver naquela época, antes da abolição, a gente seria escravo. Por mais bonita que fosse, não era para pessoas da nossa cor.

— Bom, tem razão.

Concordou Adriana, enquanto se levantava para tentar enxugar os móveis que começavam a enxarcar, provavelmente eram mais velhos que ambas ali, heranças do seu avô e dos antigos moradores da casa, deviam passar dos cem anos, era uma tristeza que estivessem caindo aos pedaços, assim como a própria casa.

— Se gosta tanto de histórias, tem uma coisa que eu devia te contar.

— Sério? — Disse ainda sem tirar seus olhos do mogno escuro a sua frente. — O que seria?

— Eu... Eu nunca contei isso para ninguém.

Sua voz falhava bastante, Adriana pensou imediatamente que seria alguma história triste, e se virou para a ouvir melhor.

— Como assim, vovó? O que aconteceu?

O rosto da senhora foi tomado por obscuridade e melancolia, aquilo a assustou, por sua expressão deveria ser algo que a perturbava bastante, seja lá o que fosse.

— Ah... Esquece, eu sou velha, você ia me achar maluca.

— Claro que não! Pode contar para mim.

Adriana era naturalmente curiosa, mas o modo com que sua avó havia ficado só de tocar naquele assunto tinha feito com que ela se interessasse mais do que o normal.

— Você acredita em espíritos?

Um som estrondoso cobriu a rua inteira, e com o efeito daquela frase, ambas gritaram de medo e escuridão cobriu a casa inteira.

— MEU DEUS O QUE É ISSO?!

Ela começou a rir, o raio que havia feito com que o bairro inteiro ficasse no escuro ainda soava como um rugido pela pequena rua.

— Ótima hora para faltar luz!

Sua avó continuava rindo, impressionada com a coincidência daquele fenômeno.

— Você fez algum contrato para que a luz faltasse na hora?!

Ela moveu-se com a cadeira na direção de um dos armários, puxando algumas velas que ela usava para a Santa, e uma caixa de fósforos.

— Assim cria mais ambientação para a história, você não acha?

— Talvez. — Disse entre um sorriso. — Mas por que eu te acharia maluca?

Do mesmo armário puxou um de seus álbuns, trazendo a vela e deixando sobre a mesa de centro, esta que era a coisa mais modernista ali, sendo de aço inox e vidro translúcido.

— Sabe, acho que eu me identifico com você em algumas coisas, as pessoas também me achavam... Como eu posso dizer? Peculiar.

— Peculiar? Como assim?

Seus dedos foram até o álbum que ela havia trazido, e ela o folheou por alguns minutos até achar uma foto bem antiga.

— Essa sou eu.

A senhora entregou a foto para Adriana, todo o ambiente estava em uma penumbra amarelada e ela demorou um tempo para que sua vista se adaptasse e a encontrasse na imagem.

— Nossa! Essa é você?!

Era sua avó, uns 40 anos mais nova, tinha um semblante sério, e estava encostada em uma parede de pedra, os cabelos arrepiados para cima em um penteado bem típico dos anos 80, cobertos de gel, ou seja lá o que aquilo fosse. Uma maquiagem preta formava um círculo ao redor de seus olhos e da sua boca, tudo complementado por um vestido preto e longo, além de meias calças rasgadas e correntes, parecia uma perfeita bruxa de contos de fada.

— Gostou? Acho que seu pai sempre quis esconder esse meu lado.

— Você era bem alternativa.

Naquele momento ela sentia-se em dúvida entre elogiar aquela bela figura gótica, ou somente rir por achar totalmente cômico ver sua avó naquele estilo, nada nela indicava que algum dia ela já tivesse tido aqueles gostos, era uma idosa comum, bastante religiosa, mas que realmente nunca tivera algum preconceito com ela, ou a julgado.

— Eu era mesmo! Eu não era diferente?

— Eu nunca imaginaria.

Ela tomou a foto de volta nas mãos, haviam mais algumas pessoas do mesmo estilo na imagem, mas Adriana não fazia ideia de quem eram.

— Não te acho maluca por isso, vovó.

Seus olhos voltaram a mesma tristeza enquanto ela encarava a imagem.

— Não é por isso... É uma história bem longa, mas não é sobre mim e sim sobre essa moça do meu lado.

Sussurrou, enquanto apontava para a imagem da mulher ao lado dela, era impressionantemente linda, tinha o mesmo estilo, mas um cabelo maior, liso e preto que ia até a sua cintura, pele branca e pálida sobre olhos misteriosos.

— Quem é ela?

— Era minha melhor amiga, até que sumiu.

Seus olhos marejaram, e ela apertou a imagem contra o peito.

— Como ela sumiu?

Algumas décadas antes

A noite caía e uma enorme lua cheia iluminava o céu sobre aquele cemitério abandonado, era o lugar perfeito para aquela peculiar festa noturna. A música baixa e as risadas de alguns dos vários jovens ali eram a única coisa animada entre os mortos.

— Espero que o vigia não perturbe hoje.

Vanessa deu uma risada, apertando o cigarro entre os dedos e olhando ao redor.

— Da última vez rasguei meu vestido todo no muro!

Aquela reunião acontecia sempre às sextas e sábados, jovens de várias partes da cidade se encontravam mais cedo na praça ali perto e conforme a noite caía, iam até o cemitério, pulando os muros para beber e ouvir suas músicas obscuras madrugada adentro. Na semana anterior estavam no mesmo lugar e o velho vigia do cemitério correu atrás deles com uma pá, tudo bem que não deveriam estar ali, mas foi uma cena bem engraçada.

— Não é uma boa ideia pular muros de vestido, Lady Vi.

Respondeu Alessandra para a moça sentada sobre a lápide, seus longos cabelos cobriam parte de seu rosto, e ela fingia ler um livro de Poe, julgando os outros por trás da capa verde.

— O homem bem que podia nos deixar em paz, né?

E revirou os olhos, como sempre fazia.

— Se ele aparecer hoje eu comprei uma carteira de cigarro pra ele.

Disse Ruan, o atual namorado de Alessandra na época, e foi até o único aparelho de som que tinham ali - aquele típico dos anos 80-, importado de um de seus amigos e custou uma pequena fortuna, mas era o mais próximo que tinham das tecnologias atuais, nele podiam ouvir seus CDs e dar pequenas festas. O garoto aumentou o som, dançando um pouco e a puxando pela cintura, para que o acompanhasse.

— Que coisa feia, querendo comprar um idoso.

Disse ela entre um sorriso, a música soturna de Joy Division fazia um eco entre as paredes dos mausoléus, tudo tinha um tom azulado pela luz da lua que brilhava bem acima de suas cabeças. Ruan a guiava pela cintura, e o casal era observado pelos outros com admiração, ele era mais novo que ela, ostentando um enorme black power e usando uma jaqueta de couro com patches DIY mal costurados na parte de trás, sua pele parecia brilhar na luz da lua, assim como o seu sorriso alterado pela bebida.

A única pessoa ali que parecia não conseguir se divertir era Vanessa, ou Lady Vi, como preferia ser chamada, que continuava em silêncio, estava sempre envolta em uma aura de tristeza, e sua melhor amiga sabia dos muitos motivos que a traziam, mas tentava não tocar no assunto, até por não saber como a ajudar. Alessandra se desvencilhou do namorado, indo até o vinho barato que repousava sobre um dos túmulos e o levou até os lábios, estava quente e tinha um gosto péssimo, mas era tudo que conseguiria naquela noite. Vanessa a fitou um pouco, irritada, se levantou, erguendo seu vestido e caminhando cemitério adentro, outro de seus amigos se aproximou, preocupado.

— Alê, qual o problema da Vanessa?

O garoto perguntou, tomando um pouco do seu vinho.

— Acho que os mesmos de sempre.

Disse, dando de ombros, pronta para voltar para Ruan.

— Melhor você ir falar com ela, meio perigoso ela ficar andando por aí sozinha.

Ela suspirou, irritada, tomando o seu copo e indo na direção onde ela havia ido. Sempre sobrava para ela, lidar com o temperamento instável de sua amiga, e aquilo a irritava constantemente, naquela noite queria ter a companhia do seu namorado, não podiam se ver tanto, seus pais não gostavam de seu estilo e muito menos de seu relacionamento.

Conforme andava pelas vielas mal iluminadas, mais incomodada se sentia, já tinha estado ali várias vezes, mas não gostava da sensação de sempre estar sendo observada, não sabia se essa sensação era provocada pela bebida ou pelas esculturas de pedra alta e aquele silêncio estranho. Longe ouvia-se o barulho dos sapos e de alguns morcegos que voavam de uma árvore até a outra, sendo os sons naturais cortados por sua respiração ofegante e o som de suas botas plataforma contra o piso de pedra.

— Estou aqui.

Disse uma voz fraca de um dos túmulos.

— O que aconteceu? Todo mundo ficou preocupado com você saindo daquele jeito!

Seu olhar estava perdido, direcionado para árvores mais a longe dali, estava escuro e era difícil ver o seu rosto, somente o longo vestido branco que ela usava e as botas pretas se destacavam na penumbra. Apesar de sua melancolia, era uma figura bem bonita de se ver, sentada sobre a lápide com as pernas cruzadas e as mãos no rosto, o longo cabelo voando com a brisa noturna, mas ela não respondeu. Alessandra, então, foi até onde ela estava, se sentando do seu lado e levando o olhar para as mesmas árvores.

— Problemas em casa de novo?

Ela tirou o casaco que usava, o deixando ao seu lado, junto de seu livro de Poe. Ainda sem olhar nos olhos de sua amiga, pode ver grandes manchas arroxeadas em fita por todas as suas costas, e em partes dos seus braços, ela era tão magra e frágil que Alessandra se contorceu em imaginar a dor que aquilo deveria ter a causado.

— Meu Deus!

Ela rapidamente puxou o casaco de volta, se cobrindo envergonhada, sua amiga estava sem palavras, novamente

— Foi por isso mesmo... Deus! Eles só não podem me deixar em paz?

Os pais dela eram o mais típico dos conservadores, não que fossem muito raros naqueles anos de ditadura militar, mas os dela em especial eram piores que o comum, radicais religiosos que insistiam em um comportamento extremamente regrado e como se não bastasse, que se casasse com alguém que ela não amava.

— Eu não vou me casar com aquele coroa, Alessandra, nem voltar para a igreja.

Ela levou a mão até os cabelos da amiga, que fechou os olhos.

— Eles continuam insistindo nisso?

Ela suspirou, acendendo um cigarro e o levando até seus lábios pintados de vermelho carmin.

— É, o caroco é quase 20 anos mais velho que eu, qual o problema deles?

Ela se inclinou, encostando o rosto no ombro de sua amiga, que sentiu algumas lágrimas quentes molharem o seu cabelo.

— Não sei o que fazer.

Nenhuma das duas sabia.

— Vamos dar um jeito, amiga...

Disse Alessandra, tentando confortá-la, porém sua expressão se manteve a mesma, e ela se levantou, vestindo de volta o casaco e voltando em direção à pequena festa a alguns metros dali.

— Espero que sim, eu não quero ter que fazer o pior.

Disse em voz baixa, embargada pelo choro que tentava conter.

Tempos atuais

— Nossa! E ela realmente teve que se casar com esse homem?

A luz voltou e sua vista demorou um pouco para se acostumar com a iluminação artificial, a deixando sem ver por alguns segundos. Sua avó tomou a vela nas mãos, a assoprando para a apagar, o cheiro de parafina e da fumaça tomou todo o cômodo.

— Não, ela não se casou com ele, porque ela sumiu.

Disse enquanto guardava as fotos de volta ao álbum.

— Pode ter fugido, não?

Ela não queria continuar a falar daquilo, claramente, e olhou o relógio, como se incomodada com o assunto.

— Eu não sei, querida, acho que não, mas olha a hora.

Ela seguiu até a cozinha, sua voz ecoando atrás de si pelo corredor medonho.

— Mas acho melhor ir para o seu quarto, você tem aula amanhã.

Adriana não rebateu, se levantando em direção ao seu quarto também. Toda aquela história a tinha deixado intrigada, ao menos, bem mais intrigada que a aula que teria no dia seguinte. Antes de fechar seus olhos para dormir, lembrou-se dos símbolos e da história de sua avó, tentaria entrar no assunto em outro dia, talvez com a tecnologia pudesse ajudar a reencontrar sua amiga.

Visagem

I

O sol castigava fortemente a terra revirada e avermelhada à sua frente, dezenas de buracos quadrados foram cavados nesta mesma terra e circundados por linhas de contenção fincadas por hastes de madeira. Aquele estranho cenário não se localizava muito longe do centro da cidade, e sim, no meio de um terreno vazio de um lote residencial. Ao escavar para as fundações de sua nova casa um comerciante havia se defrontado com centenas de artigos centenários.

Estava calor e a senhorita de rosa balançava o leque rendado a sua frente com certa raiva. Seu cabelo estava firmemente preso em um elaborado penteado junto a um delicado chapéu no topo de sua cabeça, o longo vestido cobria totalmente seu corpo, e tinha mangas longas e bufantes, não tão formal para uma festa, mas rico o suficiente para demonstrar seu bom nascimento. No interior das escavações, alguns empregados e estudantes mais jovens, cujo suor escorria pelas suas testas e tinham os punhos manchados de terra, lentamente investigavam o sítio arqueológico, procurando por mais evidências para sua pesquisa.

— Como estão as coisas, senhorita Vivienne?

— Quentes...

Arfou antes de retornar ao abrigo das árvores ali próximas, o professor a acompanhou, contemplando todo o trabalho realizado ao seu redor, tudo aquilo era tão interessante que não surpreendia o interesse governamental por sua pesquisa.

— É incrível, não? Um sítio tão bem preservado! É como se tivessem tido o maior cuidado em deixar essas peças no local.

Ela deu alguns passos, seus olhos se direcionaram para uma das peças sobre a bancada de madeira.

— Nunca tinha visto algo do tipo.

Disse enquanto tomava o pequeno jarro negro em suas mãos, estava intacto, e parecia ter sido confeccionado com uma precisão quase que industrial.

— As datações estão mesmo corretas?

— Sim, estão, estas peças devem ter no mínimo uns seiscentos anos.

Seu professor se aproximou, era um homem relativamente idoso, com uma longa barba branca e cabelos médios presos sobre as roupas finas que usava. Tomou o objeto de suas mãos, o levando para perto de seus olhos e puxou uma lente de aumento de seu bolso, que usou para investigar o brilhante objeto mais atentamente.

— Observe este acabamento. Como os povos selvagens daqui podem ter o produzido?

Ela suspirou, seus olhos percorreram os outros artefatos já recolhidos naquele dia.

— Seu questionamento é o mesmo de todos nós, doutor.

Um dos estudantes gritou, parecia ter encontrado algum tesouro valiosíssimo por sua animação, todos saíram de seus ambientes de estudo, correndo em sua direção para ver o que ele havia encontrado. A dama e seu professor fizeram o mesmo, acabando por ficar atrás dos outros, que se aglomeraram em um meio círculo ao seu redor.

Havia tirado do solo denso uma caixa que parecia ser de ferro ou algum outro material muito resistente, pois se desconsiderando a terra incrustada em sua superfície, estava em perfeitas condições. O estudante não conteve sua curiosidade e enfiou os dedos por entre a terra

para ver o que estava guardado ali, abrindo o objeto com violência, apesar dos avisos de seus superiores que temiam que ele a danificasse.

Um flash de luz violeta brilhante saiu do objeto como se um relâmpago tivesse atingido as mãos do jovem rapaz, cegando todos que estavam ali por alguns segundos. Vivienne gritou, colocando as mãos sobre os olhos, podia jurar que havia visto um símbolo no meio do clarão. Com o susto, descolou-se alguns passos para trás, desnorreada, até que recuperasse a visão lentamente e visse seu professor, e todos os outros membros da pesquisa, em situação igual a dela.

— O que foi isso?!

Ao seu redor, todos pareciam experimentar os mesmos efeitos, apertando os olhos e tentando entender o que havia acabado de acontecer, assim como o próprio estudante que, atônito, havia deixado o misterioso receptáculo cair ao chão.

— Estúpido!

Gritou a jovem, empurrando a multidão confusa de sua frente, e indo até o objeto, que descansava sobre a terra, de cabeça para baixo.

— Tome cuidado, senhorita!

Ela ignorou os avisos de seu professor, pulando no sítio de escavação e tomando a caixa do chão. O objeto era grande, do tamanho de uma caixa de sapatos, e agora que parte da terra havia saído, pode ver que era de algum tipo de metal polido. Hesitou em se aproximar daquilo, se abaixando cuidadosamente. As pessoas já tinham voltado para perto, embora temerosas.

Tomou o objeto entre os dedos enluvados, era muito pesado para o tamanho, e por sorte, a queda não parecia tê-lo danificado. Cuidosamente, ela voltou a abri-lo, com os olhos fechados e temerosa por outra luz cegante, que não voltou a surgir, permitindo que ela observasse melhor o misterioso artefato.

O seu interior era totalmente dourado, em uma pureza intensificada pela luz do sol acima de si, só havia uma coisa em seu interior, um livro, e em sua capa de couro um símbolo que jamais havia visto antes estava entalhado, era o mesmo que parecia ter visto por alguns segundos antes, no meio da luz.

— Isso é incrível...

O cenário agora era um daqueles salões antigos de ciências, sobre as bancadas de mármore. Ela podia ver várias pipetas em suportes de madeira, haviam alguns livros e vidros multicoloridos em estantes dispostas pelas paredes.

— Sim, essa é a nossa conclusão.

Disse a fraca voz feminina que ecoou pelo salão vazio.

— Então temos uma cultura bem complexa aqui, com seu próprio sistema de deidades e literatura.

O professor concluiu, observando a tabuleta de pedra que descansava sobre o balcão. Decodificar a linguagem antiga tinha sido estranhamente rápido e já compreendiam também algumas lendas de seus deuses, tudo naquela escavação não parecia bater com a cultura local, haviam encontrado várias daquelas tabuletas de pedra talhada, todas com figuras e textos simples contando uma história.

Sem ser o livro, que acreditava ser mais recente e talvez nem daquele mesmo povo já que tinha uma língua indecifrável com desenhos estranhos, seu objeto favorito era uma escultura de barro de mulher, delicada, e deveria ter sido muito complicada de se fazer. Estava aos pedaços, e demorou bastante até que ela pessoalmente a reconstruísse.

— E temos essa figura com traços bem diferentes dos encontrados nessa região, por outros povos. Deve estar ligada a história contada pelas tabuletas, já li sobre culturas com lendas parecidas, mas nunca nessa região em específico.

Complementou Vivienne, enquanto desviava o olhar para suas anotações sobre a bancada. Seus olhos mal passavam pela tabuleta que estava estada parte protegida em papel marrom, não conseguindo olhar para ela por muito tempo. Apesar de ser extremamente cética, era como se algo naquelas pedras estivesse fora de sua compreensão de uma forma realmente sagrada.

— A mesma teoria de terra oca, de uma passagem de um mundo para o outro, a morada dos deuses.

Disse enquanto encostada na bancada com uma folha de suas anotações, em sua caligrafia rebuscada, firmemente encaixada entre seus dedos. Olhou um pouco pelo ambiente enquanto conversavam, aquela sala de ciências era uma das mais tecnológicas possíveis, os bulbos de energia elétrica davam uma iluminação melhor do que qualquer lâmparina.

— Acho interessante quantas culturas de lugares diferentes tem lendas parecidas.

Disse o professor, se virando para olhar outra das relíquias que tinham sido encontradas naquele terreno.

— Sim, assim como as pirâmides e tudo mais... Agora, doutor, aquele impacto de luz não o deixou intrigado?

— A senhorita mesmo insistiu que havia sido o choque do revestimento de ouro da caixa com a iluminação forte do sol.

Ela suspirou, deixando escapar o ar de seus pulmões.

— E o senhor acredita mesmo em minha teoria?

Ele sorriu.

— Nós dois sabemos que existe muito mais do que somente ciência nesta escavação.

Solitude

Adriana acordou atordoada, aquele estranho sonho tinha sido muito realista, tanto que era como se ela estivesse lá, observando cada um daqueles artefatos e falando com eles com tanta propriedade. Era cedo, tinha despertado muito antes de seu horário e o sol nem havia nascido, como pode observar pela escuridão que ainda tomava conta da janela. Demorou um pouco para achar o celular entre as cobertas e ver a hora, eram cinco da manhã.

— Isso que dá conversar essas coisas antes de dormir.

Suspirou, levando a mão até a testa suada, o clima estava quente, e o ventilador de teto barulhento não era muito útil, bem mais soprando poeira e ar quente sobre sua cama. Tentou dormir de novo, se revirando nas cobertas e fechando os olhos. Cenas de seu sonho continuavam a se repetir na sua cabeça: lembrava-se das pessoas com suas roupas pomposas e a terra da escavação arqueológica, e ainda, se tentasse recordar mais a fundo, conseguiria até sentir o cheiro opaco da terra. Nunca sonhara daquele jeito e tinha ficado em alerta de um modo que era impossível dormir de novo.

Após uma meia hora em torpor, desistiu e foi até a janela, olhando para aquele depressivo jardim vazio e a escuridão de fim de noite, pensou em algo saindo das trevas e a arrastando para fora ou em ver algum rosto bizarro na escuridão, mas isso não aconteceu e a única resposta que teve foi uma corrente de vento que esfriou o quarto.

Se sentou na cama, esfregando os olhos e tentou se convencer de que faria o dia ser melhor, estava empenhada em fazer amigos, mas a cada dia se sentia mais solitária. Buscou seu celular, rodando as suas redes sociais para falar com alguns amigos, tinha até alguns em seu bairro

antigo, apesar dos problemas desde sempre na escola. Estes amigos tinham perdido parte do contato pela sua mudança. Ela ainda morava na mesma cidade antes de tudo, mas literalmente do outro lado do bairro onde estava morando agora, a quase duas horas de distância.

Finalmente tomou coragem para seguir até o banheiro e tomar o mesmo banho gelado de todas as manhãs, quando saiu percebeu que sua avó já havia acordado, e resmungava sozinha na cozinha. O uniforme era desconfortável para ela, embora o achasse bonito, era bem penoso manter as meias limpas e a saia bem passada, além de acreditar que o corte focado na cintura e a abertura em V nos seios a desvalorizavam, a fazendo sentir ainda mais masculina.

— Eu sou horrível.

Concluiu, soltando os cachos na frente de seu rosto e os apertando com seu creme para cachos, este que era herança da época de seus pais, pensava que não teria dinheiro para o comprar outro quando aquele pote acabasse.

— Bom dia, Adriana.

Disse sua avó, que deslizava de um lado para o outro com sua cadeira, estava sempre muito empenhada nas refeições.

— Bom dia...

Respondeu, desanimada, coçando os olhos e indo até a mesa da cozinha. Pegou alguma das bolachas secas e se sentou, puxando a cadeira de ferro para si, o que provocou reclamações de sua avó, visto o som de ferro em atrito com o piso. Olhou para fora e conseguia ver dali a estátua do lado de fora, banhada pelo sol fraco da manhã, lembrou-se dos símbolos do sonho, mas não sabia se significava algo.

Sua ida até a escola não foi muito diferente dos outros dias, estava começando a se acostumar com os olhares curiosos, e usar fones para evitar se chatear ainda mais. A garota de cabelo azul estava conversando com algumas outras garotas, e ela entrou na sala tentando não chamar muita atenção para si, se mantendo um pouco distante de sua conhecida.

— Adriana!

Gritou a garota, chamando sua atenção assim que ela se sentou.

— Vem aqui!

Ela balançou a cabeça, se levantando para fazer companhia para as garotas, era estranho, até que ela era uma pessoa extrovertida, mas toda aquela mudança de escola e as situações incomuns de sua vida a tinham feito ficar mais fechada.

— Bom dia...

Respondeu em voz baixa, ficando de pé na frente daquele grupo.

— Senta aí, não fica sozinha para lá, não.

Concordou, buscando sua bolsa para se aproximar delas, enquanto conversavam ela não se manifestou muito, ficando atenta às pessoas ao seu redor como sempre fazia. Discutiam sobre alguma fofoca envolvendo namorados do segundo ano, aparentemente estavam todos da escola falando daquilo. Ela acabou não conseguindo entrar no assunto, então ficou concordando com o que diziam e balançando a cabeça afirmativamente sempre que algo lhe era perguntado, acabou por olhar para fora, o sol estava bastante forte, e a pracinha na frente da escola estava vazia. Algumas pessoas andavam de um lado para o outro, alguns alunos mais velhos entraram na sala, indo até a frente do quadro branco e batendo palmas para chamar a atenção dos alunos.

— Chegaram as patricinhas.

Sussurrou Beatriz, enquanto revirava os olhos.

— Bom dia, novatos, nós somos do Grêmio estudantil, responsáveis pelo grupo de dança e dos jogos da escola, queríamos saber se existe alguém interessado em entrar em algum deles.

Um grupo as ignorava, continuando a conversar em tom bem alto no final da sala.

— Tá vendo que a gente está falando, não?

Disse a loura, batendo palmas para atrair a atenção para si.

— VOLTANDO! E também já queremos começar a organizar a quadrilha e as misses que acontecerão daqui a uns meses.

— Isso é ótimo.

Sussurrou Adriana para Beatriz, que se virou, confusa.

— Você dança?

Adriana era uma ótima *performancer*, um dos poucos momentos em que se sentia completa era na época das festas de quadrilha, podia usar os vestidos chamativos que tanto gostava e dançar sem ser julgada. Em outras escolas ela sempre participava, e quase sempre ganhava, mas no ano passado estava triste demais com o seu antigo relacionamento e não foi para a festa que tanto gostava.

— Eu tento.

Ela disse entre uma risada.

— Vamos passar uma listagem, quem estiver interessado é só me procurar depois, coloque o número de vocês também.

Demorou um tempo até que a folha de caderno chegasse até ela, os mesmos adolescentes do primeiro dia começaram a rir assim que notaram que ela estava interessada.

— Vai ter uma dançarina homem?

Disse um deles, se não se enganava, se chamava Yan, era o líder daquele grupo de garotos do primeiro dia.

— Vai chupar uma rola, Yan!

Gritou Beatriz de volta, seu rosto corou de raiva.

— Vai você, sapatona!

— Se não pararem com isso, vão os dois para a direção.

Disse o professor, que entrou tão silenciosamente que nenhum dos dois havia reparado, os ânimos se acalmaram imediatamente e Adriana se levantou para entregar o papel para a loura, que suspirou de raiva.

— Mais ninguém? Então vamos embora.

Logo os membros do grêmio saíram da sala e o professor tomou a frente, era um homem bem rígido e a sala inteira evitava o confronto, era famoso por mandar pessoas para a direção ou às suspender. O homem começou a escrever no quadro, em silêncio e visivelmente irritado. Adriana se arrumou no lugar, ficou nervosa e suas mãos começaram a suar, se virou para olhar para os *bullies*, tinham se irritado bastante com a bronca do professor. O tal Yan passou o dedo na garganta, a ameaçando, era um garoto branco, alto e que fazia artes marciais, segundo havia dito Beatriz, isso o dava forças para atormentar os outros alunos. Ela voltou os olhos para o quadro, tentando não se abalar demais com aquilo.

Apesar de ter tentado levar o dia normalmente, não saiu do lugar o dia todo, assim como não teve apetite para comer nada. Suas colegas ficaram acompanhando e mentiu sobre estar com dor para não ter que enfrentá-los no intervalo. Mesmo com a companhia delas, estava preocupada com o olhar para com ela, não queria arrumar problemas e muito menos tomar nenhuma surra como nas outras escolas.

Pensou em sair mais cedo, mas desta vez o professor só estava liberando os alunos que terminassem as atividades, ficar olhando pela janela ou tendo uma crise nervosa não a ajudou nisso, e ela só se levantou para entregar a atividade quando a maioria dos alunos já tinha ido

embora. Beatriz e nenhuma das pessoas que conhecia estavam lá quando saiu, parou na frente da sala, colocando o capuz sobre o uniforme e abraçando a mochila, respirou fundo, tentando controlar sua respiração e ignorar as paranóias que tomavam sua mente e saiu da escola. Olhando ao redor, e não havendo ninguém, desceu para a rua sombreada de mangueiras que levava até sua casa.

— Olha quem está aqui.

Dois dos amigos de Yan passaram correndo, a empurrando pelos ombros contra o chão.

— Cuidado!

Gritaram, enquanto corriam para o outro lado da rua, ela caiu de joelhos nas pedras do calçamento e ficou ali por alguns segundos, sem forças para levantar, algumas pessoas que andavam por ali se aproximaram, um senhor vendedor de guaraná que ficava em uma barraca ali perto correu até ela.

— Moleques idiotas!

Gritou em direção a eles.

— Está tudo bem, mocinha?

Ele a ajudou a se levantar, e Adriana viu que seus joelhos estavam cobertos de sangue, suas meias brancas logo foram tomadas pela cor vermelha e estavam sujas de terra, uma das senhoras que tinha visto aquilo se aproximou. O vendedor a levou para uma das cadeiras de sua barraca.

— Por que eles fizeram isso?!

Ela passou a mão no rosto, tentando não chorar e se sentindo totalmente humilhada.

— Eu não sei...

Mas ela sabia, era um recado de que eles não poderiam ser contrariados. Tirou as meias e as colocou na mochila, bebeu um copo de água oferecido pelo comerciante e agradeceu, seguindo até a sua casa, temendo que a situação pudesse se agravar.

Tomou o caminho que passava pelo cemitério, somente pela paz que tinha ao passar por lá, queria tirar aqueles pensamentos de sua cabeça. A quadra era morta, o grande Cemitério da Soledade estava completamente abandonado, embora fosse protegido por ser patrimônio histórico. Os muros tinham enormes grades de ferro trabalhado e estavam cobertos por pichações, grafites e pôsteres de eleição. A parte de dentro tinha uma aura mágica, parecia completamente desconectada do mundo lá fora. Algumas árvores estavam espalhadas por todos os cantos do lugar e haviam os grandes mausoléus com estátuas de pedra trabalhadas que pareciam julgar os transeuntes.

Adriana passava pela sua frente e olhando para dentro, lembrou-se das histórias de sua avó, seus joelhos ardiam e uma dor de cabeça insistente tinha se instalado, parecendo pulsar nas suas têmporas. Seus olhos ainda doíam de ter segurado as lágrimas na frente daqueles desconhecidos, mas não queria ter de preocupar ainda mais a sua avó com seus problemas na escola.

Foi até o portão de ferro e, empurrando a grade pesada com as mãos, um rangido metálico soou. Não estava com medo, ela mesma achava aquilo estranho, nunca fora a pessoa mais corajosa do mundo, era como se algo a atraísse para dentro. Olhou ao redor, curiosa, e seguiu pela rua de pedra central, se virando para olhar pelas grades do muro que dividia a agitação da rua principal com o silêncio pacífico do cemitério. De volta ao seu caminho, seus olhos passaram pelo cenário decadente, haviam algumas velas e fitas multicoloridas com preces amarradas às suas cruzes.

Por alguns minutos, e ao pensar melhor, teve medo, deveria ser perigoso entrar ali sozinha, mas realmente tinha estado curiosa em ver como aquele cemitério era por dentro, a vontade de ficar sozinha era outro incentivo, e ao não ser abordada por ninguém, seguiu até a capela principal, cruzando o enorme cruzeiro no centro do cemitério, marcado pelo fogo de cerimônias

religiosas. A grande capela estava fechada, uma corrente de ferro enferrujada impedia que alguém entrasse ali, era uma bela construção, sombreada pelas árvores e com uma inscrição bem no centro de seu frontão “1850”.

Se afastou, vagando um tanto desnorteada pelas vielas que compunham aquele lugar, olhando para as construções de pedra, e lendo as datas e nomes pomposos dos mortos. Via algumas pessoas ao longe, do outro lado do muro, mas ali somente o silêncio cortado por sons de pássaros que descansavam nas árvores, não havia também nenhum guarda, o lugar parecia perfeitamente abandonado.

O sol estava bloqueado por algumas nuvens, mas mesmo assim, o calor ainda era bem forte e suor escorria por sua testa, então resolveu interromper sua investigação. Escolhendo um lugar ainda mais pacato, uma árvore enorme tinha crescido sobre alguns dos túmulos, formando um abrigo perfeito e semi escondido.

Adriana caminhou até lá, largando a mochila ao seu lado e se sentando sobre o mármore branco e antigo da sepultura, era um ambiente de tristeza, mas pensando bem era exatamente como ela se sentia. Seus olhos passearam pela copa distante da árvore acima de si, abraçou suas próprias pernas, o sangramento de seus joelhos não existia mais e em seu lugar somente a pele vermelha e machucada.

A sua frente, um mausoléu exibia um grande anjo de pedra a alguns metros dali, suas asas estavam abertas e seus olhos apontavam para o céu com as mãos em oração. Ervas daninhas subiam pelas estruturas e pichações com letras irreconhecíveis estavam por todas as suas paredes.

Resolveu pegar o seu diário e escrever um pouco sobre como estava se sentindo e tudo que estava acontecendo na escola, escrever a fazia sentir melhor. Aquele diário colorido havia sido seu companheiro desde toda a tragédia, ela não o lia, só despejando seus sentimentos nele sempre que ficavam pesados demais para carregar.

Passaram-se quase uma hora desde que havia chegado, estava tarde e era melhor que fosse embora antes que sua avó se preocupasse ainda mais. Antes de ir pegou seu celular, talvez para tirar algumas fotos daquele lugar estranho e mostrar para sua avó, se bem que não sabia se as memórias seriam boas para ela. Havia algumas notificações novas, uns garotos da escola haviam achado suas redes sociais e deixaram comentários, alguns deles usaram suas próprias contas para fazer as ofensas e outros fizeram contas falsas, mas lá estavam, várias e várias palavras de ódio e preconceito.

Ela não conseguiu sequer terminar de ler, guardando o celular de volta na bolsa e baixando o rosto, algo dizia-lhe que não devia chorar por eles, não eram os primeiros e nem os últimos que fariam aquilo, mas seu peito estava pesado por tantos sentimentos negativos, sentia falta de seus pais, e principalmente de sua mãe, se ela estivesse ali com toda certeza levantaria o seu rosto e diria para jamais deixar que pessoas como aquelas tirassem as suas lágrimas.

Muita coisa tinha mudado.

Levou as mãos ao rosto tentando controlar as lágrimas que rolavam descontroladas pela sua pele, não era algo que ela parecia estar conseguindo controlar, e isso era o que mais a frustrava.

— Pare de ser fraca!

Resmungou para si mesma, apertando as mangas do capuz contra o seu rosto, tinha que ir embora, e se preparava para isso, quando ouviu um som estranho atrás de si, se virando em um salto para encarar o vazio.

— Tem alguém aí?

O som de passos agora se formou na sua frente junto a um vulto rápido, que nem pode formular em sua mente. Ela se virou para a estátua, que em sua face de pedra parecia estar a encarando desde o momento que tinha chegado. Enfiou a mão no bolso da mochila, agarrando o

spray de pimenta e o apontando na direção da estátua, se levantou como se o tivesse em suas mãos fosse a mais poderosa arma do mundo, e deu alguns passos para trás, se preparando para correr.

— Quem está aí?

Sem respostas por alguns segundos, até que um garoto não muito mais velho que ela saiu detrás da estátua, ela não fazia ideia de como ele havia se escondido ali.

— Quem é você?!

Seus dentes formavam um sorriso retilíneo no seu rosto enquanto punha as mãos para cima, em rendição. Sua aparência era diferente de qualquer coisa que já tivesse visto em toda a sua vida.

— Oh! Calma! Não vou te machucar não!

Adriana continuava olhando fixamente para ele, apontando o frasco em sua direção. Podia jurar que ele não era real, mais algum fantasma, ou coisa fruto de sua imaginação num momento difícil.

— O que faz aqui?

Ele se afastou da estátua, pulando de túmulo em túmulo em sua direção. O final da manhã caía timidamente no cenário atrás de si, o vento quente fazia seu cabelo ruivo reagir exageradamente ao vento que soprava na direção contrária.

— O mesmo que você...

Ela não sabia se deveria, mas guardou o spray de volta na mochila sem tirar os olhos do ruivo, que a olhava com uma expressão neutra. Seu coração palpitava pelo susto, e ela ainda temia que ele pudesse a machucar.

— Você está bem?

Perguntou ao se aproximar, lentamente e, finalmente se sentou na lápide ao seu lado, balançando as botas marrons que usava de um lado para o outro.

— Pergunta idiota a minha, estamos em um cemitério, e se estivesse bem, não estaria chorando.

Adriana riu, seus sentimentos estavam confusos, mas o que mais sentia era nervosismo.

— Quem é você?

A morena questionou, ainda de pé, tentando analisar toda aquela situação.

— Ninguém importante, só venho aqui às vezes... É um lugar bastante bonito! Qual o seu nome?

Sua voz era grave, mas tinha um tom amigável, e estendeu sua mão para ela.

— Adriana...

Ele sorriu, e ela se sentou ao seu lado, embora ainda desconfiasse de sua presença.

— O que aconteceu com você?

Não era uma boa ideia desabafar com um desconhecido em um lugar daqueles, mas se considerar que até este ponto ainda não acreditava que ele fosse real, contar a situação para ele não era tão surpreendente.

— Você já teve a sensação de que ninguém entende você?

Ele suspirou, e sua atenção se voltou ao ambiente ao redor.

— Este é o motivo pelo qual venho aqui, às vezes a companhia dos mortos é bem melhor que a dos vivos.

Os olhos negros de Adriana cruzaram com os seus, ele era realmente muito bonito, tanto que era quase como se ele fosse etéreo. Seu cabelo era de um ruivo acobreado com cachos em

um corte repicado que caía sobre o seu rosto, quase alcançando os seus ombros, seus olhos eram profundos e de uma cor amarela ouro sobre profundas olheiras arroxeadas.

— Você é real?

Um sorriso de canto se formou em seus lábios.

— Infelizmente sou. — Disse enquanto dava de ombros. — Devo estar mais pálido que o normal para você me fazer essa pergunta.

— Quer me falar sobre o que aconteceu com os seus joelhos?

Ela suspirou, ele a encarava no fundo dos olhos, como se pudesse ver dentro de si, demorou um pouco até que conseguisse falar.

— Uns caras da minha escola me empurraram, falaram umas coisas bem ruins pra mim agora, também.

Ele olhou para os machucados, puxando alguns curativos do casaco que usava e a entregando, logo Adriana os pegou, colocando sobre os ferimentos, o rapaz não tirava seus olhos dela.

— Por que te fizeram isso?

Ela não compreendia, será que ele ainda não tinha notado o que ela era?

— Olha, não sei se você já percebeu, mas eu sou uma menina trans.

Ele sorriu, e deu de ombros.

— Você é um ser humano, como qualquer outro, sinto muito que algumas pessoas sejam tão baixas a esse ponto.

As palavras a emocionaram, se surpreendeu de alguém agir assim, era o que deveria ser comum, mas em todos os seus anos, haviam sido poucas as vezes que as pessoas vissem além do estigma colocado sobre ela.

— Todo mundo me vê como uma aberração, estou cansada, cansada de ser tratada assim.

Ele se aproximou, seu cabelo médio frequentemente caía sobre os seus olhos, impedindo que ela visse o seu rosto por completo. Pode sentir sua respiração, saindo levemente por entre seus lábios finos, uma de suas mãos tirou a mesma mecha cacheada que caía sobre os olhos de Adriana.

— Você não me parece uma aberração.

Assim que sentiu o dorso de sua mão sobre o seu rosto foi como se todas as palavras de algumas horas antes tivessem voltado a sua mente, uma onda de eletricidade tomou o seu corpo como uma espécie de hipnose jogada sobre sua memória. Ela o repeliu, afastando o seu corpo para longe, sentia a dor de todas aquelas palavras, a dor da perda de seus pais, tanta dor que mais lágrimas rolaram pelo seu rosto, confusa, o encarava sem palavras.

— Sabe, Adriana, a única verdadeira aberração é a incapacidade de amar.

— Como você fez isso?

Ele não respondeu, como se não fizesse ideia do que estava falando.

— E então, ele foi embora.

Beatriz se debruçou sobre a cadeira, agarrando algumas pipocas de dentro do saco amarelo que havia comprado.

— Mas... Como assim?

— Eu me virei, e quando olhei de novo ele não estava mais lá.

Naquele ponto, Adriana duvidava de sua sanidade, tanto que até contar aquilo para Beatriz foi estranho, sua reação ao ouvir a história não ajudou muito.

— Como ele era? Você perguntou o nome dele pelo menos?

Tentou se lembrar do que tinha visto, não tinha acontecido há tanto tempo, mas sua imagem não era fácil de esquecer.

— Magro, usava umas roupas pretas estranhas, tinha cabelo ruivo cacheado e olhos meio amarelos. E não... Eu não perguntei.

Ela franziu o cenho, mastigando as suas pipocas, ao lembrar a cena toda, tudo parecia real o suficiente.

— Nunca vi ninguém assim, na verdade acho que nunca nem vi um ruivo.

Adriana deu uma risada, não eram muito comuns no norte do país, realmente, a frase que ele havia dito tinha ficado em sua mente, e a escreveu na capa de seu caderno, “A única verdadeira aberração é a incapacidade de amar.”

— Tomara que ele não seja uma assombração, buuu!

Disse Beatriz enquanto balançava os dedos em sua direção, imitando um fantasma.

— Ou talvez eu tenha enlouquecido.

— Quem não? Com esses garotos da escola, insuportáveis. Bem que podiam ser legais como esse fantasma ou seja lá o que você viu.

A garota completou sua frase, antes de ela poder terminar sua frase.

— Ele podia ser só um roqueiro maluco, já pensou nisso?

— Se ele for, espero vê-lo novamente.

Seus olhos estavam involuntariamente na direção de onde o grupo de garotos estava agrupado, eles cochichavam entre si, e ao ver que ela os olhava com raiva e seus joelhos machucados, começaram a rir.

— Você deveria ignorar, Adriana, não vale a pena.

Pegou seu celular no bolso, procurando os comentários que eles haviam mandado em massa.

— E isso? Como eu ignoro?

Ela tomou o celular em sua mão, lendo as ofensas com descrença.

— Não acredito que esses idiotas fizeram isso. Você devia levar na direção!

— Não... Não vão fazer nada.

Ela nem havia contado sobre a agressão do dia anterior, tudo aquilo no máximo renderia alguns dias de suspensão para eles, e aumentaria a fúria assim que retornassem. Demorou algum tempo até bloquear os perfis e apagar os comentários, queria fingir que nada tinha acontecido e seguir sua vida.

Como todos os anos de escola, sabia que teria que se acostumar com aqueles ataques, geralmente, as escolas eram passivas, a falta de informação da maioria das pessoas também era enorme, e como bem sabia “As pessoas têm ódio do que desconhecem.”

Logo a aula começou e, como em todas as outras vezes, o assunto não a interessava. Pela janela, observava um prédio antigo não muito longe da escola, passava de carro com seu pai por ali quando criança, ele sempre a assustava contando histórias de terror, dizia que por muitos anos, tinha sido o prédio mais alto do estado e fora construído em cima de um cemitério. Dizia também que muitas pessoas iam até o seu topo para se jogar, parecia até alguma moda macabra na época.

Fechou os olhos, imaginando as pessoas com roupas antigas em seu interior, e em um pensamento súbito, pensou em si mesma subindo até o seu topo para fazer algo contra si mesma, ela nunca tinha sido diagnosticada com depressão, ou algo do tipo, e apesar de todas as suas tristezas, sempre fora uma pessoa animada e cheia de vida, procurando ver o melhor nas

situações e nas pessoas, porém a injustiça que estava vivendo e a dor do luto tinham sido algo além do que podia suportar.

Mas ao pensar na possibilidade suicida por alguns minutos, lembrou-se da conversa que teve com a sua mãe, no dia seguinte ao dia em que tinha ouvido os insultos transfóbicos de seu pai.

— Filho, eu te ouvi chorando ontem.

Adriana olhava pela janela, encarando os outros conjuntos de prédios naquele ambiente acinzentado, o céu parecia ter chorado com ela, estando em um tom de cinza revoltado, prestes a jogar sobre o bairro uma forte chuva.

— Papai me odeia, não devia ter dito nada

Sua mãe, Larissa, sentou-se ao seu lado na cama, olhando para fora e, assim como ela, parecia estar triste, parecia cansada como se tivesse lutado uma batalha árdua.

— Você ouviu o que ele disse, né?

— Cada palavra, mãe, ouvi ele falando que eu era uma aberração, que preferia que eu morresse. Isso é amor onde?

Larissa suspirou, tocando a mão de sua filha, que irritada, a puxou de volta.

— Eu sei que você concorda com ele.

— Não! Onde já se viu, querer que você morra?

Ela voltou os olhos até os dela.

— Mas foi o que ele disse, não é?

A mulher suspirou, penalizada pelos olhos avermelhados da garota à sua frente.

— O seu pai... Ele só não entende.

— Você acha que eu queria ser assim? Ter que passar por tudo isso na escola, ou aqui em casa?

Adriana gritou, se levantando da cama em direção a porta.

— Ele entende o que é mãe, só não quer aceitar.

— Tem- tem razão, filho... Nisso eu concordo. Só que para mim já foi um choque, seu pai que é mais antigo, ele não consegue aceitar.

Ela tentava conter as lágrimas em seus olhos, já tinha chorado o suficiente.

— Eu sinto muito, eu não queria ser uma decepção.

Larissa levantou, indo até ela e a abraçando.

— Pra mim você nunca vai ser.

Ela fechou seus olhos, aninhando-se no colo de sua mãe.

— Eu te amo como meu filho, e vou amar como filha também.

Com aquela frase, as lágrimas de seus olhos despencaram.

— Mesmo?

— Sim, vou fazer o que for necessário.

Ela cruzou os braços ao redor de sua mãe, retribuindo o abraço.

— Agora, filho, o caminho que você está trilhando é difícil, e já que é quem você é, você tem que se impor. Seu pai, e nós brigamos muito por isso, é uma pessoa preconceituosa e com muitas idéias ruins, mas existem pessoas lá fora.

Disse apontando seu indicador em direção a rua de asfalto, pela janela.

— Pessoas muito piores e mais cruéis do que ele.

E segurando o rosto dela, o ergueu para cima, tirando da postura entristecida de antes.

— Tenha coragem!

Estava de volta a sala de aula, anos depois daquela conversa, sua mãe tinha partido, mas sabia que em seu legado, ela tinha que cumprir sua promessa.

Escola

Durante a semana que se seguiu, Adriana pensou em como faria para obter algo que ela não só queria, como precisava: Popularidade. Ser uma pessoa excluída não era nada bom para alguém de uma minoria, e ela tinha sentido essa opressão em sua pele outras vezes, a dor de que poderia ser motivo de chacota por mais de um motivo, não lhe era minimamente atraente.

Era boa em futebol, mas não devia ter nenhum time feminino naquela escola, jogar com um monte de garotos cisgênero também não parecia nada além de algum tipo de suicídio, então decidiu investir na única coisa que tinha certeza que funcionaria e que tinha muita experiência: O grupo de dança.

Demorou alguns dias para ter coragem de chegar na estonteante loura que era a voz de comando de muitos dos eventos da escola. Popular, bonita, liderante e levemente cruel, era um estereótipo perfeito de patricinha sem sentimentos, provocando olhares tanto de admiração, quanto de medo. Apesar disso tudo, não tinha a visto caçoando dos outros alunos, como era no caso de Yan e seus amigos de sua turma. Jéssica era bem mais notável pelo seu ar de arrogância, as roupas muito bem arrumadas e algumas tiras coloridas que usava para sempre prender seu cabelo para trás.

Ela suspirou fundo antes de cruzar o pátio, de sua sala, até o banco onde ela estava de forma imponente, bem no centro de quatro ou cinco garotas, que cochichavam entre si alguma coisa. Pararam imediatamente ao ver a garota trêmula se aproximar, tentando em vão parecer muito confiante, ou ter total certeza das propostas que faria.

— Oi... É?

Por mais que tentasse se recordar, não fazia ideia do nome da loura.

— Jéssica. Você é a garota do primeiro ano, não é?

As garotas ao seu redor mantiveram a expressão de julgamento, seus olhares iam dos seus pés até o alto de sua cabeça.

— Sou sim.

— Tem alguma coisa pra dizer?

Ela se aproximou, fazendo com que a garota desse alguns passos para trás.

— É sobre o grupo de dança. Queria saber mais sobre ele, quando começa.

A outra pareceu mais tranquila, Adriana sabia que sua presença podia ser um pouco intimidante, ela não era alta, nem forte, mas tinha tomado uma posição defensiva em relação aos outros.

— Você está no grupo que fizemos?

— Eu estou sim, mas não vi ninguém falando nada sobre.

Ela deu de ombros, se virando para a sua mochila atrás de si e passando a ignorar sua presença ali.

— Era só isso?

— Na verdade... Tem outra coisa.

— E o que seria?

Disse a garota, enquanto procurava alguma coisa no objeto cor de rosa.

— Como vocês escolhem as misses? Tem alguma votação ou algo assim?

Uma de suas amigas, que tinha um cabelo espetado e pintado de vermelho, deu uma pequena risada, que ela repreendeu, apontando o dedo em sua direção.

— Por que? Você tem interesse?

— Sim, eu...

Ela se virou, desconfiada.

— Você já participou disso antes?

— Já sim, eu sempre era a da minha sala no ensino fundamental.

Seus olhos passearam pelo seu corpo, duvidosos.

— E como era isso?

— Bom, eu venci muitas vezes, fico feliz em lembrar disso.

Jéssica balançou a cabeça, afirmativamente.

— Bom, sendo assim, acho que seria uma boa idéia, vou te explicar como funciona. São três misses, cada uma representa um ano da escola, geralmente não temos muitas candidatas, mas as que se candidatam tem que ser votadas em uma lista que passamos nas salas, as turmas escolhem quem vai representar, maioria de votos, mesmo.

— Então eu posso participar?

Ela ergueu uma das sobrelhas, cruzando os braços sobre o peito.

— Claro que sim, só precisa convencer os alunos a votarem em você.

— Isso... É ótimo!

Jéssica não parecia debochar de sua empolgação, já as outras garotas, que seguravam risos ou tinham uma expressão de descrença, sim.

— Vou passar a listagem no final da semana então, boa sorte.

— Obrigada.

Sussurrou Adriana ao voltar em direção a sua sala. Beatriz, próxima a porta, estava curiosa sobre o conteúdo da conversa das duas.

— O que você foi falar com aquela metida?

A morena não conteve uma risada, a puxando para mais perto.

— Estou querendo me candidatar a miss do primeiro ano.

— Sério? Ah, não é bem meu estilo de música nem de festa, mas já que você tem tanto interesse, como que funciona?

Ela se virou, olhando para o pátio tomado por alunos.

— Tenho que convencer todo o primeiro ano a votar em mim.

— Sério?

Veza ou outra, um dos grupos olhava em sua direção, e sabia que não era com boas intenções.

— Uma pena, eu queria dançar.

— Como assim queria?

Ela se afastou da garota de cabelo azul, e virou-se em direção a sua sala.

— Ei, espera, a gente pode fazer isso!

Disse Beatriz, agarrando o seu braço.

— Como? Acha mesmo que voltariam em mim?

— Minha mãe era uma publicitária, confia!

Disse sua amiga com um sorriso ardeiro, que permaneceu por todo o resto da manhã, enquanto discorria sobre os seus planos para conseguir o apoio de todos os alunos. Segundo ela,

precisavam de um cartaz, um bem grande, onde grudariam fotos dos prêmios que já tinham ganhado, iam reunir as garotas que andavam com elas e iriam até todas as salas do primeiro ano, pedindo para que os alunos votassem nela.

Era um bom plano, mas pensar em falar com todas aquelas pessoas era bastante constrangedor, tinha medo também de que sofresse algum tipo de preconceito dos outros alunos enquanto fazia isso, mas sem ter nenhuma opção melhor, se limitou a ouvir os planos de sua amiga e concordar com tudo.

A volta para casa foi um pouco incomum, a cada esquina ou casa antiga que passava tinha uma estranha sensação de dejavu, era como se tivesse passado um período de vida ali, mesmo que as únicas visitas que tivesse feito aquele bairro fossem há muitos anos, quando era só uma criança e ia fazer visitas a alguns parentes distantes ou a própria avó, com quem morava agora.

Chegou em casa apressada, aquela cidade era estranha, e seu clima instável parecia piorar naquela parte da cidade, alternando entre períodos de tempestade e dias de sol insuportável. Naquele dia, tinha sido agraciada com o segundo caso, tão forte que teve de enxugar o suor da própria testa várias vezes com uma pequena estopa que levava na mochila.

Sua avó não estava na cozinha, como de costume, e teve de olhar de quarto em quarto até que a achou sobre a penteadeira de seu quarto, debruçada sobre algumas contas e boletos não pagos, coçando a cabeça com preocupação. Ao seu lado estava uma grande jarra de café, que tomava com rápidos goles, em sua outra mão tinha uma caneta vermelha, que usava para as anotações.

— Vó?

A mulher se virou, tinha tomado um grande susto com a sua presença ali, não parecia ter se acostumado com ter outra pessoa na casa além dela.

— Ah, você, é claro! Precisa de algo?

— Só fiquei preocupada por não te achar.

A senhora deu uma risadinha, se afastando das contas em direção a ela, sua cadeira enferrujada fazendo o mesmo barulho metálico em sua direção. Perguntava-se sobre onde tinha a conseguido, provavelmente de alguma doação pelo estado em que estava.

— Precisa de ajuda com alguma coisa?

— Ah, de modo algum, querida, eu só estava vendo algumas contas, as coisas estão meio apertadas, mas não se preocupe.

A senhora seguiu em frente, passando pelo corredor até a cozinha, as rodas faziam um barulho bem alto enquanto se chocavam com o piso de madeira, gerando vários estalos. Se estivesse em outro cômodo, conseguia ouvir quando ela se movimentava pela casa a distância, e também quando chegava à cozinha, com seu piso de lajotas soltas, fazendo um barulho emborrachado, e não muito diferente do que os carros faziam ao baterem nas lombadas da avenida de cima. A mulher foi até algumas pequenas panelas de almoço que estavam sobre o fogão, se deslocando de um lado para o outro e levando os utensílios até a mesa.

— Pode se sentar, já vou servir.

Adriana ficou a observando durante todo o almoço, não queria se tornar um fardo, embora já se sentisse um. A senhora tinha estado tantos anos sozinha, sabia que sua chegada repentina e toda a tragédia eram um tombo em sua renda, e devia ser por isso o motivo com o qual ela tinha estado tanto tempo fazendo contas.

Há alguns meses, bem antes de que ela chegasse ali, sua avó havia levado um belo tombo do telhado da casa, disse que algo estava preso na calha d'água e com uma escada, ela subiu ali e tentou a desentupir usando um vergalhão.

“Havia um urubu lá, enorme, não sei o que fazia naquela parte do meu telhado, mas tomei um susto enorme e caí lá de cima, por sorte aquele vergalhão caiu para o quintal e eu não fui empalada por ele!”. Já tinha repetido muitas vezes, desde que ela havia chegado.

Com a queda, quebrou vários ossos e acabou naquele estado. Seu pai estava bem chateado com os custos médicos, e a chamou de “Velha louca que só dava trabalho” algumas vezes, enquanto levava os remédios para sua avó, no centro da cidade.

Sem seu pai para pagar os remédios e com o custo de ter uma adolescente em fase estudantil na escola, Alessandra mal conseguia pagar as contas, e isso começou a incomodar a recém chegada Adriana, que pensou em algo para fazer.

Assim que o almoço terminou, ela correu até o seu quarto, de onde tirou um notebook cor de rosa cheio de adesivos coloridos, aos poucos o seu quarto ficava do seu jeito, tinha colado alguns pôsteres de cantoras pop nas paredes e um quadro de avisos, em outro, tinha os seus desenhos da escola. Atrás de sua porta, tremulava uma enorme bandeira trans, que sua avó não fazia ideia do que se tratava.

Também tinha alguns ursos de pelúcia sobre a cama, sua mãe costumava os dar de presente a ela sempre que fazia uma viagem, com o tempo foram se acumulando, mas doou quase todos durante o tempo em que esteve no abrigo. Era uma sorte que tivesse ainda parentes por ela, diferente das histórias que vivenciou lá dentro, tão tristes que nem gostava de se lembrar delas.

Abriu algumas janelas do computador, e foi atrás de um modelo mais organizado de currículo. Por sorte, e apesar dos seus problemas de concentração, ela tinha feito uns cursos alguns meses antes, nada muito complexo, mas cursos profissionalizantes de pouca duração que davam a ela algo para procurar emprego, se necessário. Seus pais, mesmo tendo incentivado que ela se formasse neles, nunca quiseram que ela trabalhasse, seu pai por acreditar que não tinha necessidade e sua mãe por medo de que ela sofresse algum preconceito.

Aquele momento havia chegado.

Após alguns minutos editando, conseguiu o modelo perfeito, até mesmo colocou algumas bordas coloridas e modificou o seu design. Um dos cursos que tinha feito era nesta área, inclusive, o que tinha despertado o seu gosto pela arte.

— Onde vai?

Disse sua avó, que naquela hora da tarde estava com os pés sobre a mesa de centro, bordando as barras dos panos de prato.

— Vou no centro rapidinho, mas já volto, não se preocupe.

— Cuidado lá, não volte muito tarde.

Adriana acenou, subindo com animação a rua de sua casa, estava animada, e ao relembrar de todas as habilidades que tinha, estava confiante que arrumaria algo para ajudar a sua avó. Passou pela gráfica que ficava a umas duas esquinas, e nela, usou o pouco dinheiro que tinha para imprimir alguns currículos. O funcionário que a atendeu tinha em seus olhos uma certa desconfiança, mas já familiarizada com os preconceitos que eram comuns às pessoas, e em especial a algumas mais velhas, como ele.

— Você tem curso de design gráfico mesmo? Parece bem jovem para isso.

— Sou formada sim, comecei bem nova.

Respondeu com um sorriso, quem sabe aquela não fosse uma proposta?

— Tem 16?

Ele colocou as cópias em um envelope, que ergueu em sua direção no balcão, e assim que ela tocou em sua ponta para recebê-lo, o homem impediu que ela o puxasse para si.

— Uma pena que seja tão novinha, senão eu faria uma proposta, adoro trans baixinha assim.

A alguns metros dele, sua mulher, que trabalhava junto com o dono da gráfica a sua frente, embalava alguns produtos de cabeça baixa.

— E você deveria respeitar a sua esposa.

Disse ao puxar o envelope com raiva e sair do estabelecimento, batendo a porta com força atrás de si.

— Que ódio!

Ela exclamou enquanto dava passos irritados em direção ao comércio passando por mais algumas ruas históricas e cruzando uma grande praça abandonada, que adoraria ver melhor se não fosse a falta de segurança. Sua própria avó tinha sido assaltada por lá algum tempo antes, e ela não queria ter o mesmo destino.

Cruzou a praça do relógio e depois de alguns sinais vermelhos, chegou até o coração do comércio. Era o horário de pico e uma aglomeração de carros, ônibus e pessoas disputava as ruas internas daquelas várias ruas de prédios antigos.

Assim que colocou seus pés nos antigos bloquetes de pedra para entrar na rua principal, aquela sensação de pertencimento voltou até ela, e quando sem querer pisou sobre os antigos trilhos do bonde de ferro, sentiu uma genuína vontade de chorar.

Não sabia o que tinha provocado todo aquele confronto de emoções, mas nunca havia sentido algo do tipo, tanto que começou a tremer, e teve que correr até próximo de alguns prédios para retomar o fôlego.

— Deve ter sido o sol e o estresse com aquele velho da gráfica, só isso.

Respirou fundo, e seguiu, não tinha muito tempo para aquele mal estar, e começou a entrar em todas as lojas que tinham placas anunciando um emprego, porém, uma coisa na última em que foi a fez desistir, definitivamente.

Era uma loja de roupas, pintada de rosa e com um ambiente delicadamente feminino, já estava um pouco desarrumada dos vários lugares que tinha ido, e o lugar exageradamente organizado a deixou intimidada, tanto que foi pelas laterais da loja até o balcão. Este tão alto que teve de se esticar um pouco para falar com a mulher branca e esguia que a olhava com repreensão desde o momento que tinha entrado.

— Boa tarde, no que posso ajudar?

— Ah... Eu vim pelo anúncio de caixa, pode ser por meio período também?

A mulher a olhou dos pés à cabeça, e pegou o seu currículo com a ponta dos dedos.

— Pode sim, mas, esse aqui... é seu nome mesmo?

— Adriana? O que está no documento?

Ela deu um sorriso de canto, com deboche.

— É claro, é seu nome de verdade?

— Bom, tem outro nos documentos, mas eu vou mudar assim que tiver idade.

A lojista guardou o currículo junto a uma pilha deles, em uma gaveta abaixo daquele balcão alto em que estava.

— Não me leve a mal, mas esta é uma loja cristã e de mulheres, não creio que minhas clientes se sentiriam satisfeitas com um travesti trabalhando aqui, se não te ofende.

Alguns clientes que olhavam algumas peças perto das duas se viraram para olhar a cena, bem mais surpresas com a palavra travesti do que com o caráter preconceituoso de suas palavras.

— Se você cortasse o cabelo e tudo mais eu até te contrataria, podia me ajudar com as caixas lá atrás, mas escurinho desse jeito e homossexual também é complicado.

Assim que terminou de falar, ela nem mesmo voltou a olhar em seus olhos, mas sim, em direção a uma pequena placa grudada na parede, próxima a entrada. “Jesus é amor”.

— Bom, obrigada mesmo assim.

E seguiu até a entrada da loja, se segurando para não chorar com toda a humilhação que estava sentindo.

— E a propósito, eu também sou cristã, Deus te abençoe.

Pela noite, ela estava bastante cansada de sua jornada que a tinha feito gastar toda a sua tarde em uma tarefa provavelmente inútil. Ficou ainda mais óbvia a desvantagem estatística que tinha na frente de qualquer candidato cisgênero. Nunca passou por isso, mas já escutara muitas histórias de suas amigas. Os mesmos que tinham aquelas atitudes eram as que reclamavam da prostituição delas nas ruas.

— Adriana, pode pegar o colorau pra mim aí do seu lado.

Desperta de seus pensamentos por sua avó, ficou feliz por não ter contado a ela sobre a sua experiência mal sucedida em ajudar com as contas em casa. Pegando o saco de plástico com o conteúdo avermelhado de cima de um pequeno banco de madeira ao lado da geladeira, ela observava a avó cozinhar, não tinha muito o que fazer naquele bairro, e aqueles pequenos prazeres da vida a distraiam.

Assim que o entregou, reparou que haviam várias revistas de cosméticos empilhadas, bem abaixo de onde o condimento repousava antes.

— Vó, o que são essas revistas?

— Ah, nada de mais, eu vendia elas a um tempo, mas fiquei sem ter como entregar alguns perdidos por causa da cadeira, uma pena, trazia um dinheirinho.

Era perfeitamente compreensível que sua avó tivesse desistido das vendas, era basicamente impossível andar com a cadeira de rodas pela cidade. As calçadas eram quase todas inexistentes, e nas que existiam, estavam tomadas por postes ou tinham sido desniveladas para poderem se tornar rampas para os carros em frente a quase toda garagem. Uma outra limitação eram os muitos vendedores ambulantes que tinham suas barracas bem no meio da via. Entendia os seus pontos e sabia que tinham que vender suas mercadorias, mas para uma velha senhora conseguir passar por elas sem bater a sua cadeira era praticamente impossível.

— Não gosto que estranhos fiquem me carregando, ajudando, sempre que eu saia acabava precisando da ajuda de alguém.

— Eu entendo, vovó, mas se eu vendesse para você?

Alessandra virou-se para ela, desconfiada.

— Você não pode, só maior pode vender essas coisas.

— Você cuida da parte financeira, eu só vou oferecer na escola. Você me ensina como funciona?

Disse ao se aproximar de sua avó, levando a revistinha com os produtos até ela, conseguia ver muito orgulho em seus olhos, e só isso já era o suficiente para aquele dia doloroso ter valido a pena.

Quinta-feira

Sabendo que a listagem passaria na sexta-feira, planejaram minuciosamente fazer aquele grande ato na quinta. Beatriz tinha conversado com todas as garotas que conheciam desde o primeiro até o terceiro ano e todas elas tinham se comprometido em ajudar a convencer os alunos do primeiro ano a votarem nela.

Juntaram suas economias e fizeram um cartaz no final da aula de quarta-feira, assim que o sinal que anunciava o fim da aula soou. Foram até a biblioteca e em uma cartolina cor de rosa grudaram algumas fotos das suas conquistas e das roupas que tinha usado nos concursos da outra escola. Bem ao meio, em grandes letras anunciavam o Slogan: “Vote na Adriana!”.

No dia seguinte, souberam que apenas outra garota tinha se candidatado para ser a miss. Ela não acreditava que fosse necessário ir de sala em sala, até estava com um pouco de vergonha, mas Beatriz tinha insistido tanto que ela devia falar com todos que acabou por aceitar, ainda mais, se realmente queria dançar na frente da escola toda, vergonha era a última coisa que deveria ter.

A quinta-feira finalmente chegou, e assim que sua amiga chegou na sala, ela aguardava com nervosismo próxima a porta, segurando o cartaz rosa em uma das mãos.

— Bom dia Adriana, parece que está ansiosa.

Ela sorriu, arrumando o uniforme.

— Só um momento!

E se sentou em um dos bancos que ficava em frente a sala, puxando o seu celular e mandando mensagem para algumas pessoas.

— Vou chamar as outras. União feminina, meu amor.

Ela deu uma risadinha de nervosismo e sentou-se ao lado da garota, que com a luz do celular, tirou algumas mechas do cabelo azul da frente de seu rosto. Após uns cinco minutos, mais umas quatro pessoas que não conhecia se juntaram ao grupo.

— Oi, gente!

Disse ela, cumprimentando a todos.

— Então essa é a nossa futura miss?

Exclamou uma adolescente do terceiro ano, como indicava o bolso de seu uniforme.

— Ela mesma, vou precisar da ajuda de vocês pra divulgar, sabem como tem uma caras chatos nessa escola, então vamos precisar que dêem essa força.

Elas concordaram, e unindo-se em um grande grupo começaram a ir de sala e sala em todo o bloco que era dedicado às turmas do primeiro ano do ensino médio. Começaram pela sala ao lado da sua, a número um, grande parte dos alunos já estava por lá, e Adriana seguia atrás de Beatriz, que tomou a frente do quadro branco, determinada.

— Bom dia, gente!

Alguns alunos se viraram para olhar, confusos, imaginavam que fosse mais alguma coisa do grêmio estudantil.

— Não somos do Grêmio, na verdade, é em relação a ele, amanhã vai ser a votação para a escolha da Miss do primeiro ano, e como é por voto popular, estamos indo de sala em sala para dizer pra vocês votarem na nossa amiga aqui.

Ela saiu de trás de Beatriz, não deixando que ela terminasse a frase.

— Eu sei que é primeiro ano, e muitos de nós não nos conhecemos bem ainda, mas eu gostaria muito de representar vocês. Eu já ganhei alguns prêmios na escola antiga que eu estudei.

E bateu no ombro de uma das garotas, que assustada, abriu o cartaz de forma desajeitada.

— Aqui tem algumas fotos, então eu gostaria muito que votassem em mim, por favor!

As outras repetiram a frase do cartaz.

— Prometo que vou me esforçar bastante, então votem na Adriana da sala três, muito obrigada.

E fecharam o cartaz, e assim que começaram a sair, ela voltou a frente.

— Ah, eu tenho mais uma coisa muito importante para dizer. Eu vendo cosméticos, tô com a revistinha lá na sala, então caso alguém tenha interesse, só me falar.

E saiu, sendo puxada pelas outras, enquanto dava um leve sorriso, estava feliz que tinha conseguido falar tudo que era necessário e de quebra, anunciar os seus produtos.

A maioria dos alunos nem sabia do que se tratava a votação, e ficaram surpresos de que escolheriam a miss por listagem, mas já que era assim, ela foi bem recebida na maioria das salas que foi, a única parte negativa foram algumas piadas de outros alunos, não muito diferentes das coisas que Yan dizia na sala, mas desta vez, elas foram censuradas pela presença intimidante das outras adolescentes que estavam com elas. Eram alunas mais velhas e bonitas, e provavelmente nenhum cara ia querer ser rude na frente delas.

Deixaram a última sala para ser a das duas, a aula já estava quase para começar, e já estavam cansadas das várias turmas que tinham ido, o discurso foi o mesmo, mas dessa vez tinham Yan e os seus quatro escudeiros para atrapalhar as coisas.

— Até parece que alguém vai votar em ti pra alguma coisa.

Ele disse bem do fundo da sala, com uma risada.

— Se não for votar, não fale pelos outros.

Disse a aluna do terceiro ano que as acompanhava, dando alguns passos à frente.

— Se vocês querem colocar esse cara aí na frente das outras meninas problema de vocês.

— E quem é você pra falar de feminismo?

O professor sempre aparecia na hora exata daquelas discussões acaloradas, os ânimos se acalmaram com a sua presença, e as alunas mais velhas saíram da sala em direção às suas.

Elas fingiram que nada aconteceu, indo até as suas cadeiras enquanto eram observadas por todos da turma. Yan continuava as olhando com aquela expressão de ódio, todos aqueles ataques dele não faziam nenhum sentido, seriam motivos religiosos ou algo assim?

— Talvez ele tenha razão, quem vai querer votar em mim?

— Pare com isso, tanta gente foi legal conosco, não deixe que esse idiota tire a sua animação.

Sussurrou sua amiga, a abraçando carinhosamente.

Pensando em um contexto geral, o dia foi produtivo apesar daquela situação. No fim da aula, algumas garotas vieram até ela, que fez as primeiras vendas da sua vida, estava realmente feliz de que poderia ajudar em casa, e assim que chegou, correu até a sua avó que se surpreendeu com o quanto de coisas vendeu em um dia.

— Você deve ser algum tipo de gênio do marketing, olha quantas coisas.

— Eu estou querendo ser Miss na quadrilha desse ano, aproveitei que fui pedir para votarem em mim nas salas e anunciei isso.

Alessandra sorriu, enquanto marcava os itens que tinham pedido na revista.

— Que legal, seus pais sempre me diziam que você era muito talentosa com isso.

— Fico pensando na roupa e... Não sei, são meio caras.

A mulher segurou o seu ombro, com um olhar animado.

— Não se preocupe, vamos fazer um esforcinho e vamos conseguir.

— Obrigada, vó.

Não foi muita surpresa quando anunciaram no grupo da sala que ela havia vencido alguns dias depois. Sentiu que teve um pouco de sorte nisso por serem todos novatos e não conhecerem ninguém além dela. Beatriz ligou poucos minutos depois, e com tudo que estava acontecendo, tudo indicava que seus planos dariam certo. Tinha feito novas amizades, conhecido mais pessoas e conseguido ajudar financeiramente em casa.

— Olha quem ganhou, fico feliz demais por você.

— Eu também estou feliz, obrigada pela ajuda, acho que não ia conseguir sem você.

Ela definitivamente não gostava de ligações, mas tinha de tentar controlar aquele trauma.

— E como vão ser as coisas agora?

— Bom, eu vou ver como vai ser com o grupo de dança, e como vai ser para fazer a roupa também.

Notou que havia algum barulho alto no fundo, além de ela estar com uma voz melancólica e chorosa, que não parecia ser compatível com a conquista que tinham compartilhado.

— Bia, eu sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas está tudo bem com você?

— Desculpa por ter te ligado assim, mas você tem razão, tô com uns problemas mesmo.

Ela se sentou em sua escrivaninha, olhando para o depressivo jardim de inverno vazio.

— O que aconteceu? Pode confiar em mim, você sabe.

— Obrigada por isso... Bom, eu fui expulsa de casa, hoje mais cedo.

Adriana não conseguiu conter o espanto em sua voz.

— E por que?

— Bom, eu sou lésbica, né? Eu moro com o meu pai e minha madrasta desde que minha mãe morreu, nunca nos demos muito bem. Ele sempre me batia, mas quando descobriu da minha namorada, ele me jogou para fora.

Ela nem conseguia imaginar como era passar por algo assim.

— Nossa senhora, se você quiser vir aqui para casa, pode!

— Não se preocupe, estou na avó da minha namorada agora, amanhã vamos procurar casa para alugar. Eu tenho um empreguinho de meio período e ela também, vamos nos unir e morar juntas.

Ela era uma adolescente e a namorada não era muito mais velha também, pensava no quanto devia ser complicado ter que morar sozinha sendo tão jovem, e ainda pior, ser humilhada daquele jeito.

— Eu sinto muito, amiga.

— Obrigada por me ouvir, mas sabe, não é nem a humilhação ou a expulsão que são realmente tão dolorosas, eu só sei que se minha mãe estivesse viva eu não estaria passando por isso, câncer é uma doença desgraçada mesmo.

Imediatamente lembrou-se de sua mãe, sentia muita falta dela.

— Ela te aceitava?

— Ela morreu quando eu tinha uns doze, eu era só uma criança, mas tenho certeza que teria aceitado.

Ouviu a garota chorando por detrás da linha, sempre a tinha visto tão forte e determinada, que aquilo foi bastante chocante.

— Sabe, minha mãe era a única pessoa que me apoiava, sinto muita falta dela também.

— Você nunca me disse o que aconteceu com os seus pais.

Aquela pergunta tinha atingido aquele ponto exato que ela não gostava de mexer, como uma ferida aberta que nunca cicatrizava em seu peito e a cada vez que falava, escorria sangue entre seus dedos.

— Meus pais foram confundidos com criminosos pela polícia a uns meses atrás, mataram os dois.

— Que coisa horrível, cara.

Ela engoliu a seco, respirando fundo para não começar a chorar.

— Racismo, né? Foi provado que eles não tinham nada a ver, mas capaz de não serem responsabilizados.

— Eu sinto muito, me desculpa por ter perguntado sobre isso.

Seus olhos foram em direção a uma foto de seus pais que ficava em seu criado mudo.

— Eu fico feliz por você confiar em mim a ponto de me contar tudo que está acontecendo contigo, eu espero que você seja muito feliz com sua namorada.

— Eu também espero que você seja, obrigada por me ouvir.

Pegou o pequeno quadro e observou a imagem dos dois. Gostava daquela foto, ela estava com uma roupa bem neutra e era somente uma criança no colo de sua mãe e tentando agarrar o nariz de seu pai, que sorria.

— Nós vamos sobreviver...

Reencontro

Um mês se passou desde que Adriana tinha sido convocada como a pessoa que representaria o primeiro ano na grande festa de São João que sua escola era conhecida por promover. Naquele domingo, ela tinha ido até um ponto histórico conhecido como Casa das Onze Janelas, e observava o cenário de forma bastante contemplativa.

Apesar de estarem melhores do que quando entrou, algumas coisas na escola estavam deixando-a nervosa. Jéssica, que havia sido tão diplomática ao incentivar que ela participasse do grupo, tinha se revelado ainda mais tirana do que ela imaginava. Criticava, exageradamente, cada passo que errava, bem mais do que as outras misses, que também tinham sido escolhidas. Toda a pressão a deixava tão nervosa que ela só errava ainda mais, formando um looping de erros que tinha de consertar, isso se ela não quisesse desistir de tudo que tinha lutado tanto para conseguir.

Adriana sentiu a umidade da água entrando por suas narinas, olhava para a enorme baía a sua frente e sentia o frescor do vento que fazia seus cabelos negros tremularem. Ao longe podia ver as ilhas mais distantes como uma linha verde no horizonte, copas de árvores mais altas se destacavam como guarda-chuvas sobre as outras. O céu estava escuro, pincelado por listras azuis e ciano. A noite já tinha tomado grande parte do ambiente e as pessoas que antes estavam por ali já se arrumavam para ir embora. Alguns barcos de pesca cruzavam em direção ao Ver-o-peso e seu mercado de odor não muito agradável. Virou-se para olhar mais de perto, se levantando do banco de pedra e seguindo até o guarda-corpo prateado.

Estava tarde para voltar para casa, e apesar daquela parte da cidade ainda ter certo movimento das pessoas que iam à igreja ou aos bares próximos, ela sabia que as ruas vazias da cidade velha não eram muito seguras depois das seis. As ruas estreitas e a falta de movimento atraíam criminosos, e ela pensava em que caminho seria mais seguro.

— Não achei que fosse te ver de novo.

A voz conhecida fez com que se virasse depressa. O mesmo rapaz daquele dia tinha reaparecido, sentado despreocupadamente sobre o banco de pedra atrás dela, usava um longo casaco e estava semi escondido pela escuridão da noite.

— Você!

Ele sorriu, se levantando para cumprimentá-la, formalmente.

— Faz algum tempo...

Ela não sabia como tratá-lo. Uma parte dela quis o abraçar, mesmo que não o conhecesse, suas palavras naquele dia difícil foram de enorme ajuda.

— Eu esqueci de perguntar o seu nome!

Um sorriso cresceu em seus lábios, formado por dentes impressionantemente brancos.

— Damiani.

Não conhecia ninguém com aquele nome, em verdade, não conhecia ninguém como ele.

— Que nome diferente, bonito.

— O seu é Adriana, não?

Ficava feliz que ele ainda se lembrasse dela depois de todo aquele tempo.

— Sim! Sabe, até hoje não faço ideia de como você sumiu naquele dia!

Damiani andou alguns passos, voltando a se sentar no banco de pedra e analisá-la. Seus olhos não saíam dos seus, chegando a um ponto desconfortável.

— Eu só me escondi quando você se virou. - Disse com um olhar arteiro. - Foi engraçado te ver confusa depois.

— E agora você aparece do nada de novo?

Ele balançou a cabeça afirmativamente, não parecia muito preocupado.

— Está esperando alguém por aqui?

Perguntou Adriana, temendo estar atrapalhando algum encontro dele.

— Não, só estou fazendo o mesmo daquele dia, ficando sozinho. E você?

Adriana foi até ele, se sentando ao seu lado e voltando a olhar para a água perolada.

— Temos isso em comum... Gostar de se isolar para pensar melhor.

Ele finalmente tirou os olhos dela, os direcionando para a água. Sua respiração era pesada, parecia estar cansado.

— Está melhor? Digo, melhor do que da última vez que nos vimos?

Ela não respondeu por alguns segundos, pensou em tudo que tinha acontecido, finalmente tinha feito amigos e uma certa popularidade, estava ajudando em casa, e apesar de estar nervosa ao pensar no grupo de dança, tinha esperança de que iria melhorar. O *bullying* continuava, mas ela não esperava nada de bom de pessoas como eles, então os ignorava o máximo que podia.

— Sabe que estão melhores?

— Isso é ótimo! Espero que não tenham feito mais nada.

Adriana voltou seus olhos aos dele.

— Não, só aqueles apelidos chatos, sabe...?

— Entendo...

Seu cabelo voava para trás de seu rosto, os cachos estavam ainda mais longos, suas mãos pálidas estavam sobre o seu colo, permitindo que se vissem suas veias em um tom verde azulado e tinha uma das pernas cruzadas sobre a outra.

— Mas e tu? Nunca falou de ti, nem sei quem tu és, na verdade.

Ele sorriu, enfiando as mãos dentro dos bolsos e se inclinando para trás.

— Se pensar bem, também não sei quem tu és.

Ela lhe devolveu um sorriso, toda aquela situação era bem estranha.

— Tem razão. - Disse ao estender sua mão para ele. — Bom, me chamo Adriana, tenho 16 anos e estudo naquela escola antiga perto da Praça da República, moro com a minha avó na Cidade Velha e é isso, eu acho.

Ele tocou sua mão, mas sem a cumprimentar.

— É um prazer... Bom, eu sou Damiani, tenho 18 e moro sozinho, não faz muito tempo desde que cheguei na cidade.

— Bom, você realmente não parece ser daqui.

Confirmou enquanto fitava o seu cabelo ruivo e duas roupas estranhas.

— Moro perto do cemitério, então é por isso que vou lá vez ou outra, mas ainda não conheço muito bem a cidade.

E viu naquilo uma boa oportunidade para vê-lo mais algumas vezes.

— Eu posso te mostrar melhor a cidade, se você quiser...

— Seria incrível, ainda mais por sua companhia.

Adriana sentiu suas bochechas corarem, estava surpresa com o modo com que ele a tratava, deveria ser o comum, mas a maioria das pessoas estava tão afundada em preconceito que não se permitia aproximar dela. Ao mesmo tempo estava confusa sobre suas intenções, se tinha algum interesse nela ou se somente estava buscando a sua amizade, seja qual dos dois fosse, seria recíproco.

— Está meio tarde, não é perigoso para você voltar para casa sozinha?

Somente com aquela frase ela percebeu quanto tempo tinha passado ali, o céu não tinha mais as listras azuis de antes e agora estava mudando para uma tonalidade avermelhada, a água da baía começou a ficar revolta e um vento frio soprou sobre ambos.

— Caramba, tem razão, pior que vai ser péssimo pra voltar sozinha essa hora.

Ele se levantou, estendendo a mão para ela, amigavelmente.

— Posso te levar em casa, se não for incômodo.

— Não fica perigoso para você, digo, voltar para casa depois de me deixar na minha?

Disse enquanto se levantava, se colocando ao lado do misterioso rapaz, que seguia ao seu lado para fora do complexo.

— Tenho meus métodos para me defender. - Disse entre um sorriso de canto. — E eu gosto de andar por aqui a noite.

— Isso é meio estranho.

Ela olhou ao redor, a praça quadrangular na frente da casa das onze janelas era decorada por vários arbustos de flores vermelhas que formavam um labirinto baixo, ao seu centro uma enorme estátua de bispo parecia indicar um caminho. Tudo naquele lugar era monumental, e bonito, as igrejas e casas centenárias ao redor, o piso de pedra, e até mesmo as barracas de água de coco que circundavam a praça, decoradas por pendentes de luz amarela.

— Tenho certeza que não é mais estranho que o modo como nos conhecemos.

Adriana deu uma sonora risada.

— Isso é verdade.

O ruivo contemplou o ambiente, seus olhos de cor amarelada passearam pelos prédios, pelas duas antigas igrejas e por final, fitaram a própria praça.

— É impressionante como essa cidade é bonita.

Ela olhou ao redor, confirmando sua constatação.

— E a sua? Não era?

— Até que sim, mas eu não tinha muito tempo ou disposição para sair.

Seguiram pelo lado da igreja, descendo silenciosamente por entre a estreita rua de pedra, não parecia haver o que se preocupar, se desconsiderasse a escuridão da pouca iluminação e o enorme corredor de casas e lojas vazias, diria até que seria um passeio tranquilo. Algumas senhoras assustadas também os acompanhavam à distância, voltavam da missa noturna. As que passavam ao lado dos dois encaravam fixamente quem a acompanhava, não sabia se de medo ou pela estranha reação magnética que ele criava.

— Está tudo bem?

— Eu diria que sim, estou surpresa por ter te reencontrado.

Ele olhava ao redor, procurando por algum perigo enquanto a guiava pela parte interna da rua, andava um tanto desengonçado e com o pescoço ereto, sempre em um alerta exagerado.

— Foi algo bom, você ia voltar sozinha.

— Pois é, foi o que eu pensei também.

Um silêncio se fixou entre os dois, isso até chegarem à rua de pedra onde ela morava. A caminhada não durou mais que alguns minutos, e ela não sabia bem o que dizer para ele.

— Eu moro aqui. - Disse ao parar na frente da casa amarela, nada tinha mudado em sua aparência desde que tinha chegado, talvez ela tivesse ainda mais limo do que quando chegou.

— Parece uma casa bem antiga.

— Ah, é sim, é herança de família.

Seu olhar para a casa era de desconforto, e analisou os seus detalhes antes de se despedir, apressado.

— Bom, já que está segura, tenho que ir.

— Espere! Eu nem tenho seu número, quando vamos nos ver de novo?

Viu que deu as costas, subindo pela rua de pedra.

— Me encontre na frente do cemitério, umas 17 horas amanhã, tudo bem?

Quase gritou, enquanto ela não entendia nada do que estava acontecendo.

— TUDO BEM!

Ele se virou, já no final da rua, e a deu um cumprimento, sumindo na escuridão da via de cima.

— Que coisa mais esquisita.

Desabafou indo até a porta de sua casa e a abrindo com sua cópia de chave. Sua avó estava perto da porta, irritadiça, havia descido da cadeira para o sofá e tecia um pano de prato rapidamente com dedos nervosos. Na televisão, assistia uma novela, sabia que aquela só passava bem tarde, e teve noção da hora que devia ser.

— Onde estava?!

Adriana a ignorou, deixando a mochila da escola no suporte, e seguindo até a cozinha.

— Estou falando com você!

— Estou bem, vovó!

Gritou do final do longo corredor, sua avó protestou da sala, mas essa era a última de suas preocupações naquele momento.;

Segunda-feira

No dia seguinte, foi difícil se concentrar no que quer que fosse, a aula parecia passar devagar, e ela pensava no encontro que tinha dali a poucas horas, se é que ela pudesse chamar assim. Não tinha tido mais nenhum daqueles sonhos super reais, o que era bom, eles a deixavam desorientada e confusa.

Em casa, sua avó ainda parecia chateada com sua demora no dia anterior, mas ela não sabia o que responder, dizer que tinha sido acompanhada tarde da noite até em casa por alguém que ela nem sabia quem era e que havia conhecido em um cemitério não era uma boa opção, na verdade, quando pensava melhor em tudo aquilo, tudo dizia para se afastar dele.

A escola se mantinha monótona. Naquele ponto estava indo para a segunda avaliação, a primeira tinha sido mediana, nada diferente do que esperava, suas maiores notas eram sempre nas matérias envolvidas em arte ou história. Pensava em seguir alguma carreira naquele ramo, o resto parecia impensável, era ruim se sentir pior que os outros alunos, incapacitada, mas quando se lidava com a dor do luto e do *bullying*, era difícil pensar em cálculos e fórmulas de química.

— Você está estranha hoje, aconteceu alguma coisa?

Disse Beatriz, sussurrando no meio do fim da aula de química.

— Eu vi o garoto de novo!

— Não acredito!

Disse quase em um grito, que teve de ser contido por Adriana.

— Shh... Não faça tanto barulho!

Emitiu uma risadinha baixa, forçando a mão de sua amiga para longe.

— Então ele não é um fantasma!

— É, aparentemente não, só é muito esquisito mesmo.

O professor olhou para trás, irritado com o cochicho das duas.

— Qual o insta? Vão se ver de novo?

Sentiu-se ainda mais estúpida por não ter perguntado nada sobre ele, assim como na primeira vez, faria isso com toda certeza pela tarde.

— Eu não perguntei...

— Pelo amor de Deus, garota!

O professor se virou, apontando para as duas.

— Fora, as duas!

Se entreolharam, se levantando e buscando suas mochilas para sair da sala.

— Parabéns, Beatriz.

Ela deu de ombros, arrumando o cabelo curto e azul em um pequeno rabo de cavalo sobre a cabeça.

— Melhor, dá pra conversar em paz.

Se sentaram no banco em frente à sala, sua amiga parecia mais animada com a história do que ela, o sol já estava forte, e a pequena árvore plantada ali próximo, era a única fonte de abrigo.

— Que fome! - Disse entre um bocejo. — Mas continue. Então, ele sumiu de novo?

— Me disse para o encontrar hoje, de novo.

Ela sorriu, apertando a barriga de sua amiga em cócegas.

— Ah! Então você tem um encontro?

— Para! — A repeliu entre uma risada. — Estou nervosa demais.

Parou na sua frente, arrumando os seus cachos entre os dedos.

— Ele é mais velho?

— Segundo ele, ele tem 18 anos e é de outra cidade.

Ela fez biquinho, soltando o seu cabelo sobre o rosto.

— Cuidado, viu? Nunca se sabe.

O sinal do fim da aula soou pelo corredor, e sua amiga pegou sua mochila, ansiosa em poder ir embora, era uma pena que sempre estivesse com tanta pressa, mas temia ser invasiva se a perguntasse.

— Até amanhã, e bom encontro pra você com o carinha estranho.

— Até amanhã!

A respondeu com um aceno, enquanto via sua amiga correr para a saída. Adriana não tinha muito tempo para pensar na conversa que tinha acabado de ter, ainda teria ensaio pelas próximas duas horas, e esperava que a líder do grêmio não a incomodasse muito. Se levantou, caminhando pelos cantos enquanto centenas de alunos seguiam na direção contrária, rumo ao portão da escola. Se aproximava do almoço e não havia comido nada, as coisas em sua casa estavam cada vez mais apertadas, teria de se empenhar mais nas vendas se quisesse ajudar a sua avó.

A quadra era relativamente grande, havia arquibancadas de concreto de ambos os lados e alguns provadores bem ao fundo da sala, seguiu até lá, aproveitando que o provador feminino

estava vazio e que não a incomodariam. Banheiros e provadores eram ruins, ao menos quando se é uma pessoa trans. Já tinha sido expulsa de alguns, e de modo algum iria no masculino, que era exatamente onde algo de ruim podia realmente acontecer. Com ela.

Buscou a cabine do fim do corredor, olhando ao redor enquanto seu coração palpitava, nervoso. Ao entrar trancou a porta e colocou o uniforme de educação física, conferindo se tudo estava no lugar, aquele era um momento tenso. Contraía-se em desconforto com o próprio corpo, olhou-se rapidamente no espelho e saiu correndo para fora, com medo de que mais alguém chegasse.

— Ora, se nossa solista não chegou cedo hoje.

Disse Jéssica, com os braços cruzados e o mesmo olhar de julgamento. As duas outras garotas que competiriam com Adriana seguiram rumo ao mesmo provador, deixando as duas sozinhas.

— E aí? Como está se sentindo? É muita responsabilidade representar o primeiro ano, né?

— Bom, é verdade, espero que dê tudo certo.

Ela fez um breve aceno, indo para o provador também. Alguns alunos que participariam da quadrilha normal começaram a chegar e ela se sentou ali próximo, olhando-os de longe. Naquele ponto já conhecia a maioria deles, não que isso os fizesse mais amigáveis, viu que algumas delas se aproximaram, e abraçou a própria mochila em um ato de desconforto.

— Você é o garoto que vai solar pelo primeiro ano, né?

Ela sorriu, desconfortavelmente.

— Que diferente. - Disse a outra. — Primeira vez que acontece.

— Mas você se considera mulher?

Não fazia ideia de onde queriam chegar com aquela conversa, mas cada pergunta tinha a capacidade de ser mais inconveniente do que a outra, mas seria melhor se ela não arrumasse mais inimizades. “As vezes as pessoas não são más, Adriana, só burras.”

— Sim, eu sou trans.

— Legal, podemos ser amigas.

Naquele ponto, não sabia o que dizer, então se manteve com um sorriso sem graça.

— Claro...

A outra, que até então tinha se mantido quieta, finalmente disse algo.

— Você vende maquiagem? Uma garota do segundo ano me disse.

— Ah, sim, vendo.

A morena sorriu, se sentando do seu lado, parecia ter notado o seu desconforto e tentado intervir.

— Posso dar uma olhada?

Finalmente alguma venda, pensou, indo até a mochila e pegando a revista com os produtos. A garota a abriu, olhando algumas de suas páginas e marcando o que queria, agradecia mentalmente pelo dinheiro que entraria e pelo fim das perguntas das outras. A loura voltou, acompanhada das outras solistas e de algumas pessoas da quadrilha principal.

— Adriana? Vamos! Depois você vende essas coisas. — Disse em voz bastante alta, fazendo algumas das pessoas virarem o pescoço para a cena.

— Você vai precisar treinar bastante ainda.

Sua única reação foi um sorriso. A outra aluna devolveu a revista, que guardou rapidamente de volta na mochila, suspirou, olhando para todos ao seu redor e para a quadra vazia a sua frente, provaria a todos o seu valor.

Mais tarde

Bem quando o sol começava a descer detrás das mangueiras frondosas da sua rua, Adriana conferia o seu reflexo contra o espelho, apertando os cachos entre os dedos e dando uma rápida olhada pela janela. Estava nervosa, e aquelas borboletas em seu estômago insistiam em girar e fazer suas mãos suarem frio.

— Onde vai?

Disse sua avó, preocupada, enquanto tecia mais um de seus bordados e assistia à televisão, com um dos pés sobre a cômoda.

— Vou... Ver um amigo.

Alessandra respondeu com um sorriso malicioso.

— Amigo, é? Cuidado lá.

Adriana sorriu e, nervosa, seguiu até a porta alta de saída da casa. O clima estava ameno e as nuvens cobertas por nuvens em tons de cinza. Esperava que não chovesse como nos dias anteriores. Uma brisa suave soprava as folhas das mangueiras que caíam ao chão em um som seco, e olhou para o topo dos prédios vizinhos, onde alguns urubus se assustaram e saíram voando em direção ao sul, deixando um rastro negro de suas enormes penas.

Pensando melhor em tudo que acontecia, ela começou a ficar nervosa, toda aquela situação era bem mais suspeita que romântica. Ele poderia ter marcado um encontro em literalmente qualquer lugar da cidade. Esperava que tudo aquilo fosse uma tentativa de parecer misterioso ou uma excentricidade, parecia ser algo dele, já que tinha se escondido da última vez que se viram com o puro objetivo de deixá-la assustada.

— Ele não vai me matar... Tenho que parar com isso.

Sussurrou para si mesma enquanto subia a rua, indo em direção a avenida movimentada, onde carros buzonavam sem parar e caminhões passavam a toda velocidade. Temia que algum deles algum dia invadisse a calçada e a esmagasse contra as construções antigas que seguiam até a praça antiga, mais acima.

Era um fim de tarde comum, muitas pessoas andavam de um lado para o outro, alguns engravatados se agarravam às suas pastas, temerosos, iam em direção às paradas de ônibus na mesma via ou até os carros irregularmente estacionados na calçada. Além de todos os monumentos históricos, o posicionamento privilegiado daquele bairro fazia com que se concentrasse vários prédios públicos e torres comerciais.

Durante o dia, o lugar inteiro ficava cheio de vida, seguro por vários policiais, mas à noite todas as pessoas voltavam para as suas casas, geralmente bem longe do centro, e o lugar parecia um verdadeiro deserto. O fim da tarde revelava aquele cenário, e todos que passavam grande parte de seus dias por ali retornavam para as suas famílias.

Estava insegura sobre a sua aparência, não era bem uma novidade, mas gastou quase uma hora até escolher alguma roupa que a deixasse mais confortável, e mais bonita também, não fazia ideia do que fariam, ou qual era o seu interesse nela. Acabou escolhendo um longo vestido florido que quase tocava seus pés e umas botas de cano curto, os combinando com alguns acessórios que pegou emprestado de sua avó, dando a ela um toque romântico.

Depois de mais algumas ruas e de encarar os mesmos olhares rotineiros de estranheza, chegou até a pacata via que dava acesso ao cemitério. Havia alguns comércios por ali que já estavam fechados e algumas pessoas que seguiam na direção contrária, rumo à bela e antiga praça que coroava aquele ambiente.

Já ao longe, forçou a visão para perceber que ele estava encostado perto do portão de ferro, provavelmente estava alguns minutos atrasada, e correu até ele, que esboçou um sorriso satisfeito assim que a viu chegando.

— Adriana!

— Eu demorei muito? Desculpa!

Embora já o tivesse visto duas vezes antes, sua aparência sempre lhe era surpreendente. Sua pele era radiante, em um tom meio azulado, seus olhos eram naquele inédito tom amarelo gritante e seu cabelo como a chama de um sol de outono.

Desta vez, tinha tirado os cachos da frente dos olhos, os prendendo em um coque atrás de sua cabeça, usava roupas escuras e formais, uma calça cargo azul marinha e sobre seu corpo magro, vestia uma camisa social branca que parecia ser alguns números maiores que ele. Em um de seus braços estava um paletó, que devia ter tirado para vê-la e uma bolsa de couro a tiracolo cruzava o seu peito. Parecia radiante, apesar da aparente sensação de ansiedade compartilhada daquele estranho encontro.

— Não, eu que sempre chego no horário marcado, uma mania minha.

— É bom te ver, você sabe, em uma situação mais tranquila.

Disse Adriana timidamente, e ele indicou o caminho a sua frente e a acompanhou com um leve sorriso no rosto.

— Digo o mesmo. A gente sempre se encontra em situações estranhas.

Adriana deu uma risada.

— Cemitérios... Ruas desertas.

— Achei que não viesse hoje, eu teria me assustado em vir aqui a essa hora.

Adriana engoliu a seco, por mais que tentasse se acalmar, olhava todo tempo ao redor pensando em alguma rota de fuga caso as coisas saíssem do esperado.

— Mas não se preocupe, foram só coincidências.

Disse ao parar bem na esquina que dava acesso a praça movimentada. Algumas pessoas faziam caminhada por ali e naquele ponto havia uma forte movimentação em todas as direções.

— Eu ainda não olhei essa praça direito.

— Você deve estar por aqui há pouco tempo mesmo!

Ele se encostou em um poste de energia ali perto, se virando para ela de uma maneira provocadora. Seus olhos não saíam dos dela, a constringendo com uma intensidade que não conseguia explicar.

— Não estou aqui há mais do que alguns meses, e o trabalho consome grande parte do meu tempo.

O sinal bem em frente a esquina abriu, e ele atravessou rumo a um dos vários bancos distribuídos ao longo da praça. O sol tinha surgido das nuvens, e mesmo que fosse no meio de uma metrópole, aquele lugar em especial parecia com um pequeno oásis.

Adriana corria atrás do ruivo sem saber muito bem o que esperar. Ela havia se oferecido para mostrar a cidade, mas não fazia ideia do que dizer, ou de como agir sem parecer completamente estúpida, então mantinha-se em um silêncio tímido.

Ao chegar ao banco, seus olhos passearam pelas várias árvores que cobriam grande parte do passeio, levando seus olhos para cima e ficando bem no meio do caminho dos corredores, que em roupas de academia, se divertiam dando várias voltas pela praça, um deles quase o atingiu, distraído, e Adriana teve que puxá-lo para trás.

— Eu não vi...

— Você está bem?

Damiani caminhou até o banco de madeira, se sentando e virando o rosto em direção a um arbusto de pequeninas flores vermelhas, que tomou entre suas mãos e observou por alguns segundos.

— Eu me distraio muito fácil. Esse lugar todo me faz lembrar de uma coisa meio mágica, sabe, é tudo tão verde.

Ela balançou a cabeça, concordando, e se limitou a se sentar ao seu lado, levando os olhos para frente em direção a rua principal, onde vários ônibus e carros barulhentos seguiam em direção ao shopping que ficava a algumas quadras dali.

— Sim, eu gostava de fingir que era uma princesa enquanto brincava aqui quando era criança. Dizia que aquela ruína de torre bem ali era o meu castelo.

O rapaz olhou para a construção, a torre de pedra estava a alguns metros dali, mas se destacava por estar em um ponto mais elevado, sobre enormes pedras empilhadas e cobertas por um musgo verde das fortes chuvas. Era de alguma pedra avermelhada, e estava um tanto deteriorada, parecia ter sido feita para realmente lembrar um cenário mágico, ruínas decadentes de alguma civilização antiga.

— É muito bonita, realmente.

Ela se levantou, tinha se determinado a mostrar todo o lugar para o seu misterioso acompanhante.

— Vamos! Vou te mostrar o lugar todo.

E parou bem em sua frente, estendendo a mão para que ele se levantasse.

— Seria incrível.

Ele tomou sua mão e o ajudou a levantar. Durante o trajeto, ele ouvia a tudo sem dizer mais nada além de concordar e se deixar guiar, como prometido. Adriana o acompanhou por todo o trajeto de pedras brancas e pretas que formavam o calçamento geométrico dos caminhos internos da praça, indicando cada monumento e contando suas histórias com eles.

Ela sempre ia naquela praça quando mais jovem, apesar de morar longe. Seus pais iam visitar alguns parentes que moravam por ali e aproveitavam para tomar água de côco nas barraquinhas verdes que se estendiam por quase toda a lateral do lugar. Enquanto isso, ela ficava livre, podendo correr com outras crianças no parquinho infantil ou perto das flores.

Era um lugar clássico, onde lagos esverdeados estavam cheios de peixes de várias espécies, e os mais variados arbustos e pequenas árvores tinham sido plantados, criando uma pequena floresta artificial que sombreia todo o caminho. Mais ao final, haviam árvores centenárias com troncos gigantesco que quase não eram acessados pelos visitantes, mesmo com a sua beleza, eram a morada de centenas de garças que ali tinham um ambiente bem favorável, se alimentando dos peixes dos lagos e fazendo seus ninhos nas copas.

Uma das coisas que mais gostava ali eram os vários coretos de ferro em bases de pedra, gazebos que tinham sido construídos no início do século XX e ostentavam rebuscados desenhos em ferro nas suas estruturas, com flores, conchas e pássaros. Seus pisos eram um ladrilho hidráulico colorido, bem similar ao da cozinha de sua casa, que pelo que sabia, era mais antiga que aqueles monumentos.

Eram vários e estavam espalhados por todo o lugar, desde o maior, que ficava bem no centro da praça, e cujo teto tinha várias estátuas de cisnes, até os adjacentes, que abrigavam casais apaixonados nas horas mais tardias do dia.

Falou e falou, contando alguns episódios de sua infância e informações aleatórias sobre a cidade, então as horas se passaram, e o sol ia deixando o ambiente lentamente. Damiani era cordial e parecia genuinamente interessado em cada palavra que ela dizia. Ao terminar aquela caminhada, ele comprou um saco de pipocas, que em parte foi devorado por Adriana, e em outra, ele jogou para os peixes de uma ponte de madeira, bem entre os lagos artificiais. Ela se escorou no guarda corpo, ficando na ponta dos pés para conseguir ver melhor os animais famintos.

— Me desculpa! Eu falo demais!

— Você parecia tão empolgada falando desse lugar, não quis te interromper.

O ruivo sorriu, atirando um grão do saco de papel para os peixes alguns metros abaixo de seus pés.

— Deve ter sido bem chato.

Ele estalou a língua, ainda mantendo a postura amigável.

— Sabe, eu sou um ouvinte melhor do que um falante, sempre é bom saber mais sobre as pessoas.

Adriana ainda estranhava sua roupa muito formal.

— Veio para cá direto do trabalho?

— Sim, eu saí mais cedo, não tinha muita coisa para fazer por lá.

— E trabalha com o quê?

Sempre que ela perguntava sobre ele, sua expressão mudava para um claro incômodo, achava que tinha sido uma coincidência, mas ao perceber que esmagou levemente a pipoca entre seus dedos e parou para pensar em que resposta daria, ela se convenceu que ele não queria falar de si mesmo.

— Ah... Eu trabalho na prefeitura, na parte de contas de turismo, estou sempre viajando.

— Que legal! Tão novo com um trabalho desses?

— Pois é, tive a sorte de passar em uma prova bem difícil para o cargo, mas como eu sou de outra cidade também, tive que me mudar.

Agora, era ela quem alimentava os peixes. Era curioso como vários deles se aglomeravam ali, esperando pelos grãos.

— Você deve ser muito inteligente.

Ele deu de ombros

— Acho que cada um é inteligente da sua maneira.

— Eu não, me sinto uma idiota, principalmente falando com você.

Damiani se virou, interessado no que ela havia dito.

— Por que você acha isso?

— Ah, sabe, eu sou péssima na maioria das coisas da escola.

“Que ótima primeira impressão você está passando”. Se castigou mentalmente, até agora, ele parecia ser bem mais maduro e interessante do que ela.

— Não tem nada que goste?

— Eu gosto de artes, sabe? Teatro, desenhar...

Ele sorriu.

— Eu sou de exatas, mas eu definitivamente acho artistas impressionantes.

— Mesmo?

— Eu sou um péssimo dançarino e não sei desenhar nada, seria incrível se eu tivesse a capacidade de mostrar o mundo na minha visão através da arte. Sinto que nunca vou ser capaz disso, é bastante frustrante.

Nunca tinha visto as coisas por aquela ótica. Observou que o céu já estava totalmente escuro, e ficar por ali estava sendo um pouco entediante.

— Gostaria de ver outras partes da cidade.

— Mas onde vamos? Os museus fecham às seis da tarde.

Alertou Adriana, enquanto seguia o ruivo para longe da ponte.

— Esperava que você me desse alguma sugestão... Você quem ia me mostrar a cidade, certo? Eu li sobre um lugar, as antigas docas da cidade, me parecem um lugar muito interessante e com ótimos restaurantes.

— A Estação Das docas? Ah, definitivamente é um lugar muito bonito, mas digamos que é meio...

— Meio...?

— Meio caro, pra não dizer muito.

Disse entre uma risada, enquanto ele continuava a andar rumo a parte de fora da praça, procurando alguma coisa.

— Eu quem a estou convidando, não se preocupe com isso.

— Que chique. Mas não sei se quero te fazer gastar dinheiro comigo.

Ele finalmente achou um táxi, e acenou para ele, que parou a alguns metros dos dois.

— Não se preocupe, eu teria ido sozinho só por curiosidade culinária, mas vai ser bom ter alguma companhia.

E abriu a porta do banco de trás para ela, que ficou um pouco surpresa com aquela atitude. Indo envergonhada até perto da janela do carro, de onde olhou para fora, sentindo o vento no rosto, e tentando disfarçar as bochechas vermelhas.

— Bom dia!

— Bom dia, casal, estão indo para onde?

Ele fechou a porta, se sentando ao seu lado e olhando pelo espelho o rosto do motorista.

— Estação das docas, por favor. É esse o nome, não é?

— É sim, pode deixar a gente no primeiro portão mesmo.

O homem balançou a cabeça, afirmativamente, e o carro seguiu rua acima, dando um retorno para chegar até a rua principal. Ele agora tinha voltado o olhar para ela, que finalmente teve a coragem de tirar o rosto da janela e voltar a falar com ele.

— Estou ansioso para ver este lugar, pelas fotos que vi parece ser muito bonito.

— Uma pena termos visto o pôr do sol na praça, e não lá, quando ele bate nos paredões de vidro todo o ambiente é iluminado por uma luz amarela muito bonita.

Ele suavemente tocou sua coxa, sobre o vestido florido, somente o calor de sua pele na dela fez com que se arrepiasse por inteiro.

— Temos certeza que teremos a oportunidade de ver algum outro dia, se desejares.

— Eu adoraria.

Suspirou Adriana, enquanto seus olhos passeavam por seus lábios finos, os desviando assim que ele notou suas intenções. Envergonhada, umedeceu os seus, voltando a olhar para as ruas pela janela.

Ele não falou muito durante esse período, e fez umas duas ou três perguntas sobre a cidade até chegar ao seu destino, onde ela fez questão de pagar. Já estava incomodada o suficiente com a sua disposição em bancar todo o passeio.

O céu ainda tinha algumas finas listas de sol, e a morena seguiu na frente, passando pelo pequeno pórtico de ferro e seguindo até a o início do lugar. Ali havia um anfiteatro e alguns bares, com música ao vivo e várias mesas espalhadas, todo o lugar estava bem animado, e dezenas de pessoas andavam de um lado para o outro, conversando entre si e tirando fotos.

— Tem muita gente, não acha?

— Vou ter que concordar!

Disse ao aumentar o tom de voz, tentando se comunicar em meio ao burburinho provocado pela multidão.

— Acho melhor irmos logo até o restaurante!

Seguiram até a parte interna das docas, passando por alguns túneis de vidro e metal tingido de vermelho. Observando melhor, todo o ambiente era naquele material metálico, o projeto aproveitava os antigos galpões de docas da cidade criando vários espaços de lojas, quiosques e escambos.

Havia uma exposição fixa bem na entrada mostrando alguns artefatos encontrados em escavações e equipamentos antigos da marinha. O ruivo tinha ficado especialmente interessado nos fragmentos, e gastou um longo tempo olhando para eles e lendo as placas com suas informações.

O lugar tinha um clima frio, resfriado artificialmente por poderosas centrais de ar, o que parecia uma grande contradição com o clima tropical do lado de fora, soprando uma massa de calor ao rosto de qualquer um que saísse muito rápido de um ambiente até o outro.

— Ali está, o restaurante que te disse.

Indicou Damiani ao apontar para uma plataforma de mesa mais elevada do chão, onde um garçom controlava a entrada, usando uma roupa bem mais formal do que a maioria dos clientes que ali estavam. Pensava que o fato daquela parte estar mais elevada, a ponto de que precisasse subir alguns degraus até às mesas fosse alguma metáfora para Status social, sabia também, que a maioria das pessoas da cidade não tinham condições de ter acesso a um lugar daqueles.

Neste momento, ele buscou o paletó que tinha levado a tiracolo durante todo o tempo que estiveram juntos, e o vestiu de volta arrumandose com o reflexo do vidro das paredes.

— Você fica realmente muito bonito de terno.

Ela deixou escapar, em um suspiro, e o garoto esboçou um sorriso, só por ele, ficou feliz de ter dito aquela frase. Foi a frente, e o garçom deixou que passassem, um tanto desconfiado das faces jovens dos dois, ele de fato, ignorou sua atitude, e seguiu até a parte de trás da plataforma, onde havia uma mesa mais reservada.

Ele, novamente, puxou a cadeira para ela, que ficou um pouco sem entender o que ele estava fazendo, e sentou-se envergonhada ao ver que só estava sendo cordial.

— Obrigada!

O ruivo sentou a sua frente, tirando as mechas da frente de seu rosto e voltando a encará-la com um sorriso amigável.

— Agora vamos poder conversar melhor.

Um garçom se aproximou, deixando dois cardápios na frente dos dois, e saiu, sem dizer muita coisa.

— Parece que não estão muito felizes de nos verem aqui.

— Eu também ficaria desconfiado de dois adolescentes em um restaurante caro como esse.

Damiani tomou um susto ao ver a plataforma suspensa com um músico que ficava tocando música ao vivo sobre suas cabeças.

— Isso sim é surpreendente.

— Eu não conseguiria tocar nesse negócio, admiro os cantores que trabalham aqui.

Ele parecia intrigado com a obra de engenharia que o movia sobre o ambiente, era realmente algo bem diferente.

— Sabe, nossos encontros tem sido tão de repente que eu nem pedi seu número, ou alguma rede social sua.

Ele puxou sua pasta e a abriu, Adriana viu algumas páginas soltas e uma carteira, mas nada tecnológico.

— Para que não digas que estou mentindo.

— Não entendi.

— Não tenho celular, nem pretendo.

Aquilo parecia uma coisa completamente fora de cabimento nos tempos atuais, ela própria começava a ficar agoniada se ficasse alguns minutos longe do seu.

— Gente, nunca tinha visto isso.

— Imagino... É uma coisa de família. Eu nasci em um lugar que realmente ninguém tinha, um interior minúsculo. Quando me mudei para cá fiquei assustado com como as pessoas são viciadas nisso, quase dependentes.

Estava boquiaberta.

— Mas como você fala com as pessoas do trabalho?

— Bom, eu trabalho com números. Meu trabalho até pede que eu não me distraia mesmo. Quando preciso de alguma coisa, eu mando um e-mail. Não sei se recorda da primeira vez que nos vimos?

O dia em que chorava sobre um túmulo, não era a melhor primeira impressão a se passar.

— Sim, como eu poderia esquecer? Achei que tu fosses uma assombração!

— Lembro que você estava bem triste, algumas pessoas tinham atacado os seus perfis na internet e tudo mais. Realmente, existe uma coisa boa e ruim em todas as coisas, não me querendo sentir superior a ninguém, mas tem muito mais atividades que gosto de fazer que acredito que ter um celular e as redes sociais iriam atrapalhar.

Temia imaginar quais eram aquelas atividades.

— Nossa, eu não conseguiria!

— Nem você, nem ninguém atualmente, eu acho. Só espero não parecer muito louco por isso.

Ela o respondeu com uma risada.

— Eu diria excêntrico.

— Gosto dessa palavra! Ao invés disso, nós poderíamos curtir a noite, como ela realmente é, e não através de uma imagem sem vida.

Ele fez sinal para o garçom.

— Já decidiu o que vai comer?

Adriana sequer tinha olhado as opções, mas havia uma espécie de jantar pronto, aquela coisa de entrada, jantar e sobremesa. Ela pediu um daqueles, e ele a acompanhou, pedindo uma garrafa de cerveja preta. O mais engraçado foi que o garçom pediu a sua identidade, não acreditando que ele era realmente maior de idade.

— Foi uma boa escolha.

— Finalmente vai comer a comida regional que queria.

Damiani balançou a cabeça, afirmativamente.

— Não quero parecer precipitada, mas se a gente for se ver de novo, como nós marcamos?

— Ah, é só falar o dia e a hora e eu apareço, não se preocupe.

Naquele momento, se sentiu meio mal, talvez fosse só uma desculpa para não ter que assumir nenhum compromisso. Já tinha escutado muitas insanidades de pretendentes querendo se desviar.

— Bom, se você prefere assim eu respeito, mas como você fala com a sua família?

Ele suspirou fundo, e viu que apertou o punho sobre a mesa.

— Não tenho família. Não gosto muito de falar disso, foi um dos motivos de eu vir pra cá.

— Me desculpa pela pergunta. De verdade.

Ele suspirou, e ela tocou sua mão.

— Eu sei como é, perdi meus pais há alguns meses, por isso que eu moro com a minha avó.

— Como é essa história?

Ela fechou os olhos, diferente dele, falar até diminuía o peso que tinha em seu peito.

— Racismo. Minha mãe estava doente e meu pai estava correndo com ela pro hospital de carro em uma madrugada. Passaram por uns policiais que estavam cercado uns assaltantes, que por coincidência, não estavam muito longe dali, foram fuzilados.

— Não acredito! E por que fizeram isso?

— É o que acontece quando eles vêm pessoas pretas num carro.

Ele ficou sem reação.

— Sinto muito, espero que você tenha justiça por isso algum dia.

— Eu também.

Após o jantar, o lugar estava bem mais tranquilo, e ela andava ao seu lado pelo largo passeio de blocos de pedra. O vento forte que soprava frio sobre ela fazia que seu cabelo voasse em ondas sobre o seu rosto, fazendo o seu vestido fino voar na direção contrária.

Os guindastes externos em ferro pintado de amarelo tornavam a escala do ambiente impressionante, eram usados, a muitas décadas atrás, para içar os recebimentos dos barcos de carga até a cidade, mas agora, eram somente grandes objetos de escultura. Perto das partes de baixo dos equipamentos, ele se sentou em uma das estruturas que formavam a sua base, olhando para a água escura e soltando o cabelo, que voou em ondas para trás de sua cabeça.

— O jantar foi fantástico.

— As comidas aqui são bem diferentes, aquela maniçoba, acho que assim que se fala, é venenosa mesmo?

— Bom, é venenosa se não for feita direito.

— E eu achando que aquele sushi de baiacu que tem no Japão fosse a única comida perigosa.

Ela deu uma risada.

— Sabe, você me deixa curiosa.

Disse enquanto se aproximava dele, segurando o vestido para que não se levantasse.

— Por que?

Adriana se sentou bem ao seu lado, levando o olhar para o mesmo ponto que ele.

— Você é bonito, tem um bom emprego, não sei porque anda comigo.

— E por que não andaria?

— Não sei, você não tem medo do que as pessoas vão pensar de você?

Ele virou o rosto para ela, seus olhos ainda mais brilhantes pela luz amarela dos postes internos ali próximos.

— Eu não acho que seja tudo que me disse, mas agradeço. Agora se eu realmente sou, seria mais um motivo para não me importar com a ignorância dos outros. Apesar de saber dos meus privilégios, eu acho que tenho algumas coisas em mim que elas próprias vêm como estranhas ou ruins.

— E quais seriam?

— Bom, começando pela minha personalidade que você mesma chamou de excêntrica, meu cabelo grande e por fim, minha sexualidade.

Ficou feliz que ele finalmente tivesse tocado naquele assunto.

— Já estava curiosa sobre isso.

— Era só ter perguntado.

Adriana deu uma risada.

— Tive vergonha.

— Eu sou bem tranquilo com relação a isso, eu sou pansexual. Acho que assim que chamam, né? Você vai achar bem estranho, mas meus pais nunca fizeram distinção.

Seu tom de voz sempre mudava quando ele falava de seus pais, tinha curiosidade para saber o que tinha acontecido com eles, mas preferia não ser inconveniente.

— Como assim?

— Eles sempre me deixaram bem livre, pra vestir o que eu me sentisse confortável ou me apaixonar por quem eu gostasse. Me lembro que meu pai dizia “Seja quem for, se seu coração disser que é a pessoa certa, deixe que ele te guie.”

— Que bonito, confesso que nunca tinha visto pais tão liberais.

Lembrou de todas as reações ruins e as coisas cruéis que seu pai tinha dito, até mesmo sua mãe, no início.

— Todos os pais deveriam ser assim, quando se tem um filho, ele não tem que ser uma cópia de você.

Os olhos do ruivo passaram pelo seu rosto.

— Eu também não acredito que seja cis*, nunca me enxerguei como um homem exatamente, talvez algo além disso.

— Você é trans também?!

Balançou a cabeça, como se ainda tivesse dúvidas.

— Estive pensando nisso desde que te conheci, não binário talvez, sabe, sempre acreditei que a vida fosse muito mais profunda que o que nos impõem, masculino e feminino, mas gosto dos pronomes masculinos, então não se preocupe com isso. Fico feliz em conhecer alguém que tenha tanto em comum comigo, até nisso.

— Eu também, e foi de uma maneira tão, sei lá sabe? Inesperada.

Uma de suas mãos suavemente tocou a sua cintura.

— Talvez seja o destino.

Ela segurou a barra de sua gola, e o puxou delicadamente até os seus lábios, e surpreso, ele a correspondeu, acolhendo o seu corpo contra o seu.

Três passos para se apaixonar

Seus pais geralmente se davam bem, ela diz geralmente porque havia presenciado várias brigas, nada violento ao ponto de agressões, mas ficavam horas gritando um com o outro. Aquele tinha sido um dos sons de sua infância, e cresceu com a convicção de que se casasse algum dia, não deixaria que as coisas chegassem àquele ponto.

Um dia, quando ela tinha lá pelos seus quatorze anos, sua mãe sumiu após uma daquelas brigas. Acreditando que seu pai a tivesse machucado, procurou pela casa inteira, não achando em lugar nenhum. Seu pai tinha saído alguns minutos antes, batendo a porta de casa e xingando corredor a fora, não sabia onde ele tinha ido, mas viu pela janela que seguiu sozinho até a garagem, pegando o carro e indo embora.

Começou a se desesperar, e quando lágrimas de preocupação já escorriam pelo seu rosto, ela achou sua mãe chorando escondida no chão do pequeno ambiente da despensa que ficava na sala. Ela estava bem, não estava machucada, só tinha se escondido ali para que a garota não a visse chorando pelas palavras duras de seu pai. Sentia-se culpada, a relação deles tinha piorado bastante desde que havia se assumido, e naquela época de recém transição, tudo era muito confuso.

— Não me olhe assim, não é sua culpa o seu pai ser um homem tão sem amor.

A mulher escorou-se no balcão, e Adriana deu um copo de água para ela.

— Quero que me prometa uma coisa! Agora você é uma mulher, não só mais internamente, mas externamente.

E bebeu sôfrega do copo de água que agarrava em suas mãos, com longas unhas tingidas de vermelho.

— Saiba que para nós o mundo vindo dos homens é bem cruel! Me prometa que nunca, nunca, vai se apaixonar por um homem que não te merece?

— E como eu vou saber que ele não merece?

A mulher suspirou, soltando o copo sobre o balcão, e se sentando.

— Tem três coisas que eu considero essenciais em um relacionamento: A pessoa tem que se importar com você, ter cuidado quando você está doente ou somente triste. Segundo, precisa te respeitar, de um modo que aceite quem você realmente é, e não tente moldar a sua personalidade ao próprio gosto. Terceiro, e não menos importante, que te desperte fogo!

Disse sua mãe, dando uma risadinha com a última frase, e limpando as lágrimas de seu rosto com as pontas dos dedos, que levou para tocar suavemente o rosto de sua filha, com carinho.

— Eu prometo.

Cuidado

Muitos dias se passaram desde aquele primeiro beijo que tiveram em uma noite fria na estação das docas. Logo após aquilo, não teve uma semana em que não marcassem para sair, muitas vezes, vários dias na semana, e ele, como prometido, sempre estava lá bem na hora, como se fosse algum tipo de mágica ou pontualidade inglesa.

Tinha completado seu trabalho como guia turística, mesmo que de forma irônica ele quem trabalhasse com isso na prefeitura “É um trabalho chato, só tem números e mais números” Ele

insistia. Algumas vezes, ela própria foi buscá-lo no trabalho, e de lá, que não era tão longe dos museus e pontos turísticos, foram muitas vezes ver exposições, conversar sobre a vida ou só trocar alguns beijos próximo a baía.

Foram desde as pequenas salas com quadros modernistas na casa das onze janelas, até às enormes instalações do parque do Utinga.

A relação entre os dois continuava sendo um mistério, ela não sabia quase nada sobre ele, ou exatamente onde ele morava, mas sempre que estava triste com algo ele era o primeiro a ser presente.

Presente até demais. Com o passar do tempo, ele começou a demonstrar de maneiras mais realistas, com pomposas declarações, presentes e algumas cartas.

Nunca tinha recebido uma antes e ficou impressionada ao ver a sua letra com caligrafia perfeita e um texto tecendo elogios a tudo que ela era, sua personalidade, sua aparência e a convivência entre os dois.

Ela não conseguia deixar de estar receosa, era quase como se uma voz em sua cabeça insistisse que ele a estava enganando ou que estava escondendo alguma coisa, então mantinha sua promessa com a sua mãe.

Na escola, as coisas não tinham mudado muito, só acabou se afastando um pouco de Beatriz, que estava muito dedicada a vida de casada e as responsabilidades do trabalho, então preferia não perturbá-la com os seus problemas, preferindo falar de coisas boas, do seu relacionamento e de coisas que gostavam em comum. O que mais a tinha perturbado era a apresentação da quadrilha, estava quase desistindo por causa de Jéssica, a pressão estava deixando-a louca, cada erro seu resultava em uma bronca ou humilhação pública, e estava cada dia mais cansada psicologicamente. Sentia que tinha todos os olhos da escola sobre si, e já a julgavam precipitadamente como incapaz.

A situação financeira não tinha melhorado, e estavam fazendo um esforço para pagar o vestido da dança usando o dinheiro de suas vendas na escola e para algumas vizinhas, que antes compravam de sua avó.

Toda aquela situação tinha refletido em suas notas, e ela se saiu péssima na maioria delas, se não as recuperasse na segunda avaliação teria que ficar mais algumas semanas na escola no final de junho, o que seria um empecilho caso quisesse viajar de férias para a casa de seus tios, em outra cidade.

II

— Senhorita Vivienne?

Era a mesma sala de pesquisas que já tinha visto antes, suas superfícies em madeira, e os vários artefatos que estudava há meses dispostos a sua frente. Sobre o balcão, as coisas não estavam nada fáceis na pesquisa, haviam sempre alguns funcionários do governo à espreita, e a presença deles bem mais atrapalhava do que ajudava. Algumas verbas tinham sido cortadas também, e era difícil desvendar o significado de cada uma daquelas simbologias centenárias sozinha.

Ela se virou, usava outro de seus vestidos em tons pastéis, e um pequeno chapéu com um arranjo floral estava ao lado de sua cabeça, formando um delicado penteado entre suas madeixas trançadas. Sua pele parecia ainda mais pálida com a luz amarela de uma vela, todo o ambiente tinha um cheiro de terra, madeira e parafina.

Seu mentor, o mesmo idoso barbudo e com roupas pomposas, estava bem a porta, parecia estranhamente animado, e isso não acontecia há um bom tempo, ao menos, desde que cortaram mais verbas e eles receberam uma intimação por estarem “falando demais” sobre a pesquisa.

— Te atrapalho?

— Não, sempre é um prazer a sua visita.

Ele se virou, como se falasse com alguém que aguardava do lado de fora, logo entrando na sala, acompanhado por alguém que muito em breve, transformaria sua vida para sempre. (Ele se virou, falando com alguém que aguardava do lado de fora e agora entrava na sala. O que não sabia era que quem o acompanhava, em breve, transformaria sua vida para sempre.)

— Sendo assim, quero que conheça seu novo colega de trabalho.

Um rapaz entrou timidamente no recinto, era alto, corpudo, e tinha uma expressão curiosa. Seus cabelos eram de um loiro escuro, penteados para trás e presos atrás de sua cabeça e com uma barba relativamente grande, mas não tanto quanto a de seu mentor. Contudo, o mais marcante eram seus olhos amarelos, como se um fogo ardesse atrás de suas íris, estava tão encantada, que a voz do professor no fundo pareceu um pano de fundo sem muita importância.

— Nossa pesquisa deve estar rendendo frutos, minha cara. O Doutor Andersen veio da Academia de Ciências de Londres até nossa pequena cidade para nos acompanhar. Acredito que seus conhecimentos em decodificar essas tabuletas serão de ótima ajuda.

Ambos se fitavam como se já se conhecessem há muito tempo, e ficaram assim por alguns segundos, contemplando a existência um do outro. Ele se aproximou, finalmente, e com uma reverência, tomou sua mão, que beijou suavemente.

— Muito prazer! Será uma honra trabalhar com você nesta pesquisa, li muito sobre o seu trabalho.

Ela fez uma leve reverência, embargada pelo tom grave e com um pesado sotaque britânico de sua voz.

— O prazer será meu, doutor.

Terça-feira

Outro daqueles sonhos. Fazia um tempo que não tinha nenhum deles. Acordou com o som do alarme de seu celular tocando bem alto, já que era rotina em dias de semana como aqueles. Estava feliz, ia sair com Damiani mais tarde para ir até o shopping ali perto. Já ao levantar, deu alguns passos para fora da cama, e sentiu que havia algo de errado, estava fraca, e viu o chão girar abaixo de seus pés e encostando-se na parede para não cair contra o chão.

— Vó?

Ela sussurrou, indo até a porta e se arrastando pelas paredes até o banheiro, onde vomitou seu jantar inteiro. Sua avó, que já tinha acordado, ouviu o barulho e apareceu na porta com sua cadeira de rodas, tentando olhar para a neta pela escuridão.

— Nossa Senhora! O que você tem?

— Eu não sei.

Ela a levou até a sala, onde ficou encolhida no sofá entre seu pijama. Sua avó começou a ligar para a vizinha, que apareceu batendo na porta alguns minutos depois.

— O que aconteceu?

— A menina tá passando mal!

Era uma senhora de meia idade, branca e com uma expressão que parecia constantemente assustada. Tinha um cabelo preto na altura dos ombros, com fios brancos que saíam da altura de

sua raiz até a ponta de seu cabelo. Ela se aproximou de Adriana, que abraçava o próprio corpo, enquanto tremia, e colocou sua mão na altura de sua testa.

— É febre... Parece bem alta, tem que levar no hospital.

A mulher olhou ao redor, não tinha condições de sair às pressas com aquela cadeira.

— Eu levo pra ti, dona Alessandra, tô com meu carro aí na frente.

Adriana se levantou, e com certa dificuldade pela tontura e o frio provocados pela febre, ela conseguiu trocar de roupa e pegar seu celular. A mulher a levou até o carro, nisso, seu marido já tinha saído da casa em que moravam, olhando a cena sem entender do que se tratava.

Correu em direção ao carro, já no momento em que a mulher a colocava no banco do carona.

— O que aconteceu?

— Não sei, o neto da Dona Alê tá com febre e vou levar no hospital.

— Mas pra que isso? Ela não pode levar?

— Claro que não, né, Gilberto? A mulher nem andar pode!

Adriana começou a delirar um pouco, estava quase em pânico pela cena que lembrava a morte de seus pais, e ao olhar para a casa, jurou que viu algumas sombras negras surgirem da rua pouco iluminada pela luz fraca do sol até a parte de dentro.

— Eu vou contigo então! Daqui a pouco tu não tem trabalho?

— Assim como você!

E ele entrou, sentando no banco de trás dela.

— E aí cara? Como está se sentindo?

Ela não respondeu, ainda olhando em direção ao fenômeno que tinha visto.

— Não parece estar bem mesmo.

E o carro partiu, deixando que sua visão sinistra da porta de sua casa sumisse com a velocidade. Levaram-na para um postinho a alguns bairros dali, já que não tinha nenhum naquele antigo. No caminho, o tempo todo a tratavam pelo masculino e reclamavam sobre o trabalho. Toda aquela pressão não ajudava com o seu delírio febril, e sempre que fechava os olhos, ouvia algum tipo de cântico bem baixo, como um sussurro em seu ouvido.

Foram até a emergência, estava completamente lotado, como de costume, e demorou mais quase uma hora até que fossem atendidos.

— Vou pegar um táxi pro trabalho, fica com...

E ao olhar para o seu rosto, coberto pelo casaco de sua esposa, não sabia como a chamar.

— Fica aí, eu, eu te ligo mais tarde.

E saiu, passando pelo corredor de cadeiras com pessoas lamuriosas, até a saída.

— Eu me chamo Maria, não sei se sua avó falou de mim.

Ela levou a mão até o seu rosto.

— A febre ainda está alta.

Adriana tentava se manter de pé, olhando os ambientes pintados em um branco encardido e um quadro de avisos que dizia as senhas. Até que era organizado, mas com a pouca estrutura e superlotação deixava qualquer ambiente hospitalar um inferno.

Uma mulher idosa surgiu arrastando um soro pelo corredor na frente delas, e do nada começou a passar mal, caindo ao chão e derrubando o soro junto com ela.

As pessoas começaram a gritar, e ela em instintivo, abraçou a senhora que estava com ela, escondendo o rosto entre o seu cabelo. Logo enfermeiros surgiram com uma maca, e a colocaram nela, a levando de volta para o corredor.

A mulher não a soltou, seu colo lembrava o de sua mãe, e quase chorou quando ela começou a passar os dedos entre os seus cabelos.

— Vai ficar tudo bem.

— Obrigada por vir até aqui comigo, se não fosse, eu não sei quem... Eu estaria em casa, doente.

E ainda naquele delírio febril, ela jurava ver o rosto de sua mãe no da senhora.

— Você parece com a minha mãe.

Maria continuou a acalentá-la entre os braços, penalizada

— Sua avó me contou sobre os seus pais, eu sinto muito.

Não conseguiu conter as lágrimas, embalada por todo o medo e a confusão que sentia, mergulhou o rosto entre o seu casaco, sem conseguir continuar a respondê-la.

Quando finalmente foram atendidas, não demorou muito até o médico descobrir que ela estava com uma virose, ao menos, era o que ela esperava que fosse, pelo seu diagnóstico.

Ficou alguns minutos tomando um soro com vários remédios, e quando já eram lá pelas nove da manhã, ambas foram até sua casa.

Por sorte, a unidade tinha disponibilizado os remédios que ela ia precisar para os próximos dias, mas iria precisar ficar alguns dias sem ir para a aula, de repouso.

Pegou um atestado para levar para a escola, e o apertava entre os dedos e as caixas de remédios quando Maria parou o carro na frente de sua casa.

— Muito obrigada por tudo que fez por mim hoje.

— Está tudo bem, melhoras para você.

Sua avó estava bem na porta quando chegou. Já estava melhor, apesar de um pouco grogue com o efeito do remédio. Tomou um café da manhã leve. Sua avó estava arrumada, e esperou até notar que ela estava melhor para a contar uma novidade interessante.

— Eu vou passar uns dias fora.

Adriana se surpreendeu, a idosa mal saía há meses, e nem tinha conseguido levá-la ao hospital, naquela urgência que tiveram.

— Mesmo? Onde você vai?

— Não, não é pra nenhuma viagem divertida. Só vou ter que fazer uns exames do meu quadril em um bairro meio distante daqui, aí pensei em ficar na casa da minha prima, que é quase do lado do hospital.

Disse a mulher enquanto movia a cadeira de um lado para o outro, pegando alguns itens e os colocando sobre uma grande bolsa de viagem.

— Bom, parece uma boa ideia.

— Sim, mas você está doente? Vai ser algum problema?

Ela já se sentia melhor, ainda enjoada, mas nada que um dia inteiro dormindo não resolvesse.

— Não, eu ainda estou mal, mas vou ficar em casa e me recuperar.

— Ah, com toda certeza vai, já que pegou uma licença pra aula eu não quero nem saber que andou saindo por aí.

— Posso nem ir comprar um pão?

E acertou um forte tapa em seu braço.

— Não se faça de besta.

Adriana deu uma risada, tomando um café com leite fraco de sua caneca.

— Eu entendi, vovó, vou obedecer.

— Bom assim...

E voltou pelo corredor, as rodas emborrachadas batendo contra o chão até seu quarto.

— Mas antes, quero que vá até o quintal e pegue uns raminhos de arruda para mim.

Ela não entendeu muito bem o que seria aquilo, e continuou a tomar o seu café tranquilamente. Impressionava-se com a agilidade de sua avó, que alguns minutos depois saiu de seu quarto arrumada, e já com as bolsas que levaria para a casa de sua prima sobre o colo, as levando até a porta da sala e as deixando no chão.

— Vai logo pegar o que eu disse, menina!

Adriana se assustou e deixou a caneca sobre a mesa, indo até a porta da cozinha e a abrindo, deixando as luzes do sol invadirem todo o ambiente. Demorou alguns segundos até se acostumar com a luminosidade, e esfregou os olhos antes de descer as escadas até o quintal. Apesar de destruído, ainda continuava um lugar tranquilo, solene.

O arbusto de arruda crescia descontroladamente em um vaso de pedra quase totalmente tomado por infiltrações, ela pegou alguns de seus ramos, e os olhou contra a luz do sol, admirando as pequenas folhas que a lembravam penas de pássaros. Eles inclusive, que insistiam em fazer ninhos nas estruturas de ferro da parte lateral do telhado, cantando bem alto perto de sua janela todo início de manhã.

— Vamos logo!

E se levantou, correndo de volta até o interior de sua casa. Sua avó estava na sala, perto do altar da santa, onde tinha acendido uma vela.

— Pegue uma cadeira lá na cozinha, vou te fazer uma reza antes de sair.

Ela assentiu, e foi até a cozinha, de onde pegou uma banqueta de madeira, que colocou bem a frente da imagem.

Sentou-se. Sua avó tinha uma certa dificuldade em pegar os objetos que iria precisar, e Adriana teve que ajudá-la antes de finalmente se sentar.

Assim como seu pai, ela tinha sido criada de maneira bem cética, então era bem diferente ter todo aquele contato com a sua avó e a própria cultura da Cidade Velha, que apesar de seu misticismo natural, com as erveiras e as histórias assombradas, era o centro de todas aquelas crenças que sustentavam a fé do povo.

A mulher mergulhou os ramos em um copo com água, imaginava que fosse água benta, e ergueu as mãos sobre a sua cabeça, sussurrando alguma oração inaudível.

Com os ramos, fez algumas cruzeiras no ar, sobre o peito, e acertou algumas vezes no topo da cabeça.

O benzimento a deixou sonolenta, e ao fechar seus olhos para acompanhar a reza de sua avó, ela teve um vislumbre do vulto que viu entrando em sua casa mais cedo, um frio percorreu a sua espinha, e ela agarrou o pano de seu vestido sobre a sua perna.

— Amém?

— Amém.

Ela respondeu, e viu que a senhora se afastou, o rito tinha acabado, e Alessandra jogou o ramo pela janela com mais algumas palavras. Adriana ouviu seu telefone tocar, e ao correr para o atender viu que era Beatriz, provavelmente preocupada com a sua falta.

— Bom dia, puta, onde que você tá, dormiu até tarde foi?

— Estava no hospital, obrigada pela preocupação.

O tom de sua voz mudou, e do seu quarto, olhava pelo corredor para a sua avó, que continuou a olhar para a imagem de Nossa Senhora, em contemplação.

— E o que tu tem, mulher? Tá tudo bem?

— Tô sim, eu só peguei uma virose, não vou pra escola essa semana.

— Que droga. Tô morrendo de tédio aqui, aula chata de matemática, tô no banheiro só pra não ter que assistir.

Adriana entrou de volta no quarto, fechando a porta e se jogando sobre a cama.

— Não te esqueça que você tá tão enrolada quanto eu na matéria dele.

— Aula horrível! Chata demais! Mas me diz uma coisa, tu não ia sair com o gótico esquisito hoje?

— Tem razão, vou ver se mando um e-mail pra ele.

Beatriz riu do outro lado da linha.

— Tanto homem nessa cidade e você vai se apaixonar pelo mais esquisito.

— Será que se eu chamar ele pra cá ele vem?

— Já quer, né, Adriana? Do jeito que a tua vó é religiosa ela vai exorcizar vocês dois.

— Ela vai viajar, nem te digo.

Sua amiga comemorou, do outro lado da linha.

— Opa, faz uma festa.

— Se quiser pode vir aqui também.

— Vou ver se acho um horário na minha agenda... Aproveita e dá uma chave de perna nesse teu boy hoje, tá na hora já.

— Cala a boca!

Repreendeu Adriana, com uma risada.

— Ele é todo clássico, me deu até uma carta com uma jóia a uns dias atrás.

— Era de ouro pelo menos?

— Acho que sim, e como eu vou saber?

— Chique. E essa minha namorada só me dá boleto mesmo.

Disse a garota com outra risada.

— Mas olha, eu tô indo, boa sorte aí, sua pecadora.

— Até depois, vê se acha um tempo na sua agenda.

Assim que a ligação foi desligada, ela ouviu sua avó gritar o seu nome da sala. O taxista que sempre a levava tinha chegado, abriu a porta, e o homem entrou educadamente, indo até as malas, que levou até o carro.

— Olha minha neta, até sexta, juízo viu? E melhora dessa tua virose.

— Obrigada, cuidado lá.

O taxista, então, a levou até o carro, ajudando a se sentar no banco do carona e guardando sua cadeira no porta malas. Adriana ficou vendo o carro até sumir na avenida de cima, estava oficialmente sozinha.

Jardim

Adriana não tinha estado sozinha desde que tinha se mudado para a casa de sua avó, apesar de ficar bem mais em seu quarto, a mulher parecia surgir do nada sempre que ela menos esperava.

Entrou de volta em casa, e pegou o seu celular para enviar o bendito e-mail, todo aquele charme em não ter um celular parecia muito interessante de forma filosófica, mas na prática era bastante irritante.

“Damiani

Não vou poder sair com vc hoje porque passei bastante mal e fui parar no hospital, não é nada muito sério, só uma virose, mas estou meio fraca e vou ficar de repouso alguns dias em casa, sinto muito.

Uma coisa boa é que minha avó foi para a casa de uma prima dela até sexta, então se quiser vir aqui me fazer companhia seria muito bom.”

Deixou o celular após enviar a mensagem sobre a mesa, e foi até o seu quarto, de onde tirou do meio de uma mochila que ainda estava fechada, uma caixa de som pequena e cor de rosa que deixou sobre a mesa da cozinha.

A conectou com o celular e aumentou o seu som no máximo, pegando uma roupa limpa e indo até o banheiro, de onde conseguia ouvir a música e cantar junto enquanto tomava uma ducha.

Pensava no que faria se ele realmente fosse até a casa dela, até aquele momento não tinham estado realmente a sós, e todos os seus momentos tinham sido em público, o que sempre gerava alguns comentários de preconceituosos, então, acabavam ficando um pouco afastados. Um modo de auto proteção que tinha aprendido em seu outro relacionamento.

Ela saiu do chuveiro, buscando a toalha e enxugando as madeixas enquanto se olhava no espelho que ficava na frente da pia do banheiro. Atirou sua toalha contra o seu reflexo, desgostosa daquela imagem, sabia que esse era o motivo de toda a sua insegurança.

— As coisas seriam mais simples seu fosse cis, não seriam?

Ao abrir o email novamente, viu que ele a tinha respondido há alguns minutos.

“Querida Adriana,

Lamento muito que tenha adoecido a ponto de precisar ser hospitalizada, é com enorme preocupação que eu recebi a sua mensagem, e com toda certeza eu irei visitá-la hoje mesmo.

Espero não te causar problemas indo aí na ausência de sua avó, e agradeço a confiança.

Irei assim que sair do trabalho, então lá pelas cinco eu estarei na sua porta.

Desejando verdadeira melhora.

Damiani.”

— Quanta formalidade...

Disse enquanto dava uma risadinha. Ainda tinha muito tempo pela frente até que ele chegasse, então seu dia não foi totalmente perdido.

Aquela casa era desconfortável e toda vez que se lembrava do que tinha visto mais cedo ficava apavorada. A música pop a ajudava a se distrair, mas logo ficou enjoativa.

Fez uma sopa para o almoço e ficou assistindo novelas até umas duas da tarde, enquanto pintava as unhas e conversava com alguns amigos de seu bairro antigo.

Um tempo depois, e aproveitando que aquela tarde não tinha sido chuvosa, pegou algumas de suas folhas em branco, uns lápis de cor, e desceu até o quintal abandonado, se sentando no último degrau da escada de pedra e olhando para uma planta diferente das outras. Na verdade, a maioria delas nunca tinha visto, aquela em especial era bastante bonita, tinha frutos pretos e redondos e flores que lembravam o formato de estrelas.

Passou horas naquela tarefa, parando somente para fazer um chá, que deixou no granito ao seu lado, enquanto continuava seu desenho.

Era uma bela cena aquela, o céu azul, as flores abandonadas, a fumaça leve que irradiava do chá cor de rosa de hibiscus.

A própria jovem era uma poesia naquele cenário. As mãos firmemente presas ao lápis, que segurava bem rentes a folha já quase tomada por flores. O sol brilhava em sua pele em um tom que lembrava a terra úmida de inverno, e seus cabelos negros brilhavam em um tom terroso, levemente umedecidos pela água. O pouco vento fazia com que algumas de suas folhas em branco tremulassem e o vestido que usava dançasse contrário ao sol. Enquanto isso, os passarinhos iam e vinham de seus ninhos, cantando a alguns metros acima de sua cabeça.

Estava em tanta paz naquela tarefa que foi despertada por alguém batendo na porta.

— Quem será?

E olhou em direção ao celular, tocando em sua tela e vendo que eram exatamente cinco horas da tarde.

— Droga!

A casa estava um pouco bagunçada. Os esmaltes sobre o sofá, os materiais do chá sobre a mesa e os muitos materiais de artes ao seu lado. O banheiro também deveria estar encharcado.

Não tinha muito tempo para se arrumar agora, e correu até o seu quarto, jogando perfume sobre a pele e indo de volta até a porta, de onde viu o garoto ruivo parado, carregando algum saco de compras sobre o braço direito. Ele não usava a roupa formal do trabalho, provavelmente tinha passado em casa antes de aparecer ali.

Começou a abrir as várias trancas da porta, com certa dificuldade. Ele sorriu assim que a viu, erguendo as mãos em sua direção.

Ela pulou até ele, o abraçando.

— Achei que não fosse conseguir te ver hoje.

— Pois é, eu também achei.

Voltou para dentro de casa, o puxando pelo braço. Porém, ele não moveu nenhum músculo.

— Eu posso entrar?

— Claro que pode.

Somente aí ele a seguiu, pulando os pequenos degraus até a parte de dentro.

— Melhor tirar os sapatos, minha avó vai me matar se tiver terra na sala.

Ele bateu os tênis contra o tapete de entrada e os tirou, deixando os pares bem próximos à porta.

— Que casa linda.

Disse enquanto passava os olhos por cada detalhe daquele ambiente. O piso de madeira em padrões escuros e claro, as paredes com molduras e os móveis históricos.

— Você acha? Pra mim parece um museu.

— Eu gosto dessas coisas, um dia tenho que te levar na minha casa.

— Tem mesmo!

Exclamou Adriana enquanto limpava as mãos sujas de grafite em uma estopa que pegou de cima da mesa de centro.

— Estava ocupada?

— Eu só... Estava desenhando no quintal, mas já terminei. O que você tem aí nesse saco?

Disse ao esgueirar-se para ver o objeto melhor.

— Eu passei no mercado antes de vir aqui, trouxe uns doces para você, coisa pouca, mas espero que você goste.

Adriana sorriu. Ainda se sentia intimidada com presença dele ali, sua existência ainda era permeada em mistério, e bem no fundo de seu peito, algo a alertava que aquilo tinha sido uma má idéia.

Damiani entregou os presentes que havia trazido à ela e a seguiu pelo corredor, levando tudo até a cozinha. O garoto olhava ao redor, curioso, deveria gostar mesmo daquele tipo de decoração. Adriana achava a casa uma velharia, e estaria bem mais contente em uma mais simples e menos empoeirada.

— Bom, eu nunca trouxe ninguém aqui, então não sei bem o que te oferecer.

— Oh, não se preocupe, eu acabei de comer.

Ele deixou sua bolsa pendurada na cadeira e olhou pela porta em direção ao quintal.

— Que lugar bonito.

— Seria bem mais se não estivesse tão mal cuidado.

— É verdade...

Damiani se aproximou dela, a abraçando. Ela fechou os olhos ao sentir seus braços acolherem o seu corpo, tinha sido um dia cansativo.

— Já estava com saudades de você.

Ela deitou o rosto no peito dele, assim sentindo o calor de sua respiração.

— E olha que faz pouco tempo desde a última vez que nos vimos.

— Eu sei... Fiquei preocupado quando você me disse que estava doente.

Suas mãos suavemente acariciavam o seu cabelo. Ainda permanecia de olhos fechados, deixando que ele a confortasse.

— Não foi nada muito grave. O que mais me deixou triste foi ter que ir com uma desconhecida ao hospital, sabe? Me fez sentir muita falta dos meus pais.

— Eu imagino... Também sei como é.

— Sabe, eu admiro você, por conseguir ser tão forte e ter conquistado tantas coisas mesmo com um trauma tão difícil de lidar quanto esse.

Ela abriu os olhos e percebeu que sua frase o emocionou.

— Obrigado... Espero que meus pais tenham orgulho de mim, seja lá onde estiverem.

Ele estava sentado no mesmo degrau onde ela tomava chá sozinha alguns minutos antes. O levou até ali para mostrar o seu desenho, mas acabaram por ficar conversando enquanto terminavam o chá que ela tinha preparado.

— Até que tá fazendo um clima agradável hoje, é uma coisa rara nessa cidade.

— É sempre muito quente ou muito chuvoso, parece que não existe meio termo.

Ele deu uma risada.

— Para mim, parece sempre quente.

— Sua cidade era muito fria?

— Bem mais do que essa, definitivamente.

Ele se levantou e resolveu andar um pouco pelo ambiente destruído, observando os vasos de pedra cheios de flores mal cuidadas, os bancos sujos de limo e por último, a estátua média de mulher onde cresciam algumas ervas daninhas.

Adriana se levantou para acompanhá-lo e notou que ele olhava fixamente para o misterioso rosto de pedra, visivelmente incomodado, e arrancou algumas das plantas que a cobriam.

— Sabe de quem é essa estátua?

— Não.

Disse com um tom mais sério do que o de costume, o que foi muito estranho. Adriana sentiu que gotas de chuva começaram a cair sobre ela, o clima tinha mudado de novo.

— Eu retiro o que eu disse sobre o clima, está chovendo.

— Vamos entrar, não quero que meus desenhos molhem.

E correu até a escada, pegando as várias folhas de papel e seguindo até a parte de dentro. Ele a acompanhou e ouviu o som de seus passos descalços no ódio atrás dela. (?????)

— Tem algum banheiro aqui? Sujei minha mão naquele mato.

— Ali.

Disse apontando para o ambiente em anexo à cozinha, e ele seguiu até lá.

— Vou guardar isso no meu quarto.

E se virou, indo até o cômodo, enquanto via que ele foi ao banheiro. Lá, ela foi até o quadro de espuma, onde prendeu o desenho novo ao lado dos outros com alguns alfinetes.

Sentiu duas mãos geladas agarrarem a sua cintura e lábios frios beijarem o seu pescoço.

— Que susto, garoto!

— Gostei dos desenhos, você é muito talentosa, deveria trabalhar com isso.

Ela se virou para encará-lo. Mesmo com o súbito movimento, ele não tirou os lábios do pescoço de Adriana e foi subindo até o encontro dos dela. Os beijos aumentaram de intensidade e ele a guiou até a cama fazendo-a ficar sobre ele. Suas mãos passeavam pelo corpo da menina, pressionando-a levemente contra o colchão. Ela instintivamente se afastou dele, nervosa.

— Acho melhor a gente parar com isso.

— Desculpe, não quis passar dos limites.

Ela se encolheu onde estava, olhando para o pequeno jardim de inverno.

— Não, não tem nada de errado com você, eu só... Me sinto insegura com isso.

— Eu vi a toalha sobre o espelho, tem alguma coisa a ver?

Ela suspirou e seus olhos se avermelharam de tristeza.

— Ah, Dami, eu me sinto tão... Feia...

— Não entendo o motivo disso, você é linda, cara.

— Disforia talvez. Só queria não ter algumas coisas no meu corpo, parece que eu estou morando em uma casa que não é minha, você entende?

Ele balançou a cabeça e se aproximou a abraçando.

— Está tudo bem.

E seus olhos foram até o mesmo jardim de inverno que ela olhava.

— Que coisa mais depressiva.

— Vou ter que concordar.

Ele se levantou e foi até a pequena porta que dava acesso àquele jardim de inverno abandonado.

— Ainda tem terra aqui, daria para fazer algo bem bonito.

— Eu sei, mas não tenho dinheiro e não entendo nada de jardinagem.

Ele a empurrou de volta à cama, fazendo cócegas em sua barriga.

— Olha, amanhã eu vou vir aqui de novo. Nessa hora. Esteja aqui que vou te fazer uma surpresa.

— Mistérios demais, rapaz.

— Talvez você goste disso em mim.

Ele não permaneceu em sua casa por muito mais tempo. De algum modo, parecia não querer deixá-la ainda mais intimidada. Não que ele estivesse bravo com a sua recusa, mas em algum tipo de sinal de respeito.

Naquele final de dia, assistiu algum filme até tarde e dormiu pela sala mesmo. Ficava com medo de dormir sozinha naqueles quartos obscuros. Sentia-se uma criança assustada por isso, mas não havia ninguém ali para julgá-la por esse motivo.

Acordou tarde no dia seguinte e tomou os seus remédios antes de preparar alguma coisa para comer. Ficar presa em casa era um tédio enorme, e mesmo com o som ligado, desenhar e assistir televisão não ajudou muito com isso.

Ficou pensando no dia anterior. Gostava dele, mas estava começando a acreditar que de alguma maneira o envergonhava. Que toda a história que ele tinha dito era uma desculpa ou mentira. Mas a verdade era que estava insegura. Era difícil acreditar que alguém gostaria dela a ponto de ter algo sério.

Mergulhada em pensamentos, estava quase dormindo no sofá, quando ouviu um barulho na porta. Lembrou-se dele dizendo que iria voltar naquele dia e deu um pulo do sofá, correndo até a entrada. Pelo olho mágico, viu que ele estava levemente à direita, como se escondesse alguma coisa. Abriu a porta e saiu de casa para observá-lo melhor.

— Não, Dami, você não fez isso!

Ao seu lado havia um pequeno carrinho de mão, recheado de mudas de flores.

— Eu disse que tinha uma surpresa.

E jogou um avental em sua direção, que quase não conseguiu pegar.

— Vamos, temos muito trabalho pela frente!

O sol estava forte e irradiava pela grade de ferro acima deles. O pequeno ambiente não devia ter mais de quatro metros quadrados. A parte interna era um pouco esverdeada e úmida pelo contato com a terra abaixo deles. Sua mochila estava aberta ao seu lado, tinha trazido tudo que fosse necessário: pequenas pás, tesouras, areia e pedras coloridas. Também pegaram alguns vasos de arbustos que cresciam no quintal. Gastaram algumas horas ali, e por sorte, ela achou luvas de jardinagem para não se sujar ainda mais. Tinha sido um pouco inútil, e o ruivo estava todo sujo de terra.

— Espero que tenha gostado das flores que eu escolhi.

— São lindas.

— Deveria ter pego alguma vermelha.

Disse enquanto terminava de enterrar uma flor ao seu lado direito, a cobrindo com a terra escura.

— Eu não gosto de flores vermelhas, são muito exageradas.

Ele deu uma risada.

— Isso é estranho.

— Você? Falando de estranheza?

Ele atirou um pouco de terra contra ela, que gritou ao ver que a areia tinha atingido o seu cabelo.

— Acho que estamos terminando.

Ela organizava as pedras no chão, formando um pequeno caminho entre as flores.

— Esse lugar ficou muito lindo.

— Bom, espero que lembre de mim quando olhar pela janela.

Disse enquanto ainda olhava para baixo, arrumando a flor com as mãos enluvadas.

— Isso foi... Muito bonito. Essa sua ideia do jardim e tudo mais. Obrigada mesmo por isso, eu nem sei como te agradecer.

— Adriana, nada que eu faça para você é algo exagerado, isso tudo é o que você merece. Você é uma garota inteligente, forte, eu quem sou grato de estar com você.

Ela não soube o que dizer, então ficou em silêncio olhando para ele com um sorriso no rosto.

— Nunca ninguém me tratou assim.

— Deveriam.

E se levantou, limpando a terra do joelho de suas calças.

— Isso vai ser difícil de lavar.

Ela também se levantou, olhando para o jardim de inverno, encantada com o resultado.

— Ficou muito bonito, de verdade.

— Combina com a dona.

Ela sorriu.

— Sabe mesmo como me deixar envergonhada, não é?

Damiani sorriu de canto de boca. Ele estendeu sua mão e, tocando na dela, olhou no fundo de seus olhos. Com o sol já diminuindo no céu acima deles, suspirou e começou a falar.

— Eu sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas eu tenho... Não, eu sinto que quero ter algo mais sério que isso, espero que eu não pareça muito apressado, mas...

Ela o interrompeu.

— Eu aceito.

— Oi?

Disse entre uma risada.

— Está me pedindo em namoro?

— Nem me deixou terminar a frase!

Reclamou, entre uma risada.

— Vai que você se arrependa antes de terminar a frase.

— Claro que não, Adriana!

Ela estava quase chorando, agora, não mais de tristeza. “E você duvidando do garoto, não é, sua otária?”. Repreendeu-se, mentalmente.

— Então, estamos namorando?

— É... Eu acho que sim.

Disse Adriana, ainda não acreditando que tudo aquilo fosse real. Ela pulou em seus braços e se beijaram enquanto o sol banhava as flores multicoloridas daquele jardim. Fazia tempo, talvez anos, que não se sentia tão feliz.

Fogo

Na tarde seguinte, quando ele prometeu voltar, ouviu uma batida na porta e correu animada até lá, mas diferente do que esperava, era a sua avó, tinha voltado mais cedo.

— Por que essa cara de surpresa? Nunca viu não?

Disse a senhora passando pela rampa improvisada da porta e entrando em casa.

— Vamos, João, me ajude aqui!

O taxista correu para ajudá-la a entrar na casa. Adriana olhou ao redor e viu que Damiani estava na esquina, escondido atrás de uma casa. Ele deu uma risada e colocou o dedo indicador

contra os lábios, voltando pela rua principal. Tinham conversado que seria melhor não falarem do namoro ainda. Sua avó, tradicionalista do jeito que era, podia não gostar da novidade.

Ela suspirou aliviada. Se ele chegasse alguns minutos antes seria uma situação bem embaraçosa.

III

Teatro

— Vamos!

Sussurrou Andersen, enquanto agachado perto do portão. Observava a moça correr pelo lado da casa, agarrando a ponta de suas saias e as arrastando por cima do corredor de flores até o portão de ferro.

— Tu tens a chave?

— Não tenho, não.

Disse entre uma risada, enquanto olhava para trás, ouvindo algum som que vinha do interior da casa.

— Pois vou pular!

— Tu és louca? Já imaginou se tu caíres lá de cima?

Antes de terminar o seu alerta, Andersen viu que Vivienne começou a escalar o portão, sem se importar que de onde estava, ele conseguia ver parte de suas roupas de baixo. Com muita dificuldade, pelo vestido longo, pulou do outro lado do portão, bem ao seu lado, que estava boquiaberto com sua atitude.

— Não acredito que fizestes mesmo isto!

— Sem mais surpresa! Vamos embora!

Ela disse entre um sorriso arteiro, antes de tomar a sua mão e correr rua abaixo em direção a uma via de blocos de pedra retangulares. Alguns vizinhos viram o jovem casal correndo e se assustaram. Toda a cena era de uma enorme falta de etiqueta, além de que não era nada prudente para uma jovem solteira sair acompanhada de um homem àquela hora, ainda mais toda bagunçada e com um aspecto de que faziam algo errado. Quando alcançaram a rua onde passavam os trilhos, tomaram o primeiro bonde que viram, rumando em direção aos confins daquele bairro, em uma área não muito bem falada. Assim que entraram, pagaram ao motorista, que também os julgava com certo espanto e seguiram até a parte de trás, onde podiam conversar melhor sem serem observados.

— Sabes o que meus vizinhos espalharão por aí ao meu respeito com aquela cena?

— Tenho certeza que tua fama já não era muito boa para se manchar.

Ela o acertou com a parte de trás de seu leque.

— Me respeite! Minha fama é somente de bruxa e solteirona, ainda sou moça.

O inglês deu uma risada, sabia do caráter superprotetor de suas irmãs, mas agora que estavam mais preocupadas com seus próprios casamentos e flertes, haviam a deixado em paz.

— Não te preocupes, não pretendo manchar sua pureza, só vamos dançar um pouco! Viveste a vida inteira presa.

Ela olhou para o cenário bucólico do lado de fora, os pequenos bares daquela região logo se encheriam de boêmios, mulheres de vida fácil e vagabundos.

— Eu devia estar louca quando aceitei a sua proposta. Como tem conhecimento desse lugar, afinal? Mal chegaste à cidade!

— Quando se quer, se acha.

Desceram do bonde após alguns minutos, em direção a uma rua agitada bem próxima do porto do sal. Homens passavam de uma casa à outra, com os paletós abertos sobre seus peitos. Em maioria, eram trabalhadores simples, que festejavam agarrando um copo de bebida em uma mão e alguma mulher da vida na outra, rindo e mexendo o corpo ao ritmo da música que vinha de um casarão maior, bem na esquina.

— Misericórdia, que lugar é esse?

— Um reduto perfeito para rejeitados da sociedade, como nós dois.

E ao passarem pelo grande arco de entrada, viram um grande salão, onde músicos de terno pareciam formais demais para o ambiente, tocando o melhor do choro em um pequeno palco de madeira bem ao canto direito.

— Sabe que meus pais nunca gostaram desse tipo de música?

— E quanto a ti?

Ela suspirou, observando a alegria das pessoas ao seu redor e vendo aquele cenário bem diferente dos muitos bailes nos moldes europeus que já tinha ido.

— Eu acho... Bonito!

Na frente deles, casais dançavam abraçados, rodando pelo salão embalados pela música. Hipnotizada, Vivienne não conseguia tirar os seus olhos daquela cena: as saias girando pelo chão brilhante e os corpos dos amantes despidamente tão próximos.

— Não fique tão chocada, a noite ainda vai ser bem mais divertida do que parece.

— Não vou sair daqui sem antes te tirar para dançar no salão e entregar meu presente.

— Um presente?

Seus olhos se encheram de alegria.

— Tenho certeza que gostará, minha lua.

Ele a conduziu até o salão de danças com sua mão suavemente sobre a sua cintura, a levando bem ao meio dos vários presentes e a girando antes de tomá-la nos braços e começar a guiar o seu corpo suavemente sobre o chão. Estava um pouco tonta pela bebida, mas naquele lugar só tornava tudo ainda mais bonito. Via as luzes que banhavam o ambiente em tons mais fortes, as cortinas que cobriam as janelas tremulando pela brisa leve que vinha do rio, como se fossem estandartes que anunciavam o amor que sentia. Ali tudo a encantava, desde as rendas e vestidos multicoloridos das moças, que também dançavam, até o seu belíssimo acompanhante, que segurava sua mão firmemente próximo aos seus ombros.

— Obrigada.

— Pelo que está agradecendo?

Ela aproximou ainda mais os seus corpos, cruzando os seus braços pelo meio de suas costas.

— Por me permitir ver o mundo de outra ótica.

Andersen a beijou, ardentemente, e nem mesmo sua timidez permitiu que não o retribuísse.

— E ainda te mostrarei bem mais, se me permitir.

Aqueles sonhos estavam cada vez mais frequentes, e pareciam piorar por quanto mais pensasse nele. Talvez fosse alguma criação romântica de suas ideias com Damiani. O mais estranho, além de serem tão realistas, era que tinham uma sequência lógica entre si. Começou a escrever em seu diário, talvez significasse alguma coisa, mas não iria falar com ninguém sobre eles, provavelmente era só uma besteira.

Sua avó apareceu no quarto, irritada.

— Achei que tinha dito pra não sair de casa! Como fez esse jardim?!

Ela olhou um tanto confusa pela janela, ainda estava com sono. De lá conseguia ver as flores que tinham plantado no dia anterior, estavam impressionantemente mais altas.

— Eu não saí, meu amigo veio aqui e trouxe as plantas.

Alessandra olhou para o jardim de inverno, contrariada.

— Amigo?

— Você não disse que eu não podia trazer ninguém aqui.

A mulher bufou de raiva e voltou pelo corredor, ouvia-se o rangido de sua cadeira voltando com pressa até o seu quarto. Deveria estar com raiva, mas não tinha desobedecido, se pensasse bem.

Pegou o celular sobre o criado mudo e nele havia um email novo. Damiani. Com toda certeza.

“Querida Adriana

Foi uma boa coincidência sua avó não ter me visto ontem, embora tenha sido uma cena bastante engraçada, hoje é sábado, e acredito que esteja melhor de saúde.

Caso assim seja, hoje vai ter uma apresentação de música clássica no Teatro da Paz, me disse uma vez que nunca tinha ido lá e acredito que seria uma ótima oportunidade de conhecer.

Espero que sua avó não tenha ficado chateada com o jardim, de qualquer modo, eu vou ter que sair mais tarde do trabalho hoje, então pensei em mandar um táxi para te buscar e levar direto para lá, lá pelas 18 horas, seria mais fácil para mim.

Acredito que seria uma boa oportunidade de comemorar nosso relacionamento.

Por favor responda caso queira

Atenciosamente, seu namorado.”

A última palavra provocou-lhe um frio na barriga. Todos aqueles dias pareciam um sonho, ele era um garoto incrível, tanto que nem parecia ser real.

“Dami, minha avó ainda está meio chateada, mas como não a desobedeci, eu não acho que ela iria me impedir de sair.

Então está tudo certo sim, só não sei com que roupa ir para um teatro.”

“É um cenário um pouco formal, mas não se preocupe com isso. Quanto a sua avó, espero que ela entenda. Vou mandar um conhecido te buscar então. Vai ser incrível passar esse momento com você, até mais tarde.”

Ela saiu de seu quarto e foi até o banheiro. Gastou um bom tempo no chuveiro, estava feliz, imaginava que sua noite também seria bastante interessante. Sempre teve vontade de ir ao Teatro, apesar de não gostar muito de música clássica.

Às vezes ficava pensando nele, era com toda a certeza a pessoa mais bonita que ela já tinha visto, parecia uma pintura ou um personagem que tinha saído daqueles livros que sua mãe lia para ela quando pequena.

Ela saiu do banheiro e, enrolada na toalha, se sentou na mesa da cozinha olhando para fora. Tinha que almoçar. Sua avó saiu do quarto, estava abatida, mas ela se adiantou em falar.

— Vó, meu amigo me chamou para ir ao teatro com ele mais tarde, ele queria ver uma orquestra. Posso ir? Eu sei que você está chateada com o jardim mas..

— Vai Adriana, pode ir, vai ser legal e é um lugar bem bonito.

Sua voz estava chorosa e ela começou a se preocupar com o que estava acontecendo.

— Vó? O que está acontecendo?

A mulher parou ao seu lado, de cabeça baixa.

— O advogado me ligou. Eu nem iria te contar isso, mas não tenho esse direito.

— Como assim?

Adriana se sentou, puxando uma das cadeiras da mesa de jantar.

— Os policiais que fizeram aquilo com os seus pais... Eles foram soltos, consideraram culposos, que eles não sabiam o que estavam fazendo.

Toda a alegria que ela sentia antes saiu de si.

— Se fosse com algum branco, algum rico, você acha mesmo que isso ia acontecer?

Disse sua avó, batendo os punhos contra o braço da cadeira.

— Sabemos que não...

Ela nem tinha reação para aquilo. Já sabia há um tempo que aquilo ia acontecer.

— Eu...

— Eu sinto muito, filha.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— A gente ainda pode recorrer?

— Nós vamos, mas não estou confiante. Isso é tão injusto.

Sua avó a abraçou, e ela começou a chorar, de pura raiva, em seus braços.

— Eu estava tão feliz...

Alessandra levantou seu rosto, a garota estava pálida, o rosto molhado pelas lágrimas.

— Você não vai cancelar por causa disso.

— Eu nem tenho ânimo mais para sair de casa, vó... Eu tô com tanta raiva, tão triste.

— É por isso mesmo que você deve ir, não vou permitir que esse assunto te prejudique ainda mais!

Ela suspirou, limpando as lágrimas de seus olhos e se levantando, determinada.

— Eu quero que você se divirta hoje. A última coisa no mundo que seus pais iam querer era você triste, trancada nesse quarto com ódio.

— Isso é muito injusto... Muito.

— Eu sei, e vamos lutar até o fim, mas com força, não com tristeza.

Ela balançou a cabeça, afirmativamente. Apesar da dor que estava sentindo, sabia que seria a mesma coisa que sua mãe diria, se estivesse ali.

Cortinas vermelhas

— Você está linda.

Disse sua avó enquanto arrumava uma última mecha de cabelo sobre o seu rosto. Adriana se olhava em frente ao espelho. Sob o pescoço ela tocava em um pequeno cordão de ouro que ganhou de seu pai. Usava um vestido vermelho, levemente colado, de alças finas com uma fenda lateral, era leve, e o tecido caía perfeitamente sobre o seu corpo. Não era tão luxuoso a ponto de ficar exagerado, mas não era o tipo de roupa que se usaria para uma saída casual.

Fez fitagem em seu cabelo, mais cedo, com ajuda de sua avó, e agora os fios modelados caíam em ondas sobre o seu colo. Passou um batom leve sobre os lábios e respirou fundo. Ainda estava triste, mas não queria que aquilo afetasse a sua noite. Decidiu que não iria contar aquilo para ele, já que era uma programação para comemorar o início do relacionamento, e só os dois sabiam desse verdadeiro motivo.

Ouviu o som de buzina na frente da casa, era uns dez minutos depois do horário combinado, ela pegou uma pequena bolsa dourada que estava sobre a mesa e correu até a porta.

— Até mais tarde, divirta-se.

— Obrigada, vovó.

Usava saltos baixos, dourados como a bolsa. Alguns vizinhos ficaram impressionados ao vê-la, fazia anos que não se arrumava daquele jeito. Andou até o táxi, um senhorzinho amigável de cabelos brancos estava no banco de motorista. Ela sentou-se ao lado dele e seu perfume recém aplicado preencheu o pequeno carro branco.

— Boa noite, você é a Adriana?

— Sou eu mesma, boa noite para o senhor também.

Ele deu partida no carro, subindo a rua até a principal.

— Eu sempre levo o seu namorado para o trabalho, rapazinho muito educado.

— Ah, é verdade! Gosto muito dele.

— Fico feliz por vocês.

Estava nervosa, não gostava muito de ficar em ambientes fechados com homens, já tinha sofrido alguns assédios e era complicado, mas já que era amigo de Damiani, tentou ficar mais tranquila. Puxou o espelho do teto do carro e se olhou um pouco. Estava se sentindo bonita, de verdade, e por algum motivo sentia que borboletas tomavam o seu estômago, mesmo que já o tivesse visto tantas vezes antes.

Acompanhou o cenário amarelado pelo fim do pôr do sol e passava os olhos pelos prédios antigos e os mais recentes que tomavam conta das ruas até o Teatro. Quando viu a enorme praça ao longe, respirou fundo. Até do outro lado era possível ver a magnitude daquele prédio histórico, pintado em uma cor alaranjada. Ela sempre pensou que ficaria mais bonito se fosse todo branco, como uma pintura renascentista.

Ele a deixou bem na entrada e quando se virou para pagar, foi informada que ele já tinha dado o dinheiro de forma adiantada, sendo assim, ela desceu, caminhando lentamente até a entrada do teatro. O clima estava frio e ela abraçou os próprios braços enquanto atravessava a pequena rua de pedras brancas e pretas até a parte interna daquele monumento. Já de fora, ela observava com admiração as imensas colunas de onde se dava para ver algumas escadas e um enorme lustre de vidro, que irradiava uma luz amarelada para todo o ambiente externo.

Sempre se admirava, mesmo nos dias em que só passava por ali, tentando ver de longe a extensa sacada na parte de cima, sustentada por várias daquelas colunas brancas e esbeltas. Possuía um guarda-corpo em alvenaria que se estendia em formas ovaladas, e era pintado em branco, abraçando todas as extremidades daquele balcão superior de forma harmoniosa.

Quando finalmente chegou a porta que dava acesso à bilheteria, já ouvia algum som ao longe, abafado. Como não estava atrasada, então não pensou que fosse a apresentação em si.

Olhou ao redor e viu no chão um tapete vermelho que seguia longo e esbelto por dentro dos ambientes, que guiava os visitantes até a bilheteria, ou ao lado de fora, onde podia ver o lustre gigantesco pela porta entreaberta.

Os pontos de venda de ingressos eram cubículos mais baixos, em vidro, e ao olhar para a parede de onde veio, haviam enormes quadros expondo curiosidades históricas ou artistas renomados que já tinham se apresentado ali.

Uma sensação de nostalgia tomou conta dela. Jurava já ter entrado por aquele caminho muitas vezes, se não fosse a primeira vez que ela estava visitando o Teatro. Era tudo familiar demais, como um Déjà-vu, que vinha tendo com muita frequência, se pensasse melhor.

Procurou um pouco ao redor, até sentir uma mão em seu ombro. Só com o toque frio em sua pele ela já sabia de quem se tratava.

— O quanto eu deveria estar feliz em ter a companhia da mulher mais bonita do lugar?

Adriana não se virou, continuando a olhar para a bilheteria à frente e fechou os olhos timidamente com um sorriso que tomou o seu rosto, de ponta a ponta.

— Não sei, deveria procurar esse sortudo, porque eu definitivamente não sou a mais bonita daqui.

Suas mão desceu até o meio de seus braços, apertando suavemente a pele daquela parte.

— Não seja modesta.

Ela se virou, seu rosto estava a pouco centímetros do dele, sentiu a sua respiração bem próxima de sua pele, seus olhos amarelados fitando cada centímetro dos seus, em uma visão que parecia penetrar o fundo de sua alma. Naquelas órbitas com pontos amarelos e marrons, eram como uma pequena galáxia despejada sobre uma jarra de mel fresco.

Damiani estava com um terno preto, não muito diferente das roupas que usava em seu trabalho, mas de algum modo parecia distinto naquela noite. Em sua outra mão carregava um enorme buquê de rosas azuis, que achou que nunca fosse ver em sua vida.

Ela gritou, pegando as flores das suas mãos, e deu alguns pulinhos no mesmo lugar onde estava, animada. Algumas pessoas ao redor se viraram para ver o que acontecia, assustadas. O ruivo levou sua mão até o seu queixo, deslizando os dedos pela sua pele e erguendo o seu rosto, que beijou delicadamente.

— Nem tenho palavras para o quanto você está linda.

Ela tirou a mesma mecha que sempre caía sobre seus olhos, com a ponta de seus dedos.

— Eu realmente não esperava essas flores.

— Espero que tenha gostado...

— Eu adorei, mas estou atrasada? Temos que comprar os ingressos!

Ele sorriu, puxando os dois ingressos de dentro do buquê.

— Voilà.

— Como você chegou aqui antes? Eu olhei por todo o lugar e não te vi.

— Comprei os ingressos há uma semana, estava planejando para quando te pedisse em namoro.

Ela levou os dedos para cobrir seus lábios, dando uma risadinha.

— Quanta autoconfiança, e se eu não aceitasse?

— Bom. — Disse ao passar a sua frente, cruzando o braço direito ao seu. — Com o dinheiro do reembolso, eu ia tomar uma garrafa de whisky barato ouvindo alguma baladinha dos anos 80.

— Que dramático.

Ele sorriu, passando pelas pessoas que ainda compravam os ingressos e se virando em direção ao grande corredor que dava acesso aos camarotes, a alguns andares acima. Um homem recolheu os ingressos e continuaram o seu percurso. O cheiro adocicado das rosas confundia os seus sentidos.

— Agora que você é minha namorada, vai ter de se acostumar com o meu drama natural.

— E você com a minha insegurança.

— Todos nós temos.

Viu que mais algumas pessoas seguiram reto, um caminho diferente do deles.

— Não estamos indo para o mesmo lugar que eles?

— Não.

E entraram por uma porta de madeira bem ao meio do corredor ornamentado, onde os tapetes continuavam e enormes janelas em madeira davam o ar da noite para a passagem. A porta definitivamente não era usada há um tempo. Lá dentro viram que um homem muito magro e pálido, com grandes olheiras arroxeadas abaixo dos olhos, estava encostado na parede, parecia estar esperando por eles.

— Boa noite, senhor.

Disse com uma reverência, logo voltando a andar pelo corredor estreito. Este todo em madeira e veludo, suas paredes tinham desenhos feitos a mão e alguns bustos de figuras desconhecidas.

Naquele momento sentiu medo. O homem tinha uma aparência bem incomum, muito magro, com um pouco de cabelo longo na parte de trás de sua cabeça e dedos trêmulos.

Subiram alguns lances de escadas de mármore até chegarem a outro corredor. Nele, o teto era mais alto e desciam finas cortinas de um tecido leve e vermelho, que teve de tirar de seu caminho várias vezes, com as mãos, como se fossem teias de uma aranha.

De tanto estar na penumbra, se surpreendeu quando uma luz amarela tocou o seu rosto, e ofuscou a sua visão, e com a beleza de tudo que viu, continuou boquiaberta.

Todo o cenário brilhava em uma luz dourada. Ao observar todos os camarotes que se estendiam em vários arcos forrados em veludo, parecendo um leque aberto, percebeu que o que ela estava, definitivamente, era diferente de todos os outros. Ao olhar para cima, viu a insígnia que ilustrava o símbolo do Brasão de Belém.

— Muito obrigado, vou saber voltar sozinho agora.

— Se precisar de algo, só me chamar.

E saiu, deixando os dois sozinhos. Adriana andou até a beirada do camarote, tocando na madeira dourada e levando os olhos para a pintura que tomava todo o teto da plateia, em um formato circular, onde bem ao meio, um lustre redondo gigantesco, todo trabalhado em um vidro fino, cheio de detalhes, iluminava o lugar todo em um brilho que lembrava a cor do sol, resplandecente.

Ela tirou seu celular do bolso, e ignorou a presença de Damiani ali por algum tempo, tirando fotos de tudo que chamava sua atenção. Ouvia algum som de orquestra, mas as cortinas vermelhas do palco ainda estavam fechadas, dando um ar de ansiedade entre os presentes nos vários bancos de plateia abaixo deles.

Ela virou a câmera rápido para ele, que colocou a mão sobre o rosto, reclamando, e correu até ela, tomando o dispositivo de suas mãos.

— Ei!

— Acho que já chega de fotos, não?

Ela deu uma risada.

— Onde estamos?

— Em um lugar que não deveríamos estar.

Ela virou-se e, notando os móveis luxuosos, a visão que aquele camarote proporcionava provavelmente era a melhor do Teatro inteiro. Deduziu que aquele devia ser um posto privilegiado.

— É o camarote do governador!

— Misericórdia! E o que estamos fazendo nele?

Ele sorriu, indo até a confortável cadeira do meio, dedicada ao político, arrumando o paletó sobre o peito e se sentando de forma despreocupada.

— Regras foram feitas...

— Para serem quebradas... — O completou. — Mas como conseguiu?

Disse correndo até ele, que indicou o lugar ao seu lado.

— Ter amigos na prefeitura é uma vantagem às vezes, agora temos a melhor visão desse lugar incrível por esta noite.

Adriana se sentou, cruzando as pernas e arrumando a sua postura. A fenda no vestido revelou suas pernas roliças, que brilharam na luz amarelada brilhante vindo bem de cima deles. Ele se virou, levando a mão mais próxima até o rosto dela e acariciou levemente.

— Espero que tenha gostado do lugar.

— É o lugar mais bonito em que eu já estive.

E abraçou as flores que tinha ganhado, sentindo o perfume doce delas encherem seus pulmões.

— Que bom que gostou das flores, não são vermelhas.

— Rosas azuis? Sabia que são minha cor favorita?

— Sempre foram...

Ela não entendeu o que ele quis dizer com aquela frase, nunca havia comentado o seu gosto por aquela cor.

— Eu mesmo as tingi, ontem a noite, eram originalmente brancas, mas uma noite no corante, deixa elas nessa cor.

— As flores são o produto do meio?

— Como diria Rousseau.

Ela sorriu, e ele buscou o celular que tinha pego dela.

— Preciso registrar isso.

E afastou-se, dando alguns passos e se posicionando de joelhos, a alguns metros dela, abriu a câmera e registrou sua imagem, abraçada com o buquê de flores.

— Essa iluminação, a sua pele, esse vestido vermelho, eu nem consigo! Fantástico!

— Calma.

Ele deu uma risada, e assim que tirou algumas fotos, se aproximou dela, beijando a sua mão.

— Não vai me deixar tirar nenhuma foto sua hoje também?

— Não mesmo.

E levou a mão até a sua perna, apertando a carne próxima a fenda. Ela se arrepiou e seus olhos foram até os seus com um olhar levado. Damiani posicionou a câmera até onde suas mãos estavam e tirou uma foto. Em seus dedos haviam alguns anéis coloridos, com várias pedras semi preciosas.

— Que foto *aesthetic*.

— A intenção era essa.

E se levantou do chão, voltando à cadeira do governador, bem ali, ao seu lado. A abraçou, levando a mão ao redor do seu corpo. A música já tinha começado. Assistiu a apresentação inteira com seu rosto sobre o peito dele, sentindo o cheiro adocicado de seu perfume. A melodia realmente não era interessante para ela, mas ver o quanto ele estava concentrado em cada nota era fascinante. Seus dedos batiam contra a cadeira e ele suavemente fechava os olhos com o som

suave do violino. Sua pele brilhava em um tom mais vivo naquela iluminação e seu cabelo agora parecia um pouco loiro, perdendo o tom acobreado de sempre.

Passou-se um bom tempo, e só quando a apresentação chegava ao fim, ela notou que havia um espelho encostado bem próximo dos dois, na parede, não sabia o que ele fazia ali, mas enquanto a música tocava a sua frente, ela olhou para a imagem refletida bem rapidamente, e em uma fração de segundo viu que tinha se transformado. A parte de suas mãos e vestido que refletiram na superfície quase coberta pela escuridão se transformaram em um vestido longo, bufante, com vários babados brancos.

Mas foi tão repentino que assim que notou aquilo e se assustou, a imagem sumiu. Ela balançou o rosto de um lado para o outro, retomando a normalidade.

Quase em seguida a orquestra tocou a última música, Damiani se levantou, batendo fortes palmas, que ela se levantou para acompanhar, de forma desajeitada.

— Foi lindo, não foi?

— Sim, nunca tinha visto algo tão magnífico.

Falaram mais algumas palavras, discorrendo sobre a importância da presença de todos eles ali e de como era necessário o investimento em cultura e música, o que não era uma coisa muito valorizada, principalmente no período nebuloso em que estavam, onde os preconceitos da população cresciam, alimentando as mentes dos mais jovens com ódio. Ódio esse que refletia também nela, principalmente na escola e nas ruas.

As cortinas vermelhas do palco se fecharam, e viram lá de cima que a plateia começou a deixar o teatro.

— Temos que ir.

— Eu sei, uma pena.

Foram por outro caminho, desta vez, seguindo pela saída comum. De lá, passaram por um outro corredor muito similar ao de baixo. Ouviu um som de chuva e notou que vinha de uma das salas. Deixando o ruído sozinho em meio ao corredor, foi até lá ver o que estava acontecendo.

Chegou a um salão de tamanho mediano, se comparado a todo o resto. Suas paredes eram brancas e douradas, com colunas finas que terminavam com uma pintura no teto, pintura esta que mostrava vários anjos. Havia também espelhos por todos os lados, refletindo a sua imagem em várias versões.

— Que lugar lindo!

Seu namorado não entrou, ficando parado na porta, observando-a enquanto andava pelo ambiente vazio e tirava algumas fotos do teto.

— É um salão de bailes. Os barões da borracha faziam suas festas da alta sociedade nesse lugar, eram lindas, luxuosas, com as senhoras usando as melhores peças feitas com tecidos importados do Paris N América.

— Está chovendo...

Ela resmungou, olhando pela porta em madeira e vidro bem do outro lado do salão.

— Sim, se você sair por essa porta, vai dar naquele terraço, bem acima da fachada do Teatro.

Ela se abaixou, deixando as flores sobre o tapete e correu até a porta, trancada, como era de se esperar.

— Feche os olhos, vou fazer uma mágica.

Ela balançou a cabeça, afirmativamente, e fechou os olhos, os cobrindo com os dedos. Ouviu passos atrás dela e logo depois um som de porta sendo aberta.

Ele tinha saído, mas se escondia bem perto da parede, evitando a água gélida da chuva. Adriana, assim que abriu seus olhos, correu até a beirada, em direção ao guarda corpo de pedra, e abriu os braços, fechando os olhos enquanto a água escorria pela sua pele.

Não sabia exatamente o motivo de ter feito aquilo, foi um impulso, uma loucura equiparada a todos os sentimentos mutáveis daquele dia. Foi da felicidade à tristeza, do ódio ao amor. A água fria da noite de Belém, bem naquele cenário secular, era tudo que precisava para lavar as suas mágoas, viver o momento, como tinha pedido a sua avó.

Quando abriu seus olhos, deu de encontro com as íris de arco-íris de Damiani, que tinha chegado bem perto dela. Sem seu paletó, a camisa social branca era encharcada pela chuva, se unindo a sua pele pálida como se fossem uma só. Seu cabelo caía contra o seu (???) como linhas curvas de uma autoestrada.

Ela o abraçou, e nem mesmo o cenário belíssimo da praça e toda a arte que tinha presenciado, ou até mesmo a chuva pesada e implacável que banhava as mangueiras, impediram que ela o beijasse.

Suas mãos deslizaram por sua pele, enquanto seus lábios estavam unidos, arduamente. A chuva sobre eles fazia com o seu calor se tornasse cada vez mais intenso, e nele, ela o guiou até a parede do prédio. Enquanto as estátuas que ornamentam a fachada se perpetuavam em perfeição acima deles, abaixo, os dois jovens amantes trocavam beijos ardentes, como se cada centímetro dela pedisse por ele.

Adriana ouviu um som de passos na parte do salão de onde vieram, Damiani, que a beijava sem vontade alguma de parar, empurrava o seu corpo contra o dele pela cintura, pouco se importando com a pessoa que se aproximava.

— Dami, tem alguém.

Ela arfou, o empurrando levemente para trás.

— Senhor? O senhor está aí?

Ele protestou e, antes de soltá-la de seus braços, apertou com força a lateral de seu corpo, unindo suas peles mais uma vez.

— Nós vamos para a minha casa.

Disse com uma voz rouca, em seu ouvido, não parecia que aquela proposta dava opções para uma negativa.

O ruivo a soltou, se virando e caminhando em direção a porta do salão. O homem magro de antes estava ali, parado, e olhou assustado para a situação em que os dois estavam.

— Acho que... Não podemos passar assim.

Disse Damiani, com um olhar envergonhado, tendo uma risada como resposta. O estranho homem se limitou em não fazer maiores perguntas.

Saíram pelos fundos em mais uma daquelas passagens claustrofóbicas. Os passos dos dois batiam contra as pequenas poças que tinham se formado pelo caminho, e não mais preocupados em se molhar, ele a girou, em uma dança breve no meio da tempestade.

Um táxi solitário estava estacionado ali perto, e Damiani a guiou pela mão, ajudando que não caísse com as flores no chão, até a porta traseira, que ele abriu.

— Demorou, Damiani.

— Eu imagino, me desculpe.

— Olha, mocinha, não querendo estragar a sua noite, mas os caminhos para a sua casa estão todos alagados.

E considerando o fato de que ela estava encharcada, aquele era o menor de seus problemas.

— Vamos para a minha casa, de lá eu te ligo pelo telefone dela, mais tarde.

Ele se virou para a garota, que estava confusa, pensando em tudo que sua avó podia dizer.

— Não é sua culpa, ok? Não tem como voltar para casa agora.

Ela balançou a cabeça, afirmativamente, e pensando melhor, era exatamente aquilo que ela queria. A chuva do lado de fora estava implacável e não conseguia ver quase nada da janela embaçada. O carro também deu tantas voltas que se perdeu depois de alguns minutos, chegando a um ponto em que ela não fazia a menor ideia de onde estava.

Pararam em frente a uma rua que parecia nunca ter visto, mesmo que fosse relativamente perto da sua casa.

— Chegamos. Se prepare para correr quando abrir a porta.

— Boa noite, senhores, vou estar correndo a noite toda, então não se preocupem em me ligar de madrugada.

— Muito obrigado.

Damiani segurou a maçaneta da porta do carro e ao abri-la, ouviu aquele som característico de chuva do lado de fora. A tempestade permanecia a mesma. Adriana seguiu atrás dele, sentindo as gotas de chuva tocarem a sua pele. Era uma rua tão escura e a chuva estava tão densa, que não conseguia enxergar nada além de um único sobrado. Bem a frente deles, um prédio histórico também, mas de outro período que a sua casa, era mais separado do terreno, com proporções harmônicas e uma escada lateral que dava acesso a porta principal e uma pequena torre. Era um prédio belíssimo, embora tivesse um aspecto de abandonado, ao menos, vendo de fora.

Damiani correu a sua frente, abrindo o portão de ferro tingido de preto e parcialmente coberto por ferrugem, o puxando com dificuldade. Ela passou correndo por ele, subindo as escadas até a extensão de telhas que cobria a porta de entrada.

Ao fechar o portão, ele seguiu em sua direção, suas mãos escorregaram na chave úmida pela chuva. Adriana permanecia encostada a parede, abraçando as suas flores azuis, tremendo de frio.

— Consegui... Olha, minha casa é um pouco estranha, espero que não se importe.

— Eu só quero sair da chuva.

Ele sorriu, e girou a maçaneta em ferro escurecido para dentro, todo o ambiente estava escuro, ela entrou, seguindo atrás dele.

— Ligar luzes.

“Luzes automáticas ligadas.”

Uma luz amarelada tomou conta do lugar, vindo de sancas e luzes direcionais que guiavam o olhar a alguns pontos específicos. A casa seria igual a dela, se não fosse pelo refinado estado de conservação, móveis clássicos em uma madeira escura que estavam organizados por toda a casa, brilhantes como se fossem novos. Várias prateleiras clássicas tomavam as paredes com os mais diversos livros, que mesmo sendo atuais, eram todos em capa dura, avermelhada, com seus títulos impressos na lateral.

Um papel de parede esverdeado tomava conta das paredes, com desenhos de flores com um brilho dourado. Dali, via-se uma mesa de jantar longa, com várias cadeiras esbeltas acolchoadas de veludo vermelho.

— Sua casa é... Impressionante.

— Agora entende eu ter gostado tanto da sua? Tenho reunido esses móveis antigos e os reformado desde que me mudei para cá.

Ele deixou sua bolsa pendurada em um cabideiro de madeira bem próximo à porta, e pediu a ela que fizesse o mesmo. Adriana estava impressionada com a decoração, seria como entrar

em uma máquina do tempo, se não fosse a iluminação artificial e alguns equipamentos eletrônicos.

— Vou buscar uma toalha.

E ele seguiu, passando pelo corredor ao seu lado, que tinha um longo tapete vermelho até o seu final, que era um vitral em tons vermelhos que irradiava uma iluminação fraca sobre o chão. Deixou as flores sobre a mesa e foi até a sua bolsa. Havia algumas mensagens preocupadas de sua avó. Ela sabia que as ruas estavam alagadas, e usou a mesma desculpa para dizer que estava na casa de seu amigo e voltaria quando as águas diminuíssem, o que por suas contas, não seria antes da meia noite.

O ruivo voltou de um dos quartos, trazendo uma toalha sobre os ombros e outra em suas mãos.

— Aqui está.

Ela pegou o tecido macio em suas mãos, e cobriu seu corpo com ele, diminuindo o frio que sentia.

— Obrigada.

Em um dos armários baixos ao redor da mesa, viu que havia uma vitrola de madeira, já com um disco vermelho posicionado.

— Eu sempre quis ver uma dessas de perto, ainda funciona?

Ele foi até o equipamento e guiou a agulha de sua ponta até o disco, que começou a tocar uma música animada, não clássica como esperava, mas algum rock antigo.

— *Paralysed Age*, espero que não ache tão chato quanto a do teatro.

— Eu gostei e gostei da do teatro também. As coisas são bem melhores quando eu estou com você.

Ele sorriu, ainda estava usando a camisa molhada de alguns minutos antes, mas não parecia estar com frio, diferente dela, que tremia debaixo do vestido molhado, a fazendo se sentir nua. O tecido leve marcava demais o seu corpo e as gotas de água escorrendo por suas madeixas.

— Posso levar sua roupa para a secadora? Você pode ir para o meu quarto e tirar ela lá, tenho certeza que alguma das minhas camisas deve dar em você.

— Posso tirar aqui mesmo.

Deixou o celular sobre a mesa, junto às flores. Algumas pétalas caíram do celofane até o chão de madeira.

Adriana tocou a ponta fina da alça do vestido, a puxando para baixo, o que causou a Damiani uma expressão de surpresa. Ele acompanhou com luxúria o tecido encharcado descer até o chão que logo foi chutado para trás pelos saltos dourados dela.

Deu alguns passos em sua direção com seu corpo nu brilhando pelo quarto. Em suas mãos, apertou o tecido molhado sobre o seu corpo. (??? Ela não tinha chutado o vestido pra trás???)

— Acho melhor você tirar isso também.

Ele sorriu e a agarrou pela cintura, carregando de volta ao corredor de onde tinha vindo. A cortina vermelha próxima ao vitral voava como uma bandeira, e a vitrola soava o som da guitarra distorcida por todo o ambiente.

Adriana despertou em seus braços, e o abraçou. Ele abriu os olhos e a apertou levemente. (?????????)

— Por favor, me diga que eu não dormi a noite toda.

— Duas horas, talvez.

Sentou-se, puxando o tecido leve da enorme cama sobre seus seios.

— Está tudo bem?

— Sim... Um pouco envergonhada. Espero que eu não arrume problemas com a minha avó.

Ele caminhou até o banheiro da suíte, seu corpo esbelto era ainda mais bonito na escuridão do quarto. A única iluminação era um tom avermelhado, vindo do pequeno abajur do criado mudo.

— Sua roupa secou. Podemos jantar e eu ligo para o meu amigo te deixar.

— Parece ótimo.

Ele voltou, já vestido com uma calça leve que mais parecia um pijama, descendo até os seus pés descalços.

Adriana o analisava do outro lado da mesa, o ruivo comia sem muita vontade, mesmo que o macarrão ao pesto que ele tivesse preparado fosse provavelmente o melhor de sua vida. Ela tomava uma taça de vinho fina, que tinha insistido em abrir, quando viu na cozinha. A luz irradiava em seus cabelos agora somente úmidos, que tinham voltado aos cachos brilhantes que estava acostumada, e mesmo que tentasse, não conseguia tirar os olhos do peito pálido e magro dele.

— Agora eu entendo porque você não tem nenhuma rede social.

Ele arqueou uma sobrancelha, curioso.

— E por que seria?

— Tantos livros, se passar o dia inteiro com eles, não deve ter muito tempo para isso.

Ele sorriu e, ainda de cabeça baixa, levantou os olhos para ela.

— Sim, é exatamente isso, e se julgar pela estética da casa, dá para jogar que sou aficcionado por coisas antigas.

— E por quê?

Disse Adriana enquanto levava aquela fina talher de prata até a sua boca.

— Eu não sei bem, talvez pela própria literatura, alguns jogos, também sempre gostei de ler, me ajudou a lidar com as coisas depois que meus pais morreram.

— Eu sou assim com desenho.

— A arte ajuda, é bom externar seus sentimentos. Também acho que as coisas eram mais simples naquela época. O povo mais próximo um do outro, gosto pela arte e de algumas coisas, mas em questão social, era uma época bem ruim.

A morena concordou, assentindo com a cabeça.

— Você fala como se tivesse vivido naquela época as vezes, sabia?

— Você também.

Mais tarde, ele chamou seu amigo taxista de volta e ele fez o mesmo caminho confuso da ida. Ela estava feliz, um pouco desorientada, mas feliz por todas as aventuras daquela noite. Sua avó estava a esperando na porta quando chegou, e ao ver o buquê em sua mão e o sorriso em seu rosto, ficou feliz por tê-la incentivado a sair.

— Me desculpe mesmo por chegar tão tarde.

Disse ela enquanto tirava os sapatos, deixando o buquê sobre uma pequena mesa próxima.

— Parece que a noite foi mesmo boa.

Adriana sorriu, timidamente, e sua avó pegou as flores e as levou para um jarro com água.

— Foi sim, tirando a chuva.

— Espero que esteja melhor.

Respeito

Meses haviam se passado desde que Adriana havia conhecido aquele estranho rapaz no meio de uma crise de choro. O relacionamento entre ambos continuava no mesmo ritmo estranho, ao mesmo tempo que entre eles era perfeito e mágico, como jamais pudera imaginar. Para todos os outros, era como se o garoto incrível de suas histórias não existisse, estava sempre desocupado nas horas perfeitas, mas ocupado para tarefas mais simples.

Depois de tanto tempo, ela já tinha se convencido a ignorar suas peculiaridades e deixar com que as coisas "acontecessem naturalmente." Se sentia sortuda por ter alguém tão inteligente e de mente aberta do seu lado, embora soubesse que suas atitudes não eram nada mais do que devia ser o padrão de comportamento. Estava tão acostumada com um mundo que a enchia de crueldade, que alguém com mínima decência parecia o mais nobre dos homens. Sua baixa autoestima também impedia que ela o pressionasse mais para saber de seu passado, então focava em seu futuro e nos planos mirabolantes que ele tinha. Ouvia com curiosidades as horas que ele passava falando de tecnologias novas e teorias que não estavam presentes nos livros de ciências.

Naquele pôr do sol de final de junho, as garças voavam ao alto de suas cabeças, emitindo um som bem característicos enquanto se direcionavam rumo ao Mangal das Garças e as praças não muito distantes dali. Suas figuras esbeltas passavam como flechas brancas sob o céu, sumindo entre as nuvens ou voando baixo, bem perto do limite de concreto. Adriana tinha os fios em cachos soltos sobre seus ombros, e usava uma saia quadriculada colorida, junto a uma camiseta esvoaçante de mangas longas e tecido leve. Olhava para o céu tentando contar mentalmente quantos daqueles pássaros haviam.

Damiani, ao seu lado, estava sentado despreocupadamente, apoiando os braços sobre as suas pernas e olhando para a baía, a brisa leve soprava o seu cabelo na direção de seu rosto, fazendo com que ele constantemente se irritasse e tivesse de tirar os fios de dentro da sua boca. Sua roupa era mais comum dessa vez, usava um *all star* preto, calça jeans e uma camisa preta sem estampa e nem mangas, exibindo seus braços pálidos e alguns músculos de seu corpo magro. Ainda assim ele parecia estonteante.

Não haviam muitas pessoas ali naquele fim de tarde, então por alguns momentos puderam ter paz sem os olhares de julgamento das pessoas ou os comentários que tanto a irritavam. Adriana tentava se manter calma, pois o dia seguinte seria o grande dia. Depois de tantos ensaios e irritações provocadas por Jéssica e as outras pessoas do grupo de dança.

— Então amanhã é o grande dia?

— Pois é... — Disse ao esboçar um sorriso de canto. — Nervosa.

Sentiu sua mão sobre o seu ombro, que apertou gentilmente.

— Tenho certeza que vai se sair muito bem.

— Obrigada... Só que, sabe, é a única coisa que eu sou boa e...

Ele bufou, apertando sua bochecha de forma repreensiva.

— Você sabe que não!

Ela deu de ombros, sua autoestima nunca fora das melhores, o bullying não a ajudava com isso.

— Você desenha muito bem, escreve coisas incríveis, não deveria se jogar tanto para baixo assim.

Lembrou-se dos problemas que estava tendo na escola, as suas notas baixas e sua provável incapacidade com matemática.

— Eu sou burra, Dami... Estou toda enrolada na escola, só queria aprender como as outras pessoas.

— Você não é burra, Adriana. Já pensou que se sairia melhor se estudasse as coisas que gosta e não um monte de fórmulas que não entende e nem vai usar para nada depois?

Ela pensou um pouco na situação antes de responder.

— Bom, você tem razão, acho que não devo ser a única a me sentir assim.

Ele balançou a cabeça afirmativamente, voltando seus olhos para ela, seus dedos percorreram a grama onde estavam sentados.

— Sabe, de onde eu vim a escola funciona com uma espécie de seleção, eu estudei cálculos e física, mas é porque eu gosto.

Ela fez uma cara de nojo.

— Não sei como alguém pode gostar daquela coisa chata.

Ele deu uma risada, a empurrando gentilmente contra a grama.

— Cada um com o seu gosto.

Sorriram, voltando a olhar para a água barrenta e passaram alguns minutos em silêncio, observando o pôr do sol em suas cores douradas e a escuridão azulada que aos poucos tomava conta do ambiente. A noite e o festival ali perto fizeram que o lugar ficasse cada vez mais cheio, logo Damiani notou que Adriana ficava cada vez mais nervosa com os olhares que eram direcionados para ela, então se levantou, limpando a grama e a terra de seus jeans e estendeu a mão para ela, que nada entendeu, ficando sem reação por alguns segundos.

— Vem, vamos tomar um sorvete.

— Eu não tenho dinheiro e..

Ele estalou a língua, insistindo.

— Eu pago, vamos.

Ela sorriu, se levantando do chão com a ajuda dele, que a guiou para longe gentilmente, sem soltar a sua mão.

— Obrigada por isso.

— Qual o problema dessas pessoas?

Ela notou que ele não soltou sua mão, e gentilmente cruzou seus dedos nos dele, andaram por mais alguns metros no calçamento de pedras em preto e branco. Havia algumas árvores aqui e ali, além de várias barracas com diversos tipos de comidas. Crianças corriam, casais conversavam mais aos cantos e algumas pessoas praticavam esportes em grupo. Era um dia de semana comum, agitado, a apresentação das quadrilhas estaduais acontecia ali perto, a música estava alta e algumas centenas se aglomeravam para assistir o espetáculo.

— Você está bem?

Adriana estava mais concentrada na mão que segurava a sua, e ao notar isso, ele apertou ainda mais um pouco, fazendo com que seu rosto formasse um sorriso tímido, levando o olhar para longe do dele.

— Estou sim, vou ignorar essas pessoas, acontece bastante.

— Mas não deveria.

Seus olhos foram até a fonte da música, e ao pararem, ela começou a balançar o corpo, dançando com o ritmo animado da música junina.

— Quer ir até lá ver as quadrilhas?

— Seria legal!

Uma grande arquibancada tinha sido montada bem ao fim da orla, um teto de lona cobria a parte central e dezenas de pessoas assistiam a apresentação. Adriana se afastou do rapaz,

correndo até um dos muitos bancos de concreto próximos para poder enxergar alguma coisa da apresentação.

— Estão tão lindos!

Observou os casais dançando ao longe, a música alta e as roupas esvoaçantes a deixaram hipnotizada, pensou que em breve seria ela a se apresentar na escola. Nunca tinha estado nervosa daquele jeito antes, colecionava faixas, mas era diferente agora, era uma escola nova e tinha de provar o seu valor para todos do grupo de dança e para as pessoas que tinham votado nela. Esse pensamento mais atrapalhava que fazia com que ela se saísse bem.

— Você é tão baixa que teve que subir em um banco.

— Idiota! - Disse entre uma risada. - Vamos até mais perto?

Ela segurou sua mão e, desta vez, seguiram até a longa fila que dava acesso à arquibancada, com pessoas se aglomerando ali por perto, tentando ver alguma coisa ou entrar.

— Gente demais.

O ruído se afastou, era nítido que a quantidade de pessoas ali e o próprio estilo das músicas o incomodava. Pensando bem, ambos tinham estilos bem diferentes, mas em nenhum momento ele parecia não tentar ser adaptável ou criticar seus gostos. No dia que o visitou, acidentalmente, notara que ele era bem excêntrico e ainda não tinha compreendido aquela ambientação estranha que tinha visto na sua casa, torcia para que fossem somente gostos diferentes e não que ele pudesse ser perigoso de algum modo.

— Tudo bem, podemos ver daqui mesmo.

Ela o confortou, se afastando com ele até um ponto onde ainda podiam ver a apresentação. A competição era algo bastante formal, havendo uma banca de jurados e várias quadrilhas dos diversos bairros da cidade disputando pelo prêmio.

— Você parece encantado, vai me dizer que na sua cidade não tinha quadrilha também?

Ele a abraçou, olhando para o mesmo ponto que ela.

— Pois é, não tinha, é um fim de mundo.

Ela congelou em seus braços, deixando lentamente seu corpo se envolver pelo seu. Era difícil para que ela confiasse, mas apesar de sua estranheza, a cada dia ele se provava uma pessoa melhor e mais digna de confiança. A noite já caía e ele encostou seu queixo sobre a sua cabeça, olhando para a apresentação. Não eram o único casal por ali, e pela primeira vez, ela sentia que havia encontrado alguém que realmente valia a pena.

— Damiani.

Ele se afastou, se pondo ao seu lado para a ouvir melhor.

— Obrigada por estar aqui comigo.

— Eu quem agradeço, acho que estaria morrendo de solidão nessa cidade se não fosse por você.

Ela o abraçou de volta, e ele a deu um beijo suave na testa. Acomodou o seu rosto perto do seu coração, e por algum motivo teve vontade de chorar.

— Acho que vou comprar uma água, você me espera aqui?

— Claro.

A respondeu com um sorriso, voltando a olhar para a apresentação. Adriana seguiu sozinha, se esquivando de algumas pessoas que tomavam todo o caminho até uma barraca ali perto. Havia uma pequena fila e alguns homens bebiam, sentados em algumas cadeiras próximas dali, todas aquelas pessoas a deixavam intimidada.

— Boa noite, uma água por favor.

O vendedor a olhou com certa repulsa, mas se moveu para pegar o seu pedido. Só aí viu que um dos homens bêbados tinha se levantado, cambaleante, e foi até ela.

— Olha o que nós temos aqui!

E se virou, olhando para seus amigos, que o deram forças, rindo na expectativa de ver o que aconteceria.

— A gente te viu com o seu namoradinho, se perdeu? Ou era cliente?

— Me deixe em paz.

O vendedor entregou a água e ela o pagou com uma nota relativamente alta.

— Vou ter que pegar o troco.

Disse antes de sumir, a deixando sozinha com o bêbado.

— Tá nervoso por quê? Fica fazendo essas coisas na frente de um monte de criança e depois reclama.

— Não estou fazendo nada.

Ele agarrou o seu braço, a puxando para baixo e olhando no fundo de seus olhos.

— Tu tem sorte de que tenha tanta gente aqui.

O vendedor surgiu, apontando o troco em sua direção, mas sem interferir em nada do que estava acontecendo. O homem à sua frente era de meia idade, cabelo curto e um sorriso desprezível no rosto, sabia que tinha de sair dali antes que algo pior acontecesse. Puxou seu braço, pegando o troco e sua água e saindo dali quase que correndo. As risadas atrás de si continuaram e pareciam ecoar dentro de sua cabeça conforme ela corria, se chocando com algumas pessoas pelo caminho enquanto procurava por Damiani, que estava parado no mesmo lugar onde havia o deixado.

— O que aconteceu?!

Ele a questionou, vendo seus olhos marejados e sua expressão confusa.

— Vamos embora, por favor.

Ela não permitiu que ele fizesse mais perguntas. E arrastando-o para longe dali, só conseguiu parar quando chegaram a uma praça quase vazia a alguns metros.

— Adriana!

Ele teve de a segurar pelos ombros, a impedindo de continuar correndo ou o puxando.

— O que aconteceu?

Ela baixou o rosto, tomando fôlego e segurando em seus próprios joelhos. Damiani segurou em seu ombro, confuso. Ela ao tomar ar, o abraçou, e ele a guiou até um dos bancos próximos, onde ela bebeu um pouco de água, hiperventilando e sem conseguir falar direito.

— Alguém fez alguma coisa com você?

Ela balançou a cabeça, afirmativamente. Muitas coisas se passavam pela sua mente ao mesmo tempo. E todo o período que passaram juntos pela primeira vez enchia suas ideias mais de dúvidas que de certezas. A ansiedade tomava o seu corpo, suas mãos tremiam, e seus olhos doíam de lágrimas que em breve seriam derramadas.

— Um homem me ameaçou, falou de nós dois, que não devíamos fazer aquelas coisas na frente das crianças.

Ele a olhava no fundo dos olhos, confuso.

— Mas fazer o quê? Não fizemos nada, só estávamos de mãos dadas.

— Eu sei!

Algumas lágrimas rolaram de seu rosto, e ela deu um segundo gole em sua garrafa de água.

— As pessoas não esperam nada bom de travesti, acham que estamos desrespeitando a existência deles e de suas famílias só de existir.

— São uns idiotas. Se eu estivesse com você, o teria feito engolir as suas palavras.

Pensou no dia seguinte, e de onde iria tirar forças para parecer alegre.

— Só queria que você fosse amanhã.

Disse, entre lágrimas, que Damiani limpou com a palma de suas mãos.

— Eu sinto muito por isso, de verdade.

Ela o repeliu, e várias cenas de todos aqueles dias vieram à tona. E se ele fosse como os outros? E se tivesse vergonha dela?

— Por que você se esconde assim? Não me diz suas redes sociais? Não conhece meus amigos? Do jeito que tudo é, é como se você fosse uma alucinação da minha cabeça.

Ele parecia mais preocupado que ofendido.

— Eu já te expliquei isso, e só não vou amanhã porque tenho que trabalhar.

— E que trabalho é esse? Você mora sozinho e sempre tem dinheiro! É algum tipo de bandido? Ou é casado?

Ele ficou boquiaberto, mas logo começou a rir, o que só fez com que ela se irritasse ainda mais.

— Olha bem para mim, você acha mesmo que eu sou uma dessas duas coisas?

— Eu não sei, Damiani, eu nem sei quem você é.

O ruivo suspirou, se afastando alguns centímetros dela..

— Bom, nisso você tem razão... Mas não posso te contar tudo sobre mim, falo o que posso.

— Por que não pode? Isso tem alguma coisa a ver com eu ser trans?

Suas mãos envolveram os seus ombros, guiando o seu rosto até o dele.

— Eu não me importo com isso, eu já te falei.

— É que...

Ele segurou o seu queixo, estava úmido pelas lágrimas de alguns instantes antes, e o guiou até o seu rosto, beijando suavemente. Seu corpo se acalmou, deixando se envolver pelos seus braços.

— Eu vim para cá, essa cidade nova, porque eu não tinha mais nada na minha antiga, eu sei como é perder os pais.

Foi como se uma flecha a tivesse atingido, e sentiu-se péssima por tudo que tinha dito antes.

— Meus pais foram assassinados, não tem muito tempo, não tinha mais nada para mim na minha cidade, então arrumei um emprego aqui e fui embora, isso é tudo.

— Eu sinto muito.

Damiani sorriu, acariciando o seu rosto com a ponta dos dedos.

— Você está melhor?

Adriana balançou a cabeça, afirmativamente, e ele olhou ao redor, procurando um dos táxis que estavam ali perto.

— Não vou poder te deixar em casa, e tenho algumas coisas para resolver agora, você está bem nervosa, então é melhor que vá para casa.

Ela protestou, pois se incomodava que ele sempre pagasse tudo.

— Eu posso voltar sozinha

— Eu sei... Mas eu vou ter que insistir.

Disse enquanto a guiava até um dos muitos carros brancos estacionados no acostamento.

— Taxi, senhor?

Damiani abriu a porta, a colocando no banco de carona. De onde estava não pode ouvir o que ele dizia para o homem, mas conseguiu ver que o olhava com uma expressão estranha. O taxista, por sua vez, parecia hipnotizado por suas palavras, e aceitou o dinheiro que tirou de seu bolso de forma quase robótica.

— Boa noite.

Disse o homem, ao entrar no táxi e fechar a porta sem olhar em seus olhos. Antes do carro partir, acenou para Damiani, que permaneceu parado no mesmo lugar enquanto o veículo se afastava. Ao fazerem o retorno, não tirou os olhos dele, e ao longe percebeu que ele caminhava até alguns policiais alí próximos, mas não fazia ideia do motivo.

Partindo caminhos

Ouvia o burburinho dos alunos ao longe. As arquibancadas da escola estavam completamente lotadas, tanto que alguns alunos nem tentavam mais ver dali, se aglomerando perto das saídas e nas salas com visão para a quadra. Todas as quadrilhas se espremiavam naquele camarim improvisado, alguns se aglomeravam na porta, por onde iriam sair, ansiosos.

Adriana estava mais afastada, repassava os passos da dança mentalmente, e em frente ao espelho, retocava sua maquiagem. Sua roupa estava impecável e agradeceu com lágrimas nos olhos a sua avó antes de sair rumo a escola, ambas tinham feito muito esforço para pagar, e mesmo que não se saísse bem, se consolava com o fato de que sua roupa era a mais bonita dali.

— Gostei do vestido.

Disse Jéssica ao se aproximar dela, tocando em um dos babados de sua roupa.

— Espero que não erre os movimentos como nos ensaios.

— Não vou. — Disse confiante. — Vai dar tudo certo.

A garota riu com certo deboche, e voltou para próximo das outras solistas, esperava que as tivesse desmotivando tanto quanto a desmotivou, embora já acreditasse que esse era algum problema pessoal. Viu que sua amiga, Beatriz havia furado o bloqueio criado pelas outras quadrilhas e se aproximou dela, dando alguns pulos, animada. Tinha cortado ainda mais o seu cabelo azul, e usava um xadrez quadriculado sobre uma calça rasgada.

— OLHA PARA VOCÊ!

Gritou antes de correr para abraçá-la. O seu vestido fez um som plástico pela quantidade de patchouli e penduricalhos costurados no tecido.

— Você veio!

A garota a observava, estarecida.

— Tá muito gostosa, meu Deus! Eu pegava muito!

Adriana começou a rir, envergonhada.

— E o boy, vai vir?

Lembrou-se da conversa tensa da noite anterior, não queria pensar naquilo, temia que qualquer coisa a tirasse do foco.

— Infelizmente não, está no trabalho, fiquei bem triste com isso.

— Poxa, finge que eu sou teu boy então. — Disse tentando animar. — Vou ficar no canto da quadra e te ver acabando com a raça dessas metidas.

— Fala baixo! — A repreendeu, logo baixando a voz. — Mas vou mesmo!

O locutor, que era o seu professor de Química, anunciou nos autofalantes que se iniciaria a apresentação do grupo de dança e das misses. A fila na saída da porta começou a se formar, e Jéssica gritava aos quatro ventos para se arrumarem como nos ensaios. Ela se afastou de Beatriz, indo até o lado de seu par, que parecia bem tranquilo, diferente dela.

— E aí Miss. Primeiro ano, ansiosa?

— Bastante.

Disse entre uma risada, enquanto apertava as mãos contra as luvas de renda branca que usava.

— Espero que não pise no meu pé hoje.

— Eu também.

O rapaz segurou sua mão, pronto para entrar.

— Representa o primeiro ano viu, estão contando contigo.

Ela balançou a cabeça e logo a fila começou a andar, saindo dos bastidores rumo a quadra completamente lotada. A música estava estourada, tanto que ouviu seus ouvidos tinindo assim que colocou seus pés na tinta esverdeada do piso. Acima de si, várias bandeiras com luzes pisca-pisca tinham sido presas à estrutura. Havia uma banca de jurados, sendo eles o professor de educação física, alguns convidados, dançarinos e estilistas, davam a tudo aquilo um caráter bem mais sério. Se posicionavam bem a frente, em uma mesa na ponta extrema da quadra, com água e papéis onde dariam as notas. Bem ao seu lado várias caixas de som estavam empilhadas e com o volume no máximo. Havia contratado até mesmo um DJ, que se exibia mexendo nos vários botões de sua mesa.

Os alunos gritaram assim que todos estavam em seus lugares, e Jéssica foi na frente, acenando para todos e fazendo sinal para que os casais se organizassem. Ela era a marcadora, talvez o que fizesse com que fosse tão rabugenta (?????). Por serem o grupo de dança, todos ali esperavam que a apresentação deles fosse a melhor, e se dependesse dos ensaios que tinham se iniciado tão cedo, eles seriam.

Com o soar do primeiro apito, a dança começou e os casais correram ao redor da quadra, acenando para a plateia. Adriana se balançava, suavemente, e seu vestido bufante formava grandes ondas conforme seus passos se davam. Respirava fundo, tentando se lembrar dos passos, sua vista passeava sobre a enorme plateia e as luzes multicoloridas. A enorme fila se dividiu em duas, onde mulheres e homens se separaram, a música teve uma quebra, e se iniciou a coreografia.

Tudo correu bem, e se desconsiderando alguns tropeções de outros alunos e pessoas esquecendo os passos, com ela tudo permaneceu certo. Não pisou no pé do seu parceiro como nos ensaios, e a cada movimento, comemorava internamente por superar as próprias expectativas. A dança não durou mais que quinze minutos, e ao darem a última volta pela quadra e se despedirem, foram ovacionados. Realmente tinham sido os melhores da noite, embora sendo amadores em uma quadrilha escolar.

Jéssica correu para dentro, parecia irritada. Era uma pessoa perfeccionista, e os erros dos outros dançarinos fizeram com que ela fosse direto para o banheiro, onde se trancou pelos próximos minutos.

— Mandou muito bem. — Disse seu par, enquanto se afastava para entrar na fila para buscar água.

— Só de não ter pisado no seu pé, eu fico satisfeita.

Beatriz apareceu, novamente, empurrando as pessoas próximas para chegar perto da amiga.

— Beatriz!

— Perfeita, né? Como sempre!

Adriana sorriu, indo até o espelho para conferir se sua roupa ainda estava no lugar, sua amiga a deu uma garrafa de água gelada, ainda fechada e voltou os olhos para ela, arrumando seu arranjo de cabeça no lugar.

— Respira, respira que você ainda tem muito para fazer.

— Tem razão. — Disse ao dar goles furiosos na água. — Minha apresentação de verdade é daqui a pouco.

— Pois é, e a Jéssica? Ainda está chorando no banheiro?

Alguns alunos próximos riram ao ouvir aquilo.

— Nem foi tão ruim, não tem como ser tão profissional quanto ela quer.

Disse ao pegar sua maquiagem e bater contra a sua pele, criando uma pequena nuvem de pó marrom.

— Garota chata. Mas pelo menos de você, ela não pode reclamar.

Jéssica saiu do banheiro, estava vermelha como um pimentão, e tinha feito um rabo de cavalo alto no topo de sua cabeça.

— Quem não for Miss já pode ir saindo, agora só quero elas aqui.

Os outros começaram a pegar suas coisas entre reclamações, outros foram em direção aos provadores, deixando somente as três misses e a marcadora, no centro da sala.

— Sugiro que também vá.

Ameaçou Jéssica, olhando para Beatriz, que deu de ombros e seguiu até a porta.

— Até daqui a pouco, Adriana.

A loura olhou bem para as três garotas à sua frente. Algumas já tinham competido antes, a do terceiro ano por exemplo, embora tendo a roupa mais simples, tinha ganhado durante os dois anos anteriores.

— Espero que vocês não me façam passar vergonha que nem a quadrilha.

Perpetuou Jéssica, parando em sua frente e puxando o decote de seu vestido para cima.

Após mais alguns minutos, o locutor começou a falar sobre as Misses. Adriana apertava nervosamente os dedos uns contra os outros, olhou-se mais uma vez no espelho, pegando a cesta cheia de glitter e confetes que repousava sobre uma das cadeiras.

— Boa sorte.

Disse a Miss do segundo ano, tocando suavemente em seu ombro.

— Obrigada, para você também.

A garota se afastou, voltando ao espelho, a outra não deu as mesmas palavras de cumprimento e continuou concentrada, ensaiando alguns passos sem sair do lugar. Seu vestido era quase tão bonito quanto o dela, em um azul marinho com detalhes dourados. Jéssica a guiou até a porta, e do lado de fora ouviu o locutor. “Adriana Moreira, Miss do primeiro ano.” Era a hora de seguir. Podia sentir as próprias batidas de seu coração, nervoso. Ao abrir a porta, saltitou para fora, olhando na direção de todas aquelas dezenas de pessoas. Jéssica a acompanhou, andando alguns metros atrás dela mas deixando que fosse sozinha até o meio da quadra, as luzes baixaram, e um foco de luz amarela a cobriu.

Ela estava descalça, seus pés tinham duas tornozeleiras com penas e chocalhos, que faziam um barulho característico sempre que ela se mexia, ao longe, os alunos do primeiro ano gritavam o seu nome, conhecia algumas das vozes de quando foi pedir que votassem nela, e pela primeira vez naquela escola, se sentiu verdadeiramente abraçada.

Se esticou, tocando em um de seus pés e com o outro, segurou firmemente o seu cesto.

— Um... Dois... Três...

Contou para si mesma, a música logo começou a tocar, era uma versão de Lua Luar, e ao girar pela primeira vez, fez com que uma onda de purpurina voasse acima de si vinda daquela cesta de palha que carregava. A plateia começou a gritar, animada. No meio de sua dança viu que Beatriz estava no canto da quadra, gravando tudo com o celular, ela sorria. Movendo-se ritmicamente à medida que a música tocava, o ritmo animado do Carimbó fazia com que rodasse segurando as barras das longas saias em vermelho carmim e detalhes em dourado acima de seus pés.

Andou um pouco para trás, tomando o impulso para a primeira acrobacia, onde em um mortal, foi parar bem no meio da quadra. A música já estava lá pela sua metade, e conforme sua acrobacia terminou a música, de forma síncrona, também parou. Pode ouvir um som de surpresa dos outros alunos, que acreditavam que a música tinha dado algum erro. Em um movimento

rápido, desenganchou a parte de trás de sua saia, que caiu ao chão, revelando um vestido menor e transparente.

Jogou o restante do vestido para longe, e a música se animou em um remix, onde pode dançar mais livremente e de modo mais agitado. Os alunos começaram a gritar, era a primeira vez que alguém ousava tanto em uma apresentação. Olhando para eles, movimentou o corpo para frente e para trás em um rebolado sutil, acompanhando o ritmo. A música logo terminava e ela correu pela quadra, batendo palmas e incentivando os outros alunos a fazerem o mesmo. Impulsionou o corpo, correndo e fazendo outra elaborada acrobacia, que parou bem à frente da mesa de jurados.

Seus olhos foram até o professor, que estava boquiaberto. Os alunos gritavam, batendo contra as grades que separavam a quadra, e seu peito se movimentava para frente e para trás, estava completamente esgotada.

— E essa foi a primeira candidata, batam palmas!

Adriana fez uma reverência, se abaixando e erguendo a sua saia. Deu as costas, de volta a sua cesta e a roupa que tinha jogado ao longe. Estava extremamente feliz, tudo tinha saído conforme o planejado, e ao ver que os alunos ainda gritavam o seu nome quando ela voltou aos bastidores, estava completamente confiante em sua vitória.

— Isso foi... Bom, impressionante.

— Não teria conseguido se não graças a você, Jéssica.

A loura sorriu, seguindo em direção a segunda Miss. Adriana tomou um pouco de água, limpou o suor da testa, e voltou para a quadra, onde uma animada Beatriz a recepcionou.

— Você foi incrível!

— Obrigada, de verdade.

Seguiram juntas até a arquibancada, onde algumas pessoas do primeiro ano a abraçaram e deram parabéns.

— Certeza que vamos ganhar!

Disse um garoto que nunca tinha visto antes, a abraçando.

— Obrigada, gente.

Sua timidez parecia ter se esvaído, e ficou por ali, na companhia deles até que as outras apresentações comesçassem. Sinceramente, não se atentou muito a elas, conversando com sua amiga durante grande parte do tempo, só pararam ao ver que infelizmente a garota do segundo ano tomou uma grande queda no meio da apresentação, que fez com que a plateia comesçasse a rir.

Se sentiu penalizada por ela, mas não pode fazer muito, a garota sempre tinha sido gentil com ela, e era a que menos se mostrava competitiva. Já a do terceiro ano, e sua principal concorrente, dançou muito bem, mas se manteve dentro do que era tradicional, sem acrobacias ou mudanças na música que tinha escolhido. Não sabia se tinha se saído melhor ou pior que ela, e sua baixa autoestima não a permitia escolher.

Depois de quase uma hora de contagem de votos, Adriana comia um grande copo de mingau quando foi chamada para o resultado. Largou o copo com sua amiga e correu até a entrada da quadra, onde deu de encontro com as outras misses, a garota do segundo ano parecia inconsolável.

— Tá tudo bem, fica calma.

— Eu nem quero entrar, passei uma vergonha enorme.

Disse a outra, parada na porta da quadra.

— Vem comigo, a gente passa vergonha juntas.

Ela riu, e ambas entraram de mãos dadas para ter o resultado, parando na frente da banca de jurados. A garota do terceiro ano se manteve longe das duas, as olhando com reprovação, e fazendo uma pose enquanto os ouvia.

— As apresentações deste ano foram incríveis, muito diferentes e bem mais competitivas do que geralmente temos aqui.

Os prêmios eram até que bons, uma quantia em dinheiro para o primeiro lugar, um vale de compras para o segundo e uma cesta de doces para o terceiro. De certo modo ninguém sairia de mãos vazias, mas pensou que o dinheiro seria bom para ela e sua avó. A casa precisava de uns ajustes, e mesmo que tivesse o jardim dado de presente por Damiani, ainda tinham muitas coisas fora do lugar.

— Sem mais enrolação, vamos iniciar pelo terceiro lugar.

Um som de mistério soou nos alto falantes, mas já sabiam quem seria, a garota do segundo ano deu um passo à frente, e o locutor disse seu nome.

— Juliana Marçal, Miss do Segundo ano.

Ouviu algumas palmas, e foi a frente para buscar o seu prêmio das mãos do diretor. Um fotógrafo tirou algumas fotos e ela voltou para junto das outras duas, ainda parecia bastante triste, mas deu um olhar de cumplicidade para Adriana.

— No primeiro lugar. — Disse o professor dando alguns passos, de um lado para o outro. — Inclusive, eu acho bem interessante, que é a primeira vez que temos um homem competindo entre as misses.

Falou entre uma risada, que foi acompanhada por grande parte dos alunos. Ela se virou, e viu que até mesmo quem considerava como amigos tinham rido daquilo. Fechou o rosto, baixando a cabeça timidamente. Jéssica, a marcadora, foi uma das únicas que balançou a cabeça, negativamente.

— Só brincando, tá? Não vai ficar chateado.

Disse o professor para Adriana, que deu um sorriso sem graça e continuou a olhar para baixo, logo notaram o quanto aquilo a tinha ofendido.

— Em primeiro lugar, e não muito diferente dos outros anos, Silvane Souza.

Definitivamente, aquele não era o seu nome.

— Em segundo, Adriana!

Disse o homem, apontando em sua direção.

Não conseguiu conter seu descontentamento, alguns alunos do primeiro ano literalmente começaram a vaiar. Adriana não teve reação, o diretor entregou a faixa de primeiro lugar para Silvane, que sorria confiantemente para a plateia revolta. Adriana também recebeu uma faixa, a de segundo lugar, mas estava feliz que ao menos podia comprar algumas coisas para casa com o prêmio.

Todas saíram da quadra, que foi aberta para que os outros alunos pudessem dançar. Música eletrônica começou a tocar, e ela andou em direção ao banheiro do provador, Beatriz correu atrás dela, assim como Jéssica, mas conseguiu escapar com sucesso até o banheiro.

Estava bem mais triste com o que o professor havia dito e com as risadas do que com o segundo lugar em si. Tinha feito umas coisas bem diferentes do comum, e sabia que as reações podiam ser ou muito positivas, ou negativas, mas estava satisfeita consigo mesma. Olhou-se no espelho, limpando o suor e tirando o arranjo pesado dos cabelos. Soltou os cachos sobre o rosto, deixando que seu longo cabelo caísse sobre a sua roupa e guardou os acessórios de volta na mochila. Ouviu batidas na porta do banheiro, era Beatriz, e a abriu para que ela entrasse, ainda limpando a maquiagem na frente do espelho.

— Ai amiga, não acredito que isso aconteceu, que absurdo!

Adriana deu de ombros, seus dedos enrolados em um pano leve passavam por sua pele suavemente.

— Ah, normal, não dá para ganhar sempre.

— Os garotos estão falando que os pais da Silvane pagaram os jurados, olha eu não duvido, você foi bem melhor que ela.

— Eu não sei, podem ter não gostado mesmo.

Disse Adriana, dando de ombros.

— Claro que não, onde já se viu ganhar tantos anos seguidos.

Beatriz se irritou ao ver que a amiga não tirava os seus olhos da frente do espelho.

— Se é assim, por que você está assim?

Teve em resposta um suspiro irritado, a morena não olhou para ela, e começou a nervosamente guardar as coisas em sua mochila.

— “Primeira vez que temos um homem competindo entre as misses”. Você acha isso engraçado mesmo? Minha vivência é engraçada pra ti?

— Claro que não acho, Adriana.

Colocou a mochila nas costas, não queria mais ficar naquele lugar, sentia que iria começar a chorar a qualquer momento.

— Então por que você riu, Beatriz?

Não obteve resposta, então se virou para ir embora, Beatriz agarrou seu braço.

— Não vai embora assim, vão achar que não aceitou perder.

— Eu não me importo, cara, eu te considerava minha amiga, mas você riu de mim, todo mundo percebeu que eu não gostei, até a Jéssica que me perseguia desde que entrei no grupo de dança não riu de mim, mas você sim.

— Desculpa.

Ela puxou o braço para si e saiu do banheiro, batendo a porta atrás de si, viu que Jéssica ouvia a conversa.

— Você se saiu bem, e eu não te perseguia, só queria que não passasse vergonha.

Não queria começar uma nova discussão, sua mente já estava confusa e triste demais.

— Bom, parece que eu passei de qualquer jeito, mas obrigada.

Ela sorriu, batendo levemente em suas costas, no final de tudo, não era a vilã de sua história.

— Até segunda, Adriana.

Ao se esquivar dos muitos alunos que dançavam na quadra e alguns que a pararam para prestar as suas condolências, finalmente chegou até a porta da escola. Algumas pessoas bebiam por ali, encostadas no muro. Já era tarde da noite, e se sentia tão triste e confusa como não se sentia há meses. Temia que nunca mais falasse com Beatriz e que o bullying piorasse depois daquele dia. Definitivamente não era como esperava que o dia acabasse.

Desceu a rua, passando por alguns alunos que voltavam da festa, alguns poucos carros cruzavam as ruas, e sentiu um pânico tomar conta de si. Não queria ir para casa e ter alguma crise perto de sua avó, crises de ansiedade iam e vinham desde que se lembrava, a falta de ar, o medo e a vontade incontrolável de chorar. Tentou se lembrar de onde Damiani morava, mas não fazia ideia desde aquele dia, o carro deu tantas voltas que não conseguia se recordar de nada de seu trajeto.

Viu o cemitério, bem ao longe, a noite estava chuvosa, silenciosa, não havia nada além de seus portões que não uma revoada de morcegos que voavam de uma mangueira até a outra. E se ele estivesse lá? Mas como estaria aquela hora? Não podia estar pensando direito.

Foi até o grande portão de ferro, esperando que estivesse trancado, como sempre estava depois das seis, mas por algum motivo, ele estava aberto, como se tivesse sido arrombado recentemente.

— Meu Deus! O que será que está acontecendo lá dentro?

No primeiro momento, pondo seus pés na pedra fria, não havia nada diferente do usual. Novamente não viu o vigia, deveria estar dormindo, ela esperava.

— Que ridículo, eu com esse vestido de quadrilha no meio de um cemitério a essa hora.

Sussurrou para si mesma, andando silenciosamente até aquele grande cruzeiro que marcava a centralidade do lugar. Segurava a barra da roupa para evitar que fizesse tanto barulho. Seus olhos exploravam o seu redor, já tinha estado ali tantas vezes, mas nunca tinha sentido tanto medo antes. Encostou-se na cruz de pedra branca, olhando para a sombra que se formava atrás de si com a luz amarela dos poucos postes de energia. Temia que algo surgisse das sombras, não um fantasma ou demônio, humanos eram bem mais assustadores.

Depois de alguns minutos encostada naquela estrutura, uma fina garoa começou a cair, seu vestido se sujou no limo incrustado no cruzeiro e começou a tremer de frio, abraçando a sua mochila. Não havia ainda concebido que os próprios professores tinham agido daquele jeito e ninguém, ninguém tinha feito nada para defendê-la, se sentia tão traída que até torcia para que algo de ruim acontecesse.

— Mocinha, o que você está fazendo aqui a essa hora?

O velho vigia se aproximou, sua presença era sempre ameaçadora. Longos fios brancos escorriam pelo seu rosto enrugado semi escondido pela escuridão. Adriana quase gritou ao vê-lo, ele agarrou seu braço, esperava que fosse somente para lhe arrastar para fora.

— Eu resolvo isso, João.

Ouviu a voz de Damiani detrás dele, o homem a soltou, dando alguns passos para trás.

— É meio perigoso vir aqui a essa hora, amor.

— Eu sei... Eu só precisava falar com alguém, por favor.

Ele suspirou, e deu alguns passos, de um lado para o outro, seus cachos balançando conforme as mesmas botas marrons marcavam o solo.

— Tudo bem, mas não aqui.

Ele segurou seu braço suavemente, do mesmo modo como se faziam em muitos daqueles livros antigos, e a guiou até a saída. Estava mais sério que de costume, e não parecia estar feliz em encontrá-la ali naquela hora. O portão de ferro se fechou atrás dos dois, no mesmo som sepulcral, e o homem enrugado voltou para a escuridão das profundezas do cemitério. Adriana olhou para o céu revolto, temia que aquela chuva caísse sobre eles antes que houvesse tempo de voltar para casa, a noite escura fazia com que a sua pele pálida brilhasse em um tom azulado.

— Acho melhor irmos até a praça, não é seguro ficar aqui.

E foi na frente, enquanto Adriana continuava parada, olhando para ele, que se afastava rapidamente.

— Você não vem?

Caminharam por alguns minutos até a praça e ela se questionava em como ele sabia que ela estava ali, mas não o encheria de mais perguntas, como faria no dia seguinte. A pequena praça estava vazia, nada além de alguns policiais e casais nos coretos de ferro, algumas gotas de chuva começaram a cair, e ele correu até o coreto central, o mais bonito, feita com um ferro de coloração esverdeada e coroada por um teto ovalado que terminava em delicadas esculturas de

pássaros. O teto de madeira caía aos pedaços, e o chão de ladrilho estava sujo de terra e penas de pássaros. Damiani foi até a ponta do gazebo, se encostando no guarda-corpo ornamentado, ainda sem olhar para ela, parecia contemplativo, enquanto via a chuva cair em gotas cada vez mais pesadas sobre a cidade.

— Você não está bem, não é?

Adriana caminhou até ele, dando passos barulhentos com os tamancos que usava. Alguns pássaros acima dos dois se agitaram, emitindo sons baixos. Ele ainda não olhava em seus olhos, a chuva parecia o intrigar.

— O que aconteceu?

A garota se debruçou contra a pilastra de ferro, somente para ficar o observando melhor, seu rosto delicado, semi escondido pelo cabelo ruivo.

— Tive alguns problemas na minha apresentação.

— Você estava bem animada com isso, falou sempre que saímos.

— Eu estava, mas... Eu não ganhei.

Seu rosto se virou para o dela, seus olhos pareciam julgar, como sempre faziam.

— É por isso que está triste?

— Não! Quem dera que fosse.

Respondeu ao virar o rosto para observar a chuva caindo.

— Eles fizeram de novo, não foi?

A chuva estava mais forte, castigando o piso de blocos de pedra em um som seco, entrando pela terra negra e sendo sugada pelas árvores.

— O professor me chamou de homem, disse que era a primeira vez que um competia com as misses, a escola inteira riu, inclusive os meus amigos, eu só peguei minha faixa e fui embora.

— Aposto que você deve ter sido incrível.

Ergueu sua mão, a levando até a chuva, as gotas geladas escorreram entre os seus dedos.

— Você não é um homem, Adriana, você sabe disso.

Ele puxou sua mão para si, cruzando os seus dedos contra os dela.

— Eu só queria que eles me respeitassem.

— E eu sinto muito por isso. Infelizmente, as pessoas são más, em maioria, mas saiba que eu tenho muito orgulho de você, eu sei que não é muito, mas saiba que você é muito forte por suportar tudo isso.

Ela sorriu, e seus olhos se cruzaram novamente.

— Queria que você tivesse visto.

Ele arfou, virando o rosto para o outro lado.

— Eu sei, sinto muito por isso.

As dúvidas de minutos antes voltaram a sua memória.

— É difícil, eu nunca sei onde te achar.

Ele sorriu, mas não deu nenhuma resposta.

— Digo, o que você estava fazendo lá? E por que você sempre some do nada?

Ele se afastou, andando a alguns passos de distância, nervoso.

— São muitas perguntas, e nem todas eu não posso responder, e acredite, você não quer saber a resposta.

— Como assim? Como assim eu não quero saber?

Ele olhou ao redor, a chuva diminuía e o clima da conversa parecia estar evoluindo para outra discussão.

— Existem muito mais coisas entre o céu e a terra, Adriana, do que sonha a nossa vã filosofia.

Ela se aproximou dele, ainda mais confusa.

— Meus amigos estão começando a pensar que eu sou louca, eles nunca te viram, nem mesmo a minha avó e olha que você já foi em casa algumas vezes.

Ele tocou o seu cabelo, seus dedos deslizaram suavemente de seus cachos até o seu queixo.

— E por que isso importa?

Ele sorriu, puxando o seu rosto de encontro ao seu e colando os seus corpos em um beijo agitado. Instantaneamente a chuva parou de cair atrás dela, e mesmo com os olhos fechados, sentiu a brisa de um dia ensolarado, os pássaros cantando e o som de pessoas ao seu redor. Quando abriu seus olhos, se deparou com olhos amarelados e confusos. Ao seu redor tudo havia mudado para um cenário que parecia familiar, idêntico ao dos seus sonhos.

O coreto em que estavam parecia recém construído, sua pintura estava perfeita e sem os pombos e a madeira caindo aos pedaços. A praça estava impecável, e algumas pessoas com um vestuário de época cruzavam-na, se protegendo de um forte sol com sombrinhas de tecido e renda. Olhou para si mesma, e viu que usava um longo vestido branco, ele permanecia o mesmo, aquele vislumbre durou somente alguns segundos.

— O que foi isso?

Ela o soltou, dando alguns passos para trás. O cenário tinha voltado ao seu comum, o coreto ainda caindo aos pedaços e o céu se desfez do azul em um avermelhado com uma chuva agora bem mais fina, foi como acordar de um sonho.

— O que foi isso?!

Suas mãos foram até o seu rosto, ele estava vermelho e coberto de agonia.

— Você não devia ter visto isso.

— O que eu acabei de ver? O que é você?!

Deu alguns passos para trás, olhando ao redor como se tivesse despertado do mesmo sonho, cambaleou até próximo da saída do coreto, a deixando sozinha e sem entender nada do que estava acontecendo.

— E agora você some igual a todas as outras vezes?

Encostou-se no último degrau do coreto que dava para o centro daquela praça vazia, algumas gotas de chuva escorriam pelo seu cabelo.

— Eu não sei o que você é, mas eu nunca mais quero te ver!

Ele suspirou, parecia triste, mas não teve mais nenhuma reação.

— Talvez seja melhor assim, mas saiba, você não está louca.

E se virou, olhando para ela com os olhos cheios de pesar, ergueu a mão, dando um aceno breve e sumiu bem na frente de seus olhos. Assustada, correu até onde o tinha visto, coçando os olhos como se para corrigir a visão impossível que tinha presenciado. Não havia nada, nada além de um único símbolo gravado no chão que não conseguia distinguir, não haviam palavras nele que pudesse compreender. Era como em um outro idioma com letras embaralhadas, em um círculo de luz violeta, gravada ao chão como se tivesse sido queimada em ferro quente. Olhou ao redor e nenhuma das poucas pessoas presentes parecia ter visto o mesmo que ela, muito menos a figura talhada ao chão. Suas suspeitas agora se confirmaram, se afastou de lá perturbada, mas com uma estranha certeza de que não o veria mais.

Abraçava a mochila recheada de seus acessórios e maquiagens pela rua escura, mas ainda tinha a sensação de estar sendo seguida. Naquele ponto já desconsiderava totalmente a sua sanidade, e para ela, toda a existência de Damiani parecia um surto. O estranho era que desconhecidos podiam vê-lo, mas ele nunca aparecia perto de seus conhecidos, era como se quisesse que as pessoas que amava achassem que ela era realmente louca.

Não sabia mais o que ele era, se um fantasma, demônio, ou outra coisa fora de sua compreensão, mas ao abrir a porta de sua casa, pôde jurar ver uma sombra passando muito rápido atrás de si, e correu para dentro, onde sua avó a aguardava, ansiosa.

— Olá! Como foi na apresentação?

Não sabia o que dizer, sua avó tinha gastado tanto dinheiro com aquele vestido, do pouco que tinham, seu rosto de animação não permitiu que ela reclamasse de tudo que tinha acontecido, muito menos se mostrasse perturbada por Damiani, que sua avó nem sabia da existência.

— Foi legal, mas não fiquei em primeiro lugar.

Não pareceu chateada, mas um pouco preocupada, sabia do quanto a neta tinha estado empenhada naquela apresentação.

— Mas eu fiquei em segundo, e ganhamos um vale compras...

Ela sorriu, timidamente, Adriana se ajoelhou perto dela, tirando o vale da mochila.

— Pode ajudar em alguma coisa.

— Vai sim! Parabéns de qualquer modo.

Disse ao acariciar levemente sua cabeça.

— Você está bem?

Sentiu os dedos de sua avó carinhosamente entre os seus cabelos e fechou os olhos.

— Estou sim, vovó.

Disse ao se levantar, limpando a poeira de seu vestido, e seguindo rumo ao seu quarto, não fazia idéia de como entender tudo que estava acontecendo, mas seja lá qual fosse a resposta, não podia deixar que afetasse sua avó, ela era a única pessoa que restava.

Assombrada

Não conseguia dormir. Todas aquelas imagens iam e vinham em sua mente, tentava ligar os pontos, tentando pensar além de sua racionalidade exacerbada. Se ela não estivesse louca, o que seria ele? Como ele conseguiu sumir como se não fosse feito de matéria?

Notou que sempre aparecia em seus momentos de fragilidade, como se a acompanhasse o tempo inteiro, sabendo quando ela precisaria de ajuda ou quando estava triste. Sua avó sempre falou de anjos da guarda, seria ele um? Seu cabelo ruivo cacheado e sua presença etérea se encaixam nessa descrição, mas não fazia sentido, anjos são capazes de amar alguém daquele jeito?

Pela janela de seu quarto olhou para a lua que tinha surgido detrás das nuvens de chuva de algumas horas antes e para o jardim que tinham plantado juntos, não era possível que ele não fosse real. Estava tão perturbada com isso que nem mesmo a humilhação da escola era tão dolorosa. Sua curiosidade natural nunca tinha estado tão aflorada, embora soubesse que tinha que se afastar, tudo tinha ficado morbidamente estranho desde que ele surgiu, e sabia, que por algum motivo, ele era perigoso.

Fechou o diário entre seus dedos, ele tinha sido seu companheiro fiel por todos aqueles meses, e nunca tinha escrito tanto nele antes. Aquelas folhas amareladas eram seu único real confidente, que não a julgaria por toda a estranheza da situação. E se ela contasse tudo para a sua avó, será que ela a internaria em um manicômio? Talvez fosse o que ela precisava, pessoas

não somem como pó e símbolos de luz não são gravados na pedra sem que ninguém os veja. Guardou o diário em sua escrivania e foi até a sua cama, erguendo o pesado cobertor e se enfiando embaixo dele. Olhou para o teto, a escuridão tomava conta do ambiente, somente uma fina luz da lua irradiava da janela. Fechou os seus olhos, mas era como se aquele símbolo de luz estivesse fixado em sua mente, lembrou que já tinha o visto antes, duas vezes, mas ela confirmaria aquilo na manhã seguinte.

O sol não tinha nascido há muitas horas quando uma Adriana sonolenta e envolta em um cobertor, com um copo de café fumegante em suas mãos, desceu as escadas até o jardim. A estátua estava mais coberta de limo que o comum, o clima chuvoso daqueles meses não ajudava em sua conservação. Seus olhos pareciam seguir qualquer um que entrasse ali, em uma expressão perigosa. Adriana levou os dedos até a mão erguida de pedra, afastando a sujeira acumulada e observando o símbolo gravado ali.

Era o mesmo que tinha visto no chão onde Damiani sumiu.

Correu para dentro, derrubando um pouco do café quente no chão, bem perto de seus pés. Sua avó gritou, assustada por seu comportamento. A idosa tinha acabado de acordar, e coçava os olhos, a observando, confusa.

— Tá louca, menina? Qual foi o problema?

— Vovó! O que é aquela estátua lá fora?

A mulher foi até a jarra de café sobre a mesa, pegando um copo e se servindo, ainda não olhava para a neta.

— Você sabe o que é?

— Aquela mulher? Eu acho bizarro, e olha que eu era gótica, morria de medo quando era criança. Meu pai disse que é uma estátua da dona antiga da casa.

Pensando bem, não sabia nada sobre aquele lugar, somente que era uma herança de seu avô, que era um historiador importante, mas um homem misterioso e retraído.

— Como o biso conseguiu essa casa?

A mulher se acomodou, soprando o café antes de o levar até os lábios.

— Sabe que é uma história interessante?

Adriana se aproximou, puxando a cadeira para perto e se sentando para ouvir a história com a maior atenção.

— Meu avô era de família pobre, veio do interior para cá para estudar, ele era descendente dos quilombolas que moram ao norte da ilha do Marajó. Sempre se destacou por sua inteligência e se mudou com tudo para cá para Belém para estudar bem novinho. Isso no início do século XX, com toda aquela confusão mundial de guerra, era uma época obscura.

Alessandra sibilou, dando alguns goles no café, como se estivesse tentando se lembrar da história.

— Aqui na capital quando chegou, ele vivia de vários bicos, mas bem longe da vida acadêmica que ele queria. As pessoas geralmente iam estudar fora e se organizavam em grupos de estudo e associações, existiam alguns museus e era o sonho dele trabalhar neles e aprender ciência. Ele conta que uma vez foi fazer uma reforma na casa de uma senhora, a casa em que estamos, querida, e conheceu uma doutora que não me lembro o nome.

— Espere, essa casa aqui?

Ela balançou a cabeça, afirmativamente.

— Sim, minha mãe me disse que ela era bem estranha, vivia sozinha e era uma daquelas mulheres de época que tinham “ficado para a titia”. Era a única herdeira dessa casa, as irmãs tinham casado e os pais morrido, então vivia reclusa com os seus estudos, os vizinhos achavam que ela era alguma bruxa.

— Mas como ele ficou com a casa?

Disse Adriana, tentando ligar os pontos com o que estava acontecendo com ela.

— Ele falou para ela que queria aprender ciência também, que era o sonho dele, e ela o ensinou e colocou dentro da comunidade. Virou tipo um pupilo dela, mesmo. Graças à ela, ele se formou e ajudou a criar a faculdade, anos depois.

— Que história incrível.

Sua avó concordou, se virando para a geladeira.

— Bom, em resumo, ela deu a casa de presente pro meu pai antes de morrer, mas se a mulher era bruxa mesmo, eu não faço ideia, algumas coisas nessa casa são estranhas.

Olhou ao redor. Ia procurar mais informações sobre tudo aquilo, as coisas que ela dizia pareciam estar todas conectadas, e mesmo se afastando de Damiani, ainda desejava descobrir o que ele era, e qual aquele grande segredo que estava mergulhado naquela casa e em sua própria família.

— Estranhas como?

— Já teve a sensação de que está aqui de favor? Como se a casa não fosse nossa?

Essa era a sensação que teve desde o momento que colocou os pés naquele lugar, mas acreditava que era por estar morando com sua avó, mas já que ela mesma se sentia assim, devia haver algo mais profundo naquilo tudo. Levantou-se, ajudando sua avó a tirar a mesa de café da manhã e foi até a sala, onde pegou seu celular no carregador. Havia algumas mensagens de pessoas da escola dando parabéns pela apresentação, assim como tinham feito postagens reclamando do resultado. Sentiu-se bastante abraçada por isso, Beatriz mandou um texto enorme pedindo desculpas, mas decidiu que o leria quando estivesse com um humor melhor. Voltou ao seu quarto, tomando um banho rápido e buscando algumas informações na internet antes de sair.

— Onde pensa que vai, mocinha?

— Vou no comércio.

A mulher a fitou, desconfiada.

— E vai fazer o que?

— Só... Passear mesmo.

Ela bufou, enquanto a neta fechava a porta atrás de si.

— Égua, vê se toma cuidado!

Adriana deu uma risada e se virou para a rua. O dia estava seco e o sol já estava a pino, castigando as ruas como de costume. Sabia que sua cidade só tinha dois humores, a chuva torrencial que derrubava mangas por todo o calçamento em uma lama amarelada ou o sol tão forte que castigava todos os desafortunados que tivessem de cruzar o passeio durante a manhã e à tarde. Apesar dos infortúnios, morar na cidade velha estava sendo uma experiência interessante. Sua casa antiga, a horas dali, era um lugar desértico de arquitetura modernista, a nova vizinhança a deliciava com a nostalgia que aquelas casas centenárias e os prédios em portais enormes.

Andou por alguns minutos até chegar a rua que dava acesso à prefeitura da cidade, coroada por praças enormes e abandonadas. Era pintada em um azul bebê descascado e tinha enormes portais de entrada, coroadas por colunas delgadas e vários detalhes em gesso branco. Atravessou a rua até a sua entrada, onde um guarda estava encostado, ele a olhou por alguns segundos, falando algo em voz baixa no seu rádio. Ela olhou ao redor, era um prédio belíssimo, mesmo que grandes partes dele estivessem deterioradas, a própria prefeitura era tão abandonada quanto os bairros ao seu redor.

— Bom dia.

Disse timidamente para a atendente, que a olhou com desprezo por cima dos pesados óculos de grau.

— Está perdida?

— Não, na verdade queria ver os registros de uma casa, sabe onde eu posso ir?

Ela apontou para um dos corredores, despreocupadamente.

— Última porta à esquerda, fale com a pessoa na recepção de lá.

— Obrigada.

O longo corredor seguia em uma penumbra desconfortável. Os seguranças estavam sempre por perto, imaginava que pela cor da sua pele. Tudo naquele lugar era branco e silencioso, não muito diferente de um hospital, e quando chegou no lugar, um homem muito alto, magro e com o rosto com uma expressão cansada de rugas se aproximou, irritado.

— O que faz aqui? Se perdeu de alguma expedição da escola ou algo do tipo?

— Não... Na verdade queria algumas informações sobre a casa que eu moro atualmente.

Ele coçou a careca enrugada e seguiu de volta para a sua escrivaninha. O ambiente tinha um cheiro forte de poeira e uma infinidade de pesados armários de ferro que se estendiam em um corredor sala a dentro. Tudo com uma iluminação insuficiente que formava uma penumbra, deixando o ambiente ainda mais insalubre. A luz fraca era fornecida por bulbos de luz amarela pendurados a metros de distância um do outro.

— Mas para que é a informação, posso saber?

— Ah, só para uma pesquisa...

— Faculdade?

Questionou enquanto apertava alguns botões do computador antigo de sua mesa.

— Ah, sim.

Disse Adriana sem jeito, pensando que mal tinha entrado no ensino médio.

— Tem algum documento da casa?

Adriana entregou um comprovante de residência, que ele olhou por alguns minutos enquanto buscava informações no mesmo computador barulhento, batendo os dedos contra as teclas amareladas do teclado no que pareceu uma pequena eternidade. Ela olhava constantemente ao redor, tudo naquele prédio parecia estranho, depressivo, e ela sofria da constante sensação de estar sendo seguida.

— Acho que é no final daquele corredor alí, menina, B-42.

Viu que acima das prateleiras e em suas várias pastas de arquivos existiam números colados, e foi em direção a eles para buscar a informação que queria. O homem passou a ignorá-la totalmente, voltando o rosto de volta para o computador. Era alto, esguio e assustador, sentiu-se aliviada por sair de perto dele. Quase correu em direção ao segundo corredor de armários, este era tão longo que parecia até maior que o próprio prédio, e por mais que andasse, não parecia ter fim nunca. Até que a certo ponto somente a escuridão tomava conta de seu fim.

Chegou a seção 42, os registros naquela parte eram velhos e estavam desgastados pelo tempo, o próprio porta-documentos de plástico se desfez um pouco quando pôs suas mãos nele. Havia alguns números escritos à mão em papel identificando o seu conteúdo. Percebeu que tratavam das várias casas de sua rua, e em uma das pastas estava o de sua casa. Abriu a pasta em papel pardo com urgência, tomando cuidado para não danificar o seu conteúdo. Papel amarelado estava aglomerado no seu interior, e ao aproximar de si para tentar enxergar melhor o que havia ali ouviu um som seco de ferro no chão, bem aos seus pés.

Uma pequena chave antiga tinha escapado do meio da papelada, repousando entre os pequenos saltos que usava. Ela se abaixou, pegando a chave em ferro entre seus dedos e a

escondendo rapidamente no seu sutiã. Não sabia exatamente o que era, mas deveria abrir alguma parte de sua casa que ainda não tinha vasculhado.

Aproximou os papéis da luz fraca e viu que tinha uma assinatura de sua avó no mais recente. Alguma coisa sobre impostos. Os outros eram papéis bem mais antigos, um sobre uma reforma promovida pelo seu avô, lá pelo meio dos anos 70, e a outra era referente a quem realmente importava, dizia que a casa tinha sido de uma família chamada Torres Ferreira, e a última proprietária, Vivienne, tinha dado a escritura de boa vontade para o seu bisavô, o que coincidia com a história que sua avó havia contado.

— Ela devia ser como um filho pra ela.

Disse para si mesma, enquanto tirava o celular do bolso. Focou sua câmera no papel amarelado tentando fazer com que suas informações fossem minimamente legíveis, perdeu algum tempo nisso, mas a estranha tensão permanecia no ar. Olhou para o fim do enorme corredor e sua escuridão assustadora, guardou o documento de volta na prateleira e ficou imóvel. Bem no meio daquela escuridão viu que uma silhueta alta a encarava, deu alguns passos para trás, ensaiando um grito até que uma mão ossuda agarrou o seu braço.

— O que está fazendo?!

Gritou, e o estranho recepcionista daquele lugar a fitou com ainda mais raiva.

— Está gritando por que motivo? Enlouqueceu?

Ela apontou para o fim do corredor, que rapidamente mudou para uma visão nova. Via o seu fim, e tudo parecia bem melhor iluminado e em tamanho menor. Era como um lugar completamente comum, totalmente diferente do cenário assustador que tinha visto antes. O homem, porém, ainda parecia doente e assustador. Soltando seu braço e dando alguns passos para trás, como se em seus olhos tivesse visto algo que não queria.

— Já viu o que queria? Agora quero que saia daqui! Agora!

Ela não teve tempo para protestar, pois o homem já a guiava para fora e fechou a porta atrás de si. Ao se ver no corredor que dava acesso a saída, viu que haviam ainda mais seguranças e eles conversavam entre si enquanto olhavam fixamente para ela. Tudo parecia cada vez mais estranho, e já tendo tudo que queria, saiu dali às pressas, deixando todo o cenário desconfortável para trás e quase correndo de volta a sua casa.

Ao chegar em casa, manteve a expressão de serenidade durante o almoço, deixando que sua avó fosse tirar o seu sono da tarde antes de voltar a sua pesquisa. Com a chave em tons de bronze nas mãos, começou a procurar por toda a casa o que aquilo pudesse abrir. Começou pela sala, empurrando vários dos armários, estes faziam um som estupidamente alto contra a madeira, então preferiu desistir, não parecia que teria algum resultado, de qualquer modo.

Então, foi aos quartos, inspecionando cada canto das paredes mofadas e até mesmo o forro alto de madeira, mas não havia nada fora do comum. Os móveis também não estavam trancados, nem pareciam combinar com a chave que tinha, o mais estranho era que a sensação de estar sendo observada permanecia, sempre que passava pelas janelas ou pelas portas abertas, era como se alguém estivesse ali, no canto do seu olho.

Ao chegar à cozinha, já tinha perdido grande parte das esperanças, sua primeira opção fora o armário antigo de especiarias, que sua avó sempre evitava por algum motivo, mas não havia nada de mais nele, se desconsiderando as ervas provavelmente centenárias. Ouviu o som metálico de sua avó chegando pelo corredor, e desistiu de tentar esconder o que fazia, sem é claro, contar sobre todas as experiências sobrenaturais que estava vendo.

— Que barulho todo foi aquele mais cedo?

Adriana limpou o suor da testa com a palma das mãos, e se virou para falar com a avó.

— Desculpa... É que eu achei essa chave e achei que ela pudesse ser de algum móvel.

A mulher estendeu a mão, pegando a pesada chave nas mãos.

— Nossa! Onde achou isso?

Ela não tinha formulado uma boa mentira até aquela hora.

— No quintal.

A idosa olhou para o objeto, apontando para cima.

— Parece a chave do forro da casa, tem um alçapão no banheiro que dá acesso a ele.

— Espera, então eu podia ter economizado a tarde inteira que passei procurando?

A mulher riu, indo em direção ao banheiro ali perto.

— Isso mesmo, lesada.

Adriana sorriu, e seguiu até o banheiro, tão antigo quanto a casa, era amplo, e deveria ser muito luxuoso quando foi construído. Tinha até mesmo uma banheira, que ela nunca tinha usado por achar uma coisa um tanto anti-higiênica.

— Bem ali.

Apontou sua avó, em direção a um quadrado na madeira, onde havia uma abertura de chave. Parecia ser finalmente a fechadura da chave que tinha em mãos.

— Nem inventa de subir aí.

— Mas é claro que eu vou, já pensou se tem alguma coisa valiosa lá em cima?

A mulher deu uma sonora risada.

— Mais fácil algum rato te morder.

Adriana ignorou os avisos da avó e correu até o quintal, onde pegou uma escada de madeira que ficava por ali e voltou ao banheiro.

— Minha Nossa Senhora!

Adriana começou a subir os degraus, prendendo o cabelo no topo da cabeça, vai que algum rato realmente a mordesse.

— Não vai cair daí!

Sua avó, da porta do banheiro, observava enquanto a neta abria o alçapão com certa dificuldade, até ouvir o clique e ela finalmente empurrar a madeira para frente, fazendo com que uma onda de poeira invadisse o ambiente abaixo, sujando o piso e toda a porcelana dos móveis.

— Tu vais limpar isso, Adriana! Olha toda essa bagunça

— Tudo bem, vovó!

Na parte de cima, Adriana usou o celular para iluminar ao redor. O lugar era baixo, claustrofóbico, não deveria ter mais que um metro e meio de altura, o que fez com que tivesse que se arrastar no meio da poeira. Dalí, podia ver a estrutura da casa em alguma madeira nobre, avermelhada, e acima de si, as telhas quebradas que tanto davam trabalho nos dias chuvosos, provocando as goteiras que ensopavam a sua sala.

Ao se afastar do alçapão, ouviu um grande estrondo. A porta tinha caído, a fechando naquele lugar. Ouviu um grito de sua avó e se virou para ver que algo, de um formato de uma mancha negra, obscura, estava em cima da porta de saída. Gritou, mas nenhum som saía de sua garganta, se arrastou de volta, mas não conseguia se mover. Caiu ao chão, escondendo o rosto entre seus braços, sentia o cheiro da poeira bem próximo ao seu rosto e lágrimas de pavor escorreram de seus olhos, seu corpo estava fraco, como se algo tivesse sugado toda a sua energia.

Abriu seus olhos, e em sua visão confusa, tudo ao seu redor tinha mudado, como no dia de seu último beijo com Damiani, mas agora, todo o chão e as paredes eram de uma única textura, um preto brilhante mesclado com violeta, que se movia como ondas de um oceano em uma linha

infinita. Até mesmo sua textura era fria e gelatinosa, virou-se e não via mais a criatura na saída, que sequer existia agora.

A única iluminação vinha da janela redonda que podia ver do lado de fora da casa, bem no meio do seu frontão. Arrastou-se para ela, ouvindo o som gelatinoso de seu corpo contra aquela formação desconhecida. Usava os braços para se puxar para a frente, e viu que bem abaixo da pequena janela havia um baú, era de tamanho médio, feito de madeira envernizada e ele emitia uma fina luz violeta, a mesma tonalidade que já tinha visto algumas vezes antes.

— O que está acontecendo?

Não ouvia mais sua avó abaixo de si, na verdade, não ouvia nada, somente o seu coração acelerado e o som gelatinoso provocado por seu atrito com aquele material desconhecido. Ao chegar na janela, ignorou o baú, e mesmo com medo, olhou pelo vidro envelhecido para o cenário do lado de fora.

As casas eram as mesmas, mas um forte sol de verão castigava as ruas. Viu algumas pessoas passando, elas usavam as mesmas roupas de época de sua outra visão, se protegendo do sol com suas sobrinhas ornamentadas, e se cumprimentando formalmente sempre que se encontravam. Tudo parecia novo, recém construído, o piso de pedra estava limpo, e teve certeza que aquela janela era como uma visão de máquina do tempo. Começou a bater contra o vidro, mas nenhum dos transeuntes parecia a ouvir. Um garotinho com suspensórios azuis, que estava de mãos dadas com a sua mãe, olhou fixamente em sua direção, assustado, e apontou, sua mãe olhou na direção dela, mas não parecia vê-la, e ralhou com o garoto, o arrastando para o outro lado da rua.

Assustada com aquele fenômeno, se afastou da janela, voltando ao estranho ambiente neon gelatinoso. Não fazia idéia de como sair dali e se focou na única coisa no ambiente, o baú. Este emitia um zumbido irritante sempre que se aproximava dele e sua luz interna, ficava ainda mais forte, se arrastou até lá e se ajoelhou na frente do objeto, suspirando fundo antes de, com suas duas mãos, abrir sua tampa.

A luz explodiu em outro flash violeta, que a cegou temporariamente, caiu ao chão, buscando se proteger da fonte de luz com as mãos sobre os olhos. No meio da luz viu novamente aquele símbolo, mas quando abriu seus olhos ele não sumiu, estando gravado na janela como uma queimadura de ferro quente.

O ambiente tinha voltado ao normal e estava de volta ao seu forro empoeirado, o baú ainda estava ali, sem mais emitir nenhuma luz. Aproximou-se receosamente dele, e pode ver que em seu interior havia alguns papéis amarelados, tão velhos que temeu que se desfizessem assim que ela os tocasse. Ao lado também havia um colar de ouro com um pingente de lua, realmente havia alguma coisa de valor, como tinha dito a sua avó.

Olhou para o símbolo gravado na janela, seu celular estava a metros de si, e ao pegá-lo, tirou uma foto. Pensou que assim poderia provar o que estava vendo e procurar pelo seu significado. Olhou de volta para o alçapão de acesso e viu que aquela criatura em forma de sombra se desfez diante de seus olhos.

— Adriana!

Já faziam alguns minutos que a sua neta havia subido naquele lugar, e por mais que gritasse, não teve nenhuma resposta.

— Estou aqui.

Alessandra se assustou ao ver que a neta descia as escadas com dificuldades, trazendo uma caixa de madeira nas mãos.

— Por que não me respondeu, estava surda?

— Eu... Me desculpe, não dá para ouvir quase nada lá em cima.

Olhou para a caixa em suas mãos, desconfiada.

— O que é isso?

— Eu não sei, achei lá em cima.

Irritada, deu meia volta, e foi em direção a cozinha.

— Vê se não pega nada de visagem, depois eles perturbam.

Adriana seguiu até seu quarto, queria investigar melhor aqueles papéis.

— E limpa o banheiro! Ficou imundo!

— Vou sim, quando eu for pro banho eu limpo.

Sentou-se em sua escrivaninha, tirando do caminho as coisas que podiam atrapalhá-la. Repousou a caixa e neste mesmo instante, lembrou do sonho de semanas antes, a dama misteriosa e o mesmo flash de luz violeta. Não podia ser a mesma caixa, não é? Eram diferentes.

Muitas das folhas soltas da caixa se desfizeram quando ela as tocou, estas em maioria não tinham nada escrito, mas as que tinham, só deixaram tudo ainda mais confuso.

“ Para se acessar o outro lado, deve-se seguir com atenção os seguintes passos:

Atropa Belladonna Dois frutos

Silybum Marianum (Em pó)

(Cardo)

Duas colheres de sopa bem cheias

Mandragora Officinarum (Seco)

Uma raiz

Cinnamomum Camphora (pó) Uma colher de sopa

Hibiscus sp. (Em conserva)

Duas flores

Primeiro, encha a banheira com água quente, garanta que ela esteja a um ponto de causar desconforto, mas que não chegue a causar ferimentos.

No pilão, acrescente os pós e os mexa até que fiquem com cor homogênea.

Assim que atingirem uma cor parda junte também as flores de Hibiscus e misture tudo até que se torne uma massa de cor avermelhada e cheiro forte.

Despeje a massa na água e aguarde até que se dissolva, a tonalidade dela mudará para um rosa claro.

Tire totalmente suas roupas e coma os dois frutos de Belladonna.

Aguarde até que a água atinja a tonalidade violeta, a este ponto seus sentidos estarão alterados.

Deite-se na água abraçando a raiz de Mandrágora, certifique-se de não soltá-la até que queira voltar.

Submerja.

Duração de um a três minutos.

Esta é uma versão pessoal da receita original.”

“ Para Amélia

Querida irmã, amiga e companheira

Sei que estou em meus últimos dias, sinto que a idade e a doença corroem meus ossos e tem sido difícil realizar grande parte das minhas tarefas sem o auxílio de meu pupilo. Nestes anos sei que não tenho sido muito comunicativa com a família ou me apresentado a sociedade, sabes bem da má fama que adquiri. Muitos que considerava próximos espalham muitas inverdades ao meu respeito, este é um dos motivos no qual eu evito me socializar.

Em minha vida, me dediquei ao estudo da ciência e tenho orgulho das descobertas que fiz, uma pena que a censura a tenha escondido dos olhos de todos e me feito parecer louca. Às vezes acredito que seja melhor assim. Me julgam por minhas pesquisas com remédios e plantas, imagine se soubessem de meus estudos com as religiões antigas.

Sou muito grata pelas ações de meu pupilo, tem sido como o filho que não tive, já comuniquei meu desejo em dar-lhe a casa que vivo quando partir. Sabemos que não possuímos mais parentes nesta cidade e que nossos pais, que descansem em paz, não gostariam que esta casa, cujo tanto capital e carinho foi investido, ficasse abandonada. Ele próprio está engajado em um relacionamento, fico feliz por isso.

Agradeço por ter continuado a se comunicar comigo mesmo com sua mudança para outra cidade e desejo que esteja vivendo bem com seus netos. Espero também reunir forças para ir visitá-la em breve e conhecer seu adorável neto recém-nascido. Soube que sua filha mais nova pretende se casar, o que acha do pretendente?

Entendo suas críticas e preocupações, também me arrependo de algumas de minhas decisões, mas estou velha demais para voltar atrás, agora só devo contentar-me e aguardar pelo fim que me espera.

Com amor de sua irmã

Vivienne”

“Para Vivienne, de sua irmã

Querida irmã, é com pesar que te escrevo esta carta, meu segundo neto acaba de nascer e foi de grande ofensa aos presentes que não tenha vindo conforme o convite que lhe enviei. É claro que não fomos tomados de qualquer surpresa, até mesmo virastes as costas para teus pais em seu isolamento, mas não vou discorrer sobre este assunto que já tanto causou mal estar entre nossa família.

Sabemos bem que estamos bem além da juventude, eu ao menos realizei o que se espera de uma mulher segundo a Santíssima Igreja. Tenho meu marido, que embora os muitos problemas de sua juventude, tem estado comigo nos últimos quarenta anos, me provendo e com companhia de nossos seis filhos, que a este ponto já estão em suas próprias vidas.

Acredito que temos de arcar com nossas próprias escolhas, se decidisse pela bruxaria ou ciência, como chamas, a única pessoa com que terás de arcar as consequências disto é com Deus, não comigo, mas estou triste que não tenha seguido pelo caminho correto, até mesmo nossos pais partiram lamentando sua decisão. Também, entre nós, entregar-se ao inglês não foi a mais sábia de suas decisões, não entendo ainda aguardar por ele ou todas essas insanidades

que me disse pessoalmente. É um tanto triste que não tenha buscado outro amor para esquecer de um que não vê há tantas décadas.

Desejo melhoras para a sua doença, também já estou sentindo o peso da idade, espero que venha me visitar antes que seja tarde.

Com preocupação

Amélia.”

Ao pensar melhor em toda a história, lembrou que o único inglês que conhecia era o dos seus sonhos, parando para analisar, eles pareciam encaixar em tudo que lia e descobria.

— Acho que estou sendo assombrada.

Concluiu para si mesma, deixando os papéis de volta no baú. Pegou seu celular para rever a foto que havia tirado da janela, mas não havia nada nela, na verdade havia uma série de fotos totalmente pretas que a assustaram tanto que acabou apagando. Procurou também alguma informação sobre Vivienne e viu que havia uma página em um site de pesquisas sobre ela, era uma informação básica e falava sobre seu envolvimento na pesquisa de remédios naturais na Amazônia, não havia nada sobre Arqueologia ou alguma religião antiga, batia com a parte da carta que ela disse que tinha sofrido alguma censura, mas por que o governo esconderia aquilo?

Antes de fechar a caixa, Adriana pegou o delicado cordão de ouro entre seus dedos. O pingente de prata em formato de lua parecia estranhamente familiar e temeu que sua avó o jogasse fora, então o levou até o banheiro, onde o limpou e o prendeu no pescoço, o escondendo abaixo de sua camisa, nem ela mesma entendia seu carinho pela peça.

O banheiro parecia ter se tornado algum portal assustador. Estando nele, aproveitou para varrer para o lixo a grande quantidade de poeira que havia caído do forro ao ser aberto. Mas uma angústia tomava o seu peito e a todo momento tinha vontade de correr para fora de casa, e aparentemente só ela quem via tudo aquilo. Se dissesse algo convenceria a todos que estava completamente louca. Ao olhar-se no espelho, viu que estava quase completamente suja de poeira e decidiu tomar um banho para se livrar dela. Jogou as roupas no cesto e amaldiçoou o trabalho que teria em tirar as manchas delas. Estava angustiada e tentou ser o mais rápida possível para sair daquele lugar.

Desligou a água e olhou-se na frente do espelho redondo em frente à pia. O cordão ao redor de seu pescoço deveria ser bem caro e emitia um brilho puro provocado pela luz branca do banheiro. Ainda assustada, caminhou até a porta, mas não sem antes olhar pelo canto dos olhos e ver uma sombra na entrada do alçapão.

— Está tudo bem?

Ela se assustou ao ver sua avó na cozinha, já preparando o jantar.

— Está sim, só estou cansada.

— Passou a tarde pesquisando sobre essa chave, deve estar mesmo, o que tinha na caixa?

Disse a idosa, preocupada, enquanto mexia em algumas panelas de costas para ela.

— Algumas cartas bem antigas, acho que devem ser da amiga do biso.

— Que legal! Depois eu dou uma olhada.

Adriana riu, sem graça, sabia que provavelmente o conteúdo delas a assustaria, e com o coração fraco da mulher, temeu que ela tivesse vontade de sair correndo daquela casa, assim como ela.

— Ah, não é nada de mais.

Continuou caminhando até o quarto, sua visão no sótão tinha tirado sua energia como de um modo inexplicável, precisava dormir.

— Não vai jantar?

— Vou sim, só vou descansar um pouco.

Foi direto ao seu quarto, caindo sobre a cama antes mesmo de pensar em se vestir. Sua cabeça doía, e antes de fechar seus olhos, não conseguiu parar de pensar em Damiani e tudo que sentia por ele. Sabia que tudo em sua vida havia mudado assim que ele surgiu, e era angustiante não saber quem ele era, ou o que ele era. Virou-se na cama e levou o olhar para o jardim, além da janela em moldura, havia se tornado bem mais um motivo de tristeza do que beleza. Nem mesmo os monstros de horas antes eram tão assustadores como a confusão de sentimentos que ele provocava nela. Fechou os olhos, deixando que uma lágrima escorresse antes de apagar.

Cultura

O dia seguinte começou sem as trevas da noite passada. Uma manhã de sol escaldante tomava a ruas e Adriana se despertou com sua avó próxima à porta, chamando por ela.

— Adriana!

Levantou-se, coçando os olhos. Todos os eventos da noite passada eram como um pesadelo, mesmo que não tivesse sonhado com nada, nem mesmo os sonhos com quem agora acreditava ser Vivienne.

(Levantou-se e coçou os olhos enquanto pensava nos eventos da noite passada. Mesmo que não tivesse sonhado com nada, tudo aparentemente real, pareciam pesadelos, até mesmo os sonhos com quem acreditava ser Vivienne.)

— Que horas são?

— Oito da manhã.

Ela se revirou na cama.

— De um domingo?

Ouviu uma risada de Alessandra.

— Você não comeu quase nada ontem, e também, preciso que você vá na feira pra mim.

Disse antes de sair de seu quarto. Sua cabeça doía, como se algo a tivesse pressionado durante toda a noite. Levantou-se com a vista embaçada e se forçou a ir até o banheiro. Enquanto a água do chuveiro caía sobre sua pele, não conseguia tirar seus olhos daquele colar, e o aninhou entre os dedos. Então fechou seus olhos. Não sentia mais medo, era como se algo a abraçasse.

— Demorou nesse banheiro.

Disse sua avó ao vê-la saindo do banho, enxugando o seu cabelo e olhando para fora. O clima estava abafado, então havia aberto todas as janelas para que um vento entrasse.

— O que a senhora quer que eu compre?

Ela abriu a geladeira, pensando um pouco antes de lhe entregar uma nota. Tinha que comprar alguns peixes, verduras e temperos. Eram mais baratos que no supermercado famoso perto da sua casa, as coisas naquele bairro eram surpreendentemente caras. Alessandra não podia deixar de reparar na estranheza da neta, sabia que ela provavelmente estava em algum relacionamento, mas preferia não entrar em detalhes sobre aquilo. Sempre que falava sobre, parecia ficar profundamente incomodada. Imaginava as dificuldades que sua neta deveria ter em sua vida e se sentia muito incapacitada por não poder fazer nada para a ajudar.

— Tudo bem, faz um tempo que eu não vou lá... Como estão as costas hoje?

Disse ao pegar uma única maçã que repousava sobre a fruteira e a mordendo, indo em direção à janela, por onde olhou para o céu e se esticou. O sol fazia sua pele ainda mais reluzente, em tons tão brilhantes quanto a madeira nobre no qual as janelas foram talhadas.

— Seu cabelo está enorme...

— Você acha? Tenho cuidado tão bem dele... Obrigada.

Alessandra sorriu. A luz do dia parecia espantar a escuridão daquela casa assustadora. Então tomou seu café e pegou o dinheiro de sua avó, se despedindo com um beijo na bochecha, pegando o cesto de compras e abrindo a porta alta da casa para subir em direção ao mercado do Ver-o-Peso.

A luz forte do sol inundou a sua vista, era uma manhã comum de domingo, pessoas corriam, outras passeavam com seus cachorros, um cenário que já tinha se acostumado pelo pouco tempo que estava ali. Parou pra contemplar o sol forte e um céu azul pincelado de nuvens brancas, até que um vizinho acenou e ela timidamente respondeu de volta. Subiu a rua até a principal e seguiu por algumas poucas vielas até chegar ao caminho que dava para a feira centenária. Viu que famílias inteiras iam na direção contrária, rumo às praças arborizadas que compunham os cenários que tanto havia visto antes, outras seguiam com ela rumo à feira.

Seus olhos passeavam pelas construções pomposas e mal cuidadas, observava os enormes arcos nos antigos prédios comerciais, os detalhes de seus frontões e as diferentes geometrias dos azulejos coloridos que caíam aos pedaços. Geralmente eram flores ou plantas e quando passeava pelo bairro, gostava de se aproximar das casas para ver os desenhos mais de perto.

Alguns prédios comerciais mais novos estavam enfiados entre os antigos, quebrando a monotonia que se via repetir nas edificações que resistiram às intempéries. Aos domingos estavam fechados e muitas pessoas, novas e velhas, mulheres e homens, dormiam debaixo de suas marquises enrolados em estopas. Sentia pena e queria poder fazer algo para os ajudar, ao mesmo tempo que tinha medo que um deles a atacasse por algum motivo.

Apesar da movimentação, as ruas eram mortas, blocos de pedra iam por todo o calçamento, e do outro lado da rua, uma enorme praça abandonada exibia lagos cobertos de limo gosmento, objetos quebrados e monumentos depredados. Evitava passar por ali, sabia que era perigoso, na verdade, tinha medo de grande parte da cidade.

O Centro Histórico a deprimia com a mesma facilidade com que a fascinava.

Finalmente chegou ao enorme relógio inglês. Ele fazia uma enorme sombra devido ao sol já forte no chão, e um cheiro forte de peixe tomava conta de suas narinas com uma força absurda. Lembrava que parecia insuportável quando passava por ali, mas a frequência de suas visitas a tinha feito acostumar com o pitiú, até mesmo criar alguma memória afetiva com ele.

Puxou o papel de seu cesto, e de cabeça baixa o lia baixinho, enquanto seguia até o enorme mercado de ferro. Lembrava que na escola haviam dito que ele fora construído em outro país e trazido de barco, onde foi soldado no lugar onde estava, atrás de si. Urubus brigavam por pedaços de peixe e incontáveis barcos estavam ancorados na margem de concreto, conseguia ver o forte além deles e a igreja barroca, se firmasse melhor a sua visão.

O cheiro de peixe ficava mais e mais forte assim que chegava ao mercado. Pessoas gritavam vendendo seus produtos e sentia um cheiro de especiarias de todo o tipo. Observando melhor, as pessoas pareciam extremamente parecidas entre si e não muito diferentes dela própria, geralmente eram baixas, gorduchas, e com olhos puxados, além de terem a pele bronzeada pelas horas de trabalho sobre o sol, sempre respondendo com um sorriso amigável.

Ao entrar no mercado, ouviu o som da ventilação e não podia deixar de reparar no teto alto, várias bancadas com enormes peixes de vários tipos e alguns, podia jurar, eram maiores que ela própria.

— FILHOTE! DOURADA! TAMBAQUI!

Os gritos dos vendedores se misturavam entre si. Adriana andou por ali um pouco, até que um peixe grande e com um valor razoavelmente convincente a fez parar.

— Peixe, mocinha?

— Esse tambaqui...

O homem sorriu, pegando o peixe esverdeado e o aproximando dela, que fez uma careta ao sentir o cheiro dele perto de si e ao encarar seus olhos sem vida.

— Vai levar? Tá baratinho, não tá?

Ela balançou a cabeça, afirmativamente, e o homem o levou até o balcão atrás de si.

— Quer que corte?

— Seria ótimo!

E viu que o levou até uma serra estupidamente barulhenta, e provavelmente enferrujada, onde o cortou em alguns pedaços, fazendo com que seu sangue espirrasse ainda mais em seu avental já ensanguentado. Pegou seu pedido e percebeu que o animal era mais pesado do que esperava quando o colocou em sua cesta. Saiu do mercado pela parte de trás e viu que haviam algumas pessoas vendendo verduras e limões em feixes, alguns estirados no chão mesmo, sobre lonas azuis e cinzas.

— Dois por cinco! Dois por cinco!

Ela se aproximou, tentando não chamar muita atenção dos vendedores, que já a encaravam com certa estranheza.

— Dois por cinco!

Repetiu roboticamente o vendedor assim que a viu.

— Vou querer dois, obrigada.

O homem franziu o rosto, incomodado com sua presença, era um daqueles pequenos atos de transfobia que recheavam o seu dia.

— Aqui o dinheiro.

Disse ao enfiar a mão na pequena bolsa que levava, estendendo a nota na frente dele, que a pegou e em silêncio, colocou seu pedido em uma sacola plástica de qualidade duvidosa.

— Aqui está, rapaz.

Adriana pegou a sacola de suas mãos e marchou para longe, irritada. Passou por algumas barracas fechadas, alguns pontos de penumbra pelas tendas brancas e caixas de madeira que estavam amarradas a pontos aleatórios. Ouviu o som de galinhas e patos, que eram vendidos em gaiolas minúsculas, e lamentou ao ver um coelho machucado no canto de uma das jaulas imundas que estavam empilhadas sobre outras. Ali se vendiam outros animais, preás, ratos e até mesmo pombos brancos. Pensava se alguém em sã consciência comeria estes, em específico.

Afastou-se dali para as frutas, onde comprou algumas bananas, acerolas e um saco de taperebás. A venda estava cheia de mangas, época delas, e ficava bem fácil comprar dos vendedores que algumas horas antes as recolhiam pelas ruas. Voltou a olhar para a lista e viu que faltavam somente algumas ervas. Sua avó gostava de fazer alguns banhos de cheiro, pelo que percebeu, acharia aquilo uma enorme besteira senão fosse tudo que estava vendo nos últimos tempos.

Caminhou até onde se localizavam as erveiras, eram a parte mais mística daquele lugar. Nas barracas de madeira haviam vários vidrinhos multicoloridos de poções e remédios que prometiam curar desde as tristezas até o câncer. Era uma parte mais isolada da feira num geral, um lugar que parecia especificamente ter uma iluminação mais baixa, e uma aura mágica. Olhou ao redor para ver quem venderia as ervas estranhas da lista de sua avó, mas algo mais específico a chamou sua atenção. Viu um símbolo, o mesmo que a perseguia desde que Damiani sumiu. Quase correu até ele, estava pendurado na barraca da erva e talhado em uma madeira clara, provavelmente Miriti.

— Vejo que o símbolo te deixou curiosa, menina.

— Oh... Desculpe.

A mulher a sua frente era alta, com fortes traços indígenas e um longo cabelo negro liso que caía sobre seu rosto já com marcas de idade. Usava roupas brancas, e tinha vários colares multicoloridos pelo seu pescoço. Suas longas saias caíam até os seus pés, onde usava sandálias baixas e tinha algumas fitas coloridas nos tornozelos.

— O que está procurando?

Adriana sorriu, tirando os olhos do símbolo para as ervas que procurava. Entregou a lista para ela, que levou seus olhos aos nomes, começando a pegar vários ramos de plantas e os enrolar em um feixe de palha. Já a garota, começou a passar seus olhos para as muitas poções em vidrinhos pendurados ali perto. Alguns tinham nomes engraçados, até mesmo pornográficos, alguns eram mais comuns “Abre caminhos” “Chega-te a mim”, eram bonitos e lamentava não estar com o seu celular para tirar foto deles.

— Isso tudo dá 15.

Disse a mulher ao estender as ervas em sua direção. Buscou o dinheiro por alguns segundos, e ao entregá-lo, suas mãos se chocaram por uma fração de segundos, mas o suficiente para que a expressão da mulher mudasse completamente. Com olhos bem abertos e boca em arco, agarrou o braço da menina, assustada.

— Criança, você não deveria estar aqui.

— O que? O que eu fiz?

Resmungou, tentando puxar seu braço de volta e se afastar daquela mulher, que já julgava como louca.

— Você não sabe com o que está se envolvendo, não é?

Seus olhos foram de imediato até o símbolo talhado na madeira.

— Eu realmente... Não sei.

Os olhos negros da vendedora pareciam penetrar no fundo de sua alma, e então fechou os seus próprios, mas sentiu unhas longas começarem a se cravar em sua pele e assustou-se ainda mais, puxando o braço de volta.

— O que está fazendo?

A mulher ainda a encarava, impressionada.

— Existe uma ordem de todas as coisas neste mundo. O mundo dos mortos, o mundo dos deuses, a nossa terra, mas tu... Tu mexeu com a ordem das coisas, a ordem da vida.

— Eu? Como eu fiz isso?

Ela agarrou o símbolo, o aproximando de seus olhos.

— Isso é o símbolo da tribo perdida, minha tribo dizia que dava poder... O tenho aqui, mas sei que não é coisa boa.

— Tribo perdida?

— Adoradores da noite... Dos filhos de Jurupari.

Não fazia a menor ideia do que a mulher dizia, mas ao olhar com mais atenção para o símbolo viu um brilho violeta exalar dele como a uma onda, indo direto até si. Pela primeira vez outra pessoa parecia ver o mesmo que ela.

— Tu estás encantada, não está? Viste mesmo um filho de Jurupari com teus próprios olhos?

— Minha senhora, não sei do que tu está falando.

Ela a soltou, colocando o símbolo de volta em seu lugar.

— Tem visto algo estranho, fora o filho de Jurupari que tu te apadrinhasse?

Ignorou o que dizia, provavelmente se referia a Damiani, mas como não entendia o significado das palavras que dizia e pelo tom, não era nada bom.

(Como não entendia o significado daquelas palavras, acabou ignorando o que ela dizia. Provavelmente se referia a Damiani, e pelo tom não era nada bom.)

— Eu... Tenho sonhado com uma mulher, ando vendo vultos e até achei umas coisas estranhas na minha casa.

— Quem é a mulher?

Disse a erveira, se sentando em um banco ali perto, mas sem tirar os olhos dela.

— Vivienne. Descobri que foi uma amiga de meu bisavô que morreu e era dona da minha casa.

Ela riu, e pediu para que Adriana se aproximasse.

— Vem, deixa eu ver uma coisa.

A obedeceu, com medo, e a mulher tocou no meio de seu peito, fechando os olhos por alguns minutos e recitando alguma coisa em uma voz inaudível.

— Tu não estás assombrada por esta mulher, ela já desencarnou desse mundo tem tempo.

— Mesmo?

Ela deu de ombros, voltando a expressão assustada de antes.

— Sim, criança, e está bem mais perto de ti em sua nova vida do que tu pode imaginar.

Ela se levantou, olhando para os vários potes em sua venda.

— Minha mãe me falava sobre um rito desta mesma tribo, me dizia que com ele eram capazes de acessar o mundo dos deuses. Era o sonho da tribo dela aprender esse rito.

Se lembrou imediatamente das anotações de Vivienne e sentiu-se grandemente tentada a seguir as instruções que estavam ali, e se fosse o tal rito? Aquela história só ficava cada vez mais interessante.

— E o que eu devo fazer?

A mulher balançou a cabeça, negativamente, pegando um dos ramos do balcão, que mergulhou em um tonel de água amarelada que ficava bem ao lado, em um tonel azul.

— Reze, minha criança, irás precisar.

E bateu com o ramo nela, algumas vezes, primeiro em seu ombro, depois em seu peito, no outro ombro, e em sua cabeça, formando uma cruz.;

A erveira não explicou mais nada além daquelas poucas frases, e assim que terminou sua bênção pediu que ela se retirasse. A obedeceu, correndo de volta pelo caminho de onde veio, passando pelas barracas cobertas por aquelas lonas brancas. Na estrutura podia ver alguns rasgos no tecido, estes que faziam todo o caminho ser recortado por feixes de luz. Em sua memória, era como se os próprios deuses a julgassem.

O caminho de volta até em casa foi estranho e ela tentava assimilar as novas informações que tinha recebido. Sabia que Vivienne estudava alguma religião antiga, e ao saber da “Tribo perdida”, tudo pareceu ser mais uma peça daquele complicado quebra-cabeça que Damiani havia despejado em sua vida.

— Demorou.

Disse sua avó assim que a garota colocou os pés de volta na casa, limpando os pés no tapete de entrada, e a olhando de volta, com um sorriso.

— Foi difícil encontrar todas essas ervas, vó. Vai usar para banho é?

— Sim, vou sim, agora leva esse peixe para a cozinha que eu tô sentindo o pitiú dele daqui.

Adriana deu uma risada, subindo o corredor em direção à cozinha e começou a guardar as compras. Pela porta aberta, que dava acesso para o quintal, podia observar a estátua, era quase como se a imagem a observasse.

— Deixa que eu faço o almoço!

Disse sua avó, ao chegar no cômodo, a afastando com as mãos do balcão da cozinha, ela concordou, e foi até o banheiro para se livrar do suor daquelas horas que passou sobre o forte sol daquela cidade. Sua avó continuava a preparar o peixe quando foi em direção ao seu quarto.

— Compraste peixe demais, o que vamos fazer com tudo isso?

— Estava barato.

Disse antes de fechar a porta de seu quarto e terminar de se arrumar. O baú de madeira ainda estava acima de sua escrivaninha e lembrou-se das palavras da erveira. Abriu de novo o baú e olhou para aquela estranha receita descrita ali, pensou no que aconteceria se seguisse aqueles passos e decidiu que assim que sua avó fosse dormir, como em todas as outras tardes, ela faria aquele rito.

Pegou seu celular e pesquisou sobre alguma tribo perdida naquela parte da Amazônia, mas não obteve nenhum resultado satisfatório. Nada além de casos recentes e madeireiros massacrando pessoas, como faziam desde que haviam colocado os pés naquela região. Em seu sonho, lembrava que estavam pesquisando sobre um povo que acreditava em deuses morando dentro da terra, seria esta a tribo?

Pesquisou sobre o Jurupari, e viu que na interpretação atual, equivalia a origem de todo o mal, quase como a visão do demônio que os brancos tinham. Ao ler aquela definição, um frio subiu por sua espinha. Com todos os poderes além da compreensão que Damiani tinha e todas as coisas que estava vendo, ela teria se aliado ao demônio?

Algumas horas se passaram desde sua chegada e as pesquisas que estava fazendo, estas que agora anotava quase que por completo em seu diário, até sua avó a chamou. Demorou um pouco até guardar suas coisas de volta no lugar. A enorme panela fumegava sobre a mesa, uma caldeirada estava posta ao lado de um enorme pote de farinha graúda, sua avó a havia chamado alguns minutos antes, e aguardava irritada pelo retorno da neta.

— Comer, menina!

— Desculpe a demora.

Sentou-se ao seu lado, e Alessandra estendeu as mãos para que as tocasse. Adriana baixou a cabeça, ouvindo a oração sussurrada de sua avó. Seu temor pelo mal que podia estar envolvida a perturbava cada vez mais a cada palavra de sua avó, e ao terminar a oração, quase nada comeu.

— A senhora sabe o que é uma Belladonna?

A mulher parou de comer seu pedaço de peixe para a observar, curiosa.

— É uma planta, não tem aqui no Brasil, ao menos, não era pra ter.

— Como assim?

A idosa apontou para um arbusto que crescia bem rente ao muro, naquele mesmo quintal estranho, onde ficava a estátua de Vivienne.

— Tem um monte no quintal, provavelmente plantaram há muito tempo, mas não come não, meu pai dizia que era venenoso. Uma vez meu coelho de estimação fugiu e roeu essa planta, morreu.

— Que horror.

De algum modo, ela já tinha tudo que precisava para o rito, mas como iria comer os frutos se eram venenosos?

Adriana esperou na sala até que sua avó se movesse para o quarto e esperou mais alguns minutos para lentamente abrir a porta e ver que a mulher dormia tranquilamente. Então foi até seu quarto, onde tirou uma foto da página amarelada e escrita a tinteiro e voltou à sala.

Abriu aquele armário antigo, olhando para os vários potes de vidro envoltos em estopa, cada um tinha uma inscrição feita a mão discriminando suas ervas em específico. Procurou um pouco até ver alguns mais a ponta, eram os mais vazios. Um pó esbranquiçado estava no primeiro, a descrição em papel tinha sido parcialmente comida por traças, mas conseguiu

imaginar que fosse o cardo, havia também um ao seu lado, com um pó marrom que reconheceu o cheiro de imediato ao abrir sua tampa, era canela.

Um pilão de pedra estava bem abaixo do armário, e o levou ao banheiro junto aos dois potes, os misturando, nervosamente, com medo de que errar qualquer uma das medidas fizesse com que tudo desse errado. Correu de volta ao armário, um pote com um líquido avermelhado estava no canto oposto, abriu sua tampa e sentiu um cheiro péssimo de flores podres, mas como era na receita, pegou duas das flores mergulhadas no líquido e os macerou junto aos pós. No pilão, agora, descansava uma massa avermelhada que batia com a descrição da receita.

A banheira não parecia ter sido utilizada por décadas e ela perdeu um bom tempo limpando sua superfície de louça branca, caso contrário, não teria coragem de entrar nua em uma água cheia de poeira e teias de aranha. Na mesma banheira haviam duas torneiras, quando as ligou, fizeram um barulho absurdo e metálico, então deixou que um pouco de água enferrujada caísse ralo adentro, rolando pela porcelana em um tom alaranjado.

Uma das torneiras tinha água realmente quente, e Adriana não fazia ideia de como uma casa tão velha tinha aquela tecnologia, ou muito menos de onde ela vinha, mas tentou não se importar tanto com isso e fechou o ralo, deixando que a água preenchesse a banheira devagar.

Pegou algumas luvas da cozinha e desceu as escadas em direção ao suspeito arbusto. Nele haviam algumas frutas negras, nascidas de uma base que a lembrava um pentagrama ainda mais assustador, certificou-se de não tocar em suas folhas, e com cuidado, tirou da base somente os dois frutos que pediam a receita. Ainda temerosa, voltou ao banheiro, onde a banheira já estava quase completa de água.

Guardou os potes de volta no armário, de forma que sua avó não notasse que tinha mexido neles, e por último, pegou um pequeno cesto que guardava raízes secas que mais a lembravam um pequeno humanoide, era a mandrágora. Com tudo em mãos trancou-se no banheiro, sua respiração estava ofegante, e não sabia exatamente porquê estava fazendo tudo aquilo, sem pensar, é claro, na sua infinita curiosidade natural.

Tirou suas roupas, as deixando no gancho atrás da porta, e pegou o pilão em suas mãos, jogando a massa contra a água. Uma tonalidade rosa clara tomou conta de toda a água, e ficou olhando, como se hipnotizada, aquelas ervas se misturarem, liberando um odor suave por todo o cômodo.

Olhou para os dois belos frutos de Belladonna. Tinham um cheiro brando e pareciam irresistíveis ao paladar. Respirou fundo, pensando que realmente poderia morrer, assim como o coelho de sua avó, mas por outro lado, lembrando-se de todas as pequenas humilhações que já sofrera na vida, nos seus pais que nunca mais veria e em todas as tristezas de sua vida, seria isso mesmo algo tão ruim?

Respirou fundo, colocando os dois frutos em sua boca e deixando se desmancharem em sua saliva. Eram doces, e imaginava que muitas pessoas já tinham se deixado iludir por sua aparência, comendo várias delas e abraçando a morte sem a intenção. Sentou-se na beirada da banheira, olhando para a água tranquila. Sentiu a temperatura quente, assim como mandava. E nada aconteceu por alguns minutos, se achou completamente estúpida por acreditar que tudo aquilo seria real. Levantou-se em direção a porta, mas não conseguiu, caindo ao lado da banheira.

Sua vista começou a falhar, tudo ao seu redor parecia girar, as paredes caíram, e aquela tonalidade gelatinosa que havia visto no porão tomou conta de tudo, desta vez, não tinha muito controle sobre si. Ouvia uma cantiga suave em seus ouvidos e teve que se arrastar até a pia, onde com muita dificuldade, agarrou a mandrágora.

A mandrágora a olhava, tinha tomado a forma de um pequeno humano, suas mãozinhas a guiaram de volta a banheira, onde via uma tonalidade violeta brilhante, que irradiava como uma onda de luz, iluminando todo o ambiente ao seu redor.

— Entre.

Disse a mandrágora, com um sorriso amigável. A cantiga ainda estava em looping na sua cabeça, cada vez mais alta e irritante. Com ainda mais esforço, se arrastou até a água, caindo nela como se caísse de costas em um enorme oceano. Tentava abraçar a mandrágora, que a segurava gentilmente pelo braço. A banheira parecia não ter mais fundo e ao notar isso, se virou, mergulhando para baixo. Ao seu redor não conseguia ver quase nada, e quando já perdia o ar, sentiu seu corpo bater contra alguma superfície, seus olhos foram tomados por uma forte luz do sol, que fez com que cerrasse os olhos.

A cantoria tinha cessado e abriu seus olhos vendo que estava em um lugar que nunca tinha visto antes, nem em seus sonhos, nem em qualquer outro lugar do mundo. Estava nua, encharcada com água rosa que respingava de seu cabelo para o chão, estava em um campo aberto, circundada por enormes campos de grama esverdeada. Pequenas flores brancas cresciam junto a grama rasteira, se estendendo até onde sua vista conseguia alcançar. Algumas poucas árvores frondosas e de alguma espécie que jamais tinha visto, cresciam bem separadas umas das outras. Estas tinham folhas largas em uma tonalidade roxa vibrante, e acima de suas copas, parecia emitir uma fraca iluminação violeta, a mesma que viu no sótão.

Ouviu um som metálico atrás de si, e se virou para observar uma cidade gigantesca a algumas centenas de metros. Ela se estendia por quilômetros, posicionada em um vale abaixo dos campos que estava. A cidade inteira era coberta por pesadas nuvens de chuva e raios violetas que pulsavam dentro delas, em uma visão caótica, assustadora, divergindo totalmente do céu azul que os campos ao seu redor tinham. Olhando bem para o céu, reparou que enormes balões de gás multicoloridos viajavam sobre ela, como se fossem e voltassem da cidade.

A cidade era como as de contos de fadas, mas tomada por uma natural escuridão e magia. Em seus muros fortificados, conseguia ver, como pontos, alguns soldados com armaduras de ferro negra. Um enorme portão de ferro coroava a entrada da cidade e fazia um rangido metálico em suas engrenagens sempre que abertos, tão gigantesco que até mesmo quem entrava nele não parecia muito maior que uma formiga. Era colossal, maior do que muitas das construções consideradas como patrimônios da humanidade. Seus muros e alguns dos prédios internos eram em uma arquitetura pontiaguda que a recordava das catedrais góticas, junto a um certo toque de tecnologia, engrenagens e detalhes em ferro.

Estava encantada, e andou mais alguns passos a frente, tentando ver melhor a magnitude daquela cidade, mas assim que o fez, seu ar começou a faltar, a mandrágora em seus braços, que antes tinha a forma de uma pequena criatura, tinha voltado ao seu estado de raiz, e ela sentiu que se afogava. O cenário começou a derreter, e tudo que via ao seu redor era a mesma luz violeta, mas no formato de água quente, enquanto sufocava, largou a mandrágora e ressurgiu, ofegante, na banheira de sua casa, se debatendo e fazendo com que a água voasse por todos os cantos.

— Adriana! Tá tudo bem aí dentro?

Ouviu sua avó gritar, do lado de fora do banheiro, estava tonta, e saiu da água, caindo contra o chão, de onde se arrastou até o vaso sanitário e vomitou em pedaços, os frutos de Belladonna que havia comido.

— Adriana, o que aconteceu?! Está tudo bem?

Adriana estava sem expressão, sua pele estava pálida e ela parecia completamente doente.

— Acho que comi algo que fez mal, então eu vomitei.

— Valha-me nossa senhora, e o que foi aquele barulho de água?

Ela deu de ombros, e seguiu em direção ao seu quarto,

— Tentei usar a banheira antiga, mas eu já limpei tudo, não se preocupe.

E fechou a porta atrás de si, se jogando contra a cama, novamente sem nenhuma energia, como se todos aqueles insanos eventos tivessem arrancado de si toda a sua vontade. Pensou naquele lindo lugar que tinha visto, na mandrágora, nas palavras da erveira, tudo a deixava confusa. Cansada, queria dormir, fugir dos seus próprios medos e da loucura que acreditava estar submersa.

III

— Eu não devia ter feito isso, Andersen.

O inglês se aproximou dela, a abraçando suavemente. Ela se mantinha séria, tentando se cobrir com o lençol de linho. Seus longos cabelos castanhos escorriam pelas suas costas pálidas, seus olhos se perdiam no cenário à sua frente. Estavam em um famoso hotel bem à frente do mercado do Ver-o-Peso, e todo o lugar era circundado por praças enormes, muito bem cuidadas, onde em manhãs como aquelas, famílias passeavam, mas não era possível ver muitas senhoritas sozinhas, muito menos uma como ela, de uma família abastada.

— Vai ficar tudo bem...

Disse Andersen a abraçando, enquanto beijava suavemente o seu pescoço.

— Se minha família descobrir... Se a sociedade souber que eu não me guardei para o casamento, o que iriam pensar?

Ele suspirou, tocando suas mãos levemente.

— Você não fez nada contra a sua vontade, certo?

— Não! Jamais! Só... Estou preocupada com as consequências, eu sinto que ninguém me entende, porque não me casei, porque trabalho junto com homens e me dedico às minhas pesquisas, desde que começamos a sair juntos, só piora.

Ele a beijou, tocando seu rosto suavemente com a ponta dos dedos.

— É uma pena que as mentes pequenas deste mundo não te compreendam.

— Eu só... Tenho medo, algumas pessoas acham que eu sou uma bruxa, às vezes acho que vão me queimar em praça pública.

Andersen tentava tranquilizar, sabia que a sociedade naqueles tempos não via com bons olhos o relacionamento entre os dois, tão livre e longe dos padrões tradicionais.

— Eu não deixaria isso acontecer...

— Obrigada por ser compreensivo, eu estou cansada, eu só queria me dedicar as minhas pesquisas em paz, mas duvido que algum dia as pessoas irão ver as mulheres mais do que donas de casa, ainda mais em uma cidade pequena como essa.

— As coisas evoluem, Vivienne, o mundo e as pessoas.

Ela olhou para suas roupas, do outro lado do quarto, lembrou-se de como tinham sido arrancadas, algumas horas antes, e sentiu um arrepio em seu pescoço.

— Eu tenho que ir... Com todo o barulho que fizemos, duvido que alguém aqui ainda ache que estamos discutindo ciências.

O inglês começou a rir, puxando o tecido para si e se cobrindo. Nua, Vivienne seguiu até suas roupas, seu corpo magro e sem muitas curvas não parecia em muito com as pinturas clássicas, era bem mais masculino do que o desejável. Sobre o seu peito descansava aquele mesmo cordão de lua.

— As pesquisas estão chegando ao final, o dono do terreno tem pressa para começar sua construção e nós não encontramos mais nada há alguns meses.

— Sim, todos esses meses...

Ela suspirou, podia sentir a tristeza em seus olhos, por mais que ela lutasse para parecer não se importar com a situação.

— Tu vais embora, não? Voltar para o teu país?

— Sim..

Andersen parecia tão triste quanto ela, não tinham decidido o que fazer depois dos meses em que se amaram fervorosamente.

— Srta, tem algo que eu preciso te contar.

Ela se virou, por conta do tom sério da voz dele, deixando de amarrar suas saias.

— O que seria?

Seus olhos se cobriram de confusão, e olhava sem parar para ambos os lados, como se soubesse que estava sendo observado. Falou em voz baixa, temeroso.

— Provavelmente serei punido por isso... Mas não suporto mais te esconder da verdade, e sei que tens mente aberta e inteligência o suficiente para compreender tudo que te direi.

— Do que está falando?

Caminho

Acordou de mais um de seus sonhos vívidos, era tão real que podia sentir o cheiro do homem que a beijava, assim como o calor de seu corpo. O sol ainda não tinha nascido, como pode ver pela janela de seu quarto. Seu estômago doía das frutas venenosas que tinha comido, não tinha bebido muitas vezes na vida, mas era como se estivesse com uma forte ressaca.

As imagens daquele mundo que acessou pela louça branca de sua banheira, assim como o sonho com o inglês ainda estavam muito vívidas em sua memória, a deixando enjoada e confusa. Levantou-se de sua cama, cambaleante, indo até a cozinha. Por alguns segundos, antes de instintivamente estender o braço e ligar a luz do interruptor, viu que várias daquelas sombras estavam por ali, como pessoas em pé conversando entre si, e se dissolveram como um líquido, escorrendo de volta para a escuridão assim que tiveram contato com a luz da lâmpada.

— Que merda é essa?!

Não era a primeira vez que via aquelas criaturas, seja lá o que fossem, pareciam estar sempre por perto, espiando seus passos. Estava paralisada de medo, sem conseguir entrar no cômodo, ou fugir de volta para o seu quarto, onde estava escuro e provavelmente cheio daquelas coisas.

— Tenho que procurar o Damiani.

Sussurrou para si mesma, era orgulhosa e estava temerosa por todas as coisas que havia descoberto. Se ele fosse um demônio ou um anjo, isso não era mais o que importava, as coisas que a perturbavam podiam muito bem atacar sua avó, e ela era a única pessoa que realmente importava.

Ao final da manhã, sua aula tinha mal acabado quando correu até a saída sem falar com ninguém. Beatriz gritou seu nome assim que a viu indo embora, mas ela não respondeu. Os fantasmas e os sonhos que a perturbavam necessitavam de urgência, e ao sair da escola, ignorou os olhares dos transeuntes até chegar a rua vazia do cemitério.

O lugar, diferente das vezes que havia sentido paz em seu interior, a cobriu de um arrepio negativo. Faziam alguns dias que não colocava os pés naquele lugar, mas ela sabia, de algum modo, que ele estava ali, e saber que o veria novamente a fez retomar a sensação ruim do que havia dito. Sabia que seus sentimentos por Damiani, seja lá o que ele fosse, não tinham mudado, ainda estava apaixonada por ele, apesar de todo o medo e ressentimento.

O lugar permanecia quase o mesmo, e ao abrir o portão, o ferro que sentiu gélido entre seus dedos fez um som sepulcral que a guiava até o interior de pedras sabão e ruínas. A grama não era cortada há semanas e as ervas daninhas estavam ainda mais altas do que se recordava. Até mesmo o velho cruzeiro estava com ainda mais pichações, e mesmo assim foi até ele. Um enorme urubu solitário estava pousado bem em seu topo, o pássaro a encarou por sobre as penas, como se desse boas vindas.

Olhou ao redor, estava vazio, como de costume, nem mesmo o vigia ou algum morador de rua adormecido, e ainda assim sentia-se vigiada. Ao longe via o mesmo anjo de pedra onde havia o visto pela primeira vez e, se esquivando da grama alta, se lembrou de tudo que tinha vivido. Aquele era o ponto inicial de suas desventuras, ela fitou um pouco a escultura enegrecida pelo limo e tomada de ódio, gritou.

— DAMIANI! EU SEI QUE VOCÊ ESTÁ AQUI!

Não obteve nenhuma resposta além de uma senhora passando do outro lado do muro olhando para ela como se fosse completamente maluca. Respondeu a suas frustrações com outro grito, desmotivada, e se sentou sobre o mesmo túmulo em que o tinha encontrado.

Sua saia plissada fez uma onda conforme se sentou, e esperou ali por algum tempo. Minutos se passaram e ao olhar para a tela do celular e conferir o horário, tudo só a deixava cada vez mais ansiosa.

Por mais que tentasse, havia muitos pontos daquela história que não faziam nenhum sentido, e naquele ponto não se importava mais em entender, queria somente sua paz de volta e assegurar que sua avó não se machucaria.

Algumas garças passaram acima de sua cabeça, indo para a praça Batista Campos, não muito longe dali. Até pensou em ir até lá mais tarde, somente para olhar os peixes e tentar esquecer dos seus problemas.

A ansiedade tomava conta de seu corpo, junto ao medo. Não queria pensar no que seriam as sombras que estava vendo, ou as alucinações com a luz violeta. O medo corroía seu estômago, e a ansiedade fazia com que batesse os sapatos marrons contra o túmulo, fazendo um som seco que soltava a grama presa por seus passos. Olhou o celular novamente, era hora de ir embora, sua avó iria se preocupar se chegasse tarde demais, voltou os olhos para a escultura, como se ela a observasse e entendesse sua situação.

— Damiani, não vou perguntar mais nada, sobre você ou de onde você veio, eu não ligo mais! Eu só quero saber o que esses sonhos significam, o que são essas coisas que estou vendo, você pode me ajudar?

O silêncio continuava.

— Que merda, eu nem sei se ele é real e eu estou aqui, gritando com uma estátua!

Disse enquanto encarava aquele rosto angelical de pedra.

— Vamos! Eu sei que você está aí!

Ouviu uma risada, e no momento seguinte viu os cachos ruivos dele, saindo detrás daquela figura, logo o viu inteiramente ali, de pé e olhando para ela com julgamento.

— Realmente não faço ideia de como você se esconde aí.

Sua expressão se manteve séria, estava mais arrumado que o comum. Os cabelos um pouco mais longos e usava um sobretudo preto, incompatível com o clima. Seus olhos não se cruzaram com os dela, mas ele foi em sua direção, Adriana ficou feliz em vê-lo, mesmo preocupada com quais seriam as consequências daquele encontro.

— Há quanto tempo. Como estão as coisas?

Com a frase ele esboçou um sorriso largo no rosto.

— Isso não é engraçado.

Ele se sentou ao seu lado, levantando uma das pernas, onde ele apoiou seu braço direito, sua expressão esboçava orgulho.

— Se me recordo bem, você quem me disse que nunca mais queria me ver.

Não disse aquela frase com rancor, mas a garota se encolheu de vergonha, que ela não queria demonstrar.

— É você quem está fazendo essas coisas?

Disse enquanto olhava ao redor, procurando algo estranho. O lugar continuava o mesmo, sua casa parecia bem mais mal assombrada, nos últimos tempos, que aquele cemitério.

— Não faço ideia do que esteja falando.

Ela não acreditava nele, embora já tivesse alguns sonhos estranhos antes da briga, agora as coisas estavam indo completamente para fora do campo das idéias.

— Está falando sério? Estou vendo coisas! Sombras, símbolos estranhos, tendo visões sobre um lugar que nem parece na terra, tendo sonhos com a vida de uma pessoa morta, não aguento mais.

Ele passou a mão entre os cabelos, curioso, se estivesse fingindo, o estava fazendo muito bem.

— acredite ou não, eu não fiz nada disso, mas posso te ajudar, caso queira.

— Pois então ajude! - Disse falando ainda mais alto que de costume. — Não aguento mais isso!

Ele se levantou, indo até um dos túmulos quebrados. A superfície ainda era banhada pela iluminação solar, o ruivo olhou para a fenda gerada pelas pedras, que formavam quase uma caverna no meio do túmulo, e se abaixou para enfiar uma das mãos na abertura que havia sido feita na parte de cima do mármore, Adriana gritou para que ele parasse, podia ter qualquer coisa naquele lugar, desde lixo a animais peçonhentos.

— O que está fazendo?!

Ele virou o rosto, continuando a procurar algo no interior daquele túmulo. Parecia saber exatamente o que estava fazendo e se irritava por sua insistência em impedi-lo. Depois de alguns segundos puxou um livro, era envelhecido pelo tempo e possuía uma capa marrom com um símbolo desconhecido gravado em sua capa.

Ele logo ignorou o misterioso livro, o deixando de qualquer modo sobre o túmulo em mármore, somente para se ajoelhar e voltar a enfiar o braço naquela fenda. Parecia brigar com algo, e com muita dificuldade e alguns minutos depois, arrancou uma criatura de lá. Era uma sombra, em literal, uma coisa gosmenta e translúcida que se mexia desesperadamente tentando fugir da luz e emitindo um som agudo de dor. Damiani o cobriu com o casaco e se aproximou de Adriana, que olhava aquilo tudo boquiaberta.

— O que é isso?!

Ele tentava conter a criatura, que lutava contra o casaco bravamente, se debatendo e tentando voltar para a escuridão.

— Isso, minha cara, é uma sombra, e pelo que você me disse, tem um monte delas te perseguindo.

Adriana se afastou, dando alguns passos para trás, estando pronta para fugir caso aquilo escapasse, lembrou-se das muitas vezes que tinha visto aquelas coisas e que sempre pareciam persegui-la, estando em sua visão periférica ou aparecendo em literal, como havia acontecido no sótão e na sua cozinha, pela manhã.

— Quantas dessas existem?

Damiani permaneceu calmo, e foi até o livro, que abriu com o braço restante, enquanto o outro continha a sombra, que não desistia de se debater. Passou os olhos vagamente pelas páginas amareladas.

— Ah, milhares, mas elas não costumam perseguir pessoas. — Disse antes de erguer as sobrancelhas. - A menos que... bom, as pessoas perseguidas frequentem lugares propícios para elas e também vão contra a ordem natural das coisas.

Ele a fitou, logo após falar aquela última frase.

— Talvez seja minha culpa, mas não de propósito.

Ele abriu o tecido e raios de sol atravessaram a criatura como flechas, a forma emitiu um último gemido de dor e se esfarelou no ar, sumindo totalmente.

— Elas não gostam de luz, então se quiser evitar que te perturbem, deixe as luzes sempre ligadas.

A garota ainda olhava para o fenômeno a sua frente, tudo que havia restado do monstro eram cinzas no piso de grama alta.

— Isso é o que? Um fantasma? Demônio?

Ele não tirou os olhos de seu livro, procurava por algo bem específico, seus olhos se reviraram com as palavras dela.

— Humanos são tão radicais... Não, não é nada disso. São só uma energia negativa que você atraiu, no máximo podem te deixar triste, mover coisas pequenas, escuridão demais nunca é algo bom.

Tristeza era definitivamente o que mais tinha sentido naqueles dias, tinha comido os frutos de belladonna mesmo sabendo que eles a podiam matar, e tinha pensado sem parar na morte de seus pais.

— Agora me fale mais sobre o símbolo que tem visto.

Sua mente vagou até a primeira vez que tinha visto, na mesma hora que ele sumiu de sua frente.

— A primeira vez que eu vi, foi quando você sumiu na minha frente, são como... Luz violeta, gravada sobre a superfície. Sempre que eu tenho contato com algo estranho, eu vejo a mesma luz, sempre que eu tenho contato com algo envolvido com você.

Seus olhos não saíram dela, parecia perturbado.

— É uma runa, um símbolo de onde eu vim, você não devia vê-la.

Damiani pensou um pouco, e depois de alguns segundos de silêncio e alguns passos confusos se aproximou de Adriana, se acomodando ao seu lado com o livro fechado entre os dedos. Sua voz mudou para um tom mais baixo que o comum e seus dedos foram até a parte de cima de sua mão, a aninhando carinhosamente.

— Adriana, existe uma verdade, uma verdade obscura abaixo desta cidade, e ela é a explicação para mim, e para tudo que tem acontecido com você.

Ele se esticou, como se estivesse pronto para dar uma aula, e fez um formato de seta com os dedos, o apontando para fora do cemitério, em direção a cidade e seus prédios longos e infinitos.

— O que está em cima.

Sua mão em seta depois se direcionou para o chão, ao seu lado, onde somente havia a terra fofa e coberta de grama daquele cemitério.

— É como o que está embaixo.

Suas mãos então, apontaram para baixo dos dois, o granito do túmulo, em direção ao corpo que provavelmente estava abaixo de onde o jovem casal estava sentado.

— O que está dentro é como o que está fora.

E apontou para a testa de Adriana, a empurrando levemente.

— Eu não entendo.

Ele manteve seus olhos no céu, parecia estar pensando no que faria.

— Só existe um jeito de alguém daqui poder saber toda a verdade. E não é nada fácil, se o que te incomoda forem as sombras ou os símbolos, ou até mesmo os sonhos, eles irão parar com o tempo se você fingir que nunca me viu e terminarmos nossa relação por aqui.

Adriana arfou. Seus dedos nervosamente apertando o tecido do uniforme que usava enquanto sua mente vagava no que deveria fazer. Na realidade, o mais torturante daqueles dias, não foram os sustos ou a sensação de estar louca, nem mesmo os mistérios que cobriam sua casa, sua família e ela própria, mas saber que provavelmente nunca mais o veria.

— Então devemos parar de nos ver?

Seus dedos deslizaram nervosamente por entre os próprios fios do seu cabelo, e ele continuou a encarar o cenário ao seu redor.

— Foi o que sugeri da última vez que nos vimos, mas já que está aqui, essa é uma decisão sua. Mas saiba, de uma vez que souber a verdade, sua vida nunca mais será a mesma e terá que abandonar essa existência.

Ela levou a mão até a dele, cruzando os seus dedos. Não sabia o motivo de ter feito aquilo. Queria gritar para ele que a desse respostas reais, ou ao menos que dissesse quem era.

— Eu não entendo, sério.

— Eu sei.

Disse ele em sobressalto.

— Você pode decidir não me ver mais e eu aceitarei, mas se você quiser entender tudo que viveu, saiba que existe algo, algo maior que nós dois, e esse algo vai mudar sua vida, e todos aqueles mistérios que você agora sabe que existem. Os fantasmas, as sombras que rastejam na noite e a magia que habita neste mundo.

Seus olhos se chocaram com os dele, e Adriana balançou a cabeça em nervosismo, tentando afastar o medo de sua consciência e tomar a decisão que realmente queria.

— O que eu preciso fazer para entender essa verdade?

Seu rosto formou um sorriso sem mostrar seus dentes, tal como uma linha curva em seus lábios finos. Damiani parecia estar orgulhoso pela decisão. Ela, em contrapartida, temia que aquilo poderia destruir sua vida.

Voltou a abrir o estranho livro de capa marrom e letras ilegíveis. Haviam alguns símbolos marcados sobre as páginas envelhecidas em uma tinta de forma desordenada. Ela não fazia idéia de que letra era aquela, não se parecia com nada que ela já tivesse visto, era alguma língua antiga e bem cheia de curvas, formando ondas sobre as páginas, que ele lia de baixo para cima e da esquerda para a direita.

— Sim, é isso...

Murmurou enquanto apontava para a página.

— Precisamos de algumas coisas.

Ela se curvou, tentando olhar melhor para as páginas do livro misterioso, que ele ergueu de forma que saísse de sua visão e ela não pudesse ver.

— Precisamos de uma varinha mágica, um pincel de pérolas e o sangue de uma criatura.

Ela não pode conter uma risada, parecia algo que tinha saído de algum livro de fantasia, ou de algum jogo medieval, mas sinceramente, o que ali não parecia totalmente fora da realidade? Ela chacoalhou a cabeça, espantando as confusões naturalmente geradas pela sua cabeça, ao

menos toda aquela loucura a tiraria da melancolia que estava presa há meses, seu estômago ardia em nervosismo.

— Não ria, isso tudo é bem sério, e não vai ser nada fácil conseguir tudo isso.

— É só que... Não parece muito... Onde vamos conseguir isso?

Damiani parecia em certo pânico, suas mãos tremiam e ele constantemente olhava ao redor como se estivesse sendo observado, tudo aquilo deveria ser um grande segredo para que seu nervosismo pudesse transparecer em seu semblante sempre tão neutro.

— Todas essas coisas não deveriam estar aqui, então estão bem protegidas. — Ele tirou a mesma mecha ruiva da frente dos olhos, soltando ar dos pulmões e apontando para uma gravura no livro. - Duas destas coisas estão em um zoológico, inclusive.

Qual deles?

Ele baixou o tom de voz, falando ainda mais perto dela.

— Mangal das Garças, conhece?

Sua memória se direcionou ao parque, era um lugar bem amplo, cheio de animais e garças, lembrava que uma defecou em seu cabelo na última vez que ela o havia visitado.

— Obviamente não está acessível para o público, fica na parte dos funcionários, em uma estufa.

Ele puxou o celular de sua mochila, clicando em alguns botões, enquanto ela protestava.

— Quieta, só preciso te mostrar o lugar.

Abriu uma visão de satélite do parque, para facilitar, havia várias vistas internas, algumas até bem próximas do lugar onde a tal varinha estava.

— Espera, você não está esperando que eu vá lá e peça educadamente, não é?

Ele deu uma risada, mas esta era tão taciturna quanto de costume.

— É claro que não, garota. — Seus olhos tinham um brilho criminoso, junto a uma empolgação que ele nunca havia demonstrado antes. — Você vai entrar no parque zoológico, normalmente, vai fingir estar vendo os animais, e quando ninguém estiver vendo, vai entrar no setor. Te ajudarei a abrir as portas, e vamos pegar o que precisamos.

— Então você vai comigo?

Ele sorriu, tocando a mão de Adriana, que descansava suavemente sobre o seu colo, notou que ela tremia, e estufou o peito para a dar mais confiança.

— Eu não posso fazer tudo sozinho porque isso envolve algo maior que eu, ou você, mas prometo que estarei ao seu lado para conseguir tudo que é necessário.

Ela se encolheu, temendo pelas consequências de tudo que estava fazendo, em real, ela poderia até ser presa, se pensasse melhor, e por algo que ela nem sabia o que era.

— Eu ainda não entendo, Damiani, quem é você, para quê precisamos dessas coisas?

Ele fechou os olhos, seus olhos hipnotizantes se voltaram para ela, que os fitou por alguns segundos. As órbitas em um amarelo ouro com alguns pontos marrons, a pupila estava sempre dilatada, parecia eufórico, ao mesmo tempo que tudo em si trazia uma tristeza que ela não era capaz de compreender.

— Eu sei. Peço desculpas por isso, por não poder te contar mais, se eu pudesse, eu prometo que faria. Mas sabe, mesmo com tudo isso, tem sido bom estar com você, não me sentia assim há séculos.

Seus longos dedos magros acariciaram o seu rosto, e ele se levantou, mais sereno que antes, dando alguns passos a frente, sua silhueta em perfeita sintonia com a estátua não muito longe.

— Te vejo amanhã, às 16, no zoológico. Te espero na frente.

Adriana assentiu, e apesar do perigo e da confusão, ela não fez mais perguntas, tudo que havia dito tinha aquecido seu coração, e ela se sentia mais segura para o que aconteceria no dia seguinte.

— Eu tenho que ir...

Ele se levantou, indo cemitério adentro. Viu a figura se afastando, tal como se sua vista desfocasse conforme andava, e quando piscou, ele não estava mais lá.

— Sozinha, novamente.

Ela suspirou, se levantando e colocando o capuz do moletom de volta sobre o rosto. Caminhou até a saída, olhando para os urubus que voavam em círculo no céu acima dela, o cenário já era tão rotineiro, que ela nem tinha mais aquela sensação ruim de quando se entra em cemitérios, mas ela sempre pedia licença ao entrar, é importante respeitar essas coisas, como dizem os antigos.

O capuz fora útil para que ela evitasse os comentários ruins enquanto caminhava algumas quadras até em casa. Algumas pessoas ainda a olhavam com julgamento, mas ela andou rápido até que visse a rua melancólica de sua casa bem a frente.

Era tão ruim ter que correr sempre, ou se esconder, mas a morena não queria pensar em tudo aquilo a ponto de ter uma crise de disforia. Com toda a história de Damiani, ela tinha coisas bem mais sérias, e sobrenaturais, para tratar.

Procurou pela avó, a senhora grisalha não estava em sua velha cadeira de balanço na sala e da cozinha soava um som de rádio antigo em uma estação católica. A idosa cantava, baixo. Um forte cheiro de verduras vinha da cozinha a alguns metros dali, ela tentou se aproximar sem incomodar, e viu que a senhora estava em sua cadeira de rodas, descascando algumas batatas.

— Boa noite, vovó.

Ela deu um sorriso, ainda sem tirar os olhos da batata em suas mãos.

— Onde estava?

Adriana engoliu a seco, pensando na conversa estranha com Damiani e nos perigos que enfrentaria.

— Bom... Eu saí com uns amigos depois da aula.

Sua avó a encarou, julgadora, e arqueou uma das sobrancelhas.

— Duvido um pouco, mas cê que sabe.

Ela respondeu com uma risadinha. Havia uma panela grande com água fervente no fogo, Adriana não gostava que a avó cozinhasse naquelas condições, apesar de já estar melhor, conseguindo andar alguns passos de muletas, mas era mais confortável para ela se deslocar com a cadeira.

Então, pela felicidade da avó, decidiu não interferir, sabia do seu amor pela cozinha e não queria que ela ficasse mais triste com suas palavras de repreensão. Se dirigiu até a geladeira, o eletrodoméstico era grande e marrom, com algumas partes comidas por ferrugem avermelhada e a pintura descascada. O objeto era provavelmente mais velho que ela própria, quebrando uma vez ou outra, fazendo que suas coisas tivessem que ser guardadas no freezer da vizinha.

A luz interna estava com mal contato, mas ainda funcionava, e entre a luz piscante, ela olhou um pouco para as prateleiras com as compras do dia anterior. Lembrou que há alguns dias, e antes do prêmio que tinha ganhado na quadrilha, não tinha nada, nada além de umas garrafas com água e alguns vegetais duros. Estava feliz em ajudar, sabia que o dinheiro da aposentadoria de sua avó e a pequena quantia que o seguro mensal dos seus pais havia deixado não era nem o mínimo que as duas precisavam.

O estado de saúde da avó também não ajudava, os remédios eram caros e apesar da ajuda que tentava trazer com os doces e as coisas que vendia na escola, sempre ficava faltando, principalmente no final do mês.

Aquela era uma sensação desesperadora, queria poder fazer algo a mais, porém já estava tudo difícil demais na escola, e por ela, teria algum emprego fixo, mas sabia muito bem que nenhuma empresa iria querer contratar alguém como ela.

Pegou um copo de água, bebendo alguns goles gelados e sentindo o vidro contra os seus lábios, se aproximou da avó, beijando a sua cabeça, enquanto algumas lágrimas escorriam involuntariamente. Ela as limpou bem rápido, não queria que a senhora soubesse de sua tristeza, e logo se virou, com o mesmo sorriso rotineiro.

— O que está fazendo?

A senhora deu um sorriso de volta, animada com o interesse da neta.

— Uma sopa com o peixe. Quer me ajudar?

— Claro, vovó.

Assim no céu como na terra

Eram 16 horas em ponto e Adriana estava ansiosamente posicionada na frente do Mangal das Garças. Encostada ao muro, observava a bem cuidada praça em frente a um antigo prédio da marinha, onde no alto de um poste, tremulava a bandeira do Brasil, junto à do estado. Um segurança do parque zoológico a encarava, desconfiado, e tendo razão para estar, já que seus planos junto ao ruivo, que em breve chegaria, estavam a todo o vapor. Usava calças *jeans* azul e casaco escuros e botas preta, uma tentativa de passar despercebida, mas a roupa estranha acabou chamando ainda mais atenção do que desejava. Sentia sua barriga arder, em nervosismo, e olhou o enorme totem público a alguns metros dali, que mostrava que era a hora exata.

— Achei que fosse se atrasar.

Adriana pulou, com o susto, gritando e batendo com os punhos nos ombros de Damiani, que tinha aparecido do nada, como sempre fazia. Até mesmo o segurança, a alguns metros dali, parecia confuso sem saber de onde ele havia surgido.

— E aí? Vamos?

Disse estendendo sua mão para ela, que a segurou, e de mãos dadas entraram pelo pórtico de madeira até o interior do parque.

— Boa tarde, seu guarda.

— Boa tarde.

Disse o brutamontes, enquanto se virava para encará-lo. Damiani usava calças claras em um tecido leve e uma camisa branca, que pareceria social. Se não estivesse aberta no peito, mostrando sua clavícula ossuda e parte de seu peito magro, as mangas estavam dobradas sobre seus cotovelos, como se ele tivesse de improvisar uma roupa de verão, com um guarda-roupa de inverno.

“Pare de me olhar assim.”

Ouviu uma voz dentro de sua cabeça, como se recebesse uma mensagem do além.

— O que é isso?!

Quase gritou, com o susto de voz em sua própria mente, o provocando um sorriso de canto.

“Acho melhor não falar algumas coisas em voz alta...”.

Passaram por algumas estranhas árvores plantadas próximas da entrada e uma casinha em vidro com uma exposição de figuras. Logo a sua frente havia uma pequena queda d’água e algumas esculturas no concreto. Alguns cortes no chão criavam rios artificiais, servindo de morada para alguns peixes.

A estrutura de uma mulher a chamou a atenção, tingida de verde, parecia tentar dizer algo.

“Não acredito que você consegue falar comigo por telepatia! Por que não fez isso antes?”

“Nunca precisei, e agora não preciso mais fingir ser humano.”

Não o respondeu, aquela frase a tinha chocado, por mais óbvia que fosse, mas tinha prometido não mais fazer perguntas sobre ele.

“Vamos, me siga, temos que ir logo.”

Ele seguiu, indo na frente e passando bem ao lado de um chafariz, que fez com que alguns finos pingos D’água tocassem a sua pele. O sol era intenso e as poucas árvores, naquela parte cheia de estruturas de concreto, fazia que suasse debaixo da roupa pesada que usava. Havia muitas pessoas por ali, famílias inteiras, casais e fotógrafos com seus clientes, um dia bastante comum em um lugar daqueles. Percebeu que alguns turistas tiravam fotos de uma enorme

iguana que estava deitada ao sol, bem no meio de uma das várias estradinhas de terra esbranquiçada que davam acesso aos monumentos do parque. O homem se virou, assim que viu que atrapalhava o caminho do casal.

“Precisamos chegar até a estufa.” Completou Damiani, olhando para o homem agachado no meio do caminho.

— *Sorry, friend, you can pass with your... Girlfriend?*

— *Yeah, thank you, good luck with your iguana.*

Respondeu o ruivo, em um inglês perfeito, para o turista, deixando Adriana curiosa sobre como ele falava outra língua tão facilmente. O garoto a puxou para o lado oposto, seguindo até uma parte com menos pessoas e onde várias garças estavam pousadas sobre uma estrutura de madeira.

“Adriana, acho que temos companhia.”

Percebeu que alguns guardas os encaravam ao longe. Não eram bem o tipo de casal que passava despercebido, e senão o preconceito, dois adolescentes que pareciam um tanto perdidos, era o suficiente para que colocassem alguns homens para ficar de olho neles. Damiani parou, se sentando no banco de concreto debaixo da estrutura de madeira. Naquela parte em específico, fazia menos calor. Trepadeiras com flores cresciam sobre as treliças de madeira, tornando o ambiente sombreado e agradável. Adriana por sua vez, estava incomodada com os pássaros pousados acima de sua cabeça, e se lembrava do “incidente” na última vez que tinha estado ali.

"Eu gosto desse lugar... Tem um ar puro, mas a claridade, realmente me incomoda."

"Você nunca saiu comigo em um dia com esse clima, sem sombreamento."

“Faz mal para mim, se eu passar muito tempo por aqui, posso ficar doente.” Ele a respondeu em sua cabeça, olhando para um daqueles enormes pássaros brancos, que tinha pousado alguns metros à sua frente, e estendendo a mão para ele, que se assustou, voando para longe.

— Deve ser por isso que você é tão pálido.

— Também.

Disse com um sorriso constrangido.

— Tem algum outro motivo?

“As coisas vão ser respondidas em seu tempo, Adri.”

Ela se virou, encarando aqueles olhos amarelos e redondos, que a fitavam com um brilho de encantamento.

— Obrigado por ter decidido não se afastar de mim, estar fazendo tudo isso... Por mim. Eu sei que você deve estar confusa, mas prometo que tudo vai fazer sentido em breve.

— Eu não conseguiria me afastar, sabe...? Eu gosto de você, apesar de tudo.

— Eu também.

Ele a trouxe para perto, e seus lábios se encostaram suavemente. Seus dedos foram até seu rosto, confusos, não sentia seu gosto desde o dia que haviam brigado.

— Isso tudo é loucura.

Sussurrou, e ele se afastou, se levantando a sua frente e tocando sua mão, fazendo um pequeno gesto para que a seguisse.

— Eu sei.

Percorreram um pequeno caminho de terra até alguns quiosques e atrás deles, e do grande borboletário que formava uma estrutura oval quase alienígena no centro daquele zoológico, havia um corredor com uma exposição de borboletas. Vários quadros de veludo vermelho tinham os insetos empalhados.

— É meio bizarro, não acha?

Disse Adriana ao olhar para as criaturas, seus pequeninos corpos estavam espetados por alfinetes e eram separados do público por vidro, dispostos em uma parede de metal.

— Acho que são bonitas.

Ele deu mais alguns passos, aproximando o rosto do vidro que abrigava as borboletas da exposição, olhando fixamente para uma azul. Era uma das maiores, e partes de sua asa tinham se desfeito.

— Quão frágil é a vida..

A estufa estava bem ao lado, feita em tela translúcida e em sua parte interna havia uma porta que dava acesso aos pavilhões onde ficavam os centros veterinários e provavelmente, alguns animais doentes.

— É aqui.

“Como vamos entrar aí?”

Adriana se aproximou, e ao olhar melhor, percebeu que o único acesso à estufa era na parte de trás, onde havia uma porta de ferro. Olhou ao redor, e enfiou-se entre uma pequena viela que foi formada entre os prédios. Suas paredes e chão estavam cobertos de lodo e penas de pássaros. O som gosmento em seus sapatos a fez perceber que teria problemas em limpá-lo depois. O ruído a seguiu, não sem antes verificar o movimento do lugar de onde tinham vindo, temendo que algum dos guardas, que antes os seguiam, visse que entravam na parte privada do zoológico.

Chegaram a uma porta azul de ferro, era bem no limite do parque e não era um lugar tão bonito quanto os monumentos e exposições. O chão lamacento continuava e não havia muito ali além de um muro com trepadeiras e alguns containers de lixo. Tomando a frente, ela colocou a mão na maçaneta da porta e a girou, provocando um som rangente e um leve soar de correntes.

— Que surpresa! Está trancado.

Resmungou enquanto fazia força para tentar abri-la. Damiani deu alguns passos à frente, e a morena se afastou, para deixar que ele fizesse sabe-se lá o quê naquela porta. A ponta de seus dedos tocou levemente a maçaneta e fechou os olhos por alguns segundos, até ouvirem o som das correntes caírem na parte interna.

— Voilà!

— Você é surpreendente.

Ele sorriu e deu passagem para que ela entrasse, logo a seguindo e fechando a porta atrás de si. Novamente verificando se alguém havia os visto, pois a tela fina que formava a parede interna da estufa permitia que as pessoas de fora tivessem visão de dentro. Por ali, várias plantas estavam dispostas em vasos e pensou que provavelmente serviam de alimento para os animais do parque. Em todo ambiente exalava um cheiro forte do esterco que ficava em sacos empilhados ali próximo.

— Temos que sair daqui.

Ele a puxou, seguindo para as salas em anexo, onde, por sorte, ele não teve de usar suas habilidades.

— Este é o lugar.

Tinham chegado a um laboratório, todo iluminado por lâmpadas brancas em led e sem nenhuma janela. Era resfriado artificialmente e, em sua opinião, quase futurístico, com uma aparência estéril que lembrava hospitais. Próximo a parede, estavam dispostos vários balcões em aço inox e pias sujas de terra e ao chão vários recipientes estavam empilhados. Atrás de si algumas máquinas, que nunca tinha visto, trabalhavam com um som estridente.

Ele ignorou totalmente as estranhas máquinas e seguiu até o corredor adjacente de onde era possível ver várias portas em tons claros, dando acesso a uma infinidade de salas que não correspondiam ao tamanho do lugar visto de fora. Naquela imensidão, lembrou-se dos corredores de arquivos na prefeitura e teve a mesma sensação. O mesmo fenômeno.

— Onde estamos?

— Em uma passagem.

Adriana olhou ao redor, não podia ouvir mais nada além das máquinas barulhentas. O som das garças e dos turistas do lado de fora tinha cessado, e correu para trás de Damiani, assustada.

— Ainda estamos no parque? Não estamos?

— Sim e não. Meu povo chama esses lugares de interdimensões, pessoalmente, gosto de chamar de enlouquecedores. - Seus olhos tentavam encontrar o fim do corredor, que sempre parecia maior, a cada vez que o olhava. - Fique perto de mim, eu sei que deve estar aqui em algum lugar.

Seguiram pelo corredor, ele a frente e Adriana em suas costas, apertando sua mão sempre que se assustava com algo. Seus passos faziam um som exagerado conforme caminhavam no piso de ferro. As luzes de led refletiam nas paredes de aço, fazendo com que sua visão fosse levemente ofuscada. As portas eram todas iguais, em uma tonalidade bege e com números crescentes escritos em suas madeiras com tinta azul, como se alguém, com certa pressa, tivesse usado uma caneta permanente.

Andaram por minutos sem nenhum resultado, e lá pela porta duzentos, viram um homem com uma roupa de construtor azul. Ele bufava de tédio enquanto escrevia os números nas portas. Tinha orelhas pontudas e pele acinzentada. Ele sim, claramente, não era humano, devia ter quase dois metros de altura, e se debruçava sobre as portas para marcá-las com a tinta. O primeiro pensamento de Adriana foi correr, mas Damiani agarrou a mão que a segurava, e pediu que tivesse calma.

— O que é aquilo?

— Seja mais gentil, Adriana.

E foi a sua frente, deixando a garota ainda atônita, parada bem próxima a porta 189.

— Bom dia, meu caro elfo.

O homem parou de escrever e se virou para olhá-lo, Adriana ainda não conseguia se mover, e gritou assim que percebeu que seu glóbulo era inteiramente negro, idêntico a cenas de possessão ou qualquer demônio de séries populares. O elfo deu de ombros, como se muito acostumado com aquela cena.

— Uma humana? Fazia tempo que eu não via uma dessas por aqui.

— Muito trabalho?

O elfo passou a mão entre os cabelos brancos que cresciam em uma linha de trás de suas orelhas.

— Cumprindo minha pena... Como todos nós.

— Não eu.

Ele fez uma expressão de deboche, pegando outra caneta de um balde que arrastava atrás de si. Este recipiente estava até o topo lotado de canetas azuis, algumas até caíram, quando ele se direcionou para a porta 201.

— Não precisa demonstrar sua superioridade moral, senhor atravessador. Mas nem precisa me dizer, já sei o que faz aqui.

— Qual foi a última vez?

— Algumas décadas.

Adriana se aproximou, temerosa, e reuniu sua coragem para olhar mais de perto aquela criatura. Achou que jamais fosse ver algo assim fora de seus livros de fantasia, e passou na frente de Damiani, parecendo tão pequena perto do elfo.

— Isso é incrível.

— Meu nome é Ataval!

Ele se abaixou, olhando para a curiosa humana mais de perto. Seus olhos totalmente negros a confundiam, não era possível saber em qual direção ele olhava. Adriana, sem nada entender, se virou para Damiani, que parecia repreensivo.

“Se afaste dele.”

Ela ouviu sua voz em sua cabeça, mas estava tão encantada que levou suas pequenas mãos em direção às orelhas longas e pontiagudas. Ataval permitiu que ela as tocasse, fechando os olhos com o toque suave que recebeu da garota, emitindo um som de satisfação parecido com o de um gato, quando é acariciado.

— Temos que ir.

Disse o ruivo, com firmeza, fazendo com que Adriana se afastasse. Logo o elfo levantou de seus joelhos para continuar seu trabalho nas portas, parecia feliz com seu toque. Naquele ponto não tinha mais medo dele, e deu alguns passos para trás, dando as mãos para Damiani, que não tirava de sua feição a apreensão desde que ela havia se aproximado dele.

— Porta 42, meu caro, lá está quem procura.

Damiani fez um cumprimento em agradecimento, e voltou a tocar as mãos da morena, que não conseguia tirar os olhos do elfo. Este não era de nenhum modo parecido com os elfos que eram descritos na ficção. Seu rosto era angular, seus olhos grandes e sem pálpebras e tinha braços compridos, bem mais a imagem de um alienígena do que a de um humano com orelhas compridas. De algum modo tinha uma beleza estranha, tão etérea como a do garoto que a acompanhava.

— Posso sentir muita bondade nesta humana, tome cuidado com ela.

Ele assentiu, e se virou para ir em direção a tal porta 42, voltando pelo corredor atrás de si e a puxando pela mão. Ela fez um sinal de despedida para o elfo, que acenou de volta, com um olhar de tristeza. Ao se afastarem um pouco, ela se voltou para Damiani, que permanecia em silêncio.

— Eu... Eu ainda não acredito que vi um elfo!

Em resposta, virou-se para ela, revirando os olhos como se aquilo fosse a maior das trivialidades.

— Deve ser bem impressionante para você.

— Tem muitos deles de onde você veio?

Notou que havia uma certa irritação em sua voz sempre que ela insistia no assunto de seu recém encontro inesperado.

— Ah, um monte deles, mas não são da minha cidade, ficam mais na deles.

— Então tem uma cidade de elfos?

— Algumas aldeias, eu diria.

— Eles são diferentes de como eu imaginava...

Ele sorriu.

— Imaginava que fossem algum tipo de Legolas?

— Sim! Exatamente!

— Esqueça o comum ao humano, ele não se sustenta aqui.

Logo ambos chegaram à porta de número 42. E da pasta de couro que carregava, Damiani tirou o mesmo livro misterioso que tinha visto no cemitério no dia anterior. Ao pegá-lo em seus braços, o abriu em alguma página específica. Seus olhos passavam pelas páginas com aquela letra incompreensível para ela, e ao se concentrar na leitura ignorou sua presença por alguns minutos.

— O que ele fazia aqui? O elfo?

— Ah... Ele está preso aqui, não sei por quanto tempo.

Adriana se sentou no chão próximo a porta, olhando para o rapaz que lia à sua frente. Não fazia ideia do tempo que tinha se passado desde que entraram naquele corredor e do ponto que estavam, ela não conseguia ver nem Ataval, nem a porta de onde tinham vindo. Em ambas as direções o corredor claustrofóbico ainda parecia infinito.

— Ele parecia tão triste.

— Também estaria no lugar dele, imagine ficar por séculos escrevendo números em portas.

Aquilo parecia uma enorme crueldade, e ela já ia perguntar como o ajudar quando foi interrompida.

— Elfos não tem acesso ao seu mundo, só as interdimensões, onde jogam as piores pessoas de suas tribos por alguns séculos até que tomem jeito. No caso de Ataval, a pena dele é ficar escrevendo esses números nas portas até o número 1000, depois, tudo de novo.

— Então aquele elfo...?

— No mínimo matou alguém, ou fez coisa pior que isso.

Seus sentimentos se confundiram, tinha sentido um certo carinho por ele, e percebeu seus olhos tristes assim que ela se afastou.

— Deve ser triste, ficar tanto tempo sozinho.

— Aí vem a rigidez das punições, quando se quer justiça, qualquer crueldade parece válida.

Sua expressão estava confusa, agora entendia a preocupação dele quando se aproximou daquela figura.

— Não se desespere, ele ainda é um elfo, seus pecados não fazem menor a sua existência.

O ruivo guardou o livro de volta em sua bolsa, respirando fundo enquanto olhava para a porta à sua frente.

— Vamos?!

Exclamou ao estender sua mão para ela, que se levantou, tomando o seu lado em frente a porta e entrelaçando seus dedos nos dele. Não fazia a menor ideia do que a esperava além daquela passagem. A mão magra do ruivo tocou com firmeza a maçaneta redonda e ele a torceu, abrindo a passagem lentamente. Uma forte energia verde escura emanava de dentro dela, não possibilitando que visse além a menos que a atravessasse. Ele correu, pulando em seu interior e a puxando junto com ele.

Bruxa

Quando Adriana retomou seus sentidos estava deitada em uma grama macia de tamanho médio, demorou um tempo até seus olhos se acostumarem com a nova iluminação. Uma brisa suave soprava seus cabelos e um sol, com uma tonalidade que nunca tinha visto antes, raiava sobre sua cabeça, iluminando todo o ambiente com um tom esverdeado.

Naquele ambiente a única coisa que parecia viva além dela eram as gigantescas plantas que se estendiam até onde sua vista podia alcançar, e o mais surpreendente era sua escala. A alguns metros dela havia uma enorme parede que aparentava ser cinco ou seis vezes maior do que um humano. Somente notou do que se tratava quando se afastou para poder ver melhor. Era a base

de um cogumelo gigantesco, com mais estruturas daquelas ao seu redor e acima, quilômetros de distância, até a copa das árvores.

— Damiani?!

Gritou enquanto olhava ao redor, mas não obteve nenhuma resposta, seja lá onde ele estivesse não conseguia ouvir. Olhou para o céu limpo entre as copas das árvores colossais e notou que a iluminação cessava rapidamente, deixando o ambiente em uma penumbra assustadora.

Colocou as mãos em seu bolso e tirando o celular para registrar aquele cenário, e a ajuda da lanterna era bem-vinda, caso a luz cessasse totalmente. Entretanto, ele não funcionava, sua carga havia sido totalmente consumida e ele não ligava de modo algum.

Decidiu que não era seguro continuar parada aguardando por ele, se tudo era realmente tão grande, esperava que não houvesse nenhum animal para devorá-la.

Havia um caminho semelhante a uma estrada entre as bases das plantas, se impressionava que naquela escala tão colossal podia observar os detalhes que sua visão humana não permitiria. As ranhuras nas bases dos cogumelos, suas texturas e diferentes cores orgânicas. Toda aquela parte da floresta era tomada por vários daqueles fungos-árvore de topo avermelhado, seguindo em uma linha floresta a dentro.

A escuridão tomava conta do lugar, e assustada, começou a correr, se esquivando entre as plantas e procurando qualquer sinal de vida ou a porta de onde havia vindo, gritava também por Damiani, que parecia ter sumido completamente.

Depois de alguns minutos correndo, ela se cansou, já estava bem no fim da estrada de cogumelos e a única iluminação que ainda restava era uma fraca luz do céu, agora em um tom azulado. A temperatura caía gradativamente e ao respirar, o frio parecia congelar o ar que saía de sua boca e nariz.

Seu corpo perdia parte da força, e se arrependia por ter cansado tanto correndo sem rumo. No fim do caminho de cogumelos, mais raízes, estas que agora eram formadas pelos apoios das árvores quilométricas, cruzando-se entre si e formando uma floresta de difícil acesso tomada pela escuridão.

Pensou em voltar de onde tinha vindo, mas para isso precisava recuperar o seu fôlego. Olhou ao redor, e viu que havia uma parte mais fechada, formando quase que uma caverna, não muito maior que uma pequena abertura, mas notou que podia se esconder ali por algumas horas.

Foi até lá e se sentou, puxando o capuz de seu moletom sobre o rosto e esfregando as palmas das mãos para se proteger do frio, encolhendo-se enquanto suas pernas estavam recolhidas, próximas ao seu corpo.

Dali, podia ver a estrada de onde havia vindo, levemente iluminada pela luz que vinha de cima. Nos próximos minutos, pensou no que fazer. Estava sozinha em alguma outra dimensão e por mais que tentasse manter sua coragem em níveis altos, perdida naquele lugar inumano, mais ficava desesperada.

Ouviu algum som na estrada e se virou de modo que quem ali passasse, não pudesse vê-la. Talvez fosse Damiani, e isso acabaria com seu martírio, então ao procurar quem se aproximava, achou que estivesse salva.

(Ouviu um som na estrada e virou-se de modo que seja quem fosse, não poderia vê-la. Sendo Damiani, seu martírio acabaria, então resolveu procurar quem se aproximava, talvez estivesse finalmente salva.)

Esgueirou-se, suas mãos segurando levemente as paredes daquela pequena proteção em madeira, levando os olhos em direção a estrada.

Um grito horrendo veio de lá, tão alto que sentiu a terra e todas as plantas tremerem. Uma criatura se aproximava de forma desajeitada, devia ter uns três metros, e com as mãos enormes onde ostentava garras afiadas, arrancava galhos e todas as plantas que via por seu caminho como um trator.

Seu corpo era coberto de pelos avermelhados, que cresciam como o de um orangotango por todo o seu corpo, tendo somente um olho, enorme, parecido com o de um humano, bem no meio de sua cabeça, que virava como a de uma coruja sempre que precisava olhar para trás.

Sua boca era bem no centro da barriga e dela uma baba verde e espessa escorria por entre seus dentes afiados, deixando um rastro úmido por onde seus pés enormes e cheios de garras passavam, causando um enorme estrago. Sua única vestimenta era uma couraça que parecia ser feita de vários cadáveres de tartarugas tão grandes quanto ele.

Adriana cobriu a boca, contendo um grito, voltando a se encolher naquele pequeno abrigo e começou a rezar para que o monstro não a encontrasse. Os gritos pareciam cada vez mais altos e ouvia os passos vindo em sua direção. Apertou suas pernas, tremendo e contendo um choro de desespero, a terra tremia, indicando que ele estava vindo em sua direção.

— Você parece bem assustada.

Notou que havia uma criança bem perto dela, sentada a alguns metros, bem na base de um dos fungos, de onde, com uma faca, tirava lascas macias da superfície em tons de branco, que jogava em um cesto de palha, bem aos seus pés.

— Ele está vindo para cá! Fuja!

Sussurrou Adriana, desesperada, o garoto deu de ombros, continuando o seu trabalho. Ele não devia ter mais do que os seus dez anos, sua pele era lustrosa e brilhante, da mesma cor que a dela, usava alguns roupas brancas, antigas, e mesmo com os urros da criatura, parecia tranquilo.

Percebendo que não a ouviria, voltou a olhar pelo mesmo lugar de antes e viu que o enorme olho estava bem acima de si, pulou de onde estava e se arrastou para fora, mas sendo impedida por enormes garras.

— Ow, ow, Mapinguari! Solte ela!

Gritou o garotinho, correndo em sua direção.

— SOCORRO!

A criatura bufou, não sem antes derramar um pouco de sua babá repulsiva sobre ela, se afastando e a deixando jogada sobre o chão, de onde ela, em choque, não teve nenhuma reação. O garoto a ajudou a se levantar, irritado.

— Ele é feio, mas não vai atacar sem eu mandar.

— Quem é você? O que é essa coisa?!

Ele começou a rir, voltando até o cesto que pegou do chão. Dentro dele, várias daquelas lascas fininhas de cogumelos se assemelhavam a filés de peixe. Ao se abaixar, viu que suas costas tinham enormes cicatrizes, como se alguém o tivesse chicoteado muitas vezes. Aquilo fez com que Adriana se sentisse mal. Ele era apenas uma criança e seu peito se contorceu de dor.

— Me chamam de Negrinho.

Ele voltou à estrada, sendo seguido pela criatura desengonçada, que continuava a derrubar tudo pelo seu caminho.

— Vai ficar parada aí ou vai vir comigo?

Adriana olhou ao redor, e ao ver que não havia mais nada além naquelas matas, decidiu seguir o garoto.

— Está escuro, não acha?

Disse ele para a criatura peluda ao seu lado, que emitiu um urro, como se confirmando sua frase. O garoto, então, tirou uma vela do cesto que carregava, que acendeu magicamente assim que a colocou na frente de seus olhos.

— E você? Qual o seu nome?

— Adriana...

Não sabia o que dizer, muito menos para onde estavam indo. Deixou que tomassem a frente. Conforme a cera branca derretia daquela vela, pingos caíam ao chão e se mantinham em um brilho impressionante, iluminando quase toda a estrada de areia clara. Viu que iam em direção ao fim do caminho de cogumelos, em direção à floresta fechada. Os passos da criatura causavam um tremor leve no solo, e antes que ficasse para trás, correu até ao lado do pequeno.

— Onde estão indo?

— Para a casa de uma amiga, ela está doente... Mas pode vir com a gente, é mais seguro que continuar debaixo daquelas raízes.

A floresta parecia ainda mais fechada conforme ela os seguia, por sorte, a luz da vela mágica não permitia que o caminho ficasse totalmente escuro. O frio continuava, mas somente ela era afetada, o garoto de calças brancas e sem camisa conversava alegremente com o monstro, perguntando como se sentia e coisas aleatórias, que ele respondia com grunidos.

Passavam por pontes formadas por raízes e cavernas, que nada eram além das aberturas entre a base de uma árvore e outra. Nem mesmo o monstro, ou o misterioso garoto, eram tão impressionantes quanto a magnitude de todo aquele ambiente.

Quase uma hora se passou e a vela chegou ao fim, quase no mesmo momento em que chegaram ao seu destino. Um campo de grama verde era circundado por uma parede impenetrável de árvores, formando um círculo perfeito. E bem ao meio, no final daquela formação, havia uma casinha entalhada entre a base de uma árvore seca, a única que tinha visto morta desde que entrou naquele lugar.

— Chegamos.

Disse Negrinho, correndo animadamente até a porta. A grama ali era mais lustrosa, com uma infinidade de pequenas flores brancas entre as suas folhas esverdeadas. A iluminação era provida por alguma luz no interior da casa, assim como alguns postes com tochas que ardiavam em luz alaranjada. Mapinguari seguiu atrás do garoto, soltando mais rugidos e parando bem na porta, onde havia um monte de palha, como um ninho gigante.

— Você não consegue entrar aqui.

Disse o garotinho acariciando o pelo do monstro.

— Fique na sua cama.

A criatura pareceu irritada e andou até o monte de palha, onde girou algumas vezes antes de se deitar, aninhando-se como um cachorro, fechando o único olho que tinha.

— Vem, vou te apresentar para a minha amiga.

Ele bateu os pés contra o chão antes de entrar, o que a levou a fazer o mesmo. Abrindo a porta lentamente, levou o indicador até os lábios, pedindo que fizesse silêncio. A casa era incrível. Um perfeito chalé todo em madeira clara, iluminado por grandes globos de luz amarela que flutuavam em alguns pontos perto do teto. As janelas eram redondas, com um vidro claro que permitia que se visse o seu entorno. Prateleiras estavam em quase todas as paredes, ostentando diversas poções de rodas, cores e tamanhos. Um grande caldeirão borbulhava bem no meio da casa, flutuando sobre um fogo que não ardia de nenhuma fonte. Um grande pássaro dormia sobre uma cama de feno, deveria ser mais ou menos do seu tamanho, enrolado abaixo de suas asas, tremia em um torpor febril, soltando alguns gemidos de dor.

— Cheguei, senhora.

Todos os móveis eram feitos de forma rústica, amarrados por fitas de palha e pegados de forma desordenada, não diminuindo, é claro, a beleza rústica de todo aquele lugar.

— Se senta na mesa, só vou cozinhar rapidinho.

Virou-se e viu que, de um pesado armário, o garoto pegou algumas cuias, colheres de pau e uma pequena panela. Depois foi até o seu cesto para as lascas de cogumelos que havia coletado há algumas horas, e lavando-as usando a água de um cantil de barro.

— Eu nunca tinha visto ninguém como você por aqui... Na verdade, esse lugar é bem silencioso.

— Quantas pessoas tem por aqui?

— Pessoas? Como você? Nenhuma.

Disse entre uma risada e outra. Suas mãos passavam levemente por entre os cogumelos, e foi até alguns dos potes nas prateleiras.

— Então? O que tem aqui?

— Coisas como minha amiga e o Mapinguari do lado de fora.

Monstros folclóricos, foi o que pensou, estava em alguma realidade onde eles eram reais, e reinavam sobre aquela vasta terra de flora colossal.

— Às vezes alguns de nós vão para o seu mundo. Na verdade, iam, mais antigamente, agora não tem mais tanta vontade.

— E por que não?

Ele salpicou alguns dos temperos dos potes sobre os cogumelos, os levando até uma bancada de madeira, e com a ajuda de um pilão, começou a macerar toda a mistura.

— Seu mundo está morrendo. Vocês estão o destruindo aos poucos, matando os animais, as árvores, é bem mais seguro ficar aqui.

O garotinho se virou para ela, olhando no fundo dos seus olhos.

— Você é como eu... As pessoas te maltratam só por quem você é.

Ele sorriu, e aproximou-se do enorme caldeirão, despejando os cogumelos temperados na água borbulhante, correndo para buscar a enorme tampa do recipiente, que era quase metade do seu tamanho.

— Eu já fui do seu mundo, sabia? Mas vim para cá e não pretendo voltar.

O enorme pássaro resmungou, debatendo as suas penas.

— Fique calma! Já vai ficar pronto.

O Negrinho buscou uma estopa e o molhou com a água do cantil, indo em direção a ave.

— Vamos, abaixe isso, deixe-me te ver melhor.

As enormes asas com penas negras saíram do caminho, revelando uma senhora muito idosa. Sua pele era pálida e enrugada e a única peça de roupa que usava era um vestido de trapos brancos. As asas que via eram na verdade seus braços. O garoto então, encostou o trapo molhado sobre o seu rosto, que de olhos fechados, transmitia uma certa serenidade, mesmo que seu corpo tremesse pela doença.

— Quem é ela?

— Ela? A Matinta Pereira.

Adriana estava fascinada, quando viajava ao interior com seus pais, sempre ouvia seus tios contando histórias sobre a bruxa da floresta que se tornava um pássaro.

— Não é possível!

O garoto se afastou, enquanto ela não tirava os seus olhos da idosa, que voltou a se cobrir com as suas penas.

— O que ela tem?

Ele a ignorou, correndo para destampar o caldeirão.

— Está morrendo. Velhice, eu acho.

Ele encheu a pequena panela com a sopa, a levando até a mesa, onde serviu duas cuias e levou o restante até perto da cama.

— Aqui está a sua comida, espere esfriar.

O Negrinho voltou, se sentando à mesa e pegando uma das colheres de madeira, de onde pegou uma grande de sopa e começou a soprar.

— Pode comer também, não vai fazer mal para você.

— Tem algo que se possa fazer por ela?

Ele suspirou, levando os olhos até o pássaro-mulher.

— Infelizmente não, ela mesma me disse isso, viveu por muitos séculos e agora tem que partir, é o ciclo da vida.

Voltou a olhar para a mulher sobre a cama, estava encolhida em seu leito, até notar que algo muito em específico estava acolhido abaixo de seu corpo e brilhava sempre que se mexia.

— O que é isso?

— Uma varinha, ela dorme com isso, não sei porquê.

Disse ao enfiar uma grande colherada de sopa em sua boca.

— Não vai comer?

Ela olhou para a sopa macilenta dentro da cuia, e já que seu estômago doía de fome, decidiu comer. Nesse mesmo instante, ouviu um barulho alto atrás de si, a mulher tinha criado um longo bico amarelo, e se moveu em direção a panela, absorvendo todo o líquido de uma vez com um som irritante.

— Minha nossa!

O garotinho riu, parecia acostumado com tudo aquilo.

— Tenha modos na frente da visita!

A Matinta se sacudiu em suas penas, babando um pouco do líquido sobre o feno da cama. Seu bico voltou a se metamorfosear para o rosto idoso, e a mulher se virou, caindo no sono rapidamente.

Levou seus olhos para fora. A noite que caía sobre as árvores a preocupava, pensava em onde estaria Damiani, ou se ele estaria bem naquele lugar perigoso, mas ao mesmo tempo, não sabia se era seguro falar sobre ele para quem a recepcionava. O Negrinho havia a tratado bem, afinal, pelo que entendeu, ambos eram humanos, mas o que seria Damiani? Lembrou que o elfo o tinha chamado de atravessador, mas não sabia o que era isso.

Uma possibilidade começou a lhe perturbar, e se ele a tivesse abandonado ali? Desde que chegou não havia nem sinal de que ele também estava naquele plano, também, nem sabia o que era aquele lugar, ou o que estava fazendo ali direito. Todas as possibilidades a perturbavam tanto que não conseguia reagir.

— Deve estar cansada, não?

Adriana fez um gesto afirmativo e assim que terminou sua sopa, ele a guiou até uma escada de madeira, que dava acesso a um mezanino na parte de cima do outro cômodo, lá havia palha por todo lugar e algumas colchas de pelo avermelhado.

— Eu teci com o pelo do Mapinguari, espero que não se importe.

Ela sorriu, abrindo um caminho no meio do ambiente cheio de palha, o garoto fez o mesmo, se acomodando entre ele e se cobrindo com o tecido, confortavelmente. Ela se deitou,

olhando para o garotinho próximo dela, fitou seus olhos marrons e redondos, ele era bom, mas sentia sofrimento em suas palavras.

— Obrigada por ter me ajudado.

— Amanhã eu te levarei de volta para casa.

Ela assentiu, sentia um sono fora do comum, talvez pela sopa que tinha tomado. O garoto pegou uma das palhas próximas de si e jogou contra o globo de luz que pairava sobre suas cabeças, este que se desfez no ar, deixando o ambiente totalmente escuro.

Ela acordou com a luz esverdeada do sol raiando sobre seu rosto, que vinha de uma das janelas incrustada na parede de madeira atrás de si. Seus dedos estavam cobertos pelo feno e o tecido feito de pelo cobria grande parte do seu corpo, não fazia ideia de quanto tempo havia dormido, ou de que horas seriam.

Até aquele momento, achava que tudo não passava de mais um de seus sonhos realistas, mas ao ver que permanecia naquele plano entrou em desespero. Disse à avó que sairia rapidamente para ver um amigo, e agora, estava naquele lugar há horas. Sua avó deveria estar desesperada, talvez já tivesse acionado a polícia e todos estivessem atrás dela, se sentia péssima pelo transtorno que estaria causando e com raiva por Damiani ter sumido completamente. Esperava mesmo assim, que ele estivesse bem, e que nenhum perigo daquela floresta o tivesse atingido. Tentava se tranquilizar sabendo do quanto ele demonstrava ser poderoso. Desceu as escadas e viu que o garotinho não estava lá, e ao caminhar até a janela da frente, não havia nenhum sinal do Mappinguari em sua cama de palha, tendo por única companhia a mulher pássaro que permanecia em seu delírio febril. Deitada, sua asa pendia para fora da cama, deixando à mostra a vareta de madeira em cor escura de onde uma fina luz brilhante em tom verde brilhava, infinitamente.

Sabia que era aquilo que procurava naquele lugar, era o primeiro dos itens que ele havia dito.

Se aproximou lentamente, tentando fazer o mínimo de barulho possível, suas mãos suavam e o som de seus passos no piso de madeira parecia absurdamente alto, mesmo que fosse até ela na ponta dos pés. A Matinta ainda dormia, encolhida entre suas penas e babando sobre o feno debaixo de seu rosto.

Abaixou-se perto dela, levando sua mão trêmula até a ponta de sua asa. O brilho se tornava mais forte conforme sua mão se aproximava e a mulher parecia estar em profundo sono. Então, afastando algumas das enormes penas, tocou na superfície rugosa do graveto retorcido, o puxando lentamente para si.

A monstruosidade, então, despertou, abrindo com urgência seus enormes olhos sobre a pele enrugada. O bico se formou de volta no lugar de seus lábios. Logo em seguida, agarrou seu braço com aquelas garras, suas pontas entraram em sua carne como agulhas, fazendo com que uma linha de sangue escorresse até o chão.

— ME SOLTE!

— Quem quer? Quem quer?

— Quem quer o quê?!

Gritou Adriana, gemendo de dor ao sentir sua carne ser perfurada. Se debatia em suas penas, provocando uma onda de vento que não a permitia fugir.

— Quem quer?!

Bradou o monstro, sua voz tão alta que ecoou pelas paredes, fazendo os vidros tremularem como se atingidos por um trovão.

Sereia

Damiani detestava aquelas viagens inter-dimensionais, sua cabeça sempre doía e um zumbido fino persistia no seu ouvido por horas a fio. Olhou ao redor e percebeu que nunca tinha estado naquele lugar, especificamente, mas já tinha ouvido falar dele através dos outros atravessadores. Diziam que era a fonte da magia de todo aquele país, já que cada país tinha seu folclore, seu panteão e magia inacreditável que corria pelas veias de seus magos e xamãs, despertando o fascínio e a devoção até os dias atuais.

Despertou em um grande campo descampado, a grama era baixa, quase inexistente e rala, misturada com uma terra arenosa e clara. A luz verde que vinha do sol iluminava todo o ambiente, o deixando desorientado. O sol amarelado de Belém já era insuportável, confundindo seus sentidos e fazendo com que sua visão se distorcesse em uma leve falha, naquele lugar, sua visão afetada fazia com que todas as pequenas plantas tivessem reflexos fantasmas e era difícil se concentrar ou usar suas habilidades.

Não havia nenhum sinal de Adriana, se sentia mal por ter que levá-la junto para desafios tão perigosos, mas era o que mandava o conselho, e sabia que teria que cumprir suas obrigações se quisesse que ela se juntasse a sua jornada no outro mundo.

— Adriana!

Gritou aos campos, mas não obteve nenhuma resposta. Não havia nada em centenas de metros e decidiu caminhar ao norte, na direção do sol que ardia em uma chama verdosa, tão clara quanto a grama. Não soube por quanto tempo andou e não tinha ideia da extensão de toda aquela terra, muito menos onde estaria Adriana. Pensar que ela estava em um lugar com tantos perigos e sozinha, fazia com que corresse ao máximo que suportava, esgotando as poucas forças que tinha.

Quando o sol finalmente começou a descer, teve em frente de seus olhos o fim do descampado, dando início a uma floresta inimaginável, cuja escala era ainda mais impressionante do que as muralhas de sua cidade. Tinha fome, e o tanto que tinha corrido o preocupava. Deu alguns passos, indo em direção à primeira de uma das grandes árvores, que com suas raízes imensas, formavam garras sobre a terra e cavernas em seus cruzamentos.

Ali, havia bem mais verde, mais vida, mas nenhum animal que pudesse se alimentar, a grama era mais alta, e flores multicoloridas pequeninas, cresciam nas passagens entre as árvores. Arrastou-se, sentando-se no chão bem abaixo de uma estrutura em C feita de madeira, e respirou fundo, buscando seu fôlego de volta.

Olhou ao redor, pensava no que faria para encontrar Adriana ou onde estariam as duas coisas que sabia que estavam ali. Com toda a imensidão daquelas terras, poderia estar em qualquer lugar.

Todo o esforço que tinha feito começou a lhe cobrar. Estava em exaustão, sua cabeça doía e sua pele ardia como se estivesse em brasa. Arrastou-se mais para dentro da abertura e se encolheu, abraçando as próprias pernas e fechando os olhos. O cheiro terroso da “caverna” de alguma forma o lembrou de sua última memória.

Um sussurro o despertou, as brumas da noite tomavam conta de todo o ambiente. Havia se recuperado de seu cansaço e das dores provocadas pelo sol, embora ainda estivesse faminto. Ao sair de onde estava, enxergava perfeitamente na escuridão que tomava a floresta. Para ele, era como se todo o ambiente fosse iluminado pelo dia mais claro, mas somente uma luz fraca e azulada, que o fazia recordar da lua, penetrava na floresta vinda bem do topo das árvores.

Impressionou-se ao olhar para cima, pois os troncos seguiam até perder de vista. Em seus topos, das enormes copas, eram geradas folhas pequenas se comparado a sua totalidade, mas se ele próprio fosse o objeto de comparação, eram do tamanho de uma pequena casa.

Levantou-se, dando passos cuidadosos no caminho a sua frente. O sussurro que ouvia agora estava ainda mais claro, um cântico suave ecoava entre a floresta. Damiani decidiu seguir o som daquele canto, talvez assim pudesse encontrar alguma das coisas que procurava. Ele conhecia muitos dos idiomas, quase todos os dos humanos, os dos elfos, a língua antiga do livro de couro que carregava, mas jamais tinha ouvido aquela língua. Era angelical. E aumentava conforme ele se afastava da entrada da floresta, indo mais e mais ao sul pelo caminho estreito gerado pelos arvoredos.

A temperatura da noite despencava rapidamente e ele puxou as mangas de sua roupa de volta para baixo, as desdobrando do visual despojado de antes e fechando a camisa sobre seu peito. Pensava em como estaria sua amada, e a cada hora que passava, mais desesperado ele ficava, nem mesmo a fome, ou estar perdido em um lugar desconhecido, eram uma sensação tão desesperadora.

Chegou a uma outra área descampada, não muito diferente de todo o ambiente que tinha cruzado durante horas mais cedo. Duas raízes fincadas à terra em um formato de V formavam uma enorme fenda no chão, onde emergia um lago de tamanho médio, circundado por mais daquela areia fina e branca.

O bosque se fechava contra aquele pequeno ecossistema, protegendo-o contra o restante do ambiente com sua magnitude. A música cessou, tal como o sussurro baixo em seus ouvidos, e Damiani, receoso, limitou-se a olhar a água com leves ondas provocadas pela brisa fria da noite. A luz da lua dava a ela um aspecto prateado, sublime. O encontro dos caules coroava a parte de trás da pequena bacia d'água.

— Damiani!

Adriana surgiu do nada, correndo pela sua frente em direção a beira d'água.

— Adriana? Onde você estava?

Exclamou, correndo em direção a ela, que estava a cerca de dez metros dele.

— Eu achei, acho que achei o que você disse, o pincel!

Ela se afastou, assim que ele chegou mais perto.

— Está dentro do lago! Vou te mostrar!

Ela deu alguns passos para trás, e seus sapatos provocaram um som seco contra a areia fina ao impulsionar-se para pular na água, e em seguida provocando uma grande onda ao chocar-se na superfície. Seu corpo sumiu como mágica no momento seguinte.

— O que está fazendo?!

Damiani não sabia o que fazer e, desesperado, fez o mesmo que ela, impulsionando-se e respirando fundo antes de pular na água, torcendo para que ela não se afogasse e ele a conseguisse alcançar. Ao abrir seus olhos, estava em uma galeria de cavernas em formato circular, todo o ambiente feito de uma pedra cinzenta lustrosa, com uma única fonte de iluminação vinda de uma fenda acima do círculo, mas a luz do sol não era compatível à escuridão da noite. Bem ao centro, sentada sobre uma pedra, estava Adriana carregando o pincel de pérolas descrito no livro.

— Onde você achou?

Disse Damiani enquanto nadava até ela. Não sentia o fundo do lago, e ao olhar para baixo, a água negra não permitia que visse nada além de escuridão. Adriana prendeu o pincel entre seus cachos, o enrolando entre seus cabelos em um coque no alto de sua cabeça.

— Achei aqui mesmo, em cima dessa pedra.

Ao chegar até onde estava imponentemente sentada, se apoiou na beirada, olhando para o seu rosto, que parecia tão mais angelical do que sempre fora. Sua pele brilhava por conta da luz acima dela, tendo um olhar provocador em seus olhos castanhos.

— Você está ainda mais bonita do que sempre, sabia?

Adriana sorriu, levando sua mão levemente até o seu rosto.

— Você parece cansado...

— Corri muito para chegar até aqui, não sabia onde você estava...

Ela o puxou para cima, o acomodando ao seu lado.

— Esse lugar é tão bonito... - Disse enquanto seus olhos passeavam pela caverna. — Viu aquelas árvores enormes lá em cima?

— São impressionantes! Sabe...? Eu até gostaria de morar aqui.

Suas mãos foram até a sua cintura, o trazendo para si em um abraço.

— Mesmo? Aqui?

— Bem melhor do que de onde a gente veio, eu sofro tanto lá.

Esse era o ponto exato onde ele gostaria de chegar.

— Não aqui, mas você pode vir comigo, para a minha cidade?

— Eu sei o que você é...

Damiani respirou fundo. Não tinha como ela saber, ou tinha? Adriana o empurrou contra a pedra, deitando sobre ele e beijando seu pescoço. Suas mãos foram até o seu peito, que apertou levemente, com um sorriso malicioso.

— Você deve estar com fome, não é? Tanto tempo nesse lugar...

— Adriana, como você sabe?

Sentiu seu pulso sobre o seu rosto, o cheiro doce de sua carne subiu por suas narinas, ainda mais irresistível do que se lembrava. O peso de seu corpo sobre o dele fazia com que pudesse ouvir o coração dela, batendo, o sangue pulsando graciosamente por suas veias.

— Beba...

Ela sussurrou, com uma voz doce, empurrando seu pulso contra a sua boca. Ele estava hipnotizado, e não teve reação contrária, abocanhando a pele macia entre seus lábios. Dentes finos surgiram do que se tornou uma bocarra sinistra, abandonando sua inocente aparência juvenil por alguns minutos, enquanto sorvia o líquido quente e avermelhado. Adriana não parecia sentir dor, muito pelo contrário, era como se ela sentisse prazer no que lhe era causado. Sua pele reluzia e o sol parecia cada vez mais forte contra a sua pele lustrosa, seus cachos agora brilhavam em um castanho sedoso e sua aparência se preenchia de um brilho não humano.

— Devemos ficar aqui, Damiani, eu não quero voltar...

“E a sua avó?”

Respondeu em sua mente, ainda sorvendo aquele líquido para si.

— Quem se importa com ela?

Embora encantado, sabia que ela jamais diria aquilo, então a empurrou, caindo ao seu lado com a boca coberta de um sangue que se tornou cada vez mais amargo, como o de um peixe velho que passou muito do ponto. A figura então mergulhou na água, se despindo da imagem que tinha criado. Sua pele reluzia em um tom prateado, e os cachos que antes lhe caíam na frente dos olhos se moldaram para fios longos e lisos que dançavam por entre a água junto à longa cauda que a impulsionava, coberta por escamas tão prateadas quanto o resto de seu corpo.

— Esperto, muito esperto, atravessador.

Bradou a sereia enquanto nadava ao seu redor, em complicadas acrobacias, pulando para fora da água e voltando a mergulhar, deixando somente que seu busto nu e seu rosto com guelras em suas bochechas e enormes olhos angulares, pudessem ser vistos. Ela era estonteante, mesmo em sua forma natural. Sua pele prateada, do busto para cima, parecia tão doce e suave

quanto a de uma humana comum, mas da cintura para baixo era como um peixe escamoso e grotesco, com nadadeiras longas que o recordava os de um peixe beta, quase transparentes que pareciam sumir na água negra.

— Eu sei exatamente o que fazes aqui.

— Então pode facilitar para nós dois e me dar este pincel de uma vez.

Ela deu uma risada, mergulhando e lentamente emergindo para perto dele. A água escorria entre seus cabelos negros, tocando o seu seio em uma cascata de madeixas.

— Eu te alimento e você me trata assim, quanta falta de educação.

Então, saiu da água, se erguendo por pernas, que novamente, surgiram como em um passe de mágica, mas desta vez estava nua. Damiani não tirou seus olhos dela, tentando prever seus movimentos. Sabia do poder das sereias. Em suas andanças pelo mundo humano, falou com um pirata cuja tripulação inteira tinha sido levada aos braços da morte por uma daquelas criaturas adoráveis.

— Ah, eu sei que esse corpo não impressiona você, sua raça é tão evoluída, não é? Amando mentes e não pessoas, não são como os homens que já matei, seduzidos por sua própria luxúria.

Seus dedos molhados tocaram o seu rosto.

— A nova existência de sua amada nesse século não foi decepcionante?

— De modo algum, Iara.

Ela sorriu, dando alguns passos para longe dele, e puxando de trás de seu longo cabelo, o pincel de pérolas.

— Sabe o quanto é difícil conseguir um desses? Quanto tempo eu perco e quanta magia eu dedico?

— Nós dois sabemos que eu preciso disso.

Ela deu um leve sorriso. Seus pés se impulsionaram contra a pedra, e ao correr, pulou com as mãos em sua garganta, o jogando contra a água.

— Então vem pegar!

Pode sentir seu corpo lentamente sendo arremessado contra a água. Iara estava sobre ele, apertando o seu pescoço para baixo. Dentro da água sua aparência não tinha mais nada de humano, suas mãos tinham unhas longas e finas, como espinhos, membranas entre seus dedos permitiam a ela que nadasse melhor, e sua boca agora era uma infinidade de dentes finos e pontiagudos, que pareciam ser usados para triturar a carne de suas vítimas.

Lentamente, seu corpo era empurrado para o fundo, e os espinhos de suas mãos penetravam sua carne, enchendo sua mente de uma letargia sedativa. A água em tons negros esverdeados deixava a sereia ainda mais assustadora, e ao olhar para cima, conseguia ver o teto da caverna entre a opacidade provocada pela água em seus olhos.

“Você pode ser forte comparado aos humanos, mas na água, você é nada mais que uma presa fácil.”

Disse uma voz angelical que parecia soar de todos os cantos. Sentiu suas costas atingirem o fundo daquele pequeno lago, e desesperado, enquanto se debatia e tentava afastá-la para longe, olhou rapidamente para os lados, todas as profundezas estavam cobertas de esqueletos humanos, somente os ossos. Aquela criatura os tinha roído de forma que seus dentes deixaram ranhuras e limpavam as ossadas de sua carne até deixá-las totalmente brancas.

“Eu vou morrer”

Era o único pensamento que o restava. Sentiu a primeira mordida da criatura, bem em seu ombro, e urrou de dor, retirando ainda mais o ar de seus pulmões. Vários pensamentos

invadiram sua mente, e pensou em Adriana, que devia protegê-la. Isso sim era bem mais importante que sua própria vida.

Em um movimento rápido, chutou a barriga de Iara, e ela foi lançada para trás, rasgando sua própria pele junto à boca dela, fazendo com que Damiani gritasse ainda mais. Mas a dor excruciante não o impediu de agarrar um dos fêmures que estavam perto e acertá-la com todas as forças que restavam-no, bem no topo de sua cabeça.

A mesma voz que vinha de todos os lados, gritou, e ela tentou nadar para longe, sendo agarrada pelo cabelo, de onde ele puxou o pincel e rapidamente o enfiou entre sua roupa.

“Maldito! Irei te matar, junto àquela mulher que sei que também está aqui!”

Ela o repeliu, e já sem ar, Damiani nadou para cima o mais rápido que pôde, vendo que Iara nadou para baixo, deixando um rastro de sangue esverdeado provocado pela sua pancada, e enfiou-se em uma fresta bem nas profundezas do lago, esta que era pequena demais para que ele a alcançasse, conseguindo fugir.

Ele arrastou-se para a pedra, tentando retomar o ar que tinha perdido e expelindo a água negra de seus pulmões. Sangue azul do enorme ferimento em seu ombro escorria sobre a sua camisa branca, e os furos provocados por seu veneno eram bem nítidos em seu pescoço.

"Preciso sair daqui..."

Não havia porta, e nenhum caminho além da grande claridade acima de sua cabeça. Voltar para a água de onde havia surgido e a monstruosidade se escondia, era totalmente fora de questão, então, levantou-se, e em um último ato, pulou para cima, atingindo a luz brilhante daquela passagem antes de apagar completamente.

Acordou com a luz fraca da alvorada esverdeada sobre si, e demorou alguns minutos até que tivesse forças para se levantar. Estava caído a alguns metros do lago, agarrado ao pincel de pérolas. Sentou-se, colocando a mão sobre a testa e olhando para o próprio corpo. Sua roupa clara estava úmida da água escura de antes e uma grande mancha de sangue azul escura tinha secado em seu ombro, grudando o tecido branco contra a sua pele.

— Droga.

Ele suspirou, levando os dedos até o seu pescoço, onde sentiu os furos provocados pelo veneno da criatura. Ainda sentia seu corpo pesado e sua mente confusa, não mais pelo sol, já que as copas o protegiam quase que totalmente. Assim, fechou os olhos, apertando os lábios e com os dois dedos em riste, tocou a superfície dos ferimentos.

— Curar.

Sentiu o gosto amargo subir a sua garganta, e cuspiu sobre a grama o veneno negro que antes corria por suas veias. Sentiu-se melhor, mas o grande corte em seu braço o preocupava, iria demorar algum tempo até que melhorasse, dias talvez. Tirou a camisa, que já estava em trapos, e a amarrou sobre o ferimento. Ao menos, a noite não estava tão fria quanto a anterior, mas se sentia incomodado pela falta da peça de roupa, tendo somente a bolsa a tiracolo. Todos os itens ainda estavam ali, por sorte o livro mágico que carregava não tinha se danificado.

Guardou o pincel e olhou ao redor, procurando alguma pista que o levasse de encontro a Adriana. Sabia que ela podia estar em perigo e que as ameaças de uma sereia tão poderosa não eram algo desconsiderável. Correu de volta até onde se lembrava que era a pequena estrada, passando por mais corredores de troncos até chegar à passagem de areia branca. Neste lugar a floresta abria-se em uma clareira, dividindo diferentes tipos de espécies de plantas gigantescas, e para a sua surpresa, algumas raízes pareciam ter sido arrancadas recentemente. Havia um conjunto de pegadas, um par delas era enorme, inclusive, e todo aquele caos partia em direção à parte mais fechada da floresta, onde bases de árvores retorcidas impediam que o sol chegasse até o chão.

— O que é isso?

Ele sussurrou ao abaixar-se e pegar do meio da areia um pouco de parafina. Ela emitia um brilho opaco, e pela sua consistência, estava ali há algum tempo.

— É o único jeito...

E seguiu as pegadas, esquivando-se de muitas plantas esmagadas e confiando que a parafina brilhante o levasse até um lugar seguro. Estava fraco e arrastou-se pelo caminho cada vez mais sinistro enquanto segurava o ferimento em seu braço com sua outra mão.

Voar

Adriana olhava com horror a cena diante de seus olhos, e gritou, chutando o longo bico para longe e puxando o seu braço. Sangue escorria entre seus dedos e ela olhava com surpresa para a criatura, que mesmo em seu leito de morte, tinha força o suficiente para criar um ferimento daqueles. Em seu rosto, a feição de velha ressurgiu, com um hematoma sobre a boca de onde tinha sido atingida. E desta vez, sem mais agressividade, ergueu a varinha em sua direção, usando a ponta de sua asa.

— Quem quer?

Ela queria, afinal era o que tinha ido buscar naquela realidade fora do imaginável, mas quando abriu sua boca, em emissão de aceitar a oferta da mulher, lembrou-se da história que sua falecida avó materna contava para assustá-la e seus primos, tarde da noite, e não queriam dormir, bem no interiorzinho, onde morava em uma pequena casa cercada por plantio de açai e um terreiro onde criava galinhas.

Ela dizia:

“ Quando a bruxa que vive aí nessa mata, a Matinta, está para morrer, ela vai chegar em uma criança levada que desobedece, e vai perguntar: "Quem quer? Quem quer?". E como o moleque pidão aceita tudo, ele vai dizer que sim, e aí, ela vai morrer e a próxima matinta vai ser quem aceitar.”

— Não!

Adriana gritou, agarrando a varinha, e correndo em direção a porta da casa. A monstruosidade atrás dela emitiu um grito que fez com que as estruturas da casa se abalassem e pedaços de madeira caíssem do teto. Logo ao sair, deu de encontro ao peito de Damiani, que quase gritou de susto e felicidade ao vê-la.

— Eu finalmente te achei! Onde estava?!

— Damiani! Agora não é a hora!

E segurou sua mão, correndo com ele para longe do casebre. A Matinta vinha se arrastando atrás deles em suas penas, tinha tomado sua forma de pássaro gigante por completo, mas estava fraca demais para conseguir seguir na mesma velocidade que ela.

Quando olhou para trás, viu a criatura grotesca os seguir, escondida pela escuridão que tinha tomado a residência antes acalentadora. Seu bico, bem aberto, não parava de emitir aquele grito infernal, e uma fileira de dentes finos se estendiam de modo assustador, ainda sujos pelo sangue do ferimento que ela tinha causado. Penas negras caíam aos montes de suas asas decrépitas, e debatia-se como uma galinha antes de sua morte.

Assim que estavam bem ao meio do círculo, viram que o Negrinho e o Mapinguari retornavam, pareciam ter ido buscar mais cogumelos, provavelmente não tinha se lembrado de avisar que iria sair por algumas horas. Estavam cercados. Por trás por aquela coisa, furiosa, e pelo outro, pelo enorme Mapinguari.

— Adriana? O que aconteceu?

O garotinho gritou, e ela passou correndo ao seu lado junto com Damiani. O Mapinguari os deixou passar, até que ouviu as ordens da voz trêmula da bruxa.

— Ela roubou minha varinha! Vamos seus emprestáveis! Acabem com eles!

Virou-se em sua corrida desesperada, e viu que o Negrinho nada fez além de olhá-la sem nada entender, enquanto a fera, obedecendo as ordens de sua senhora, rumou em direção a eles emitindo um urro de ódio.

— VOCÊ CONSEGUIU! PARABÉNS!

Gritou o ruivo, enquanto corria desesperadamente ao seu lado pela estrada de madeira que dava acesso à enorme floresta densa de onde havia vindo antes.

— Como nos livramos dessa coisa?

Bradou ela, enquanto olhava para trás, somente para ter a certeza que o monstro ainda os seguia, gritando de ódio e derrubando tudo que estava a sua frente. Damiani olhou para frente, onde havia uma grande base de árvore inclinada, que rumava a algumas centenas de metros em direção às copas entrelaçadas das várias árvores e aquele céu verde.

— VOU PRECISAR QUE CONFIE EM MIM!

— E EU TENHO ESCOLHA?!

Ele deu uma risada, e apressou o passo, passando na sua frente.

— CORRE O MAIS RÁPIDO QUE PUDER, EM DIREÇÃO AQUELE TRONCO!

— Você enlouqueceu?

Ela não fazia ideia de qual era o seu plano, mas aquilo parecia uma verdadeira insanidade, podiam seguir pelos dois caminhos ao lado, passando por uma bifurcação de onde podiam voltar ao caminho de cogumelos ou se fossem pela esquerda poderiam se esgueirar e se esconder embaixo de alguma raiz. Na parte mais densa, seguir em frente só faria com que ela batesse contra a madeira, além de quebrar alguns ossos com o impacto e seria alcançada pelo monstro que os seguia, provavelmente sendo devorada.

Mas já que estava ali por ele, e não tinha nenhuma outra escolha, decidiu obedecer. Apertou o passo e segurou a varinha bem firme entre seus dedos. Sentia o suor escorrer pela sua testa, onde seus longos fios estavam grudados pelo vento e pelo suor. No meio de seu desespero só ouvia os batimentos do seu coração e os passos estrondosos do Mapinguari, e ao ver aquela parede marrom cada vez mais perto, teve quase certeza que iria morrer.

Damiani seguia a alguns metros na frente, correndo com uma velocidade impressionante. Adriana via a figura como um vulto, uma sombra branca e laranja cujos pés batiam na areia branca criando uma onda de poeira, atingindo uma velocidade impressionante até chegar na base da enorme árvore. Esta que devia ser do tamanho de um arranha céu, com um tronco levemente inclinado e galhos finos como unhas que cruzavam as árvores vizinhas, formando pontes infinitas. E assim que chegou bem perto de encostar na parede feita de raízes, pulou, jogando os braços para trás em um salto. Sua pele parecia irradiar com o brilho esverdeado que vinha de um feixe entre o cruzamento das árvores, e alçou voo, como um pássaro bem rente a superfície rugosa.

O impulso de seus pés contra o chão fez com que uma onda de poeira se erguesse no ar como uma explosão de força, a deixando parcialmente sem visão. Neste ponto, ela também estava bem próxima às raízes gigantescas, e assim que achou que iria atingir o paredão, foi agarrada pela cintura e se sentiu sendo jogado para trás de seus ombros, onde ela apertou seu corpo e cruzou suas pernas entre a sua cintura. Fechou os olhos, sentia um vento forte contra o seu rosto e nenhum chão abaixo de seus pés, segurava o mais firme que conseguia em Damiani, e não queria abrir seus olhos para não entrar em ainda mais desespero.

— Se não olhar, vai perder a melhor visão de sua vida.

Adriana lentamente abriu os olhos e abaixo de si via alguns metros de distância entre o chão e onde estavam, fazendo com que agora o Mapinguari parecesse somente uma formiga

devido a altura, os dois pontos os acompanhavam com os olhos, imaginava que um deles fosse o Negrinho. Subiam bem rente ao tronco da enorme árvore inclinada, ela abraçada às costas de Damiani, sentindo o vento que se deslocava com enorme velocidade sobre seus rostos. Olhar ao seu redor naquela subida era como uma visão de viagem de trem, quando as imagens do lado de fora correm por sua vista por alguns segundos. Observou toda aquela extensão marrom-ocre afinar-se diante de seus olhos conforme chegavam cada vez mais ao topo. Ele suavemente desviava dos galhos e folhas pelo caminho, movendo os braços abertos como uma asa de pássaro.

Cruzaram uma passagem de luz por entre as folhas, surgindo bem acima de toda aquela fauna gigantesca. Visto de cima, e cada vez mais acima, tudo que antes era imenso, ficava cada vez menor. E ver as coisas naquela ótica foi algo tão incrivelmente bonito que jamais deixaria a sua memória. Chegaram a uma altura onde todo o ambiente anterior não parecia muito mais que uma maquete, e ao olhar para os lados, viu que tudo que tinha visto naquele último dia estava envolto em uma bolha, cuja membrana delimitava toda a existência.

— Prepare-se para sair da dimensão.

Chegavam perto do sol verde, em todo o seu esplendor, e Damiani ia cada vez mais rápido em sua direção, a luz estava tão forte que tudo que conseguia ver naquela claridade toda era a moldura de uma porta.

— Me segure quando chegarmos.

Foi a última coisa que ouviu, sua voz estava fraca, e sentiu o corpo dele despencar abaixo do seu.

Adriana foi arremessada de volta ao longo corredor de antes por uma força que vinha da luz verde brilhante. Confusa e bastante enjoada, virou-se para olhar para a porta de onde tinham surgido, que em uma forte pancada, se fechou e em seguida fez um som de clique, emitindo um som seco por todo o ambiente. Damiani estava a alguns metros dela, apagado. Os cabelos ruivos molhados de suor sobre o seu rosto, a face arroxeadada e a boca levemente aberta, caído de bruços. Ela se desesperou e correu até ele, se ajoelhando perto e começando a gritar e o sacudir para que acordasse, sem muito sucesso.

— Pela Deusa! O que aconteceu?

Gritou o elfo, correndo de forma desajeitada até onde o jovem casal estava, largando suas canetas pelo caminho, até abaixar-se próximo dele.

— Eu não sei! Ele começou a voar e depois apagou!

Adriana sentia lágrimas pesadas escorrerem pelo seu rosto enquanto, sem saber o que fazer, afastava-se do caminho para deixar que ele o olhasse melhor.

— Voar? No sol?

— Sim! O que aconteceu?!

Ataval balançou a cabeça negativamente, e levou a mão para verificar se ele ainda respirava.

— Que loucura... Mas está vivo!

— Graças a Deus!

Bradou Adriana, aliviada. O elfo se levantou, colocando Damiani de pé, que abriu os olhos lentamente.

— Nós conseguimos?

— Estamos no corredor...

Ele suspirou, e levou a mão até sua bolsa, entregando a ela um pincel extremamente bonito. Seu cabo era brilhante e perolado, seus pelos eram de uma cor branca puríssima, presos por uma placa de ouro batido.

— Leve com você, guarde junto a varinha que você pegou.

O elfo se virou, o levando corredor adentro.

— Onde está o levando?

— Para pessoas que podem cuidar dele, não se preocupe.

Lembrava-se de todas as coisas que Damiani havia dito sobre ele, que era um criminoso e potencialmente perigoso e correu até ele, que parecia ir em direção a uma das portas.

— Damiani?!

Ele virou o rosto, ainda não parecia ter se recuperado, mas ouviu sua voz em sua cabeça.

“Não se preocupe, eu vou ficar bem, volte para casa, quando menos esperar, eu volto para falar contigo.”

Adriana concordou. Nem imaginava quanto tempo tinha passado naquele lugar e todo o desespero que sua vó devia estar sentindo, então, balançou a cabeça, deixando os dois para trás e correndo na direção contrária, passando pelas várias portas até chegar ao final do corredor. De lá não conseguia mais ver onde estavam os dois, a luz diminuiu a um ponto que quando cruzou a porta de volta à sala de máquinas, não enxergava mais nada.

Novamente aquela letargia tomou conta do seu corpo, e ao abrir os olhos, estava de volta à sala do laboratório, que parecia totalmente comum. Deu alguns passos para a frente, e quando se virou para o corredor de onde tinha vindo, deu de encontro a uma pequena sala de materiais, com algumas prateleiras cheias de alvejante e nem sinal de qualquer uma das coisas fantásticas que tinha visto antes.

— Hey! O que está fazendo aqui?!

Gritou uma mulher de jaleco, ela tinha um crachá com seu nome sobre o peito e o logo do zoológico.

— Eu? Onde estou?

— Está na área restrita! Não viu a placa na porta?

A mulher batia os pés, com os braços cruzados sobre o peito, irritada.

— Vou ter que pedir para sair daqui, mocinha.

— Tudo bem, desculpa.

A loira apontou em direção a porta que até onde se recordava, era a que dava acesso à pequena estufa ao lado das borboletas empalhadas. Com vergonha da bronca, seguiu de cabeça baixa e a mulher a acompanhou até a saída.

— Se entrar aqui novamente vou chamar a segurança!

— Desculpa, eu me perdi.

A funcionária a olhou com raiva e entrou de volta para o laboratório, batendo a porta de ferro atrás de si e a deixando ali, atônita. Adriana se esgueirou de volta até a parte social do zoológico e viu que o sol estava exatamente no mesmo lugar de quando ela tinha entrado no portal. Inclusive o mesmo turista que fotografava a iguana quando passaram continuava por ali, não parecia ter se passado mais do que alguns minutos naquela realidade, mas para ela, quase um dia inteiro tinha ido diante de seus olhos.

Puxou o celular de sua bolsa e ele tinha voltado a funcionar. A varinha e o pincel davam a certeza de que tudo aquilo era real, e suas suspeitas se confirmaram.

— Dez minutos. Foi exatamente esse o tempo que passou.

Cidade Velha

Naquela noite, Adriana não conseguia dormir, guardou as coisas que tinha pego com Damiani em uma pequena caixa bem no fundo do seu armário, e nem mesmo a sopa rala de sua avó, que tinha um gosto péssimo, a fez tirar do pensamento tudo que tinha vivido.

Quando se começa a crescer, a magia natural de todas as coisas começa a ser substituída pela racionalidade e todos os entediantes deveres que um adulto deve cumprir, já que na vida real, existem inimigos bem mais perigosos e menos interessantes do que nos contos de fadas, ou nos jogos de videogames que Adriana dedicava horas de sua infância. Os seus novos inimigos, antes de tudo aquilo acontecer, eram bem piores que o Bowser ou as bruxas malvadas das histórias de princesas, eram sociais, estruturais, ela sentia na pele desafios que por mais que lutasse, não era capaz de suportar sozinha.

Os preconceitos eram algo que estiveram sempre ali, gerados antes mesmo de ela dar os primeiros passos e cercando a sua vida com muito mais intensidade e violência que qualquer um dos monstros que se escondiam em seu armário. Que por sua vez, pareciam bem mais amigáveis, e agora ela entendia o motivo pelo qual se escondiam dos adultos na escuridão.

A realidade que enfrentava era tão insana que os anseios de sua infância estavam voltando à tona. Era estranho, tinha se acostumado a perder a visão de magia nas coisas, a esperança, viu quem amava sendo arrancado de si, se decepcionou com o amor, e perdeu o otimismo em ter um futuro melhor, mas agora, ela sabia que a magia era real, e que ela estava presente em tudo.

Notou então que a garota de cinco anos de idade que adormecia em seu peito comemorava cada coisa fora do inteligível que via, e por isso mesmo, tinha tanta sede de continuar trilhando aquelas aventuras, mesmo que não compreendesse os motivos em sua totalidade. A luz de seu abajur estava ligada, a mantinha assim por medo das sombras, que não tinham dado mais as caras desde a última conversa que teve com Damiani no cemitério. Não sabiam até onde elas podiam afetá-la, e mesmo com a explicação do ruivo, preferia se precaver.

Mal acreditava que tinha realmente visto um elfo, criaturas mitológicas, árvores maiores que os mais altos prédios da cidade, esperava que seu amado estivesse bem, e que voltasse para a dar maiores notícias. Sabia que fazer qualquer coisa fora disso estava fora de seu alcance.

Afinal, o que seria ele? Por que uma criatura com tanto poder se interessaria em uma simples estudante de ensino médio com tantas inseguranças?

Era algo que não sabia explicar, mas naquela noite teve outro sonho.

IV

— Tens certeza que é aqui?

O inglês a guiava pela mão, agarrando firmemente com a outra uma tocha cujo fogo tremulava, conforme seus passos adentravam o lugar coberto pela escuridão. Era um ambiente pequeno, todo de pedra, e desciam algumas escadas cobertas por musgo, que pareciam ser mais antigas que a própria cidade. Os sons dos saltos de Vivienne enchiam o ambiente de um som seco.

— Eu... Eu não fazia ideia da existência desse lugar.

— Nem você, nem ninguém dessa cidade.

Ela afastou-se, e foi em direção a uma das paredes, olhando a pedra avermelhada que compunha o ambiente preocupadamente.

— Quantos anos tem esse lugar?

— Uns seiscentos, no mínimo.

Ela levou seus olhos para a frente, onde podia ver galerias de túneis, se bifurcando a alguns metros.

— Isso é impressionante.

— Por tudo que eu lhe disse, tudo o que aconteceu, acredita em mim agora?

— Só acreditarei quando me mostrares o que habita nestas profundezas.

Andersen ergueu levemente o chapéu que usava, fazendo um cumprimento.

— És tão inteligente quanto corajosa, meu amor.

E seguiu, dando alguns passos à sua frente. Bem na entrada da bifurcação, uma placa de pedra parecia ser um aviso em alguma língua que ela já tinha visto antes, a mesma língua do povo perdido.

— Eu consigo ler isto.

Disse ao tomar a tocha, e a aproximar da escritura na parede.

— Diz que “Um grande perigo guarda a passagem para o paraíso.”

Seu semblante se encheu de terror, e ao virar-se para encarar os profundos olhos amarelos de seu amante, cravou os pés no chão de pedra, temendo ter que seguir em frente.

— Confia em mim?

Disse o estudioso, erguendo sua mão enluvada em sua direção. Ela pensou um pouco, mas ao pensar em todo o amor que sentia por ele e sua natural curiosidade de cientista, tomou sua mão, olhando com determinação para o caminho a sua frente.

Medo

Adriana acordou confusa, fazia um bom tempo desde a última vez que tinha tido aqueles sonhos tão realistas. Se somasse com tudo que tinha vivido no zoológico, não era muito fácil separar os fatos, ou organizar cada novo mistério que surgia em sua memória.

Correu até o seu diário, que guardava secretamente na pequena gaveta de sua cômoda. E ainda um pouco tonta com o sono, tomou a caneta preta e começou a escrever as coisas que se lembrava do sonho. Tentar entender a relação de tudo aquilo, ou os mistérios que cercavam sua própria existência era algo fora de cogitação, e que só tinha a causado estresse sempre que tinha tentado, então após terminar de escrever mais aquela sequência de fatos, guardou tudo de volta na gaveta e foi em direção ao banheiro. Espreguiçou-se na frente do espelho, olhando o reflexo esguio que se formou na superfície lisa e percebendo duas enormes olheiras abaixo de seus olhos.

Estava exausta, seu corpo pesava como se não tivesse descansado absolutamente nada e daria tudo para continuar dormindo, mas não podia se dar aquele luxo. Era fim de bimestre e suas notas ruins precisavam ser recuperadas, se bem que, suas desventuras mágicas e seu namorado não humano eram a última coisa que ajudavam a pensar em matemática ou nas provas da semana que vêm naquele momento. Ao chegar à cozinha, viu que Alessandra estava em uma muleta, encostada no balcão de mármore da pia enquanto passava o café, com certa dificuldade. Usava um longo roupão florido e tinha o cabelo grisalho preso em um coque frouxo sobre a cabeça.

— Bom dia, vovó.

— Ah, bom dia, Adriana.

Ela olhou ao redor, procurando pela cadeira de rodas.

— Vovó, você veio andando pra cá?

— Já consigo andar, cansei daquela cadeira, me sentia com noventa anos nela.

Ela se aproximou, tocando suavemente os ombros de sua avó e sentindo o cheiro adocicado entrar por suas narinas.

— Está tudo bem mesmo?

— Claro menina, agora vai tomar teu banho que daqui a pouco tem aula.

Adriana sorriu, já tinha se acostumado com o mal humor de sua avó e até já via algum humor nele. Os meses de convivência com ela eram estranhos, havia uma grande cumplicidade e carinho entre as duas, mas nenhuma intimidade, não eram exatamente amigas. A mais velha não perguntava sobre seus dias com muitos detalhes e sempre estava a olhando por entre os pesados óculos de grau com um pouco de desconfiança. Ela não achava que fosse por mal, mas sim que ela ainda estranhava ter uma adolescente morando com ela, ainda mais em condições tão trágicas.

E sobre isso, ela tentava não pensar em seus pais, era uma dor que ela escondia bem no fundo do seu âmago, e na maioria do tempo fingia que estavam viajando para um lugar bem distante e que alguma hora iriam aparecer com uma enorme mala de viagem e se desculpariam pelo tempo em que tinham estado ausentes. Mas naquela manhã, assim que chegou ao portão da escola, viu que de um dos carros que tinha ido deixar um aluno na escola tinha um casal de pais. Eles se pareciam bastante com os seus, e disseram algumas palavras de carinho para o adolescente que saiu dele, envergonhado. Pensou que também ficava assim antes de tudo

acontecer, mas agora, sentiu um vazio tão grande ao ver aquilo, que teve de segurar as lágrimas antes de cruzar o alto portal de entrada até o interior da escola.

Estava um pouco atrasada e a maioria dos alunos já estava em suas salas, fazendo com que seu caminho até a sala número três fosse bastante solitário. Ouvia o som irritante de seus sapatos contra o piso de madeira e um leve soluço que vinha de si mesma. Odiava ter que esconder suas lágrimas, mas ninguém ali além de Beatriz sabia o motivo de sua tristeza, vendo somente a imagem extrovertida que vinha tentando passar desde o concurso de misses.

— Bom dia, meninas.

Disse ao pequeno grupo de garotas que se reunia ao redor da garota baixinha de cabelo colorido.

— Bom dia, gata.

Respondeu Beatriz, com um sorriso de canto, parecia ter percebido que a amiga não estava bem, e depois de alguns minutos, deu um jeito de se afastar das outras e ir falar com ela em particular. Adriana se sentou um pouco mais longe, a umas duas cadeiras de onde ficava em seus dias de bom humor, e ficou observando o prédio assombrado do outro lado da rua. As mãos cruzadas sobre o braço de sua cadeira e a mente bem longe dali, lembrando dias melhores, menos confusos e nebulosos.

— Oi, meu bem.

— Ah... Olá, Bia.

A garota se sentou ao seu lado, puxando uma cadeira para si.

— O que aconteceu, você parece mal, aquele seu namorado fez alguma coisa?

Adriana deu uma risadinha, lembrou-se de tudo que tinha acontecido no dia anterior, e uma discussão de casal parecia a coisa mais banal se comparado a enfrentar criaturas folclóricas.

— Não! Está tudo bem entre nós dois.

— Então o que foi?

Ela suspirou, seus traumas eram bem mais desafiadores que qualquer monstro.

— Sabe... É besteira, eu só vi os pais de um garoto deixando ele aqui, e fiquei mal com isso, sabe? Eu sinto falta dos meus pais.

Beatriz a abraçou, encostando o seu rosto suavemente bem ao lado do seu braço e a envolvendo com as mãos.

— Eu sinto muito, Adriana... Eu não sei como é perder os pais assim, mas acho que também sinto essa sensação.

— Uma sensação de vazio.

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Vai ficar tudo bem, qualquer coisa, você sabe que pode contar comigo.

O professor entrou na sala e a aula logo começou, então Beatriz teve que voltar para o seu lugar. Era a tão esperada aula de matemática e a didática do professor Júlio não era uma das melhores da escola, além de ser extremamente exigente nas provas. Não era muito incomum deixar vários alunos de dependência, e com a somatória de que ela nunca gostou dele ou das piadinhas que fazia sobre ela durante as aulas, ela não queria ter que suportar mais um ano.

Seus problemas na escola a convenciam a cada dia mais que ela devia ter esperado mais um ano para se recuperar, e só assim voltar às aulas, mas já estava atrasada demais e queria entrar na faculdade antes de fazer vinte anos. Faculdade... Como faria uma sendo pobre e trans? A maioria nem passava dos 35 anos... Não, ela tinha que pensar positivo, tinha que seguir em frente por si mesma, pela sua mãe e por seus próprios sonhos.

Consegui se concentrar em grande parte da aula, e embora os olhares estranhos de seu professor, ficou feliz por estar entendendo alguma coisa, já era algum avanço. Se continuasse assim, provavelmente iria recuperar suas notas e não ia precisar fazer a recuperação.

Quando chegou a hora do intervalo, estava com tão pouca vontade de interagir ou de suportar comentários, que preferiu ficar por ali mesmo. Puxou o caderno de sua bolsa e começou a desenhar o cenário que ainda assombrava a sua memória. Fez os caminhos de areia esbranquiçada, as gramas de tamanho médio que tomavam conta de todo o lugar e para coroar, o mais importante, as árvores gigantes, bem maiores que o prédio de dois andares onde estava. Desenhou a si mesma também, olhando para o céu esverdeado, e o nervosismo que sentiu em toda aquela situação voltou a sua memória. Estava preocupada com Damiani e não ter como se comunicar com ele era angustiante.

Quando o sinal anunciou o fim do intervalo, ela observou os alunos voltando animados daqueles trinta minutos sem aula, conversando sobre assuntos aleatórios e se arrumando em suas carteira. Algumas garotas que conhecia também tomaram os seus lugares, mas Beatriz não estava entre elas, nem os bullies que geralmente sentavam no fundo da sala. Aquilo a fez sentir uma sensação ruim, e foi tomada por uma intuição que dizia que sua amiga estava em apuros.

— Patrícia, você viu a Beatriz?

Perguntou para a garota alta e de cabelo curto que estava sentada na cadeira ao lado de onde sua amiga estava sentada.

— Ela disse que ia no banheiro, tá demorando mesmo.

Adriana agradeceu, e seguiu em direção a porta da sala. O bloco já estava quase vazio, e não tinha ninguém além de alguns funcionários e alunos correndo de volta para as suas salas. O banheiro não era muito longe dali, e precisou atravessar alguns metros até um corredor relativamente sinistro que dava acesso às cabines malcheirosas. Ela nunca tinha ido nele, era bem desagradável ter que segurar suas necessidades, mas não queria ter que passar nenhum constrangimento, então evitava a dor de cabeça e prováveis reclamações dos alunos conservadores do colégio.

Logo ao entrar no corredor ouviu uma discussão acalorada. Yan e mais dois garotos tinham cercado Beatriz contra uma parede, e mesmo assim, ela não se mostrava intimidada, estufando o peito e os rebatendo corajosamente.

— Sim, muito corajoso mesmo, enfrentando uma garota da metade do seu tamanho com dois amiguinhos, se estivesse sozinho eu arrebatava a sua cara, piranguero.

— Então por que não tenta? Tô bem aqui na sua frente, eu não to nem aí se tu é mulher.

Adriana correu até eles, parando em frente a eles com os braços cruzados.

— Qual o problema?

O garoto se virou para ela, seus punhos estavam fechados, mas não os ergueu para ela, seu olhar de nojo já tinha se tornado uma rotina.

— Quer passar para o banheiro masculino? Cuidado pra não molhar fora do mictório.

Adriana levou o olhar para Beatriz, que apesar de sua feição aparentemente impenetrável, estava assustada, e suas mãos suavam, agradecia mentalmente que sua amiga tivesse aparecido.

— Bia, vamos embora!

E estendeu a mão para ela, que se moveu para a seguir, mas foi impedida por Yan.

— O que pensa que está fazendo? Isso é assunto entre mim e ela.

— Então acabou o assunto, a aula já começou.

A garota foi empurrada de volta para a parede, e ele agora foi em direção à Adriana, a empurrando.

— Tu acha que eu tenho medo de ti?

— Por que essa perseguição? Qual o seu problema?!

Os outros o encararam, confusos.

— Fora eu ter que estudar com um viadinho igual a você, nenhum, meu assunto com a tua amiga aí é outro.

Sentiu seu estômago arder de raiva.

— Vai à merda!

E o empurrou de volta, pegando sua amiga pelo braço e saindo dali, quase correndo.

— Tu vai pagar por isso!

Ouviu ele ameaçar enquanto corria de volta ao pátio, puxando Beatriz atrás de si. A garota tremia, sem conseguir completar as frases. Acabou por desistir de ir de volta para a aula e a levou para a biblioteca, que estava sempre tão vazia. Ninguém, as acharia ali. Encheu um copo descartável com a água de gosto metálico do bebedouro e ofereceu a sua amiga, que estava sentada em uma cadeira de plástico, sem dizer nenhuma palavra e tremendo desesperadamente.

— O que aquele lixo queria com você Bia?

— Já comentei que ele é meu vizinho?

Ela se sentou ao seu lado, apoiando-se em seus cotovelos para ouvir a história com maior atenção.

— Não que eu me lembre, mora muito perto?

— Não muito... Umás duas ruas, eu moro em uma kitnet com a Maíra, cê sabe, mas lá é super perigoso, cheio de facções e tudo mais.

Beatriz suspirou fundo, dando alguns goles na água e pressionando o copo de plástico sem querer.

— Vai me dizer que tá devendo alguma coisa?

— Claro que não, Adriana! É que eu descobri que o irmão desse aí é um traficante importante lá da área, perigoso. E como ele sabe que eu sou lésbica, contou pro pessoal de lá, agora ficam me perseguindo, tentando me dar esses sustos para eu me mudar, estou quase fazendo isso mesmo, vai que o irmão dele me faz alguma coisa.

Ela não sabia o que fazer, Yan era ainda pior do que ela já sabia.

— Olha, acho melhor você procurar outro lugar para morar mesmo, nem que seja temporário.

— Pensei em passar um tempo na casa da avó da Maíra, vamos perder a privacidade mas pelo menos vamos ter mais segurança.

Agora era ela quem consolava a amiga, retribuindo o favor de algumas horas antes.

— Acho melhor mesmo, a gente não sabe do que esse garoto é capaz.

— Que inferno, a gente tinha tudo certinho lá, conseguindo ter nossa vida, e vem um preconceituoso desses e atrapalha tudo.

Ela abraçou a sua amiga, que encostou o seu rosto em seu peito, quase chorando.

— E o pior é nem poder contar nada disso para a direção por que é perigoso pra gente, nem sei o que ele teria feito se você não tivesse aparecido.

— Onde eu puder eu vou te ajudar, eu prometo.

Ambas tiveram de esperar até que a aula acabasse, e assim que abriram os portões, as duas foram embora juntas. Adriana esperou até que a amiga pegasse o ônibus e seguiu pelo caminho mais longo. Como tinham saído mais cedo, não temia encontrar nenhuma pessoa da escola, e pode aproveitar um pouco do caminho ensolarado até a rua do cemitério.

Estava um clima agradável, não tão quente como geralmente era naquela hora do dia, nem frio a ponto de estar úmido e chuvoso. Estava inquieta, preocupada por sua amiga e por si mesma, sabia que não podia se esconder para sempre e que se continuasse em silêncio, havia uma grande possibilidade das coisas piorarem.

Ao passar pelo grande portão de ferro que marcava a entrada do cemitério e sombreado pela sombra das mangueiras, desejou ardentemente que Damiani aparecesse. Precisava conversar com alguém sobre tudo aquilo e é claro, saber se ele estava bem. Pensava se o elfo tinha realmente cumprido sua promessa. Quase que instantaneamente, mãos seguraram a sua cintura, a erguendo a alguns metros do chão, e ela gritou, irritada.

— Que surpresa, passando no meu setor.

Podia reconhecer a voz grave em qualquer lugar do mundo.

— Damiani!

Ela se virou, pulando sobre ele, que reclamou de dor.

— Calma! Ainda não estou 100%!

Afastou-se para dar uma boa olhada nele. Era a primeira vez que o via com shorts curtos e uma camisa preta sem mangas, finalmente uma roupa adequada ao clima. Suas pernas conseguiam ser surpreendentemente mais claras do que esperava, e em seu ombro, sobre o bíceps marcado, havia uma faixa branca, molhada de algum líquido azul. Parecia bem melhor do que a última vez que o tinha visto, definitivamente, e sua expressão tristonha também tinha ido embora.

— Nossa, estou tão feliz de te ver!

— Eu também, meu amor.

A morena voltou a pular em seus braços, que abraçaram o seu corpo suavemente e seus lábios foram até os dela, em um beijo suave, cuidadoso, que demonstrava toda a alegria de ambos com aquele encontro.

— Parece que faz tanto tempo.

— E não, é?

Ele sorriu, levando os olhos cheios de ternura até os dela.

— Nossa, eu nem sei o que perguntar!

Se separaram, e ela seguiu a sua frente, sem saber direito para onde estava indo.

— Vamos almoçar juntos hoje, envie depois minhas desculpas para a sua avó.

— Ela jamais vai te perdoar por isso.

Disse Adriana com um sorriso, seguindo na frente dele em direção a um dos fast-foods que ficavam ao longo da praça ali perto. Damiani não disse mais nada até se sentarem em um lugar confortável e ela fazer um pedido bem generoso, considerando o tempo que desejava comer algumas batatas fritas, ter a oportunidade de escolher qualquer coisa do cardápio era bastante tentador.

— Você não vai comer nada mesmo?

“Eu não preciso mais fingir que gosto de comer isso, não é?”

— Nossa, então você não come também?

Ela sussurrou com a mão sobre a boca, em uma péssima tentativa de ser discreta.

— Não isso, eu só comia por educação, digamos.

A garota deu de ombros, olhando por cima das mesas para a cozinha, de onde um forte cheiro de hambúrguer tomava conta do ambiente.

— Agora, pode me explicar o que foi tudo aquilo de ontem?

— Bom... Algumas coisas eu não posso falar.
E ouviu um suspiro irritado, em resposta.
— Por que não? O conselho intergaláctico vai te punir?
O ruivo não conteve uma risada.
— acredite ou não, é quase isso.
— Sabe, quando você me disse que ia me fazer ver um lado diferente da vida, eu não achava que fosse tão literalmente.
Ele segurou o queixo com as mãos, enquanto a fitava com aqueles olhos hipnotizantes.
— Eu sabia que você seria mente aberta o suficiente para não sair correndo ao saber de tudo aquilo.
— Então, existem tipo, outras dimensões, igual a que a gente viu?
— É, sim, agora você pegou o espírito, e tem muitos modos de se alcançar essas dimensões.
Ela tentava se lembrar de todas as coisas que já tinha lido sobre aquele assunto.
— Tem uma teoria que explica isso, não é?
— Sim, é claro, a ciência humana é bem ignorante, mas não tanto.
As coisas ainda não pareciam fazer muito sentido.
— E para que são aquelas coisas que nós pegamos?
— Lembra do que eu te disse? No cemitério?
O garçom chegou com o pedido assim que ele terminou aquela frase, fazendo uma careta assustada e deixando o pedido sobre a mesa, Adriana deu uma risada assim que ele se afastou.
— Pois é, continuando.
— Lembro, algo sobre alguma verdade escondida.
Ele balançou a cabeça, gesticulando exageradamente enquanto falava.
— Sim, a verdade sobre o lugar de onde eu vim, o que nós somos, e a nossa influência neste mundo.
— E por que você não me conta? Ou me mostra.
Damiani revirou os olhos, e apontou para o ferimento em seu ombro.
— Se fosse assim tão simples, você acha que eu ia querer ser mordido por uma sereia?
Disse enquanto apontava para o ferimento em seu ombro.
— Espera, uma sereia te mordeu?
Adriana quase gritou, assustada.
— Como você acha que eu consegui aquele pincel? Na verdade, ela quase me matou.
— Nossa!
— Pois é! A questão é que eu não posso. Precisamos de todas as coisas que eu te disse para que eu consiga te mostrar e você tem que estar comigo para isso.
Ela pegou uma das batatas e a molhou no sorvete antes de levar a sua boca.
— Olha, eu já desisti de entender isso tudo, só confio em você, se tu dizes que é assim que eu vou descobrir essa verdade e nós vamos ficar juntos, então eu faço.
Damiani sorriu, puxando seu rosto para o dele e dando um leve selinho em seus lábios.
— É por isso que eu adoro você.
— Se for para ficarmos juntos, eu... Vale a pena o susto, e também, é tudo tão...
— Mágico.

Ele completou.

— Eu sei, só me desculpe pelo perigo que você correu, assim como você eu não sabia o que a gente teria que enfrentar para conseguir aquelas coisas, só sabia que estavam lá.

— Seu livro não diz isso?

Fez um sinal negativo, o puxando da bolsa que sempre levava consigo.

— Pois é, não fala, só diz o que vamos precisar e onde estão.

— Isso é péssimo.

A própria presença daquele objeto deixava todo o ambiente com uma aura diferente, a capa grossa em couro, o símbolo talhado em sua capa e as folhas rústicas naquela língua estranha, tudo realmente passava a impressão de ser de um outro mundo.

— Olha, aqui tem um desenho da próxima coisa que vamos precisar.

Havia o desenho de um pote com tampa, cheio de algum líquido verde. As letras davam uma leve dor de cabeça se as olhasse demais, eram muito curvas e cheias de floreios, e não parecia com nada que já tivesse visto.

— Esses livros milenares nunca são claros, olha só isso “ E seguindo o caminho pelas ruas de pedra, eis que a casa com cabeças de anjo e o seu porão decadente, te levarão até a...”

— Até a?

O ruivo passou a mão pelos cabelos, olhando preocupadamente para o livro.

— Eu sei onde temos que ir... — E onde seria?

Ele guardou o livro de volta em sua bolsa, tocando as mãos levemente engorduradas de Adriana.

— Me espera na porta da sua casa essa madrugada, duas da manhã.

— Que? Pra que?

Sua avó não tinha um sono muito leve, pensava em como iria escapar sem que ela percebesse.

— Mais alguma criatura mitológica?

— Sim, mas dessa vez, eu sei onde ela está... Vou ter que conseguir uma coisa antes.

Ele foi até o seu bolso e tirou algumas notas de dinheiro, que deu a ela por debaixo da mesa, e olhou fixamente para a saída.

— Adriana, sei que não é muito cordial da minha parte, porém eu vou ter que ir agora, você faz o que eu pedi?

A garota estava completamente confusa, mas permaneceu em silêncio, tentava ser compreensiva apesar de tudo. Ele se abaixou ao seu lado antes de ir.

— Me desculpe por tudo isso. Em breve prometo te explicar tudo melhor.

— Está tudo bem, só cuidado com o que você for fazer.

— Obrigado... Você é... Fantástica... Te vejo mais tarde.

Ele puxou seu rosto para um beijo e seguiu para a saída, jogando a bolsa de volta sobre o ombro e a deixando sozinha na mesa. Adriana se virou para a janela ao seu lado, vendo que o pálido rapaz atravessou a rua, seguindo a rua lateral que descia até a avenida.

Quando chegou em casa já eram lá pelas duas horas da tarde e sua avó estava bem estressada, tinha se chateado com o fato dela chegar tão tarde da escola e não ter dado nenhum aviso de seu paradeiro, estava bem a porta, com o celular na mão, e parecia pronta para chamar a polícia caso ela demorasse mais um pouco.

— Onde estava? Eu sou velha! Quer me matar do coração?

— Me desculpa, vó.

A mulher apontou para o corredor, vermelha de raiva, apoiada em suas muletas.

— Onde você estava? Quer sair? Eu nunca impedi, mas é só me avisar.

— Desculpa, vovó... Eu não queria te preocupar.

Disse Adriana, tirando uma mecha de trás do cabelo, timidamente.

— Só me chamaram para almoçar e eu acabei esquecendo de ligar para avisar.

— Te chamaram, foi? E como que você pagou? Mal temos para comer.

Ela suspirou, se sentia mal pela última frase.

— Meu namorado pagou.

A idosa mudou de expressão, um sorriso se formou em seus lábios e ela pareceu mais tranquila.

— Finalmente admitiu que tem um, então.

A adolescente deixou a mochila sobre a cômoda da sala, prendendo os cabelos e indo em direção a cozinha.

— Sim, mas você já sabia... Ele me disse para te pedir desculpas pelo almoço.

Alessandra foi atrás dela, curiosa.

— Eu sei que ele já veio aqui quando eu não estava, mas quando vai vir me conhecer?

Pensou em tudo que estava acontecendo, e tentou ignorar a pergunta, indo até a geladeira e bebendo um copo de água em alguns goles nervosos.

— Eu vou perguntar para ele, ele é bem ocupado, trabalho, essas coisas.

— Ele não é muito velho não, é? Vai te assumir? Trabalha com o que?

A garota deu uma risada, indo até a pia para lavar o copo e o guardar de volta no lugar.

— Não! Só uns dois anos de diferença, e ele trabalha na prefeitura, é de outro estado...

Mas agora a senhora pare com as perguntas que tá me deixando sem graça.

— Égua da garota chata! Vou voltar para a minha novela então.

— Obrigada.

Disse Adriana entre um sorriso e outro, e viu a senhora voltando para a sala, onde a televisão exibia alguma novela mexicana reprisada. Ouviu seu celular tocar na sala, não fazia ideia de quem podia ser, mas devia ser coisa séria, se não fosse algum vendedor de telemarketing, significava problema. Ela tinha um grande trauma de ligações desde a morte de seus pais e raramente as atendia. Correu até a sua mochila, puxando o celular do seu bolso lateral, e viu que era uma chamada de Beatriz, olhou para aquilo com desconfiança, e sua avó a encarou por cima dos óculos.

— Alô? Bia? O que aconteceu?

E foi andando até seu quarto, escapando dos olhos curiosos de sua avó.

— Adri? Nossa, desculpa te ligar, mas tô com muito ódio e precisava falar com alguém.

— O que aconteceu?

Ouviu a respiração pesada de sua amiga do outro lado da linha.

— Aquele idiota do Yan, cara, ele falou umas merdas para a minha namorada, ela ficou em pânico e agora estamos na avó dela.

— Como assim, cara? O que ele fez?

Aquele menino já estava fazendo ela perder toda a paciência, e sabia que ele só tinha começado a perseguir Beatriz depois que ela se tornou sua amiga.

— Minha namorada estava voltando do trabalho para almoçar em casa, isso hoje de manhã, enquanto eu ainda estava na escola, e ele começou a ofender ela com homofobia no meio da rua, até ameaça de estupro teve.

— Não acredito, cara, e ninguém viu isso?

Perguntou Adriana, enquanto fechava a porta do quarto, aquela história estava chegando a um nível absurdo.

— Ninguém faz nada por causa do irmão dele, e ele vive cercado por aqueles amigos, é tão covarde que nem anda sozinho.

— Nossa, que raiva desse moleque, tô quase pedindo pro meu namorado dar um jeito nele.

Ela desabafou, imaginando que com os poderes que tinha, seu namorado podia dar um bom susto nele. Nunca o quis envolver em seus problemas, mas estava ficando em tal nível, que ela temia pela vida de sua amiga.

— E como ele ia fazer isso? Ele é polícia ou algo assim?

— Ah... Mais ou menos, mas deixa isso pra lá. Como está a sua namorada?

Ouviu alguma voz feminina no fundo.

— Está melhor, mas não quer voltar para casa, não.

— Entendo isso, acho que a gente devia contar para alguém.

Beatriz tinha a voz pesada, irritada.

— Para quem, Adri? Polícia? Não temos provas de nada.

— Não polícia, mas escola mesmo, ele não pode fazer nada muito grave lá dentro sem ser expulso.

Sua amiga ficou em silêncio, pensando na possibilidade.

— Eu não sei, talvez seja uma boa, mas se eu fizer, será capaz de ele ir em casa.

— Eu faço, ele não sabe onde eu moro.

O tom de voz dela se alterou, atingindo um tom ainda mais baixo do que já era.

— Não quero te arriscar... Sei lá, deixa isso, amanhã a gente conversa melhor, tenho que ajudar aqui na casa da avó dela. Tchau, viu?

— Vai dar tudo certo, fica bem, tá?

— Obrigada, você é uma ótima amiga.

Ao desligar a ligação, foi até a janela, olhando para as flores coloridas. Era tanta coisa acontecendo, tantas preocupações, estava cansada. O sol forte tocou sua pele ao pôr o rosto pela janela, respirando o ar perfumado, e ela decidiu cuidar um pouco daquele cantinho antes de ir estudar, apesar de tudo, ela não podia se prejudicar ainda mais.

Buscou o regador e o encheu com água da pia. Abriu a pequena porta de madeira até o jardim de inverno, as pedrinhas que tinha arrumado com Damiani no piso ainda estavam quase do mesmo jeito, e as flores já pediam alguma poda, crescendo em arbustos frondosos no pequeno ambiente quadrado.

Levou o jato de água, que ao ser atravessado pela luz do sol, formava um arco-íris bem abaixo de seus olhos, e os fechou, sentindo uma leve brisa que invadiu o ambiente pelo teto descoberto. Lembrou-se daquela tarde com ele, do seu pedido de namoro e dos beijos ardentes que trocaram. Ela o amava tanto, mesmo sem fazer idéia de seu passado, sua história e de onde ele tinha vindo, era perturbador, senão fascinante, como ele tinha conseguido a fazer sentir tanta paixão?

O resto do dia foi quente, e entediante. Apesar de ter passado o dia inteiro sobre a sua escrivania, devorando os assuntos da prova e vendo vídeos sobre o assunto, não conseguiu se concentrar direito, não conseguia parar de pensar em Beatriz, em Damiani, e na fuga que tinha planejado para aquela madrugada.

Tomou vários banhos durante o mesmo dia, tentando afastar seus pensamentos e o calor natural daquela cidade de seu corpo, e conforme a noite chegava, mais agitada ela ficava. Estava

curiosa sobre qual criatura iriam encontrar, e imaginava todas as coisas maravilhosas que iria ver. Apesar do perigo, aquilo tudo era uma fuga da realidade e dos problemas daquele plano, o que era um Yan perto de um Mapinguari? Ou de um elfo? Saber que aquilo tudo existia era algum tipo de alívio, Damiani tinha cumprido sua promessa, ela estava conhecendo a verdadeira magia.

Ouviu sua avó a chamando para o jantar, mais sopa rala ou açai com alguma carne, provavelmente. Há alguns minutos ela tinha desistido de tentar se concentrar na matemática, e rolava alguns vídeos aleatórios no Youtube.

— Já estou aqui.

Disse Adriana ao chegar na cozinha, onde sua avó já jantava, e a escolhida da noite era a sopa rala de cenoura com alguns pedaços bem pouco nobres de frango, tentou não torcer o nariz ao sentar no seu lado, puxando o seu prato para si.

— Eu sei que é pouco, mas é o que tem, e você ficou trancada a tarde toda naquele quarto, só saiu para tomar banho, não comeu nada.

— Estava cheia do almoço, e também estava estudando, minha prova é semana que vem.

Alessandra assentiu, orgulhosa.

— Fico feliz de ver que você está se esforçando, Adriana. Vamos rezar um pouco?

Ela nunca tinha sido alguém religioso, nem ela e nem seus pais, mas aqueles momentos deixavam sua avó feliz, e ela os aceitava mais por isso, era bom ver um sorriso na pele enrugada e cansada da senhora. Ela tocou a sua mão, e por alguns minutos rezou baixo, agradecendo pelo alimento, pela vida de sua neta e por estarem juntas e vivas, apesar de todas as adversidades. Uma memória de quando era criança veio até ela, se lembrou de um círio, onde seus pais tinham ido com ela na procissão, junto com a sua avó. Lembrou das faces em oração, da multidão passando e de como achou todo aquele mar colorido a coisa mais fascinante que já tinha visto. O papel picado caiu dos prédios sobre os seus pais, e os cabelos cacheados e negros de sua mãe pareceram brilhar com a iluminação do sol. Ela tinha um sorriso brilhante em seu rosto belo, e abraçava a filha perto de seu peito, de mãos dadas com seu pai, que estava tão emocionado com a beleza da procissão quanto ela.

— Oh, minha filha, está chorando?

Uma lágrima escorreu involuntariamente dos seus olhos, e ela rapidamente as limpou com as pontas dos dedos.

— Desculpa, não é nada, só lembrei dos meus pais, desculpa.

— Não tem com o que se desculpar, menina, eu também pensei neles agora, eu sei que estão no céu olhando para nós.

— Amém, vovó... — Ela sussurrou, tocando na mão de sua avó sobre o pano colorido da mesa. - Espero que estejam orgulhosos de mim.

— Eu tenho certeza que estariam.

Adriana se levantou, abraçando a senhora, ternamente.

— Te amo, vó.

— Eu também... Agora, vai comer!

Ela concordou, dando uma risada no meio de seus olhos marejados, e se sentou de volta, tomando a sopa amarga com um sorriso no rosto.

Sangue Verde

Depois do jantar, ela convidou a senhora para assistir um filme, era em um canal aberto mesmo, e ia terminar tarde da noite. A mulher a acompanhou, e se sentou bem ao seu lado para

assistir a televisão que ficava bem no meio da sala. Era bem antiga, e sua imagem falhava vez ou outra. Quando se irritava, a idosa batia com as muletas bem ao lado dela, naquele tubo comprido que fica acoplado atrás de televisões antigas, surpreendentemente, isso era bastante eficiente.

Conforme as horas passavam, via que Alessandra dava alguns bocejos, era exatamente o que ela queria. Verificou que contavam quase meia noite no relógio de parede quando a senhora desistiu da programação, exausta.

— Olha, eu vou dormir, e amanhã tem aula, devia fazer a mesma coisa.

— Eu gostei do filme, vou ficar vendo até tarde.

Alessandra se levantou, caminhando com passos pesados pelo corredor enquanto resmungava, quase tropeçando na própria camisola pelo sono e a ausência dos óculos.

— Se não conseguir acordar para a aula eu bato com essa muleta em ti.

—Boa noite para a senhora também, vovó!

Ela deu uma risada, desejando boa noite de volta antes de entrar no quarto e bater a porta com um pouco de força. Sua cama velha e barulhenta denunciou que sua avó quase se jogou no colchão, quase completamente esgotada pelo sono. A primeira parte do plano tinha dado certo. Ela correu até o seu quarto, colocando alguns travesseiros sobre a cama e os cobrindo com o lençol, tinha visto aquilo em algum filme americano, e esperava que desse certo naquele caso também.

Jogou todas as suas coisas da mochila sobre a escrivaninha, e guardou nela o pijama que estava usando e umas garrafas de água, além de um kit de primeiros socorros. Foi a única coisa que conseguiu pensar, afinal o que se leva para uma viagem interdimensional?

Vestiu uma calça jeans, uma camisa branca sem estampa e amarrou um casaco em sua cintura, completando tudo com seus sapatos all star falsificados. Olhou-se no espelho e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo no topo de sua cabeça, seu estômago ardia em nervosismo. Se sua avó acordasse e a questionasse, ela não saberia o que dizer, e sinceramente, seria mais fácil dizer que ia para um motel do que a situação verdadeira.

Quando faltavam quinze minutos para as duas da manhã, Adriana lentamente abriu a porta de seu quarto. Ela tinha deixado a televisão ligada, para caso sua avó ouvisse algum barulho ela pudesse o justificar por estar acordada, vendo alguma coisa. Fazer coisas erradas realmente parecia deixar os adolescentes muito criativos. Fechou a porta atrás de si, seguindo pelo corredor com passos suaves, bem agarrada a alça de sua mochila. Suas mãos suavam quando ela pegou o controle para desligar a televisão velha, e quando a iluminação do cômodo acabou, ela viu uma das sombras passar pela sua frente, bem no feixe provocado pela luz que vinha da janela da sala. A criatura correu por frente da luz amarelada da iluminação pública na rua, se escondendo de volta na escuridão.

Adriana se assustou, correndo até a porta e pegando a chave pesada que ficava em um gancho do lado da janela. A porta, para piorar, rangeu bem alto ao ser aberta, a fazendo se recordar do quanto aquela casa era velha. Seus olhos foram direto para o quarto de sua avó, e ela esperou alguns segundos antes de sair de casa, para garantir que não tinha acordado Alessandra, e já que não tinha, colocou os pés no piso de pedra da calçada.

Era uma noite fria, como quase sempre naquela parte da cidade. A umas três ruas de distância estava a baía, passando pelas casas centenárias, e as águas barrentas sopravam um ar frio pelas ruas próximas durante a madrugada. No inverno, as ruas se enchiam de uma névoa fina, principalmente nas primeiras horas do dia. A rua estava vazia, nem mesmo os andarilhos que vagavam por ali durante a madrugada estavam presentes, a via estava coberta por um mistério, uma solenidade que tinham somente lugares tão seculares quanto aquele bairro

fundador. Olhou para os prédios vizinhos, o que era ela para aquele ambiente, senão mais uma figura passageira, como todos os membros da sua família que tinham estado ali, antes dela.

O céu estava avermelhado e algumas gotas de chuva bem finas caíam sobre a sua pele, ela se vestiu com o casaco que tinha amarrado a sua cintura antes de sair, e jogou o capuz dele sobre a sua cabeça, guardando as chaves de sua casa no bolso de sua calça jeans. Ele ainda não tinha aparecido, e ficar ali aquela hora não era nada seguro, então se sentou na porta de sua casa, no batente alto em mármore que elevava a residência do nível da rua, que devia alagar nos tempos antigos para precisar ser daquela altura, ela imaginou, ou talvez fosse somente um gosto arquitetônico.

— Fico pensando em como consegui fugir da sua avó.

Disse a voz masculina bem ao seu lado, ela não se surpreendia mais com aquelas aparições inesperadas.

— Como você faz isso?!

Ele sorriu, e Adriana observou a mesma fileira de dentes brancos e perfeitos se alinhar em seu rosto. Ele tinha o sorriso mais bonito que ela já tinha visto. Damiani usava um capuz preto que caía sobre os seus cabelos ruivos, assim como ela, e diferente do comum também estava com uma mochila, que de tão cheia, se destacava em suas costas.

— Vamos acampar? Nunca tinha te visto de mochila.

Ele sorriu, estendendo a mão para a ajudar a levantar.

— Desta vez vai ser mais breve que a última, não vamos entrar em nenhum portal.

Damiani foi na direção contrária à que geralmente ela seguia, para ir a escola ou ao shopping, descendo a rua para as profundezas da cidade velha, em uma infinidade de ruas que tinham a arquitetura e o formato tão parecidos, que não era muito difícil se perder ali. Adriana seguia ao seu lado, de mãos dadas com ele, andando pela parte interna da calçada. Aquela hora tudo estava completamente deserto, não era nenhum pouco seguro andar por ali, não tinha nenhum policiamento e ela estava mais preocupada com a possibilidade de ser assaltada do que com algum fantasma.

— Se não vamos entrar em nenhum portal... Quer dizer que?

— Que a criatura que buscamos está nesse plano, Adriana.

Ela virou o rosto em direção ao dele, boquiaberta.

— Isso é fantástico!

— Sim, realmente, vai ser um pouco difícil chegar até ela, mas eu fui lá antes de vir aqui, dá para chegar.

Passaram por algumas ruas, e ela viu uma sombra cruzar de uma rua para a outra, se escondendo das luzes que vinham dos postes de energia.

— Você viu isso?

— É claro! Sombras... Vamos ver algumas delas, realmente, sei que o covil da criatura que estamos buscando é cheia delas, mas são inofensivas, como eu te disse.

Adriana se encolheu em seu capuz, com medo. Já tinham andado algumas quadras até verem algo que não era bem espiritual, um homem extremamente suspeito tinha começado a seguí-los, provavelmente com intenções nada boas. Sua vontade era começar a correr, mas ouviu a voz dele em sua cabeça antes que fizesse isso.

“Não se preocupe, se ele chegar perto, não vai conseguir fazer nada.”

“Como você sabe? E se ele estiver armado?”

“Confie em mim.”

Ele a puxou para mais perto, quase colando seu corpo lateralmente no dela.

— Onde o casal está indo ?

Continuaram andando, o homem continuava os seguindo, as sombras continuavam correndo na sua visão periférica. Seu corpo tremia de medo, e mesmo assim, a serenidade do ruivo se perpetuava.

— Para aí que eu quero falar com vocês!

Damiani parou, se virando para olhar o homem, Adriana deu alguns passos para trás, olhando para o fim da rua, podia tentar correr para a direita.

— Se correr é bala nos dois.

Ele não estava armado, observou a ponta de seu dedo saindo de sua jaqueta, o bairro que morava antes era ainda mais perigoso que o atual e já tinha sido assaltada algumas vezes. Por um tempo tinha ficado traumatizada ao ponto de não conseguir sair de casa, mas percebeu que aqueles problemas sociais eram bem comuns em uma metrópole como aquela, então não tinha muito o que se fazer.

— O celular! Bora! Os dois!

Damiani levantou os antebraços, e fez menção de ir até a mochila, a frieza dele estava assustando até mesmo o assaltante.

— Eu só vou baixar o capuz e abrir a mochila para pegar o celular, fique frio.

— Anda logo, moleque!

Ele colocou a mão atrás da cabeça, baixando o capuz e levantando os dois dedos indicadores em direção ao homem, que ao olhar em seus olhos, caiu de joelhos na sua frente, gritando a plenos pulmões, completamente aterrorizado. A imagem que via do ruivo começou a ficar borrada, como se o visse entre lágrimas, ele parecia ter mudado de forma, um longo cabelo branco surgiu de onde era o vermelho, aquele vislumbre só durou por poucos segundos, até que a forma que Damiani voltou. Levou seus dedos finos e com longas unhas até o cabelo espetado do criminoso, que se contorceu, vomitando alguma coisa no chão, e saindo correndo por uma das vielas ali próximas, desnorreado. Ela piscou algumas vezes e a imagem distorcida tinha voltado ao normal, e ela tinha em sua companhia o mesmo namorado de feições franzinas e delicadas que estava acostumada.

— Dami? O que foi isso?!

— Vamos seguir, temos desafios maiores que um simples humano.

Adriana agarrou seu braço, aterrorizada.

— O que eu acabei de ver?

— Ele não estava sóbrio, só o curei para que a droga saísse de suas veias, se ele se assustou comigo, não é minha culpa.

Ele não falou mais nada sobre aquilo, um silêncio mórbido se instaurou entre os dois, e finalmente chegaram a um lugar igualmente sombrio. Uma praça chamada de Praça do Carmo. Era próxima a uma escola e o porto do sal, e o que mais se destacava nela era um pequeno anfiteatro, cercado por colunas pintadas de vermelho. Ao redor, mais mangueiras, que deixavam tudo ainda mais obscuro, e alguns morcegos frugívoros voavam de um galho para o outro, passando bem acima de suas cabeças.

— Aquela é a casa.

Disse ele ao apontar para uma casinha histórica, bem mais a esquina, caindo aos pedaços, e parecia estar abandonada há umas boas décadas. Em seu frontão resistiam alguns detalhes, entre eles, as esculturas de anjo que ele tinha lido em seu livro mágico, mas o mais importante, o símbolo que via sempre que buscava algo que o envolvesse.

— Aquele símbolo, é igual ao do seu livro!

— É o símbolo de casa, Adri!

Animado, ele correu até a madeira que separava a rua do que antes tinha sido a porta da casa. Ela algum dia tinha sido completamente branca, mas agora enormes trepadeiras tinham tomado conta de sua fachada, e árvores tinham crescido em seu interior, arrebentando o telhado de cerâmica. A porta tinha sido arrancada e no seu lugar, um grande pedaço de compensado, que foi movido por Damiani, entrando nas ruínas sem muitos rodeios. Algumas janelas de madeira tinham resistido, outras caíam aos pedaços. Adriana ficou parada ali, até que ele a puxasse para dentro.

— Melhor acender a luz do seu celular.

Mesmo que a iluminação artificial dos postes banhasse a entrada do ambiente, era impossível ver algo a mais. Adriana então buscou o celular na mochila e o apontou em direção ao interior do grande salão de entrada. Várias sombras emitiram aquele ganido irritante, correndo para a escuridão, como sempre faziam.

— Nossa Senhora!

— É, está realmente cheio delas aqui.

Grande parte do piso não existia mais, o que tinha sobrado estava tomado por sacos de lixo e embalagens vazias. O segundo andar não existia mais, e ao olhar para cima, conseguia ver toda a estrutura de madeira que tinha sobrado do telhado, as árvores estavam bem no meio de toda aquela bagunça, crescendo ali por tanto tempo, que mesmo no meio daquele caos proviam flores e folhas saudáveis.

— Tem certeza que é aqui? Não estou vendo nada de mais.

Ela apontou a luz para ele, que se incomodou, virando o rosto.

— Não preciso de luz, use ela para não pisar em nada, tem uma coisa que preciso te dar.

— Você me trás para uma construção abandonada e me diz essa frase.

Ouviu uma sonora risada, enquanto ele se deslocava para a sala ao lado.

— Eu adoraria, mas não é um bom momento.

— Vou guardar essas palavras!

Ela ouviu um som metálico, parecido com o que se escuta de lâminas se chocando umas contra as outras. O ruído voltou ao seu lado, mas em suas mãos, duas espadas brilhantes brilharam com a luz branca do celular. Eram espadas europeias, seu fio tinha um brilho prateado, e o seu punho e guarda-mão eram dourados, provavelmente de ouro. Bem na ponta de seu pomo, um cristal azulado estava incrustado, e assim que se aproximou, viu que várias pedras preciosas a decoravam.

— Damiani? O que são essas espadas?

— São espadas de prata da igreja católica.

O rapaz a entregou uma delas, que mal conseguiu segurar devido ao peso.

— Como você conseguiu isso? Não vai me dizer que roubou?!

— Oh, claro que não, eu falei com o Bispo, posso ser um pagão, mas não sou um ladrão.

Mais cedo

Naquele ambiente sagrado, não estava acontecendo nenhum rito, era cedo demais para o seu início, e não haviam muitas pessoas por ali que não os próprios clérigos e alguns homens e mulheres que rezavam de joelhos nos bancos de madeira, e assim continuaram. Sua estranha presença não os incomodou. Pensou em quanto tempo tinha visto aquele lugar de fora, e ao contemplar o seu redor, não conseguia tirar os seus olhos da beleza canônica de cada detalhe

daquele templo. Seus enormes quadros com pinturas clássicas, dispostas em nichos que se estendiam por toda a nave da igreja, as imagens religiosas adornadas em ouro e o teto curvo, sustentado por pilares gigantescos, que terminavam em bases perfeitamente quadradas trabalhadas.

Entrar ali era como entrar no céu, realmente, cada detalhe, cava capitel e cada moldura tinha sido minuciosamente esculpida, seja fosse de pedra ou madeira. Lembrou-se da primeira vez que viu aquele lugar, do lado de fora, é claro, naquela época era ainda mais surpreendente. Grande parte da cidade era pobre, e enquanto vários casebres de palha eram erguidas por numerosas famílias miseráveis não muito longe dali, aquela catedral tinha sido construída usando ouro como decoração.

Damiani seguiu bem ao centro na enorme nave, passando pelas fileiras de longos bancos de madeira escura e parando bem em frente ao altar, levou os olhos para uma cruz enorme que tinha sido disposta perfeitamente ao centro daquele ambiente, de modo que cada pessoa ali, seja fiel ou bispo, se lembrasse perfeitamente do preço de seus pecados.

— Tu não devias estar aqui.

Ele se virou bruscamente em direção a voz, e se surpreendeu com o velho padre da Catedral, o homem enrugado e de cabelos brancos curtos estava bem ao seu lado. Tinha surgido tão rápido que mesmo com os seus sentidos aguçados, não o tinha percebido ali.

— Sei muito bem disso, padre.

— O que faz aqui? Demônio.

O ruivo sorriu, olhando para a imagem a alguns metros dele, a grande cruz com a imagem do Deus humano morto era estranhamente desconfortável.

— Quanta falta de cortesia com um visitante... Não é a casa de Deus aberta para todos que precisarem de seu amor?

O Padre indicou o caminho a sua frente, e Damiani o seguiu, sem tirar o sorriso sarcástico do rosto.

— Ela é aberta... Mas para os que são humanos!

Sussurrou o religioso, indo em direção ao corredor de acesso às salas privadas.

— O que faz aqui? Achei que o acordo fosse bem claro.

— E ele é, eu preciso falar com o Bispo, assunto interessante ao conselho.

O Padre abriu uma das pesadas portas daquele corredor solenemente adornado, a iluminação era pouca, vinda das clarabóias e das velas dadas em homenagem aos santos. As paredes lisas em tons escuros davam ao ambiente um tom de terror que o fazia lembrar de casa.

— Irei chamá-lo, é de grande incômodo a sua presença aqui e não pretendo que se estenda ainda mais.

— Obrigado pela gentileza, Padre.

O homem suspirou de ódio, e saiu resmungando alguma coisa enquanto voltava pelo corredor. O conselho tinha o informado que ele estaria ali, e esperava que o sacerdote não dificultasse ainda mais as coisas para ambos os lados. Apesar de todo o seu treinamento, ele nunca tinha sido um bom diplomata. Demorou cerca de vinte minutos até que o idoso voltasse para o levar em encontro ao bispo, enquanto isso ele explorou o cômodo que tinha sido deixado, admirando o papel de parede de flores. Os móveis de mogno e o piso com um carpete vermelho empoeirado, tudo o deixava sufocado, e pensar em todas as batalhas entre a sua espécie e aquela instituição, deixava a situação ainda mais alarmante. Nos últimos séculos tinha se instaurado uma verdadeira guerra fria, e depois de milênios de embates, tinham decidido pela civilidade e instituir algumas regras.

— Qual seu nome mesmo?

Questionou o padre enquanto o levava para uma sala em anexo, de agressivo, ele agora parecia um pouco assustado.

— Meu nome verdadeiro não é pronunciável na sua língua, mas me chame de Damiani.

— Certo.

O homem engoliu a seco, ambos cruzaram por mais um daqueles corredores claustrofóbicos, a cada minuto que passava ali, senão a admiração pela arquitetura, crescia sua ansiedade para sair. O eclesiástico não tirava os olhos dele, tinha uma mistura de fascínio e repulsa em seus olhos marrons, provavelmente era a primeira vez que observava alguém como ele, e imaginava que não teria aquela visão novamente em sua vida.

— No mínimo, deve ser interessante ver um demônio, não?

— Não achei que fosse ver um de tão perto, confesso.

Os olhos de Damiani passaram pelos finos detalhes daquela decoração, era a primeira vez que entrava em um lugar daqueles, e assim como o padre, ele também estava curioso.

— Vocês conseguem ver a nossa forma verdadeira, acho interessante.

— Estudei sobre vocês por anos...

Disse o homem, parando para o analisar melhor.

— Eu também. Na minha cidade te consideram um demônio, sabia?

Chegaram ao fim do corredor, onde se localizava o gabinete daquela alta autoridade que geria alguns importantes recursos. O Padre que antes tinha ficado para trás, correu, seguindo a sua frente, e abrindo a porta.

O bispo estava de costas para a porta, olhando para alguma coisa em uma cristaleira, bem atrás de uma pesada escrivaninha recheada de vários objetos decorativos, livros e um computador, que era a coisa mais moderna naquele ambiente sacro. O homem era como se imaginava, alguém por volta de seus sessenta anos, alto, branco e com uma aura de poder que era difícil de se explicar.

— Vossa Excelência Reverendíssima. O... A pessoa, que lhe queria falar, está aqui.

O homem se virou, mantendo a postura rígida, aquilo o surpreendeu, já que diferente dos outros humanos, os clérigos podiam ver que ele era alguém bem mais assustador que a figura franzina e adolescente que se mostrava. Não era a primeira vez que se viam, o bispo já tinha estado na presença de muitos de seu povo, e quando ocorria algum acordo, era ele quem conversava com o representante deles naquela cidade.

— Imagino que deva ter sido uma situação de muita urgência para vir até aqui.

O Bispo se virou para o padre, que permaneceu parado à porta, preocupado.

— Já pode ir, Padre Batista, obrigado.

Seus olhos foram de encontro aos olhos amarelos de Damiani, e com um certo tom de ameaça, deixou a sala.

— Bom, sinto por não ter convocado uma reunião com antecedência, Vossa Excelência.

— Poupe-me de sua falsa cordialidade, Atravessador, sei muito bem de seus pensamentos contra mim e esta santíssima igreja.

O ruivo andou até a cadeira em frente a sua escrivaninha, e puxou o móvel para se sentar.

— Digo o mesmo, inclusive sobre a estaca de prata que estas escondendo entre a batina.

O bispo sorriu, o fazendo companhia, e se sentou na cadeira alta forrada em veludo vermelho, bem à sua frente.

— É uma honra ter um de vocês aqui, são tão raros.

— A honra é minha, Bispo. Mas sinto que irei direto ao ponto, preciso das espadas de prata.

Ele suspirou, como se ouvisse uma enorme bobagem.

— Outra escolhida? Espero que não seja católica.

O garoto não conteve uma risada, o clima tenso de antes se dissolvia aos poucos.

— Bom, eu nunca fiz isso, como deves saber, então conto com a sua colaboração.

O bispo se levantou, dando alguns passos pelo chão de madeira, preocupado.

— Sabe das consequências se falhar, ou ainda pior, despertar a criatura maior?

— Não vai acontecer, tenho me preparado para isso por décadas, sei que consequências catastróficas podem vir se eu não for cuidadoso o suficiente.

O bispo concordou, e embora estivesse excitante, não tinha muita opção, já sabia que tudo aquilo teria que acontecer e que a criatura, por mais demoníaca que fosse, tinha esperado muitos anos até aquele momento.

— Que assim seja, então.

De volta as ruínas

— Segure firme, vou precisar que você tenha muita coragem para o que virá a seguir.

Adriana segurou a espada firme entre suas mãos magras, a erguendo bem em frente ao seu corpo. Um olhar de cumplicidade foi trocado pelos dois, e ela o seguiu até a parte de trás da casa, passando por vários cômodos destruídos.

— O que era esse lugar?

— Um prédio público, construído bem em cima da passagem, afastaria suspeitas.

Chegaram ao que antes deveria ter sido uma cozinha, o piso de ladrilho era parecido com o de sua casa, a lua tinha aparecido de volta, e conseguia ver que raios finos cruzavam do teto até o chão, passando por entre plantas trepadeiras que tinham crescido sobre as estruturas de madeira. Adriana temia pela fragilidade que denotava daquele lugar, as paredes eram tão velhas que pareciam que caíam sobre ela a qualquer momento. Algumas delas ainda estavam pintadas com alguma massa corrida branca, manchada por pichações e lixo, nas outras conseguia ver os tijolos maciços crus, que não eram mais usados atualmente.

Damiani tinha parado ao lado de uma parede que tinha algumas inscrições bem antigas em uma placa de bronze, que não sabia como não havia sido roubada daquele lugar. A placa tinha alguns símbolos e ele pediu que ela se afastasse indicando o chão abaixo de seus pés com a ponta dos dedos, e com a outra, empurrou a placa contra a parede, que afundou como se fosse um botão.

— Revele o segredo dessa cidade, revele a besta que mora abaixo dos meus pés, revele as catacumbas, releve a passagem para o paraíso!

A sua voz ecoava por todas as paredes decadentes daquele ambiente. Adriana correu para a porta, tinha se assustado com a luz brilhante e violeta que havia surgido em um quadrado perfeito bem abaixo de onde ela estava. Quando ele parou de recitar aquelas palavras uma passagem surgiu.

— Aqui está o nosso caminho.

Ela se aproximou receosamente e olhou em direção àquela passagem que havia se formado. Conseguia ver dali uma escada de pedra que seguia até uma escuridão infindável. Apontou a lanterna do celular, que naquele ponto, já estava com a bateria fraca, em direção ao caminho que seguiriam, mas algumas sombras gritaram, fugindo em todas as direções e voltando para o seu lar que era a escuridão.

O ruivo seguiu na frente e começou a descer as escadas que de tanto limo e umidade pareciam extremamente perigosas, e seus sapatos escorregavam um pouco a cada passo que dava. Era um bom caminho até embaixo e o garoto teve de que pegar na mão de Adriana para que ela conseguisse o acompanhar. Todo aquele tempo que estavam juntos ali, já fazia com que ela tivesse perdido parte do medo, e corajosamente descesse pelo corredor estreito. Assim que chegaram ao final, depois de alguns minutos de descida, puderam um arco e um corredor bem maior, todo em pedra. Ela se recordou que já tinha estado naquele lugar, era o mesmo lugar de seus sonhos, o mesmo em que Vivienne tinha sido levada por seu amado.

— Você não vai acreditar em mim, mas eu sonhei com esse lugar!

Damiani sorriu, satisfeito, mas logo ignorou sua frase, andando até um pequeno suporte de tocha bem na entrada daquele lugar. Era em ferro trabalhado em curvas, e tinha uma tora de madeira embebida em óleo em sua ponta. O garoto foi até ele e o acendeu pegando a tocha antiga em suas mãos e ao puxar um isqueiro do bolso, o acendeu. Assim Adriana pode desligar o celular, que naquele lugar não tinha nenhum sinal, e com a luz das chamas finalmente conseguiu ver o ambiente com mais detalhes.

Pelo tempo que levaram descendo as escadas, deviam estar bem abaixo da casa caindo aos pedaços, mais de vinte metros, com toda certeza. Seguiram em frente, e o tempo todo ouviam os sons das sombras correndo pela escuridão, lá elas se revelavam ainda mais, dançando na penumbra provocada pela luz do fogo.

— Devem fazer séculos que alguém não pisa nesse lugar...

— Eu sei que a última vez foi há uns quarenta anos, fazendo o mesmo que nós.

— Então alguém já fez esse caminho antes?

— Sim, fazem a séculos, se quiser, eu posso te contar melhor a história desse lugar todo.

Chegaram a bifurcação de seu sonho, e de mesmo modo, havia a inscrição bem acima dela.

— Um grande perigo guarda a passagem para o paraíso.

Ela sussurrou, olhando para as letras gravadas na placa de pedra.

— Como sabe ler isso?

— No meu sonho... Eu sonhei com isso, preciso te contar melhor depois.

Ele balançou a cabeça, iluminando a passagem a direita.

— É por aqui.

Adriana deu uma breve olhada no caminho oposto, não parecia ter nada, acabando em uma parede de pedra a alguns metros.

— É muito longe?

Chegaram até aquela nova extensão dos túneis, nele as paredes tinham um tom cinza esverdeado e as pedras que compunham um aglomerado de barro e substrato, seguiam a metros acima de suas cabeças, formando um enorme e arco no teto, que parecia ser sustentado por si mesmo.

— Bom, um pouco.

Não via nenhuma coluna do chão até o piso em pedra lisa nem corredor nas laterais, o que fazia com que seguir em frente fosse a única opção do jovem casal. Ela tinha tantas perguntas e aquela agonia da dúvida permanecia a mesma desde que se conheceram.

— Estamos indo atrás da criatura, certo?

— Sim e agora que estamos aqui, acho que é a hora perfeita para eu te contar sobre este lugar.

A galeria fazia com que sua voz se ampliasse, e mesmo com as sombras fazendo barulhos para os afugentar, sua voz se destacava no ambiente como um cantor em frente a uma grande plateia.

— Essa cidade é nova se comparado ao mundo... Bem mais nova que a minha casa ou os grandes impérios humanos do passado. Mas antes mesmo que as primeiras igrejas e fortes fossem instaurados às margens da baía do Guajará, já havia um povo aqui, um povo de grande sabedoria, temido até mesmo pelos outros nativos.

— Por que eram tão temidos?

— Segundo os outros, eles tinham envolvimento com os espíritos da noite, eram servos dos filhos do Jurupari.

Adriana observando aquele lugar, e com os espectros que dançavam ao seu redor, sentiu um frio percorrer a sua espinha, agarrando ainda mais forte a espada que ele havia dado.

— Assim mesmo os povos tentaram coexistir, sabiam do grande poder da tribo dos adoradores do mal genuíno, então evitavam qualquer conflito. As coisas mudaram quando os homens brancos chegaram, eles tinham muitas coisas e uma delas era uma nova divindade, uma que abominava todos os que não se curvassem a ele.

— Eram os católicos?

Damiani sibilou, levando os seus dedos para cima, em direção à cidade.

— Eles eram bem mais do que isso, eram colonizadores, verdadeiros tiranos, que ao saberem que havia um povo na floresta que adorava o que agora se chamava de diabo, uniram suas tropas e os recém-convertidos e partiram rumo à tribo deles. Quando chegaram confirmaram suas suspeitas, tudo neles era assustador, desde suas casas pontiagudas, feitas de madeira escura e construídas de modo que jamais tinham visto naquela região, até objetos estranhos, vidros finos demais para serem feitos de forma natural, estátuas pagãs e inscritos com adoração ao mal.

Furiosos, eles mataram cada um dos moradores, seu pajé e até mesmo as crianças, tão rápido e com tanto furor que nem mesmo os deuses da noite puderam ajudá-los. Colocaram fogo em suas moradias e destruíram tudo que fosse possível, não queriam jamais que aquela civilização fosse lembrada.

— Que horror!

Exclamou Adriana, enquanto continuavam a andar por aquele longo corredor centenário, nada mudou além de que agora, gotas caíam do teto e ouviam algum tremor acima de suas cabeças.

— Mas nem tudo foi destruído, bem abaixo da cidade da tribo, quando as chamas cessaram, havia uma passagem, uma galeria de catacumbas de pedra, de tamanho e com uma técnica de construção surpreendentes à época. Naquele lugar se escondiam as mais temidas criaturas e fantasmas obscuros. Uma expedição foi enviada primeiro para ver o que havia lá dentro, mas jamais retornou. Mesmo receosos, enviaram uma segunda expedição para buscar as pessoas da primeira. Dos seis que entraram, somente dois retornaram, desesperados e cheios de queimaduras pelo corpo. Afirmavam que havia um enorme monstro que se escondia ali, uma cobra demoníaca que tinha a cabeça e o corpo cobertos de chamas e enormes olhos, cuja aparência poderia enlouquecer até o mais sã dos homens. “É o Boitatá!” disse um dos nativos, e lhes contou sobre espírito que queimava seus inimigos e confundia os caçadores.

Adriana parou, bem no meio do corredor, temendo onde aquela história iria parar.

— Se eu estou entendendo... Nós estamos indo enfrentar essa criatura?!

— Bom já que você resume assim, sim.

Adriana virou-se de costas para o caminho que estava indo, e preparou-se para correr de volta até a saída.

— Você é louco? Eu não vou fazer isso!

Damiani foi atrás dela, a segurando pelo braço.

— Você não vai deixar eu terminar a história?

— Pois bem... — Disse Adriana enquanto tentava se acalmar. — Continue sua história.

O ruivo a ignorou e continuou a andar corredor a dentro, enquanto falava sua história em um tom alto, como se quisesse que todas as criaturas daquele lugar a ouvissem.

— Depois de algum tempo, os religiosos locais decidiram pedir apoio ao mais alto clero, e por cartas, foi dito que deveriam forjar duas espadas de prata, e assim fizeram, usando os melhores minérios e as riquezas que tinham trazido consigo. Aquelas espadas gêmeas, então, foram abençoadas por dias de oração, e tendo por última esperança os sobreviventes que já conheciam os perigos daquelas catacumbas. Eles retornaram, dando fim a monstruosidade, que em seu leito de morte despejou sobre a terra um sangue verde com o fedor do próprio inferno. Para evitar que mais pessoas conhecessem os perigos daquele lugar, construíram sobre ele uma fortaleza, que foi selada com magia divina, e sobre a localização da morte do enorme cobra, uma catedral, alguns séculos depois.

— Eu já ouvi essa história sobre a catedral, mas não entendi, se a cobra está morta, o que nós estamos fazendo aqui?

Ele suspirou, irritado com o fato de ele não ter lido sua história entre as entrelinhas.

— Os espíritos não morrem, Adriana, no máximo se apagam, por pouco tempo.

Ela levou os olhos para a lâmina prateada em sua mão.

— Então nós vamos enfrentar uma cobra de fogo gigante... E assassina?

— Bom tecnicamente, “nós” não iremos. Você só veio comigo porque é uma das regras do conselho, quem irá enfrentar a criatura serei eu.

— Que conselho é esse? Você já falou sobre ele antes.

— O conselho é o que rege o que eu posso ou não fazer neste mundo, ou que eu posso ou não falar.

Ele ergueu a espada até perto de seus olhos, encarando a lâmina brilhante.

— Não se preocupe, eu ficarei bem, me aguarde do lado de fora e eu trarei o sangue no pote que está em minha mochila.

Explicava porque ela parecia tão cheia.

— Você tem certeza que quer fazer isso?

Ele sorriu, tirando uma das mechas cacheadas da frente de seus olhos.

— Tenho, mas se eu não voltar, você volta para casa, sem interferir!

Adriana não sabia o que responder, mas a mínima possibilidade de perdê-lo a fez entrar em um desespero tão grande que ela agarrou seu braço, com lágrimas nos olhos.

— Damiani você... Você realmente precisa fazer isso?

Ele fechou os olhos lentamente, não parecia desesperado, na verdade, estava bem confiante e não queria que ela, de nenhum modo, fizesse alguma loucura para tentar ajudá-lo. Ele porém, mesmo com sua confiança, sentia uma pontada de medo que corroía a sua barriga e fazia com que sua respiração se alterasse. Ele sabia que não era um espírito da floresta como a cobra Boitatá, ele podia morrer, assim como qualquer humano tão frágil que cruzava seus caminhos sem saber quem ele realmente era. Pensando assim, nem mesmo sabia a sua amada, que agarrava seu braço com a feição pálida e preocupada. Ele esperava que ela ainda o amasse ao saber quem ele realmente era e não o julgasse por sua aparência como as pessoas de sua fé. Ele

não era uma criatura má, embora o único amor que havia restado por aquela sociedade estivesse bem à sua frente.

— Eu preciso... — Sussurrou enquanto a puxava para si. — Mas prometo que vou conseguir... Por você.

— Eu confesso que não entendo toda essa situação direito... Mas saiba que estou feliz por todo o seu esforço por mim.

— Eu te amo, Adriana, faria qualquer coisa para ficarmos juntos.

Adriana o puxou em seu abraço, seus lábios encontraram os dele suavemente, uma cena romântica no lugar mais inadequado que poderia pensar.

— Eu também te amo, Dami.

— Então vamos seguir em frente, temos um Boitatá para enfrentar!

Os dois andaram em frente por quase uma hora, seguindo silenciosamente naquele ambiente úmido e assustador. Adriana não fez mais perguntas, parecia aterrorizada demais para perturbá-lo com mais curiosidade. Ao invés disso, ela fazia relações de acontecimentos em sua cabeça. Seus sonhos talvez fossem visões do passado e a civilização que Vivienne, a amiga de seu avô, estudava era aquela que tinha sido morta pelos colonizadores. Ela só não conseguia compreender o que aquilo tinha a ver com ela, seria só pelo seu relacionamento com Damiani? Era por morar onde havia sido a casa de Vivienne? Ou um conjunto de todas aquelas situações?

Talvez ela não saberia nunca, todas as informações pareciam um caos tão belo de fatos que nem mesmo a antiga magia que ela estava convivendo seria capaz de responder.

O longo trajeto que fizeram terminou com a gradual diminuição do pé direito do túnel, que se fechou como um funil de tijolos maciços em direção a um arco perfeito, curvado em um portal de acesso a outra sala. Em sua entrada havia uma outra inscrição em uma pedra, esta que ela não foi capaz de compreender.

— Andamos por quase uma hora... Parece que atravessamos a cidade inteira.

— E realmente andamos, estamos a muitos metros abaixo da Basílica de Nazaré.

A garota observava a grande entrada, mas não conseguia ver nada, uma escuridão cobria o lugar, e com medo, se mantiveram a alguns metros dali.

— Nossa! Então realmente havia uma cobra!

O ruivo sorriu, tirando a mochila das costas e a jogando sobre o chão próximo aos seus pés.

— Espere aqui, assim que eu terminar lá, vou voltar para pegar o pote.

Ele puxou os punhos do casaco para baixo respirando fundo enquanto olhava para entrada. Estava nervoso, tinha se preparado para aquele momento por anos, mas sabia que a realidade era surpreendente e perigosa. Aquele monstro tinha destruído muitos antes dele, inclusive alguns atravessadores. Ele se virou para ela, tocando sua mão e a guiando até o seu rosto, sentindo a pele macia contra a sua, e respirando seu cheiro adocicado.

— Não importa o que você ouça, não entre lá, você pode realmente morrer. Caso algo aconteça, corra o mais rápido que você conseguir de volta pelo corredor, fique perto das paredes e suba de volta pelas escadas, a porta vai se fechar quando você chegar na superfície.

Ele deu um leve beijo em sua mão, e a entregou a tocha.

— Por favor... Tenha cuidado! E não morra!

Adriana assentiu, e assim que o garoto estava prestes a entrar no recinto, ela gritou.

— Espera, tenho uma coisa.

Correu até a sua bolsa, e do lado de sua mochila, pegou o spray de pimenta que tinha apontado para ele na primeira vez que se viram.

— Eu sei que é inútil, mas... Leve com você.

Ele sorriu, sabia o quanto aquele frasco significava para ela, era quase como um símbolo sagrado.

— Obrigado.

Disse ao colocar o frasco no bolso de trás de sua calça jeans, e caminhar firmemente a sua frente, adentrando a escuridão.

O portal deu acesso a uma enorme sala ligeiramente ovalada, três de suas paredes eram feitas da mesma pedra acinzentada pincelada por musgo verde úmido que se via em todo o percurso anterior, sendo elas a de onde havia vindo e as duas laterais. Era tão alta que deveria ser do tamanho de um pequeno prédio. Nem mesmo ele enxergava bem naquele ambiente, que estava envolvido por magia violeta, a mesma que pulsava por suas veias e tinha origem no coração de sua terra natal.

A parede a sua frente era o que se diferia ali, uma superfície levemente esverdeada que se fosse olhada mais de perto se assemelhava enormes escamas de um tom brilhante, apertou o cabo da espada mais firme dando alguns passos a frente. Um som crocante soou debaixo de seus pés, e ao olhar para baixo viu que centenas de ossadas estavam espalhadas por todo o piso do enorme salão, pareciam também ter sido esmagadas até que deles só restassem fragmentos, formando cerca de um metro de altura de cadáveres.

A aura violeta lentamente se desfez diante de seus olhos e ele começou a enxergar um ambiente com maior clareza conforme a luz se dissipou. Quase imediatamente de uma fenda ao chão, o fim da magia despertou uma figura que outrora estava escondida na escuridão. Seus múltiplos olhos se abriram, em íris tão amarelas quanto as dele, brilhando em um olhar assassino. Aqueles olhos se estendiam desde sua cabeça achatada até seu corpo longínquo, terminando perto de sua cauda afiada.

Suas escamas eram de um verde marinho e ao redor de cada olho, uma chama de fogo azulado era expelido em uma linha reta, seguindo até o topo de sua cabeça, onde uma labareda mais alta tremulava em um formato circular, irradiando com mais força a cada movimento que fazia

O ruivo correu, pulando contra a parede ao seu lado e tomando impulso, batendo seus pés contra a pedra, enquanto mantinha suas mãos firmemente agarradas à espada. Fez a primeira investida contra a monstruosidade pulando sobre ela e tentando acertar seu corpo com um golpe. A serpente, em um rápido movimento, se desviou, movendo seu pesado corpo contra as ossadas a alguns metros de onde estava. Os olhos de sua cabeça se tornaram puro fogo e expeliram uma chama de cor alaranjada em sua direção, ele teve de rolar na direção contrária para escapar delas, caindo no chão ao meio dos corpos.

— Tu podes facilitar para nós dois, monstro!

Gritou Damiani em direção à criatura, que sibilou, se contorcendo em um bote para o abocanhar. Seus vários olhos o fitavam, tendo em suas finas pupilas negras, nada mais do que ódio genuíno. Sempre acompanhando o seu corpo, tentando prever qualquer movimento que ele tentasse fazer.

Naqueles poucos segundos que ele tinha para pensar antes que a cauda do animal, que deveria ser alguns metros maior do que ele, o atingisse, levou seus olhos até o centro da sala, onde viu que havia alguns pedestais. Pareciam ter sido colunas de alguma estrutura antiga que tinha sido destruída, e em um movimento rápido arrastou-se entre os corpos, escapando de uma abocanhada que atingiu a parede, fazendo um barulho absurdo.

O Boitatá se zangava a cada golpe que errava, soltando labaredas pelas ventas e se contorcendo sobre o chão, de onde estava. Viu que o animal vinha em sua direção com toda a velocidade, arrastando sua barriga imensa sobre a montanha de ossos e usando sua língua para buscar rastros de sua presa entre as que já tinham sido vitimadas antes. Enquanto fugia, Damiani

olhou brevemente para cima e se deparou com a boca aberta da serpente, nela haviam centenas de dentes pontiagudos e de suas presas escorria um veneno ácido, algumas daquelas gotas escorrem, atingindo um esqueleto bem ao seu lado, que imediatamente começou a derreter.

— Que merda!

Ele xingou, desesperado pela cena que tinha acabado de ver. Sabia que a criatura ainda não tinha o encontrado, mas era uma questão de tempo. Fechou seus olhos e tocou seus punhos com a ponta de seus dedos, era difícil se concentrar naquela situação. Visualizou a energia violeta que o acompanhava o cobrindo, e seu corpo lentamente foi perdendo a cor. Era a mesma habilidade de invisibilidade que sempre usava para sumir na frente de Adriana, ou a acompanhar até em casa em alguns encontros. Já naquela forma, ele levou as mãos até o zíper de seu casaco, e ao tirá-lo, o arremessou com toda a força para o mais longe possível.

Sua estratégia funcionou, e ao sentir o seu cheiro, o Boitatá se moveu em direção ao casaco. Notando essa oportunidade, Damiani pulou do meio dos corpos, se impulsionando na coluna mais próxima, e alçando vôo em direção a pele esverdeada que se estendia a metros abaixo de si. Ele jogou seus braços para trás e ergueu a lâmina com toda a força que tinha, acertando um golpe em cheio no meio das costas da serpente, cegando um de seus olhos e abrindo um profundo corte em sua pele.

A monstruosidade emitiu um grito horrendo, e se debateu contra as paredes. Seus movimentos levantaram uma grande quantidade de poeira e jogaram ossadas em todas as direções. Então, puxando a espada de sua pele, ele correu pelo lado de suas costas, pisando sobre seus olhos e observando as labaredas de fogo que ardiam em chamas infinitas provindas de fendas por seu corpo. Escalando suas escamas, cravou a espada em um de seus olhos, tentando subir até a sua cabeça, sabia que o único modo de detê-la era com um golpe certo que a deceparia.

Sua tentativa deu errado, o monstro se sacudiu e com a ponta de seu rabo, o jogou com toda a força contra uma das pilastras, onde bateu de costas, partindo o gesso que o formava, e derrubando vários de seus pedaços no chão, junto ao seu corpo. O Boitatá achou que o tinha matado, uma dor excruciante vinha de seu peito e por quase um minuto, ele não conseguiu se mover, desnortado pelo impacto e pela dor que não permitia que ele conseguisse pensar, também tinha se tornado visível, e estava sem condições de se concentrar para voltar ao rito da invisibilidade.

— Curar!

Disse ao levar a mão até o seu peito, e o apertar para baixo.

— Curar!

Ele gritava, até que sua magia fizesse a dor se tornar suportável, mas ainda presente, tanto que teve de se arrastar para longe, se afastando dos pedaços de gesso que tinha quebrado com o impacto de seu próprio corpo. Voltou a se esconder entre os ossos. Naquele ponto, sabia que peças de roupa não iriam mais enganar o seu oponente e tinha que pensar bem rápido em alguma solução antes que fosse devorado. A criatura se aproximava bem rápido, e ao ouvir o som pesado que seu corpo fazia contra o solo, achou que fosse ser seu fim.

Sentiu uma fina gota de água acertar o seu rosto, como se tivesse respingado de uma certa distância. Ele se levantou de seu esconderijo, e todas aqueles olhos rodeados por fogo se direcionaram para ele. Um outro som horrível saiu de sua boca peçonhenta e as chamas de seu corpo arderam ainda mais forte. Ele correu, indo até a fonte da água que tinha sentido, que tinha origem por trás de uma das pedras da parede, a uns três metros acima dele. De lá escorria uma fonte, que era impedida de seguir seu fluxo por uma grande rocha cinzenta, fazendo com que cascatas escorressem ao seu lado, escapando em jatos pela pressão da água.

— Vamos, seu animal estúpido!

O Boitatá rumava atrás dele, tomado por fúria, e destruindo tudo que estava em seu caminho. Assim que estavam bem perto da fonte, Damiani pulou, com o que restava de suas forças, e cravou a espada na rocha que tinha visto, mas não antes de ser agarrado pela cauda musculosa, que o arrastou para trás, tentando puxá-lo em direção a sua boca e suas narinas fumegantes. Com a força, a rocha se deslocou, fazendo com que um forte jato de água jorrasse acima do ruivo e da própria cobra flamejante, que gritou de dor. Seu fogo se apagou, assim como grande parte de seu poder.

— Me solta!

Ele gritou, já sem a espada, preso pela cauda do animal contra o chão.

— Jamais! Atravessador insolente!

Bradou o Boitatá, com uma voz tão poderosa, que fez tremer as estruturas ao seu redor.

— Não precisa ser assim, só me deixe te sangrar e eu vou embora!

— JAMAIS! Vai pagar por sua insolência, nem que seja a última coisa que eu faça!

Sua espada tinha ficado cravada na pedra, ele sabia que sem ela não seria capaz de nada, só aquela lâmina tinha o poder de ferir aquele monstro.

Seu corpo começou a ser esmagado, seus ossos eram comprimidos pelo seu abraço mortal e ele gritava de dor. Tendo como última alternativa, abrir sua bocarra, revelando seus múltiplos dentes pontiagudos, tão sinistros quanto os de seu agressor, os cravando na pele da serpente e sorvendo seu sangue amargo. Sabia que aquilo não o machucaria em quase nada, e em comparação ao seu tamanho e a dor que suportava, em poucos minutos, ele estaria morto.

Do lado de fora do salão, Adriana andava de um lado para o outro, balançando a lâmina que tinha em sua posse. Ficar parada ali estava sendo insuportável, odiava a sensação de ser inútil, mas se o Boitatá fosse como dizia a lenda, ela compreendia as razões de ele querer enfrentá-lo sozinho. Seu desespero aumentava a cada som que ouvia do lado de dentro, mas quando os gritos de Damiani começaram a ser mais constantes, e uma discussão de vozes estrondosas ecoou pelas paredes de rocha, sentiu o chão abaixo de seus pés tremerem pelo timbre poderoso.

— Não aguento mais isso! Que se dane!

Se fosse para morrer, ela sempre pensou que seria de maneira corajosa, e ajudando alguém que amava. Jogou a mochila de suas costas no chão, junto da dele, e ergueu sua espada, correndo em direção ao portal de acesso.

— Não seja estúpido, atravessador! Suas mordidas não são nada para mim!

Damiani o soltou, não tinha mais forças para isso, sua vista pesava, ficando cada vez mais turva. Observava que todos aqueles olhos o encaravam, se regozijando com a sua agonia antes da morte. Os braços que usava, com toda a força, para afastar parte de seu corpo do abraço da serpente se enfraqueciam, e ele perdia os sentidos lentamente.

Seus olhos se fecharam, tinha a certeza que tinha lutado bravamente, como mandava a filosofia de seu povo. Pensou em seus pais, e que ao menos, tinha beijado sua amada uma última vez naquela vida.

— Morra!

Damiani reconheceu a voz de imediato. Adriana tinha se esgueirado até ali, e percebendo que a serpente tinha toda a atenção de seus vários olhos para o seu namorado, ergueu sua espada em um forte golpe nas escamas de suas costas. Sua força era pouca, mas diferente do ruivo, ela tinha fé, a mesma fé dos homens que tinham temperado aquela lâmina.

O grande ferimento jorrou sangue verde sobre ela, a banhando com um péssimo odor de enxofre e sangue pegajoso. Com a dor provocada, o Boitatá soltou Damiani, que conseguiu pular para a espada cravada na parede. A serpente se virou, e cruzou seus olhos com a

pequenina adolescente atrás de si. Sua presença a fez recordar de todo o seu ódio dos humanos, eles a tinham perseguido por séculos, destruído suas florestas, e por fim, impedido que ela conseguisse mais vítimas a atraindo e a aprisionando naquele lugar por séculos. A matando e a revivendo para sempre. A tribo perdida tinha usado magia violeta para selar todo aquele lugar, e com seu sangue faziam rituais para ter contato com os seus Deuses da escuridão.

A bocarra, com suas centenas de dentes, se abriu, pronta para devorá-la. A garota, que gritava, se encolheu, se abaixando onde estava, com as mãos sobre a cabeça.

Damiani puxou a espada, que saiu com grande dificuldade da parede, suja de lama e areia, e em um golpe inesperado usou suas pernas para se impulsionar para frente, pulou sobre a cabeça da cobra e, com um único golpe, a decepou.

Ela estava a poucos metros de morder a garota, que pulou para o lado oposto. A cabeça rolou, caindo a alguns metros e se chocando contra a parede esverdeada de escamas. Aquilo fez com que ela se movimentasse levemente, movimento esse que foi o suficiente para que sentissem a cidade inteira tremer acima deles.

— Dami! O que é isso?!

— Eu não sei, e não quero ficar aqui para descobrir.

A desolação de Yan

— Eu ainda não acredito no que fizemos!

Exclamou Adriana enquanto saltitava pelas ruas da Cidade Velha. Carregava em seus braços a mochila que tinha levado, e dentro dela, tinham enchido até o topo, um pote com o sangue do Boitatá. Aquele líquido tinha tomado uma tonalidade incrível, um verde água esverdeado que parecia com uma tinta perolada. O ruivo andava ao seu lado, estavam sujos de terra e com aquele sangue pegajoso da criatura, os cabelos negros de Adriana estavam molhados, caindo sobre o seu rosto, e ela torcia para que ninguém os fizesse nenhuma pergunta no caminho.

— Eu deveria continuar brigando com você por ter interferido... Mas sabe, eu estou orgulhoso, você é ainda mais corajosa do que eu pensava.

— Se eu não fosse corajosa, eu teria fugido assim que soube que você não era humano.

Ele deu uma risada, e estava feliz, embora ainda sentisse muitas dores, que deveriam melhorar até o fim do dia. Ele não conseguia parar de pensar, que se não fosse por ela, ele estaria morto.

— Conseguimos tudo que eu precisava... Isso merece uma comemoração, hoje a noite, vou te levar para jantar.

— Parece ótimo! - Ela respondeu com um sorriso. — Fiquei com tanto medo de te perder.

Ele a abraçou meio de lado, pois estava carregando muitas coisas para conseguir ter um contato melhor, espadas, mochilas, potes... Parecia que tinham ido acampar no meio da cidade. Os primeiros raios de sol surgiram no horizonte entre as mangueiras, tinham de correr, esperava que sua avó ainda estivesse dormindo e não notasse o forte cheiro de enxofre que parecia ter impregnado a sua pele.

— Espero que sua avó não acorde.

— Bom, geralmente ela acorda lá para às seis e meia, sete horas, acho que devem ser umas seis.

Algumas pessoas que passavam indo para o trabalho ou para feira do Ver-o-Peso, que não era muito longe dali, os encaravam com susto e preocupação. “Deve ter sido uma festa bem louca”. Pensou uma senhorinha que atravessou a rua na direção contrária.

— Qual foi a escala que você acha que aquele tremor atingiu?

O ruivo riu, ele segurava as espadas a tiracolo, tinham-nas coberto com um pano preto, ela imaginava o quanto aquelas peças deveriam valer.

— Acho que a cidade toda sentiu... na verdade, Adriana, acho que a parede que vimos não era uma parede.

— Uma parte da cobra grande?

— Provavelmente, nós demos fim a um Boitatá. A parede era parte da pele da verdadeira cobra grande. Nosso incômodo fez com que ela se mexesse.

Dizia a lenda, que no dia que não houvesse círio, ela despertaria.

— Bom que não acordou, ao menos.

A luz do sol começava a banhar os sobrados coloniais conforme seguiam pela rua. O piso de blocos de pedra sabão era tomado de uma iluminação prateada, um belo cenário, bem como uma calmaria depois de uma tempestade.

— Não sei se quero ir para a escola, estou exausta, e ainda tem aquele idiota!

Damiani virou o rosto em sua direção, curioso.

— Que idiota?

— Yan... É quem lidera o grupo que faz *bullying* comigo desde que entrei na escola, agora com Beatriz também.

Lembrou-se que tinha dito para ele não se envolver, ela não queria que seus problemas pessoais interferissem em seu relacionamento. Seu namorado, com sua elegância, sua inteligência e toda a magia que tinha apresentado recentemente, era uma escapatória, uma fuga dos problemas que tinha em casa, na escola e consigo mesma.

— Eu só não queria te envolver nisso, mas as coisas estão beirando o absurdo, ele está ameaçando a Beatriz, ela e a namorada até tiveram que sair de casa.

— Como assim? Achei que ele fosse só um moleque do ensino médio. Com que autoridade ele ameaça alguém?

Adriana suspirou, se lembrando de todos os ataques que já tinha sofrido.

— Olha, eu também achava isso, mas parece que o irmão dele é envolvido com tráfico, por isso que ele faz todas essas coisas e fica impune, as pessoas têm medo.

O rosto de seu namorado enrubescou e o tom de sua voz mudou para um grave, pensativo.

— Posso dar um jeito nisso, um susto, se você quiser.

— Não... Estava pensando em desmarcará-lo para diretora. Tenho algumas provas do que ele tem feito, acho que não seria burro de fazer algo com tantas testemunhas contra ele

Damiani permaneceu sério, e instantaneamente, ela temeu as consequências de ter contado aquilo para ele.

— Bom... Se você acha isso mesmo... Mas é bom que ele não te machuque, pro bem dele.

Logo, ambos chegaram à rua de sua casa, observando a inclinação de blocos de dava para a porta da casa amarela que ela morava.

— Adriana, eu serei sincero, é bom que essa situação se resolva, não quero perder o meu controle.

— O que você vai fazer?

Ele tocou sua mão, olhando no fundo de seus olhos

— Neste mundo... Eu tenho muito mais poder do que no meu, tanto que posso perder parte do controle que me esforço verdadeiramente para manter... Bom esqueça, fique bem, boa sorte com sua avó, nós dois nos vemos mais tarde, tenho que voltar a igreja.

Ele falou de maneira confusa, e já tinham chegado na frente de sua casa. Adriana buscou a chave da porta em sua bolsa e por algum motivo, o sangue que tinha respingado nela tinha evaporado, restando somente o que estava em sua pele e no pote de vidro. Seus dedos escorregavam na chave de ferro antigo que ela, com dificuldade, usou para abrir a porta.

— Adriana!

— Oi? — Disse ao se virar em direção aos seus olhos, que naquele brilho de início de manhã, tinham a mesma cor da luz do sol. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Antes que eu me esqueça. — Ele tirou o spray de pimenta do bolso de trás da calça, o colocando do lado de sua mochila.

— Já ia esquecendo disso.

Adriana sorriu, e abriu a porta lentamente. Viu que Damiani continuou de pé ao lado de fora, guardando a sua entrada. Seus pés fizeram um som gosmento ao tocarem o piso de madeira

e ela minuciosamente verificou o ambiente antes de entrar, fechando a porta atrás de si. Ela passou pela frente do quarto de sua avó e verificou que ela ainda dormia, então correu nas pontas dos pés até o seu quarto, onde largou a mochila sobre a cama e pegou seu uniforme em direção ao banheiro, onde demorou muitos minutos para tirar o cheiro de enxofre da sua pele.

Dores musculares e uma dor de cabeça pulsante era o resultado daquela noite, estava cansada, mas caso não fosse para a escola sabia que levantaria muito mais suspeitas, também tinha que conversar com Beatriz, pois estava determinada a entregar Yan para a diretora antes que algo mais grave acontecesse.

Saiu do banheiro, enxugando os seus cabelos, e já com o uniforme, por sorte tinha conseguido tirar aquele cheiro completamente.

— Bom dia.

Disse Adriana, andando por trás de sua avó em direção ao seu quarto.

— Pode parar aí, eu sei que você fugiu de madrugada!

Gritou Alessandra, em um tom bem sério, a garota paralisou onde estava.

— Você acha que eu sou idiota garota? Eu já tive a sua idade!

— Ah vó, eu nem sei o que dizer.

A mulher suspirou, batendo os punhos contra o balcão.

— Quer saber? Está de castigo! E não te quero mais com esse garoto.

Adriana pensava no que dizer, mas sabia que sua avó tinha razão em estar tão furiosa com ela, por outro lado ela não tinha nenhuma desculpa plausível, tendo por única reação, um suspiro de tristeza.

— E nem pense em desobedecer, sou velha demais para perder meu tempo com você.

— Eu sei que você não quer que eu esteja na sua casa, tanto quanto eu não quero estar aqui.

Sua avó geralmente não era confrontada e a resposta de sua neta a encheu de furor.

— Eu não quero ser obrigada a morar com uma prostituta!

— É isso mesmo que você pensa de mim? Só porque eu sou trans?

A mulher baixou a cabeça, encarando os próprios punhos contra a pia.

— Sim, é isso que eu penso!

— Tu eras tão diferente quanto eu na minha idade, não sei o que aconteceu para ter se tornado uma pessoa tão preconceituosa.

Ela se virou para ela, a acertando um tapa com toda a sua força.

— Tu és uma decepção.

Aquela sua última frase foi bem pior do que ter a certeza de que ela não era bem vinda naquela casa. Adriana deu passos pesados até o seu quarto, batendo a porta com toda sua força e caindo sobre a cama, chorando. Nem era somente pelas palavras de sua avó naquele momento de raiva, mas por tudo. Às vezes o mundo era um ambiente tão hostil para alguém como ela, que era como que se tudo que ela tocasse se tornasse espinhos que feriam sua carne e confundiam a sua cabeça.

Antes de sair de casa, viu na televisão a notícia de um pequeno tremor de terra, não tinha sido nada grave, mas muitas pessoas tinham sentido, principalmente no centro da cidade. Ela segurou uma risada, sabia que era uma consequência de sua aventura e que a verdadeira cobra grande dormia pacificamente abaixo da Basílica de Nazaré.

Ela saiu mais cedo de casa, o clima tinha ficado péssimo com sua avó e ela não queria ter que permanecer nele por mais tempo ainda. Chegou mais cedo que de costume na escola, e Yan estava em um grupo no pátio, pareciam planejar alguma coisa, emitindo uma risada em conjunto quando ela passou por perto deles. Tudo aquilo era um incentivo a mais para a sua denúncia,

tinha os prints das ofensas de meses atrás e a palavra de Beatriz e de algumas colegas de sala que podia confiar.

Beatriz chegou alguns minutos depois e correu até ela, parecia cansada e irritada, entendia os seus motivos. Mesmo que os amigos de Yan já tivessem a agredido e ofendido desde que tinha chegado naquela escola, as coisas com elas estavam ultrapassando as barreiras do *bullying* escolar para um perfil criminoso de ameaça a própria vida das duas.

— Bom dia.

Disse Adriana, bocejando.

— Não tem nada de bom, não, essa hora da manhã e esses moleques já começam a rir e falar besteira para mim.

A garota de cabelo azul se sentou do lado dela, a encarando.

— Você está péssima!

— Obrigada, Bia, você está linda também.

Beatriz riu, batendo com o punho contra seu braço.

— Está tudo bem com você?

— Estou sim, só não dormi hoje, fiquei pensando nisso tudo.

Sua amiga suspirou, irritada.

— E chegou a alguma conclusão?

Adriana levou os olhos para a janela, olhando em direção a onde Yan estava.

— Eu vou conversar com a diretora, sozinha, então não vai te envolver ainda mais.

A outra balançou a cabeça, negativamente.

— De jeito nenhum, é perigoso para você.

— Não se preocupe, meu namorado me protege, já conversamos sobre isso.

Aquilo só pareceu a deixar ainda mais nervosa.

— Bom, se é assim, espero que dê certo, não aguento mais isso.

Logo após terminarem aquela conversa, Yan entrou na sala, acompanhado dos mesmos garotos de sempre, levando um sorriso sarcástico em direção às duas.

— Vai dar certo.

Assim que a sirene anunciou o início do intervalo Adriana foi até a direção. Chegando lá, conseguiu um tempo com a diretora, contou tudo que tinha acontecido, desde as primeiras ofensas, da vez que bateram nela, mostrou os prints dos ataques em suas redes sociais e por fim, narrou todas as ameaças que ele tinha feito a Beatriz e a sua namorada. A diretora ficou chocada, ela já sabia do comportamento problemático do garoto, mas saber que todas aquelas coisas estavam acontecendo ali na escola, bem debaixo do seu nariz a deixaram realmente preocupada.

Como primeira opção, ela claramente disse que Adriana que deveria levar o caso à polícia, as ameaças que ele estava fazendo eram muito sérias e estavam fora da jurisdição da escola, por um lado Adriana concordava, mas por outro queria que as coisas não precisassem chegar naquele nível de seriedade.

A mulher concordou, sabia que em suas palavras havia uma certa piedade. Tentar conversar ao menos, e fazer com que ele voltasse à realidade. Yan seria suspenso por alguns dias, mas deixou bem claro que se aquele comportamento continuasse ela teria que expulsá-lo, junto com qualquer outra pessoa que tivesse participação em seus atos de ódio.

Depois de quase uma hora de conversa, Adriana foi levada pela diretora de volta a sala de aula. Os alunos, ao verem as duas juntas quase que imediatamente, levaram os olhos para Yan.

Mesmo que muitos deles tivessem seus próprios preconceitos, eles sabiam dos atos do garoto, e que eles passavam de qualquer limite, não só contra ela, mas contra qualquer pessoa que o contrariasse. O jovem professor que estava no meio de sua aula de história, se virou para a porta e viu que Adriana tremia, encostada perto da moldura e escondida atrás da senhora de meia idade.

— Algum problema, diretora?

Adriana saiu de trás dela, andando de cabeça baixa até Beatriz, que estava mais pálida do que de costume.

— Vou precisar conversar com um de seus alunos. Yan Silva, pode me acompanhar?

O garoto se levantou, olhando com ameaça em direção às duas, um silêncio tinha pairado sobre a sala e ele seguiu em direção à porta.

— Era só isso mesmo, até mais tarde, professor.

Pela pequena janela de vidro da porta, Adriana viu que a diretora o guiou em direção a sua sala, passando por um pequeno corredor à direita.

— Bom, sendo assim, vamos continuar a aula.

Um burburinho entre os alunos começou, e o professor teve que bater com apagador algumas vezes no quadro para conseguir retomar o assunto.

— O que aconteceu?!

Sussurrou Beatriz, tentando não ser notada pelo professor.

— Nada demais, ele só vai ser suspenso, depois eu te conto melhor.

Adriana, depois de toda aquela situação, tentou continuar a assistir a aula normalmente e por mais que fosse um assunto que ela gostava, estava tão nervosa que uma gastrite revirava o seu estômago e a todo tempo ela levava o olhar para fora em direção à porta. Quase uma hora se passou quando a diretora voltou para sala acompanhada de Yan. Ela tocava suavemente em seu ombro, e naquele momento tenso seus olhos se cruzaram com os dele, e viu o mesmo ódio que tinha direcionado a ela desde que se conheceram. O garoto foi até a sua cadeira e pegou sua mochila, ainda sem dizer uma palavra, nem mesmo para os seus amigos.

— Bom dia, turma.

— Bom dia!

Responderam os alunos em coro, ela foi até a frente do quadro branco e rapidamente passou os olhos por cada um deles. Como uma turma de primeiro ano eram os mais novos, tendo entre seus 14 até 16 anos, todos muitos jovens, imaturos como ela já tinha sido algum dia, sabia que aquilo não era uma desculpa para maldade, agressão e principalmente para o preconceito

— Já chegou aos meus ouvidos várias histórias com casos de preconceito. Como vocês bem sabem, nesta turma temos alguns alunos LGBT e eu queria deixar bem claro que direção não vai compactuar com qualquer ato de ódio. Vocês bem sabem que nós estamos numa escola bastante respeitada e uma das mais antigas da cidade, vocês são de uma geração totalmente diferente da minha, quem me dera na minha época ter celular e internet para conseguir informação tão rápido quanto vocês conseguem, e acho que por isso mesmo estou tão decepcionada com a atitude de todos vocês. Com toda a facilidade de informação que nós temos já deveriam ter aprendido a conviver com as diferenças, estudado sobre gênero, sobre sexualidade, de modo que não ficassem tão ignorantes a ponto de agredir ou ofender um colega que é diferente de vocês. Mesmo que nem todos concordem com alguma coisa, estamos em uma época que é imprescindível conviver com as diferenças, e não só conviver como respeitar. Durante toda a vida vocês, vão conviver com pessoas que são de etnias diferentes das suas, que

tem religiões diferentes, ideias e se não tiverem capacidade de respeitar o próximo como conseguir viver em sociedade? Não concordam comigo?

— Sim.

Responderam alguns deles, enquanto outros continuavam em silêncio, pensando em tudo que ela tinha dito.

— Quero que saibam que ver uma injustiça acontecendo e não fazer nada te torna igual ao agressor. Hoje eu suspendi um aluno e caso este comportamento continue entre vocês, eu vou ter que fazer o mesmo com alguns outros, por isso mesmo eu digo, sejam maduros daqui para frente. Vocês estão se tornando adultos, não são mais crianças, nossa escola tem um regulamento bem sério com relação a algumas coisas e não vou pensar duas vezes antes de expulsar alguém aqui. Estamos entendidos?

Yan se levantou, desta vez não mais olhou para ela, seguindo de cabeça baixa em direção a saída da sala. O silêncio continuava, até aquele momento, eram uma das melhores turmas da escola e nunca tinham recebido uma bronca daquelas. Adriana ainda estava chocada, não sabia que a diretora falaria aquelas coisas para toda a turma, e estava tão nervosa, que precisava segurar o choro para não atrair mais atenção para si mesma.

Quando o sinal tocou, contou para sua amiga como tinha sido a conversa com a diretora. Alguns alunos surpreendentemente foram parabenizá-la por sua coragem e pedir desculpas por alguma desavença do passado, ela realmente não esperava por isso. Apesar dessa pequena vitória, ainda não sabia como Yan iria reagir posteriormente, ela realmente tinha esperança que ele tivesse aprendido alguma coisa e finalmente a deixasse em paz.

Assim que saíram da escola ela deixou Beatriz na parada de ônibus, sua amiga tinha decidido ficar por mais algum tempo na casa onde estava, ainda temia algum tipo de represália, e a morena concordava que era melhor assim, realmente. Assim que o ônibus de sua amiga chegou, Adriana desceu a rua de mangueiras, indo pelo caminho mais longo até sua casa. Ainda não queria enfrentar os olhares decepcionados de sua avó e precisava um tempo para pensar em tudo que estava acontecendo, por mais estranho que pareça também dava-lhe um certo conforto passar pela frente do cemitério onde tinha conhecido Damiani.

Assim que chegou perto da esquina onde ficava o cemitério, ela teve uma sensação ruim e segurou sua mochila forte antes de seguir em frente. Apesar de algumas pessoas passando por ali, sabia que era uma parte um tanto morta da cidade, com vários prédios abandonados e alguns terrenos baldios. O clima estava abafado e ela não usava o pesado casaco de sempre sobre o uniforme. Ela tinha a sensação de que estava seguida, seu peito palpitava, mas nada aconteceu por alguns minutos e ela continuou descendo a rua, passando por um dos portão de gótico de ferro do cemitério e de algumas pequenas barracas.

Passou pela frente de uma escola e uma pequena capela, e a sensação de estar sendo seguida tinha diminuído, embora a rua vazia e as sombras provocadas pelas mangueiras altas a deixassem em alerta. De forma inesperada, sentiu alguém a agarrar, puxando o seu corpo para um terreno antigo que era uma extensão Judaica do cemitério da Soledade, que via de frente enquanto as mãos a puxavam para o interior da quadra em concreto. Ela tentou gritar, mas uma das mãos de seu agressor silenciou sua boca e a outra puxava sua cintura. Ela estava fraca, cansada pelas aventuras que tinha vivido durante a madrugada. Sua exaustão não ajudava naquela situação, e por mais que tentasse chutá-lo, ele conseguiu jogá-la contra a parede, apertando o seu pescoço.

— Yan?!

Ela gritou, enquanto as mãos no seu pescoço a faziam perder o ar. Ele a ergueu um pouco do chão, arrastando suas costas contra a parede cheia de limo, então ela cravou suas unhas em seus braços, se debatendo e tentando acertar o seu peito com chutes.

— Tu já me irritou por tempo demais, seu viado! Eu posso até ser expulso, mas vai ser com razão!

Lentamente, ela perdia os sentidos, não sabia até que ponto ele iria levar aquilo, mas sabia que podia até matá-la. Naquele lugar, demoraria horas até que a encontrassem, lembrou-se, em um um último fio de esperança, do spray de pimenta que tinha sido seu fiel escudeiro desde que tinha se tornado quem sempre fora, Adriana. Ela soltou seus braços, se esticando para a mochila em suas costas de onde conseguiu puxar o spray de pimenta com a ponta dos dedos, o apontando na direção de seus olhos e apertando o êmbolo.

Ele a soltou, caindo ao chão com as mãos nos olhos e gritando de do. Ela o encarou, atônita, por alguns segundos, ainda sem acreditar que ele era realmente capaz de tudo aquilo e correu em direção até o portão de ferro destruído. Neste movimento, ela deu de encontro com Damiani, que tinha surgido bem em frente a saída daquele pequeno cemitério. Pensava que naquele cenário, geralmente tão cheio de paz e quietude, era onde os eventos mais inesperados de sua vida aconteciam.

— O que pensa que está fazendo?

Gritou o ruivo para o garoto caído no chão.

— E quem és tu?

— Não interessa, seu covarde de merda, é muito fácil bater em mulher!

Yan o ignorou, apontando em direção a Adriana, que estava parada bem ao seu lado.

— Tu vai me pagar por isso, moleque!

A garota hiperventilava e tremia, tentando recuperar o ar que tinha perdido pelos segundos em que ele a tinha apertado contra a parede. Damiani olhou as marcas vermelhas em seu pescoço e seu rosto se enrubescou de ódio, dando alguns passos em direção ao adolescente, que já parecia se recuperar dos efeitos do spray.

— Você sabe com quem está falando, playboy?

O ruivo chegou bem perto dele, a garota viu que ele apertava os dedos entre seus punhos tão forte, que as veias de suas mãos saltavam. Damiani o encarava no fundo dos olhos, e parecia pronto para o acertar com um soco, pela primeira vez, ela viu o bullie genuinamente assustado.

— Eu não faço ideia de com quem eu estou falando.

O loiro olhou para Adriana por cima dos ombros de Damiani, que de algum modo, parecia bem maior, e mais forte do que o seu agressor.

— Vou embora.

Disse ao se virar, e pegar a sua mochila no chão, cuspidando na terra antes de ir embora, e seguiu em direção a saída. Neste momento ela havia descoberto um grande segredo de valentões, eles perderiam a imagem que tinham criado para si mesmos caso apanhassem, então, preferiam fugir.

— Escuta aqui, moleque!

Yan parou, bem a porta, e se virou para encarar os olhos cheios de ódio de Damiani.

— Se você encostar na minha namorada de novo, ou machucar a Beatriz e a namorada dela, eu juro que te mato!

— Eu não tenho medo de ti!

O ruivo sorriu, e ela jurou que seus olhos tinham mudado para um tom vermelho sangue.

— Agora eu quem digo, você não sabe com quem está mexendo.

— Pode ficar com o seu namoradinho, eu vou curtir minha suspensão.

E saiu a passos largos, voltando correndo pela rua lateral, de volta para a escola. Sua expressão, e seus olhos, lentamente voltaram ao normal, e mesmo assustada, ela o abraçou,

encostando o rosto contra o seu peito e começando a chorar. Damiani balançou a cabeça, negativamente, e a envolveu entre os seus braços. Ele suspirou e apoiou seu queixo sobre a sua cabeça. Seu colo era acolhedor, mas ao mesmo tempo, ela tinha consciência do quanto ele estava irado, sabia que ele tinha sido contra a idéia desde o início, era lógico que por seu histórico, ele não aceitaria toda aquela situação pacificamente, era como agiam os intolerantes: com violência.

— Está acontecendo tanta coisa comigo, Dami... Tudo de uma vez.

— Eu sinto muito... — Disse ao acariciar os seus cabelos. — Vai ficar tudo bem.

Eles seguiram para fora daquele lugar assustador. Ela limpava as lágrimas com o dorso de suas mãos e ainda tremia bastante. Toda vez que Damiani via a marca da violência que tinha sofrido em seu pescoço, seu sangue fervia de ódio.

— Você não está bem, acho melhor você pegar um táxi para casa.

— Achei que você fosse me levar... Onde você vai?

Ele se afastou dela, olhando na direção onde o garoto havia corrido.

— Você não vai... Não vai fazer nenhuma besteira, não é?

O ruivo foi até a sua bolsa, de onde tirou algumas notas que colocou suavemente no bolso ao lado de sua mochila.

— Pegue o táxi.

— Damiani, você não precisa...

Ele suspirou, naquele ponto tinha se metarmofoseado para uma figura que não reconhecia, não de aparência, mas de personalidade.

— Eu sabia que tudo isso não daria certo, Adriana.

— Eu só achava, sabe... ? Que ele podia se arrepender, mudar com a conversa e se tornar uma pessoa melhor.

Ele deu uma risada, em um timbre de ressentimento e raiva.

— É aí que você se engana, meu amor, pessoas como ele só pioram, a humanidade é má! Você não viu o que fazem com todos os que são diferentes desde as primeiras civilizações? Não viu o que fizeram com as bruxas? O que aconteceu nas guerras? Os seres humanos se odeiam, se matam por qualquer coisa! Se matam por religião, por dinheiro!

Adriana baixou a cabeça, deixando uma lágrima escorrer pelo seu rosto.

— Eu sei que existem algumas pessoas boas.

Ele baixou a cabeça, apertando os lábios.

— A única que conheço está na minha frente, e olha tudo que fizeram com ela! Os humanos não merecem redenção, principalmente os genuinamente maus.

Damiani deu alguns passos para longe, sumindo bem diante de seus olhos, a runa foi formada no chão, exatamente como tinha sido da última vez. Ela correu em sua direção, se abaixando e tocando as letras brilhantes com a ponta dos dedos.

— Por favor, tenha cuidado!

A fonte de todo o mal

O taxista notou o seu nervosismo durante o percurso, ela disse que tinha sofrido uma tentativa de assalto, o que conseguia explicar o seu uniforme sujo e as marcas em sua pele, que já tomavam uma tonalidade arroxeadada. Ao chegar em casa, ficou tão nervosa que quase esqueceu de pagar o motorista, que fez mais perguntas. Parecia querer ter certeza de que não

tinha sido nenhum ataque de um transfóbico na rua ou de um namorado abusivo, ela reafirmou a história, e ele finalmente a deixou descer, desejando melhoras.

Mal conseguia abrir a porta de casa, ainda tremendo. Sua avó assistia televisão na sala, como sempre fazia naquele horário, e tomou um susto ao ver o estado que a neta se encontrava.

— O que aconteceu com você?!

Ela andou firmemente em frente, deixando sua mochila sobre cômoda, e seguiu até seu quarto, tinha que tirar aquela roupa suja para lavar e tomar um banho. Sua avó gritava de onde estava, a enchendo de perguntas que não tinha forças para responder. Sentou-se na cama e tirou o uniforme. Ao passar nua pela frente do espelho para buscar sua toalha no armário, viu o quanto que seu cabelo estava desgredado, sua pele machucada e grandes bolsas negras tinham se formado bem abaixo dos seus olhos, precisava dormir.

Foi até o banheiro e se jogou debaixo do chuveiro, sentando-se no chão e deixando a água cair sobre a sua cabeça, escorrendo pelo seu rosto e tocando em gotas frias a sua pele escura, não tão mais bem cuidada como já tinha sido um dia. Várias memórias iam e vinham, todas pareciam ser dolorosas. Ela sentia falta de seus pais, sentia-se mal pelas coisas que sua avó tinha dito mais cedo e pelo *bullying* na escola, todas as coisas pareciam estar conspirando contra ela. Ela fechou os olhos e deixou que algumas lágrimas escorressem junto com a água, em um choro ressentido, barulhento e amargo. Sabia que sua avó provavelmente a ouvia chorando, mas precisava daquilo, há muito tempo os sentimentos comprimiam seu coração, e quando escorreram como cascatas de seus olhos, ela limpou sua alma.

Naquele dia, não almoçaram juntas, e ela comeu sozinha na mesa da cozinha um açaí de baixa qualidade com peixe frio, estava exausta, e pensar no que Damiani deveria estar fazendo a deixava angustiada. Lavou seus pratos e seguiu até o seu quarto, caindo sobre o colchão de molas e apagando de exaustão.

Acordou bem mais tarde, sentindo pingos de chuva sobre o seu rosto, viu que a janela de seu quarto estava aberta e uma chuva torrencial tinha molhado parte de seu piso. Se levantou ainda um pouco tonta de sono, e a fechou. O céu estava revoltado e com uma tonalidade avermelhada, cheio de tantas nuvens carregadas que não conseguia ver a lua, ou qualquer estrela.

O relógio ao lado de sua cama marcava nove horas da noite. Preocupou-se com sua amiga e correu até a sala onde pegou seu celular da mochila. Nada de novo havia acontecido, Beatriz a respondeu que estava bem e que Yan não tinha feito nada com ela, aliviada ela foi até a cozinha, onde fez um pequeno lanche.

Sua única preocupação agora era Damiani, ele disse que ia falar com ela mais tarde, mas não o fez. Em silêncio, ela tomava um grande copo de café fumegante e olhava pela porta que dava acesso ao quintal, admirando de longe a estátua de Vivienne sendo banhada pela chuva. Todo aquele cenário a fazia ter um péssimo pressentimento. Sua avó se aproximou e começou a olhá-la, parada bem ao fim do corredor. Não parecia nenhum pouco arrependida das coisas que tinha dito mais cedo, mas estava preocupada.

— Podemos conversar?

Adriana deu de ombros, continuando a olhar para a chuva, a mulher puxou uma das cadeiras da mesa de jantar e se sentou perto dela.

— O que aconteceu mais cedo quando você voltou da escola? Estava toda suja com uma cara de choro!

— Bullying. — Ela falou friamente. — Denunciei um garoto para a direção porque ele estava me ofendendo e ameaçando a minha amiga da escola, Beatriz.

— Como assim? Por que não me contou sobre isso?

— Eu não queria te perturbar com isso. Como a senhora mesmo disse mais cedo, é velha demais para se irritar comigo.

Alessandra revirou os olhos, contrariada.

— O que ele fez contigo? Te bateu?

— Sim, me pegou de surpresa quando eu estava saindo da escola, achei realmente que ele fosse me matar se meu namorado não tivesse interferido.

A mulher olhou para fora, tentando achar o mesmo ponto que ela olhava no quintal.

— Então ele apareceu para outra pessoa?

— Pois é... Ele é meio estranho, nunca tinha aparecido perto de ninguém que eu conhecesse.

— Eu só achei que fosse tímido.

Disse sua avó, ficando cada vez mais pálida e assustada.

— Não, ele nunca aparece.

A mulher parecia ter visto um fantasma.

— Vó? O que foi?

— Nunca falamos sobre esse garoto direito.

Alessandra se levantou, desesperada, e correu em direção a porta, a trancando.

— Eu preciso que me responda algumas perguntas! Vão parecer estranhas, mas me responda!

— Vó, você está me assustando! O que está acontecendo?

A mulher seguia fechando janela por janela, se arrastando com dificuldades em suas muletas.

— Ele é sempre pálido, não é? Não gosta de sol, nunca fala sobre ele mesmo e nem aparece para ninguém que você conheça? As pessoas até acham que você está ficando maluca, que está mentindo sobre ter um namorado!

— Sim! Como? Como você sabe de tudo isso?

A mulher gritou de pavor com a sua resposta, indo até as chaves no suporte ao lado da porta, começando a trancar tudo que era possível.

— Nossa Senhora! Onde eu errei? Onde eu pequei para que o demônio voltasse a perturbar a minha família?!

— Demônio? Do que você está falando?

A mulher tremia, e foi até a sua gaveta de velas, pegando uma delas e a acendendo na frente da imagem de Nossa Senhora, que em seu olhar de piedade, intercedia pela senhora desesperada a sua frente.

— Eu fiz tudo! Eu voltei para os braços do senhor, larguei o mundo, meus gostos antigos, por que isso está acontecendo?

— Vó, eu não estou entendendo nada.

A mulher tinha as mãos em oração, e se ajoelhou em frente a imagem, mesmo com todas as dificuldades de locomoção.

— Eu deveria ter te contado o resto da história da minha amiga.

Algumas décadas antes

Tudo mudou quando Vanessa sumiu. Ela já tinha estado realmente estranha desde que tinha começado o relacionamento com o seu namorado misterioso. Naquele ponto, Alessandra

acreditava que toda aquela história fosse uma grande mentira, uma escapatória que tinha inventado para mascarar a dor que sentia. Seus pais abusivos a tinham forçado a entrar em um “noivado” com aquele mesmo homem mais velho que ela não amava, e ela estava desesperada para escapar daquele destino, cogitando as coisas mais absurdas, desde fugir de casa até suicídio.

Então, no meio de toda aquela situação, havia surgido aquele pretendente perfeito, um homem que ela tinha descrito como dono de uma beleza impressionante, pálido como a lua e tão gentil quando um príncipe saído de algum conto de fadas. Por meses, ela contou com animação sobre os luxuosos jantares que ele a tinha levado, e das longas conversas que tinham. Ela afirmava que ele parecia estar em pensamento, a anos de qualquer garoto que ela já tivesse conversado antes, e era despedido dos preconceitos que até mesmo ela ainda reproduzia.

Aquela situação era tão surpreendente que era um outro favor que fazia com que Alessandra acreditasse que era mentira, egocêntrica como era, tinha a teoria de que Vanessa tinha inveja de seu relacionamento com Ruan, que estava cada vez mais sério, gostavam das mesmas coisas e estavam planejando morar juntos em algumas semanas.

Mas enquanto estava naquele momento feliz de sua vida, sua amiga continuava com sérios problemas familiares e cada vez mais fora de si, falando coisas desconexas de um homem que ninguém, além dela, tinha ouvido falar. Nas últimas semanas antes de sumir, estava insistindo naquele assunto e, um pouco bêbada, tinha confessado para os seus amigos, no meio de uma das muitas festas secretas no cemitério, que estava vendo coisas, vultos, sombras que se contorcem pela escuridão, e símbolos estranhos em luzes violeta.

Na ocasião todos riram do que ela tinha dito, e ela foi embora, os xingando. Era o início dos anos 80, uma época de amor livre, *rock 'n' roll* e muitas drogas, então acreditavam que ela só andava exagerando nos narcóticos e voltaria ao normal alguma hora. Mas para ser sincera, Alessandra até tentou dar alguma credibilidade às suas ideias mirabolantes. E há cerca de uma semana, tinha ido com ela até a biblioteca da cidade, onde sua amiga foi devolver pilhas de livros com temática vampiresca, que lia religiosamente, e também buscar informações sobre uma civilização antiga, que ela acreditava ter relação com as coisas que estava vendo.

Até que, dois dias antes, ela sumiu, desapareceu sem dar nenhuma pista ou deixar recado para seus pais e amigos, nem mesmo Alessandra, que era sua melhor amiga, fazia a menor idéia de onde ela estava, e tinha ouvido muitas coisas dos seus pais, que juravam que ela a estava acobertando.

De casa, Vanessa levou somente uma mochila com algumas peças de roupa. Seus pais estavam desesperados, tanto eles quanto o quarentão que dizia ser seu noivo, até mesmo os góticos locais tinham começado a procurar por ela. Acreditavam que tinha se escondido em alguma casa abandonada da cidade velha, ou estava tendo como abrigo a casa de alguém.

Claro que a possibilidade dela ter fugido com o namorado era considerada também, mas Lady Vi sempre tinha sido tão fora dos padrões e tímida, que parecia impossível ela conseguir ter um contato daqueles com alguém. Alessandra esperava sinceramente que a história do namorado fosse real e ela tivesse fugido com ele para longe de seus pais violentos, porém, o que realmente a preocupava era saber que sua amiga não estava muito bem das ideias e podia estar vagando sem rumo pelas ruas, correndo o risco de sofrer algum tipo de violência.

Naquela madrugada, uma noite de lua cheia, já eram umas duas ou três da manhã, e um último fio de esperança fez com que a Alessandra resolvesse dar uma última volta no bairro, procurando por sua amiga. Depois de algumas voltas, já estava voltando para casa quando viu uma figura baixinha, em um longo vestido branco, indo desorientada até o coração da Cidade Velha, carregando uma caixa relativamente grande. Ela acharia que era uma assombração se já não a conhecesse.

— Vanessa?!

A garota paralisou de medo ao vê-la, e virou o rosto em sua direção com uma expressão assustada, suas roupas estavam sujas de terra e encharcadas.

— Ah... Alê, que surpresa.

— Como assim, que surpresa?! Você está maluca? Tem meio mundo procurando por você.

Sua expressão não mudou, e ela continuou o seu percurso, ignorando totalmente a presença de sua amiga.

— Mesmo? Quem está? Meus pais para me darem uma surra, ou os “amigos” que acham que eu sou uma louca?

— Não seja injusta! Eu fui a que mais procurou por você.

A garota suspirou, parando para conversar melhor com ela.

— Se você for minha amiga mesmo, me deixe ir embora! Meu namorado está me esperando.

— Vanessa, não tem namorado nenhum, olha o seu estado! Estava dormindo na rua? Alguém fez alguma coisa com você?

Ela apertou a caixa que levava contra o próprio peito.

— Claro que existe um namorado, eu não estaria aqui se não fosse por ele.

— Se ele existe, por que ninguém o vê além de você?

Vanessa olhou para as ruas vazias ao seu redor, perturbada. Pelo estado que estava, parecia que tinha acabado de mergulhar em um dos lagos artificiais de alguma praça abandonada ali perto. Estava descalça, seus longos cabelos caíam em fios molhados sobre o seu rosto e usava o mesmo vestido branco que costumava ir ao cemitério, ainda viu a costura que tinha em sua lateral, da vez que pularam o muro para escapar do vigia.

— Você tem que acreditar no que eu vou dizer, por favor.

Ela baixou o tom de voz, sussurrando.

— Ele não é um humano, por isso ninguém o vê além de mim, estou levando as coisas nessa caixa até onde ele está para poder fugir com ele.

Alessandra conteve uma risada, ver o estado mental que sua amiga havia chegado era realmente triste, pensou que se conseguisse arrastar a garota até a sua casa, iria pedir aos seus pais que usassem a linha fixa para ligar para os dela, também podiam ajudar a pagar alguma instituição mental.

— Sim... Entendi, mas não acha melhor a gente ir em casa antes? Trocar essa roupa molhada?

Disse ao agarrar os braços magros de Vanessa, e a arrastando rua a dentro, se conseguisse chegar até a sua rua, seus pais iriam ajudar a contê-la até que a ambulância chegasse.

— Me solta! Eu estou com pressa!

— Vamos logo, Vanessa, não faça nenhum escândalo!

A garota começou a jogar o corpo na direção contrária, tentando usar sua força para escapar dela, o que era quase inútil, ela era pequena, bem menor que os quase 1.80m de Alessandra, sendo magra, esmirrada e não passando muito dos 1.50 m.

— Eu não sou louca!

— Namorado imaginário, daqui a pouco vai tentar me convencer que existe elfo, Iara, Boitatá e a Cobra Grande debaixo da igreja!

A garota começou a tentar se jogar contra o chão, enroscando os pés no meio fio e tropeçando, ao mesmo tempo que tentava não derrubar a caixa que levava.

— Isso tudo existe mesmo! Eu vi!

Sua amiga começou a rir, e continuou arrastando o seu corpo para a frente.

— Eu não sei que tipo de doce você andava tomando, mas é bom você parar com ele.

— Você é minha amiga! Devia acreditar em mim, não me levar de volta para os meus pais para que eles deixem aquele velho me estuprar.

— Isso não vai acontecer, você provavelmente vai ser internada.

Vanessa caiu no chão, ralando os joelhos contra o chão de pedra, deixando a caixa escorregar de seus braços, pairando a alguns metros de distância delas. Sua amiga a soltou instintivamente ao ver que os itens que levava caíram no chão. Ela se desesperou ainda mais, engatinhando até eles, que conseguiu ver de relance. Havia um pincel brilhante, como jamais tinha visto antes, um livro bem antigo, com uma capa de couro marrom e uma pequena vareta de carvalho.

O que realmente chamou sua atenção foi o livro que caiu próximo de seus pés, ela se abaixou para pegá-lo. O objeto parecia chamar por ela com uma envolvente aura mágica, o símbolo que estava gravado em sua capa era em alguma língua que nunca tinha visto antes. Assim que o aproximou de seu rosto para ver melhor, suas letras brilharam em uma luz tão forte que ofuscou sua visão temporariamente. Neste meio tempo Vanessa engatinhou até a caixa, guardando os objetos de volta e limpando os joelhos que tinham se machucado com sua queda. Uma fina linha de sangue escorria por suas pernas, e ela se levantou, prestes a correr para longe. Assim que Alessandra voltou a enxergar normalmente, agarrou o braço dela, buscando respostas para o que tinha acabado de ver.

— Vanessa! O que são essas coisas? O que foi essa luz que eu acabei de ver?! Não vou deixar que vá embora até me explicar!

— Vai sim!

Ouviu uma voz poderosa, em tom ameaçador, gritar atrás de si, e já assustada pelo que havia acabado de presenciar, se virou com tudo, e viu que do meio da escuridão daquela rua surgiu uma criatura demoníaca. Sua pele era tão branca quanto a neve, mas não de modo humano, era branca como uma parede, em um tom levemente acinzentado. No lugar de sua boca, dezenas de longos dentes pontiagudos se abriram em um sorriso que rasgava o seu rosto de ponta a ponta.

Suas orelhas eram altas, pontiagudas, e seus olhos eram totalmente vermelhos, seu cabelo era em uma tonalidade branca amarelada que escorria em fios lisos que terminavam bem abaixo de sua cintura. Deveria ter cerca de dois metros e meio de altura e usava uma meia armadura que o cobria da cintura para baixo. Todo o seu peitoral forte estava exposto e de trás de suas costas asas de morcego saíam, se estendendo por alguns metros ao seu lado, formando uma sombra fantasmagórica com a luz da lua acima dele.

Sua única reação foi gritar, mas estava tão genuinamente apavorada que ficou congelada no lugar onde estava, tremendo da cabeça aos pés, e apertando a capa do livro que havia pego com toda sua força entre seus dedos. Piscou algumas vezes, não conseguindo acreditar que a visão que estava tendo fosse real. A criatura andou até a sua amiga, olhando diretamente em direção aos ferimentos que ela tinha causado.

— Essa humana te machucou?

— Não, não foi nada, não a machuque, ela só achava que eu precisava de ajuda... Que eu fosse louca!

O monstro sorriu, levando seus olhos penetrantes até ela e exibindo seus dentes de forma ameaçadora.

— Eu pareçosuficientemente real para ti? Consegues enxergar atrás de teu egocentrismo?

Alessandra começou a rezar, em voz alta, mas foi ignorada pelos dois.

— Seu Deus a abandonou há muito tempo, ou eu poderia dizer melhor? Você o abandonou!

Vanessa estendeu a mão, com suas longas unhas, e ela entregou o livro de volta. Ao tê-lo em suas mãos, os dois se viraram de costas para ela, continuando a andar rua a dentro. Assim que o demônio que chamava de namorado tocou seu ombro, ambos desapareceram bem diante de seus olhos, deixando como único sinal de sua estadia, o mesmo símbolo do livro que ficou gravado no chão em luz violeta.

Tempos atuais

— Você nunca mais a viu?

— Não, ela sumiu, deve ter sido levada para aquele demônio para o inferno, ou ele deve ter a devorado, não sei.

Naquele ponto, era Adriana que se desesperava, Damiani havia dito há um tempo que não era realmente um humano, mas um demônio? Capaz de machucá-la? Por que ele a tinha feito ir atrás de todas aquelas coisas e a defendido só para a matar depois?

— Mas- mas ela parecia feliz com ele?

— Parecia, mas é porque o demônio é articulado, sedutor, vai dizer tudo que você quer ouvir! Tenho certeza que esse seu namorado é igual ao dela.

Adriana balançou a cabeça, afirmativamente.

— Você sabe mais alguma coisa sobre isso?

— Naquele dia, quando eu voltei para casa, meu pai me olhou como se estivesse apavorado, disse que eu tinha entrado em contato com magia antiga. Eu tentei perguntar mais para ele, mas ele não me respondeu, e voltou a se trancar no seu escritório. Nos próximos meses depois daquilo eu comecei a ver coisas, sombras, vultos que quebravam coisas em casa. Fiquei desesperada, mas não falei para ninguém o que aconteceu com Vanessa porque ninguém ia acreditar em mim, iam achar que eu tinha enlouquecido como ela. Quando eu finalmente tomei coragem eu contei somente para a minha mãe, e ela me contou sobre algumas coisas sobre nossa família, uma delas envolve a estátua lá de fora, já viu o símbolo que ela tem na mão?

— Sim, já vi sim.

Ela sabia que aquele símbolo era o símbolo de onde Damiani tinha vindo, mas queria que sua avó continuasse sua história sem que ela precisasse contar tudo que já tinha vivido, não queria assustar ainda mais a senhora a ponto de que ela voltasse a rezar e parasse de contar os fatos que sabia.

— Meu avô foi um homem estranho, como eu te contei, ele era muito próximo da antiga dona da casa, aquela que todos diziam ser uma bruxa. Ele tinha um escritório que não deixava que ninguém entrasse, minha mãe disse que uma vez olhou entre o vão da porta e viu uns potes estranhos, algumas luzes e velas, ela jurava que o velho era um bruxo também.

— Minha nossa!

A mulher, ainda de joelhos, olhava para Nossa Senhora, seu olhar clamava por piedade pelos pecados de sua família.

— Eu acho que de tanto se envolverem com essas coisas, acabaram atraindo esse demônio para nossa família. Meu pai tinha algumas ideias bem parecidas com as do meu avô, quando ele morreu, meu pai colocou todas as coisas de seu antigo escritório em caixas fechadas e levou para Deus sabe onde!

Todos os pontos que Adriana parecia ter ligado daquela história até aquele momento não faziam mais nenhum sentido. A única sensação que restou era o medo, um medo genuíno do

garoto que tanto tinha amado nos últimos meses, era como se tivesse sido enganada todo aquele tempo.

— E o que você fez? O que eu devo fazer?

— Eu larguei tudo e fiz o que minha mãe me disse para fazer. Voltei para a igreja, terminei com meu namorado do mundo e me casei com seu falecido avô, desde então nunca mais vi nada, nem fui perturbada por fantasmas ou demônios, ou pelo menos era o que eu achava.

Sua neta estava em choque, olhando para a chama da vela que ardia bem em frente a imagem da santa.

— Sabe, Adriana, seu pai me detestava, por isso viveu tanto tempo longe de mim e me deixou nesta casa enorme sozinha, vindo me visitar raramente só quando você era criança. Eu achava que ele tinha razão sobre mim, ele me dizia que eu era muito controladora, uma religiosa fanática que não deixava que ele fizesse nada em paz, mas sabe, eu só era preocupada. Tinha medo que ele fosse levado por algum demônio como minha melhor amiga tinha sido. Quando você chegou eu quis ser mais liberal com você, não interferir no seu mundo, e veja só o que aconteceu.

— Você nunca tinha falado para ninguém além de mim sobre isso tudo?

Alessandra balançou a cabeça afirmativamente.

— Só quem sabia disso era a sua bisavó, e bom, ela já morreu, não é, querida? Eu nunca contei para o seu pai porque eu sabia que não era mente aberta o suficiente para ouvir o meu lado da história sem me achar uma “velha louca.”

— Eu sinto muito

A mulher fechou os olhos, parecia ainda mais triste por lembrar que seu filho tinha partido com aqueles ressentimentos, pensando bem, seu pai sempre foi uma pessoa difícil de lidar.

— Eu quem sinto muito sobre tudo isso, essa maldição paira sobre nossa família há décadas, eu deveria ter te dito antes, ter te contado a história toda.

Aquele momento era uma outra montanha russa na história de Adriana, sentia uma grande dor em seu peito. Damiani era seu namorado, seu melhor amigo, e ao saber que ele provavelmente era algo mau, ela sentiu que tinha perdido uma das pessoas mais importantes da sua vida.

— Você acha que quem levou sua amiga foi o meu namorado?

— Sim, eu acho.

Ela baixou a cabeça, tristemente, e sua avó a abraçou.

— O que nós vamos fazer?

— Não sei, mas hoje vamos dormir juntas, aqui na sala, vou acender mais algumas velas e rezar para Nossa Senhora, somente Ela pode nos ajudar.

Atravessadores

Adriana permanecia acordada, enquanto sua avó já dormia ao seu lado há alguns minutos. Acabaram ficando por ali mesmo e ela tinha perdido o sono. Mesmo com o cansaço daquele dia agitado, sua cabeça não a deixava em paz, repetindo com vozes desesperadas as informações que tinha recebido, estava nervosa, se sentia culpada.

Tinha ligado a televisão, e via com os olhos semicerrados algum programa de entrevista da madrugada, nada interessante, tanto que sua vista estava cansada. Sua avó estava enrolada em cobertores e encolhida com um terço entre seus dedos, tinha a obrigação a pegar o cobertor em seu quarto alguns minutos antes, já que estava com medo demais para sair dali.

A velha televisão tinha a imagem levemente esverdeada, que por algum motivo, se transformou em estática. O som era irritante, e temendo que ele acordasse sua avó, ela se levantou, tirando com cuidado os pés dela que descansavam sobre o seu colo, e indo em direção ao controle sobre a pequena cômoda.

Assim que o tocou e desligou a televisão, a luminosidade que tomava conta do ambiente da sala cessou, restando somente as luzes das velas ainda acesas. Quando olhou em direção a sua avó, a vela bem ao seu lado se apagou.

Ela se virou, assustada, e foi verificar o que tinha acontecido. Nisto uma sombra pulou do teto, a poucos metros de si, e passou sobre os móveis como uma nuvem de ar, apagando todas as velas de uma vez e correndo pelo seu lado pelo corredor em direção a cozinha.

Aquela fumaça com cheiro de parafina subiu pelo ar, e ela segurou a sua própria boca para evitar um grito. Enquanto olhava em direção a escuridão, viu uma sombra magra, curvada, se esgueirar da cozinha até o seu quarto, pelo formato de seu corpo, teve certeza que era Damiani, com o susto, deu alguns passos para trás, derrubando a vela no chão.

Se virou para a sua avó, que se remexeu, mas não acordou. Aquilo a estava enlouquecendo, reuniu sua coragem e pegou um castiçal que estava sobre a mesa de centro, o acendeu com um isqueiro e seguiu corredor adentro. Tinha que enfrentá-lo, e por mais magoada que estivesse com a sua avó, tinha que protegê-la.

Enquanto cruzava o corredor até seu quarto, seus olhos foram até às fotografias antigas de seus parentes, que com o brilho dos raios do lado de fora, irradiando pelo vidro da janela, se tornavam ainda mais assustadores. Um frio percorria a sua espinha e o som de seus pés junto ao das gotas de chuva no telhado era tudo que ouvia até chegar à porta de seu quarto.

Sentia que havia alguém ali, antes mesmo de entrar. A janela estava aberta, e a chuva molhava o piso de madeira em padrões claros e escuros. Assim que firmou sua visão, pode ver que ele estava sentado no batente da janela, a lua cheia fazia com que sua visão se cobrisse de um brilho azulado. A pouca luz de seu quarto e as altas horas da noite tornavam sua presença fantasmagórica.

Adriana olhou ao redor, se assegurando de que sua avó não tinha acordado e fechou a porta atrás de si, mesmo apavorada. Deu alguns passos em sua direção, uma parte de seu coração queria ouvir a sua versão da história e só por isso não correu de volta para a sala. Só quando iluminou o seu rosto, esticando o seu braço e levando as luzes das velas na sua direção foi quando viu o real estado em que ele estava.

— De quem é esse sangue?!

Enormes manchas avermelhadas estavam por toda a sua camisa branca, seu cabelo e próximo de sua boca. O sangue era fresco, de forma que sua mão manchava o batente da janela que tocava.

— Não é meu, pode ter certeza.

Ela levou a mão até o rosto, e seu corpo paralisou um pavor que tomou conta dela, de modo que não conseguia se mover, gritar, ou correr para fora do quarto. Por aqueles minutos de desespero arrependia-se amargamente de sua insistência em mantê-lo em sua vida.

— Você é realmente tudo que a minha avó disse!

— Eu ouvi tudo que ela disse, eu já estava aqui, você continua com a péssima mania de deixar essa janela aberta.

Seus olhos finalmente saíram dos seus, fitando a enorme lua atrás de si.

— Você vai me matar?

Ele arfou ao ouvir aquela frase, decepcionado.

— Você acredita mesmo que eu te machucaria? Depois de todo esse tempo? Eu só quero te defender!

— Bom, a amiga da minha avó sumiu! Pode muito bem estar morta.

Cada palavra que saía de sua boca parecia o ofender grandemente.

— A amiga de sua avó... - Disse ao virar o rosto, novamente, em direção ao seu. - Está bem melhor que ela, atualmente.

— Então ela não está morta?

— Não, não está.

As coisas pareciam fazer ainda menos sentido a cada nova informação que tinha.

— Esse sangue é do Yan, não é?

Ele se levantou do batente, andando de um lado para o outro no quarto. Seu coturno preto batendo nervosamente contra o piso de madeira. Levou os dedos entre os seus cabelos acobreados, os manchando com o líquido vermelho.

— Ele ia te machucar, Adriana, eu o segui. Vi tudo que ele queria fazer com você, o que ele teria feito, eu não podia deixar isso acontecer.

Mais cedo

Não era nem um pouco cordial ter deixado que Adriana seguisse sozinha para casa naquele estado, mas não podia deixar que ele escapasse depois de ter feito aquilo com ela, de tê-lo desafiado. Atravessadores como ele tinham suas regras naquele mundo, mas seu orgulho, o de si mesmo e de seu povo eram de conhecimento geral, até mesmo do conselho, não seria o primeiro a descumprir as regras, e estava pronto para arcar com as consequências.

Tinha o seguido por horas e acompanhou parte de sua rotina problemática, viu quando ele se sentou junto a alguns de seus colegas, reclamando sobre a escola, na calçada de sua casa, e falou sobre seus planos em relação a Adriana.

— Dá uns tapas que isso acaba!

Disse um garoto magricela ao seu lado, bebendo uma lata de cerveja barata.

— E tu acha que eu não dei? Ruim que tão ameaçando me expulsar da escola, capaz de acontecer agora mesmo se o gayzinho abrir a boca.

— É o amigo daquela sua vizinha?

O garoto deu um gole na cerveja, olhando em direção a saída da pequena viela onde estavam.

— É, é sim, mas ela sumiu depois do lance com a namorada dela.

— Devem estar com medo.

Disse o outro, com uma risada.

— Tem que estar mesmo, mas já me disseram onde mora, quando meu irmão voltar vou dar a conversa pra ele, isso já tá enchendo a paciência.

— Tem certeza disso?

Damiani, que encostado na parede bem ao lado deles, ouvia a conversa sem entender os seus motivos, mas não tinha muito sentido no ódio, e por todos os anos que tinha estado entre os humanos, tinha visto muito daquilo.

— Sei o que tô fazendo.

Ele se levantou, e assim, Damiani também, observando para onde ele iria.

— Vou lá em cima fazer um corre.

Ele deu um tapa na mão de seu colega, e subiu rua acima, andando por algumas vielas. Era um bairro não muito distante, mas para seu azar, tinha algumas áreas de mata que pertenciam ao exército, com grandes muros brancos com a insígnia da corporação.

O adolescente pareceu sentir a sua presença, e quanto mais rápido andava, com a mesma frequência olhava para trás, mesmo que não conseguisse o ver.

— Que porra é essa? Bem que falam que esse terreno é cheio de visagem.

Seu plano era o assustar até mais próximo possível do muro branco, e ele estava colaborando com isso, correndo pela parte interna da calçada. Assim que ele passou por um buraco que tinha sido feito no muro, e onde alguns populares usavam como canteiro de lixo, em uma clareira no meio das árvores, Damiani o agarrou pela perna, o arrastando para dentro do terreno.

Como esperado, ele começou a gritar, mas ninguém seria louco de entrar ali para ver o que acontecia. O individualismo humano era uma vantagem em alguns de seus planos. Ele o puxou pela perna, e na visão de Yan, era como se uma força o puxasse para dentro, arrastando o seu corpo pelo lixo, e logo depois, pela parte mais interna da floresta, onde havia uma grama baixa e árvores espaçadas. Seu corpo batia contra a terra, mas ele estava apavorado demais para conseguir resistir.

— Que merda é essa?! Socorro!

— Nós ouvimos o seu plano, a maldade tem que ser expurgada.

Disse com a voz mais teatral que conseguia, o outro não respondeu, e só gritou ainda mais, até que o ruído começou a subir uma das árvores, usando suas enormes garras afiadas e o prendendo pelas costas em um galho bem alto, quase na copa, até voar a sua frente, como um inquisidor. Ele se revelou, não em sua verdadeira forma, queria que sua vítima soubesse de quem se tratava.

— Achei que eu não soubesse com quem eu estava mexendo... Foi tão fácil te arrastar para cá.

— Como tu fez isso? Me tira daqui!

Damiani tocou sua testa com a ponta dos dedos e fechou os olhos, gostava daquele ambiente, a sombra densa das árvores e os pássaros que cantavam a alguns metros dele, assim que os abriu de novo, tinha entendido o motivo de toda aquela situação.

— Você realmente ia matá-la se eu não tivesse interferido... Qual é o seu problema?

— Eu não ia matar ninguém!

Damiani levou a mão até o seu pescoço, o apertando contra a madeira.

— NÃO MINTA PARA MIM!

Yan o encarou, seus olhos estavam cheios de pavor, e sentia o corpo do garoto tremer em suas mãos.

— Você gosta dela, não é?

— Tá maluco? Não quero nada com aquele...

Damiani sorriu, apertando o seu pescoço ainda mais forte.

— Você nem se importava com a sexualidade de Beatriz até que ela fizesse amizade com a Adriana, o problema nunca foi esse realmente, não é? Você estava com tanta raiva, tanta rejeição a si mesmo por gostar dela que preferia destruí-la do que lidar com os seus próprios preconceitos.

O loiro ficou em silêncio, tentando tirar as mãos que apertavam o seu pescoço.

— Eu vi, eu vi tudo que você fez, tudo que iria fazer, cada pensamento cruel que passou pela sua cabeça. Meu plano era só te dar um susto, mas agora que eu sei da verdade, não posso permitir que isso continue.

Seus dentes foram revelados, abrindo-se em uma fileira de estacas pontiagudas que se abriram em uma bocarra em o seu rosto antes tão belo. Na floresta, os pássaros continuavam a cantar.

Tempos atuais

Sua mão foi até o seu rosto, onde seus dedos mancharam sua pele de líquido vermelho.

— Eu não podia ter interferido.

Ele fechou os olhos, apertando os lábios com raiva.

— O que eu faço agora? Sabe do trabalho que vai dar acobertar isso tudo? Eu vou ser punido por isso, mas prefiro isso do que deixar alguém te machucar.

Seus olhos transitavam entre o amarelo ouro de sempre e um vermelho tinto, sua expressão denunciava uma confusão de sentimentos entre desespero e confusão.

— Por que você fez isso? Por que se importa tanto comigo?

— Você já deve se lembrar, não é possível que não se lembre! Sabia até mesmo das grutas.

Adriana deixou o candelabro sobre seu criado mudo, levando os olhos para ele, que parecia como o quadro do Anjo Caído de Cabanel. Os olhos claros avermelhados por uma expressão de quase choro e o cabelo ruivo espalhado sobre seu rosto.

— Damiani, por favor, eu preciso entender o que está acontecendo!

— Eu... Achei que fosse a hora certa para voltar.

Deu alguns passos trêmulos em sua direção, a segurando entre seus braços, ela deixou se envolver pelo seu calor de seu corpo, ainda com medo, confusa, sem saber o que sentir, como se sentir.

— Eu preciso te contar algumas coisas, eu iria falar todas elas hoje a noite, se não fosse essa situação.

Ele a soltou, puxando de dentro da camisa branca manchada de vermelho um colar, era de prata e ouro como o que ela levava em seu pescoço, mas o seu pingente era um sol, brilhante e feito em ouro.

— Reconhece isso?

Ela o tomou em suas mãos, e a sensação de nostalgia a cobriu, assim como era com o seu próprio colar.

— Você tem um também?

— É claro que eu tenho! Eu quem o dei para você.

Não compreendia, parecia o ter encontrado por acaso enquanto investigava.

— Eu achei esse... Em uma caixa, no sótão! Aconteceram umas coisas bem estranhas lá, eu vi luzes, vi o passado olhando pela janela...

Ele balançou o rosto de um lado para o outro, um sorriso leve se formou em seu rosto.

— Você sabe quem é Vivienne?

Se assustou ao ouvir aquele nome, nunca tinha citado suas investigações para ele, muito menos entrado em detalhes sobre os seus sonhos.

— Como você sabe dela?

Ele sorriu.

— O que você sabe dela?

Adriana se afastou dele, indo até sua cama e se sentando sobre o colchão macio, fechou os olhos e tentou se lembrar de tudo que sabia até aquele ponto.

— Eu sei que ela era a dona dessa casa, que a deu de presente para o meu bisavô e que provavelmente era algum tipo de bruxa, ou cientista, não sei, ela também estudava alguma religião antiga.

Ele concordou, ainda sem se mover. Seu coração batia rápido em seu peito, estava apavorada, embora tivesse desistido de fugir antes de entender tudo que estava acontecendo.

— Tem esses sonhos... Os sonhos que tenho com ela, com uma escavação, a paixão dela por um inglês, mas eu vi, eu sonhei com o mesmo lugar que você me levou, onde nós matamos aquela... Coisa.

Seus olhos cruzaram os seus, e ele se aproximou, se abaixando próximo dela como se para contar uma história de dormir.

— Não são sonhos Adriana, são memórias.

— Memórias?

Ele levou sua mão até a dela, se abaixando ao seu lado.

— Você era Vivienne, Adriana, em uma outra vida.

As palavras escaparam de sua boca, e por alguns segundos, não conseguiu dizer nada até que as idéias voltassem a sua cabeça, estava boquiaberta.

— A erveira! Ela disse que Vivienne já tinha desencarnado, que estava bem mais perto do que eu esperava.

Sua outra mão apontou para o seu peito, o empurrando levemente.

— Sim, e está! Está bem aqui.

Aquilo podia ser possível? Então existiam vidas passadas? Ela tinha sido aquela mulher? Todas as informações pareceram se encaixar perfeitamente, a sensação de nostalgia de todo aquele lugar, seus sentimentos estranhos desde que seus pais haviam morrido e a vida a tinha empurrado de volta aquele lugar.

— Mesmo... Mesmo que isso tudo seja verdade, o que você tem a ver com isso tudo? Eu não consigo entender.

— Sabes que ela teve um grande amor, não?

Seu olhar foi diretamente para o colar em seus pescoços.

— Era você? O inglês que ela se apaixonou?

Damiani balançou a cabeça, afirmativamente e levou seus dedos de volta ao seu rosto, o acariciando.

— Eu dei esse colar para você, alguns séculos atrás, era para provar que estaríamos juntos, mesmo que não fisicamente.

Ela o tocou, levando o pingente de lua até mais perto de seu rosto.

— O que significa?

Ele suspirou, a história parecia difícil de ser lembrada.

— Era algo de nós dois, ela dizia que eu era cheio de vida, como o sol, e que ela era retraída e tímida, como a lua, éramos opostos. Acho que agora é o contrário, os anos me deixaram bastante... Deprimido.

Ele se sentou no chão, e Adriana abraçou o próprio corpo. Aquela informação mudava tudo que ela pensava sobre si mesma até aquele momento.

— Isso não faz o menor sentido, se eu morri e agora estou em outro corpo, o mesmo aconteceu com você?

Damiani sorriu, esticando os seus braços e os olhando.

— Não... Eu sou o mesmo. Na época, eu fui enviado pelo governo e pelo meu povo para observar a pesquisa que ela estava liderando, tinham achado os fragmentos da antiga civilização perdida, era a mesma que eu te disse na gruta, e nem meu povo, nem algumas importantes pessoas daqui queriam que essa história chegasse ao grande público. Mas nós dois nós apaixonamos, foi mais forte do que eu, ela sabia que não poderíamos ficar juntos, não aqui.

Adriana tocou suas mãos, observando as manchas vermelhas que já secavam.

— Por que ela não foi com você?

— Eu não sei, ela não quis se afastar de suas pesquisas, não quis deixar tudo para trás por um homem... Eu a entendo. Ela era uma cientista, uma feminista, uma mulher realmente a frente de seu tempo, eu não a culpo por sua decisão, mas eu prometi voltar quando ela precisasse de mim.

Ela olhou para o seu rosto, e naqueles olhos amarelados, ela jurou ver os mesmos do inglês de seus sonhos.

— Ela morreu?

Seus dedos se cruzaram com os seus.

— Estou olhando para ela, agora mesmo.

— Por que apareceu para mim? Por que justo agora?

Damiani, olhou no fundo de seus olhos, com sinceridade.

— Eu prometi que voltaria quando você precisasse de mim, eu estive longe de você por décadas, mas com tudo que você viveu, que tem vivido, acreditei que fosse a hora certa.

— Então era tudo mentira? Você não se apaixonou por mim de verdade?

— Claro que me apaixonei, Adriana.

Tudo aquilo era muita informação, durante toda a sua vida se sentiu deslocada, achou que o amor não fosse algo que a pudesse alcançar, mas pelo que entendeu, o amor esteve presente com ela desde que nasceu. Em toda aquela história confusa e mágica, alguns pontos ainda não faziam sentido, como ele ainda estava vivo? Por que ele não se parecia com o inglês de seus sonhos? A mão gélida que tocava ainda provocava medo, mesmo que a história a deixasse fascinada.

— Eu fiz um ritual, há alguns dias, o encontrei na mesma caixa de onde tirei este colar, comi algumas frutas.

Seus olhos se abriram, em uma expressão assustada.

— Você comeu uma fruta venenosa?

— Então você sabe o que é?

Soltou o ar pelo nariz, repreensivo, e se levantou, indo até o baú em sua escrivaninha de onde pegou o papel amarelado.

— Ela descobriu isso na escavação, refez o ritual dos índios usando plantas que conhecia.

— O que era aquele lugar que eu vi?

Ele não teve nenhuma reação, continuando a olhar o papel como se recordando de algo doloroso.

— Você viu minha cidade, Adriana. Eu não gostava que ela usasse isso porque é perigoso, se não feito corretamente pode te matar.

Ele ergueu o papel e se virou para ela, o fazendo flutuar no ar na frente de seus olhos, murmurou algumas palavras em uma língua desconhecida e essas palavras incendiaram o papel, que se desfez em chamas.

— O que está fazendo?!

— Sh... Não queremos acordar sua avó, não é? E eu sei o que estou fazendo, só não impedi que Vivienne fizesse o mesmo, pois ela sabia a receita de cabeça. De qualquer modo, não vale a pena arriscar a própria vida para ficar somente alguns minutos em minha cidade.

Com mais aquela demonstração de poder, ela sabia que se quisesse, ele poderia realmente matá-la.

— Afinal o que é você?

— Esperava conseguir te enrolar o suficiente para não ter que responder essa pergunta.

Seu rosto se contorceu em agonia, Adriana imaginava que com toda certeza, ele passava bem longe de ser um humano.

— No seu mundo pessoas como eu tem vários nomes... Na mitologia antiga, nos chamavam de Strigoi, Vetalas e outros nomes, geralmente associavam a coisas ruins... Bom, alguns de nós realmente foram, vieram a este mundo com uma sede por sangue e maldade em seus corações, mas nossa sociedade evoluiu bastante e criou regras para que não tenhamos mais problemas, nos tornamos uma lenda, é o que queremos mesmo. Os que não nos achavam demônios, maus em essência, associavam nossa existência à noite, à escuridão, à parte negra da existência, o Yin.

E entre uma pausa, continuou a falar.

— Algumas culturas tiveram contato conosco, nos adoravam como Deuses, e em troca, recebiam a sabedoria e a magia de nosso povo, era o caso dos indígenas que você pesquisou, na sua outra vida.

— Existem muitos como você por aqui, então?

Ele voltou a olhar para o céu, cuja chuva diminuiu consideravelmente.

— A maioria de nós não consegue entrar nesse mundo, somente algumas pessoas, muito especiais, conseguem atravessar a barreira entre os multiversos. Essas pessoas são chamadas de atravessadores. Elas são treinadas desde que descobrem seus poderes, aprendem sobre esse mundo e vem para eles assim que se sentem prontas ou tem alguma missão.

Era exatamente o que o elfo tinha o chamado, no corredor de portas, lembrou-se de todas as coisas extraordinárias que ele já tinha feito, bem diante de seus olhos.

— É por isso que você tem tantos poderes?

— Sim, aqui eu sou bem mais poderoso que em minha cidade. De qualquer modo, lá a magia é uma coisa natural, que flui como raios violetas sobre as nuvens que cobrem a minha cidade.

Adriana se lembrava perfeitamente delas, que presenciou em sua visão, sobre o efeito das frutas.

— Mas o poder é perigoso, minha cara, você não tem muita dor na consciência quando pisa em uma formiga.

Pensou em quantas já tinha pisado, em quantos animais já tinha visto morrer, ou quantos já havia matado para que ela pudesse se alimentar.

— Mas não se preocupe, os que estão aqui não vão matar ninguém, ao menos, não deveriam.

— Mas evocê?! Você fez isso!

Ele sorriu, assustadoramente.

— Como eu disse, vou pagar pelo que fiz. O conselho vai provavelmente me banir de voltar aqui por algumas décadas...

— Décadas?!

Damiani foi até a janela, olhando para a chuva, e a pulou, caindo sobre o jardim de inverno. Ela correu até ele, e viu que ele se banhava na chuva, que lavou sua pele do cheiro ferroso do sangue. Ele jogou o rosto para trás, fechando os olhos e ergueu as mãos para o céu, em uma cena tão bela, que as flores ao seu redor pareciam se curvar para ele. O ruivo deu um leve salto contra o chão, e pairou a alguns centímetros. A lua brilhava forte acima dele, e ao apontar para a grade que separava o jardim do céu, ela se abriu, revelando a pele âmbar que a formava.

— Já que vou ser banido, quer me acompanhar em um voo noturno?

Adriana sorriu e pulou a janela, olhando a figura azulada pela lua. Seus cabelos brilhavam em um tom avermelhado e as gotas frias de chuva escorriam pelo seu corpo, ele estendeu a sua mão, e ela a tocou suavemente. Sentiu que começou a ser erguida do chão por uma força mágica, e ele a abraçou no ar.

— Você não passou mal da última vez que fez isso?

— Não era noite, a noite é o meu lar.

The night comes down like heaven

The whites of your eyes

Turn black in the lowlight

In turning divine

We tangle endlessly

The Night Does Not Belong To God - Sleep Token

Ele a guiou até as suas costas, de onde ele revelou enormes asas negras, como a noite acima dos dois, e feitas de uma pele fina e com textura macia. Eram exatamente como as de um morcego, e em uma enorme envergadura, cresciam de suas costas, como as que sua avó havia descrito.

— Você sempre teve isso?!

Ele deu uma risada.

— Só não te permitia ver.

E alcançaram voo, partindo como uma flecha por cima de sua casa, e de todas as outras que compunham aquele cenário bucólico.

— Se segure firme!

Ela gritou, e ele seguiu para cima. Ela via a chuva ao seu lado, via alguns raios também, que partiam do céu e eram atraídos para pára-raios sobre as casas. Os vários telhadinhos eram ainda mais bonitos vistos de cima, cada qual em uma cor alaranjada das telhas de barro. Sobre algumas casas, haviam esculturas de pinhas e flores, como era comum a arquitetura da época. Continuaram a subir, e ela se prendia firme a ele.

— Tenho sorte de você ser tão corajosa, mas não se preocupe, não tem como você cair com a minha magia.

Atravessaram as nuvens de chuva, e já bem alto, ela pode ver o céu em todo o seu esplendor, ele então começou a pairar, levando os olhos para a lua.

— Isso é tão lindo!

— Eu concordo...

Adriana o abraçou. O frio que fazia naquela parte do céu era forte, e ela se aquecia em suas asas.

— Vamos achar um lugar interessante para conversar.

Ele baixou mais um pouco, e ela voltou a observar a cidade tão silenciosa abaixo deles, era alta madrugada, e não havia nada além de poucos bares e carros solitários cruzando as ruas.

Sobrevoaram, então, grande parte dos cenários de seu cotidiano. A praça Frei Brandão, em seu labirinto de arbustos e seus vários pontos turísticos próximos, onde ele havia a resgatado naquela noite solitária, passaram por mais alguns museus que visitaram juntos, e ela viu, em tamanho bem menor pela altura que estavam, as vias internas da Praça Dom Pedro II, que apesar de bonita, estava quase sempre vazia e perigosa.

Então, chegaram à praça do relógio, foi a primeira vez que a viram sem poder sentir o cheiro característico do peixe que parecia impregnado em seu solo, mas era ainda visível os brilhos cintilantes das luzes acopladas sobre os vários barcos de pesca coloridos, que ancorados ali, guardavam vários pescadores. Por cada lugar que passavam, era uma memória que se despertava, às vezes dolorosa, mas em sua maioria, de pura contemplação. E entre as nuvens, tudo parecia ser um sonho, aquela cidade era tão linda, tão característica e cheia de cultura, e somente ao ver como os pássaros, ela percebeu uma felicidade, uma que não sentia há meses.

— Veja, aquele mercado do Ver-o-Peso, fica bem bonito de noite, essas lonas brancas...

— Realmente!

Subiram a Marechal Hermes, e dali, conseguia ver que alguns moradores de rua corriam de um lado ao outro, se escondendo embaixo das marquises. Em contraste, alguns carros de luxo saíam de alguns restaurantes gourmet que ficavam nas margens da pista.

Viram a Estação das Docas, onde deram o seu primeiro beijo, ela nem em seus pensamentos mais insanos pensou que fosse tudo terminar daquele jeito.

— Vou achar um lugar interessante para a gente conversar!

A chuva parava aos poucos, e ela aninhou-se em suas asas, que ele sacudiu um pouco.

— Deve ser incrível ter a capacidade de voar assim, eu me sentiria honrada.

— Bom, nesse lugar, tem suas limitações.

Disse dando uma risada, e ao passarem por mais algumas praças e prédios históricos, chegaram a Visconde de Souza Franco. Ali, o cenário se modifica, alguns prédios históricos mais baixos se cruzavam com outdoors, fast-foods e todo tipo de prédio comercial extremamente alto. Era o metro quadrado mais caro da cidade, próximo a um enorme shopping de arquitetura pomposa. Ele subiu por mais alguns metros, e ela assustou-se, gritando ainda mais, quando alcançaram algumas nuvens. Ele desceu mais um pouco, e ela pode ver um piso em concreto, onde ele repousou.

O vento ali era fortíssimo, e ela tremia de frio. Ele sacudiu suas asas, apertando as mãos contra o peito e andando até ela, que em choque, olhava para o cenário ao redor. Dali via quase todos os bairros próximos, a grande Baía do Guajará, que banhava a cidade com um brilho negro.

— Damiani, onde nós estamos?!

— No topo do prédio mais alto da cidade.

Ela foi até o guarda corpo, e olhou para baixo, se sentindo quase imediatamente enjoada, e deu alguns passos para trás, sendo segurada por seus braços gélidos.

— Estou feliz de estar aqui com você, apesar de tudo.

— Se alguém me contasse que um dia eu veria tudo isso, eu não acreditaria.

Ele a envolveu com suas asas, evitando o frio que sentia.

— Eu te disse que ia mudar o modo com que você vê as coisas.

Adriana se virou para ele, viu seu rosto tão próximo, seus lábios entreabertos, e o beijou, sentindo o calor que cobriu seu corpo por inteiro.

— Obrigada por tudo.

O outro mundo

— Estamos fazendo outra coisa ilegal, que fantástico.

— Se for para pagar por um crime, que seja por dois, não?

Eles haviam descido da parte na cobertura de onde estavam, que na verdade, era a área técnica da verdadeira cobertura. Um apartamento luxuoso com uma enorme abertura em pele de vidro.

Damiani tocou a fechadura que se abriu em um estalido, revelando um corredor que dava acesso a uma sala bem ampla com pé direito duplo, onde caminhou a sua frente até o disjuntor. Tudo era absolutamente luxuoso, e os móveis eram em tons de branco, assim como as paredes. Viu que um relógio na geladeira da cozinha americana ao seu lado anunciava que eram quatro da manhã.

— Tem certeza que não tem ninguém aqui mesmo, não é?

— Claro, eu sempre venho aqui, gosto de ficar olhando pela janela. Se você verificar os recibos sobre a mesa de centro, perto daqueles sofás enormes em couro branco ali, vai ver que o dono está em uma viagem de negócios.

Ela olhou ao redor, e cansada, caminhou até o sofá que ele havia dito, olhando pela janela de vidro para a cidade. A chuva tinha parado.

O ruivo voltou alguns minutos depois. Ela não via mais as suas asas, e ele parecia somente um jovem adulto comum. Ele jogou uma toalha em sua direção, e ela se embrulhou com ele, levando até os seus cabelos úmidos pela chuva.

— Espero não ficar doente.

— Não vai ficar.

Disse Damiani enquanto caminhava até perto da abertura em vidro, olhando para a cidade, ele tinha tirado a camisa branca que antes estava manchada de sangue, e tinha uma outra em suas mãos, que provavelmente tinha “pego emprestado” do dono milionário daquele lugar.

— Não entendo alguém que compra um lugar desses e não aproveita.

— Talvez não tenha tempo.

Ele foi até a cozinha americana, que ficava em formato de um bar ali perto, e ela o acompanhou.

— Sabe que eu não entendo o tempo dos humanos? Vivem tão pouco e passam grande parte da vida tentando não morrer de fome ou ganhar dinheiro.

E tocou a porta da geladeira.

— Deve estar com fome, não é? Se você pudesse comer qualquer coisa que quisesse, o que seria?

— Com o frio que estou, uma sopa.

Damiani sorriu, e abriu a porta, que se iluminou em um brilho violeta, e ao cessar, ele puxou dela um prato fundo, cheio de uma sopa fumegante.

— Uma assim?

— Como você fez isso?

Ele entregou uma colher que estava sobre um faqueiro na pia.

— Do mesmo modo que eu sempre tenho dinheiro, crio uma casa que não existe ou convengo os humanos a fazerem pequenos favores para mim. Com magia.

Isso explicava como nunca tinha visto a casa em que ele a levou.

— Que incrível! Então você realmente não trabalha na prefeitura?

— Por incrível que pareça, eu trabalho sim, precisava fazer algo para me misturar.

Ele sorriu, e se moveu alguns passos para longe dela.

— Vou tomar um banho e tirar essa roupa, não vou demorar.

Adriana acenou a cabeça, afirmativamente, e assim que terminou a sua sopa, ele voltou.

— Parece que terminamos em tempo hábil.

— Sim! — Disse sorrindo. — Você está lindo.

Ele sorriu de volta. Estava usando uma calça preta de tafetá e a mesma camisa branca de antes, aberta sobre o seu peito magro, de onde podia ver os detalhes de seu abdômen.

— Que mudança de postura depois de me julgar um demônio.

— Me desculpe por isso, eu não deveria ter dado ouvidos a minha avó... Eu só fiquei assustada.

Seus braços circundaram o seu corpo, e ele depositou um leve beijo perto de seu pescoço.

— Eu te entendo, pensaria o mesmo no seu lugar... Está tudo bem? Precisa comer ou beber algo?

— Não, estou bem, só acho que deveríamos continuar a conversar.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu concordo.

E a soltou, dando passos descalços pelo piso branco até a grande abertura em vidro, onde se sentou no chão e ficou olhando para fora. Adriana pegou um vinho que estava bem a sua frente, em um suporte, e o seguiu. Ia precisar de uns goles para as próximas perguntas que faria. Abriu a garrafa e correu para se sentar ao lado dele, que com o rosto próximo do vidro, olhava para baixo.

— Já estou aqui nesse mundo há tanto tempo que eu até esqueço como é diferente em casa.

— Quanto tempo exatamente?

— Eu vi as guerras, lutei ao lado dos aliados, viajei o mundo todo... A humanidade é cansativa, vai ser bom voltar para casa de qualquer modo.

Ele puxou o vinho de suas mãos, bebendo dele alguns goles, o que a fez estranhar.

— Dami, eu não entendo, se está aqui há tanto tempo, como permanece tão jovem, e por que é diferente do homem que Vivienne se apaixonou?

Damiani encarou o seu reflexo na superfície à sua frente.

— Eu apareço para as pessoas exatamente como elas querem me ver.

— Então você não é assim de verdade?

Disse Adriana, se lembrando das enormes asas que a sustentaram até ali.

— Humano? Definitivamente não, disso você já sabe, me pareço bem mais com o que sua avó descreveu do outro atravessador que levou a amiga dela.

Então era isso que tinha acontecido com ela? O mais chocante era que sua avó tinha mudado sua vida totalmente pelo que viu, acreditando que ambos eram demônios.

— Pessoas que têm contato com atravessadores não podem manter relacionamentos com eles aqui, ou ele deve ser cortado, ou em casos especiais, podem ir com eles, atravessar a barreira do mundo humano e viver em minha cidade. A amiga de sua avó, eu a conheci, lá pelos anos noventa aqui nesta realidade, quando eu cruzei a passagem de volta para a minha terra, ela está bem.

— Você pode ir e voltar quando quiser?

— Sim, só preciso achar um portal dimensional, tem um monte deles em partes diferentes da cidade, inclusive no cemitério em que nos conhecemos. A questão é que humanos não podem ir para a minha cidade sem os itens que pegamos, para eles, é uma via de mão única.

A amiga de sua avó estava tão chateada, que entendia que ela tivesse ido embora.

— A verdade é essa, Adriana, eu vou ser banido daqui por meus crimes, e se você quiser ir comigo, não vai poder voltar. O conselho tem regras sobre isso, eu realmente não podia te contar toda essa história até ter os itens do livro. Eles fazem isso para ver se a pessoa escolhida realmente aguentaria ver coisas fora de sua realidade sem enlouquecer. Na verdade, eu nem devia te contar tudo com tanta clareza quanto agora, só estou fazendo porque já vou ser banido mesmo e não me importo.

Pensou um pouco na história da amiga de sua avó, ela também iria em seu lugar, pensou em todas as vezes que o mundo tinha sido cruel com Vanessa, assim como tinha sido com ela mesma, seria esta a solução, fugir para o além?

— Eu vou entender se quiser ficar, eu não seria capaz de te obrigar a vir comigo, eu não o fiz enquanto eras Vivienne.

— E eu teria que abandonar tudo aqui? Para ir para um lugar que eu nem conheço?

Ele sorriu, mas seus olhos estavam cobertos de dor.

— Você fez essa mesma cara a cem anos atrás, mas saiba que lá você não teria nenhum dos problemas que tem aqui, com essas pessoas cruéis e ignorantes.

— Eu não sei...

Alguns raios de luz começaram a surgir no céu azulado, bem fracos pelo ar ainda chuvoso, ele respirou fundo, parecia profundamente triste.

— As pessoas sempre olharam para o céu e procuraram coisas, respostas para os questionamentos do mundo, viam nas estrelas os seus Deuses. Com a ciência, começaram a procurar alienígenas, outros lugares habitáveis, e responder um monte de perguntas. Mas você agora, Adriana, sabe que a resposta está aqui mesmo, a magia que eles tanto desejavam, os Deuses que adoravam, está tudo aqui, nessa mesma terra, esse é um ambiente perfeito para a vida humana, com fartura, com água e abrigo. Mas o ser humano prefere olhar para fora do que para dentro, destruir o que já tem e rejeitar o que deveria ser realmente adorado, aos poucos a magia vai embora deste mundo, é um tanto triste de se ver.

— Eu nunca entendi as outras pessoas, é como se eu não me encaixasse em nada.

Ele tocou sua mão, a levando até os seus lábios.

— Eu sei, na sua outra vida, você morreu sendo vista como uma bruxa, nesta você é excluída e apedrejada só por ser quem você é.

— Eu nasci para sofrer, é isso?

— Jamais! Você só é boa demais para esse mundo, e sabe, eu amo mais você agora, do que eu amei Vivienne algum dia.

Algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto, ela tentou se conter, levando as mãos até os olhos.

— Sabe, Adriana, quando o conselho me disse que você tinha voltado, que estava precisando de mim, eu nem sabia o que fazer, mas pode ter certeza, foi um prazer me apaixonar por você de novo.

Ela engatinhou até mais próximo dele, o abraçando e levando seus lábios suavemente até os seus.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

Adriana, então, o soltou, indo um pouco para trás, com um olhar confuso.

— Eu não sei se posso ir com você, tem a minha avó, e mesmo com todas as coisas horríveis que disse para mim ontem, eu não posso deixá-la sozinha aqui, e tem a Beatriz também e...

— Meu amor... Eu te entendo, e dessa vez, eu vou te dar uma opção.

Ele foi até o balcão, onde tinha deixado aquela bolsa que sempre levava a tiracolo, de lá, tirou o livro estranho que sempre usava.

— Esse é meu livro de magia, cada Atravessador ganha um assim que se descobre a sua habilidade. Eu tenho um, o namorado da Vanessa também tinha, qualquer um que achar. Enfim, eu vou te dar ele, se um dia você estiver pronta, volte até aquela passagem onde nós matamos o boitatá e vá pelo caminho da esquerda.

— Mas ele não tinha nada...

— Vai ter, se você levar todas as coisas que pegamos naquelas viagens, lá vai ter uma porta de madeira e assim que conseguir entrar você abre o livro bem no meio e faz o que estiver escrito, assim você consegue me encontrar na minha cidade.

Ela balançou a cabeça, mesmo insegura se realmente faria aquilo, algum dia.

— Certo...

— Eu... Não fiz isso na sua vida passada.

— Como assim? - Disse Adriana enquanto olhava para a capa brilhante em suas mãos. - Eu era jovem, fiquei bravo, voltei para a minha cidade por um longo tempo, não a dei chance de mudar de ideia. Nosso tempo lá é bem diferente, e quando eu soube, você tinha partido.

Adriana podia sentir a dor em suas palavras.

— Não vou deixar você fugir de mim dessa vez.

— Obrigada por isso.

Ele voltou a se sentar do seu lado, a fitando com seus olhos amarelos e puxou as mangas de sua camisa branca para cima de seus punhos.

— Sabe, eu também fugi, nem tudo são flores no meu mundo também, acho que em nenhum que tenha diferenças. O meu povo é conhecido por ser o mais avançado, somos bastante, como posso dizer em termos humanos? “Mente aberta” para muitas coisas, mas existe maldade lá também, quando eu era criança, havia uma guerra entre o meu povo e outro, e nela meus pais sucumbiram. Eu sei como é perder a família, a guerra já acabou, mas os responsáveis ficaram impunes. Estamos em algum tipo de guerra fria entre os povos, fiquei tão chateado com isso que aceitei a missão de vir para cá e conheci Vivienne, o resto, você já sabe.

— Que história! Eu realmente sinto muito pelos seus pais.

— E eu pelos seus, nós realmente somos muito parecidos em nossas trajetórias, mesmo que em realidades tão distintas. Um fato interessante sobre eu fingir ser inglês é que é a língua mais conhecida aqui, então eu só sabia falar ela. Tive que aprender a sua com pressa.

Ela sorriu, e suas palavras se perderam em seus lábios, do lado de fora, já estava relativamente claro.

— Eu vou ter que ir... Ainda tenho que pagar por meus crimes com o conselho.

Seu peito doeu como uma facada, sabia que nunca mais o veria, ao menos que rejeitasse a própria humanidade para o desconhecido, e ele sabia do peso que era aquela decisão.

Ele a abraçou, e quando ela enterrou seu rosto sobre o seu cabelo, não queria ter que soltá-lo, queria que seus mundos pudessem coexistir, mas agora, sabia que aquilo não era mais possível.

— Eu esperei tantos séculos para te ter em meus braços novamente, minha lua, eu sempre vou amar você.

Ela o beijou, aproximando os seus corpos e sentindo o calor de sua boca na dela, enquanto sua mão, suavemente segurava o seu cabelo.

— Eu não queria que você fosse embora.

O beijo mudou de intensidade, ele a guiou até o sofá, onde deitou-se sobre ela, que cruzou suas pernas entre os seus quadris.

— Posso demorar mais algum tempo.

Ela sorriu, enquanto uma lágrima insistia em escorrer de seus olhos.

— Eu só quero sentir a sua pele uma última vez na minha.

Ele concordou, a beijando, e suas mãos desceram a sua espinha, tirando a roupa úmida que ainda usava.

Adriana acordou deitada sobre a cama de seu quarto. Toda a noite passada parecia ter sido um sonho bem intenso e ela demorou alguns minutos para se situar, estava com o seu pijama, e ao olhar para os lados, viu que o livro de Damiani estava sobre o criado mudo.

Realmente, não tinha sido um sonho.

Sua última lembrança era estar nua em seus braços, e ter dormido assim, no meio da enorme sala que tinham invadido. Ela se sentia bem, nenhuma dor de cabeça ou cansaço natural que seriam comuns naquela situação, nem mesmo se sentia doente com a quantidade de chuva que tinha caído sobre a sua cabeça durante a madrugada. A janela estava aberta, e a porta de entrada para o seu quarto estava trancada por dentro, ele devia tê-la deixado ali, e trancado a porta para que sua avó não fizesse ainda mais perguntas.

Ela correu até o livro, que pegou e guardou bem no fundo de seu armário, onde também estavam todas as outras coisas que tinham pego juntos. Assim que passou pela frente do espelho, viu que em seu peito agora estava o símbolo do sol, assim como em sua conversa, era ela quem trazia vida para ele.

Respirou fundo, com toda certeza sua avó deveria estar nervosa com a conversa do dia anterior, mas antes que o fizesse, havia um bilhete sobre a sua escrivaninha, reconheceu a letra dele de imediato.

“Meu Sol,

Não quis te acordar e deixar nossa despedida ainda mais dolorosa, eu estou indo agora, espero ficar bem. Infelizmente, sabemos das condições que nos separam, mas dentro do possível, sempre estarei olhando daqui para você.

Obrigado por todo o amor e as coisas que me ensinou nestes meses em que ficamos juntos, você é uma garota fantástica, sempre foi, e eu espero que as coisas sejam menos dolorosas em sua vida aí na terra, você é forte e suficiente para conseguir tudo que sempre desejou.

Eu amo você, amava no passado, amo no presente, e vou amar no futuro, se ele houver.

Estou com pressa, e ainda teria muito o que dizer, mas quando pensar em mim, pense em nossos bons momentos.

Ps. Flores vermelhas são muito exageradas.”

Adriana soluçou, deixando que várias lágrimas escorressem pelo seu rosto, vindo bem do fundo de sua garganta. Dessa vez ela deixou que rolassem, escorrendo pelo seu rosto enquanto ela se deitava sobre os desenhos espalhados naquela pequena mesa.

Assim que saiu do quarto, sua avó a encheu de perguntas, e mesmo que ela tentasse gentilmente responder cada uma delas, cada tentativa sua de defendê-lo foi tomada como uma grande heresia. Ela sabia que sua mente estava fechada para aquela situação, e a conversa só fez que a situação piorasse.

Ela a proibiu de sair, e também disse que voltariam à igreja com maior frequência, mas naquele ponto, ela não sabia mais o quanto acreditava naquilo, ainda mais pelo que tinham feito com a tribo perdida. De qualquer modo, ela não confrontou a idosa, aquela discussão era inútil, e preferiu tentar seguir em frente.

Foi até seu celular, várias mensagens de Beatriz anunciavam que Yan tinha sumido e que alguns vizinhos de sua antiga casa tinham ouvido gritos de dentro de um terreno próximo. Sabendo do que Damiani tinha feito, ela ficou apavorada, não sabia como aquela situação se resolveria, e fez o que seria mais sábio naquele momento, nada.

Se sentia culpada, triste, mas se ele realmente planejava matar as duas, não conseguia ter empatia, qualquer outra palavra que dissesse seria uma prova contra ela mesma, e as coisas iriam piorar bastante caso ela fosse uma suspeita.

Ela escreveu tudo que tinha acontecido em seu diário, tentando se lembrar com perfeição de cada diálogo. Grudou a carta de Damiani bem na página seguinte, fazendo com que a sequência de fatos estivesse perfeita, somente assim ela não se perderia neles, ou duvidaria da própria sanidade. Com seu notebook aberto bem em frente ao seu diário, ela se recordou de alguns termos que não conhecia, veio em sua mente dois deles, Strigoi e Vetala, o resultado a deixou surpresa, surpresa de um modo que não esperava que ainda pudesse ficar.

— Vampiros.

Ela socou a madeira da escrivaninha ao seu lado.

— Como eu não pensei nisso antes?

Se a realidade que havia entrado era a magia daquela parte do mundo, e nela, justamente em seu estado, haviam todas as criaturas das lendas que ouvia quando criança, a realidade de Damiani era uma delas, mas a de outra cultura.

A terra de Damiani era a dos vampiros, dos elfos e sabe-se lá do que mais, por isso ele e o elfo se conheciam, por isso as asas, a persuasão e a facilidade em matar.

— Ele é um vampiro! Como eu não... Meu Deus!

Ela entendia ele não ter usado o termo. Na cultura ocidental, eram uma coisa necessariamente má, mas por tudo que ele tinha dito, eles não eram, era mais algum tipo de povo da escuridão, o Yin, tanto que para os próprios indígenas que tiveram contato com eles, eram Deuses da noite.

Viu algumas imagens em alguns sites de fotografias, artes antigas mostravam os vampiros bem longe da visão comum que se tinha deles nos filmes modernos. Eram criaturas mais parecidas com o que havia visto a sua avó, a verdadeira forma, que seu namorado não tinha revelado para ela.

— “A noite é o meu lar.”

O sol e a lua, dentro e fora, o seu povo era a escuridão, o que os antigos chamavam de vampiros, espíritos, de seres da escuridão. Sabendo disso, o fascínio cresceu ainda mais, e lembrando-se da cidade coberta por pesadas nuvens, entendeu o motivo por não gostarem da luz do sol.

Vampiros

Aquele final de semana foi no mínimo estranho, sua avó não falava com ela e a relação das duas, já fragilizada pela discussão de antes, tinha piorado consideravelmente. No domingo, ela tinha insistido para que fossem até a igreja, aquela mesma grande catedral que sempre passava pela frente quando ia visitar um dos museus. Durante a missa, ela se sentia péssima pelos olhares dos fiéis em direção a ela, cada um deles dizia quase que um “Você não deveria estar aqui”. E no final da cerimônia, o diácono foi falar com sua avó, em particular, provavelmente para dizer o que todos ali pensavam, mas não tinham coragem de dizer diretamente.

Ao ver o modo com que sua avó saiu daquele lugar, a face transtornada e uma expressão de desgosto em sua direção, foi o primeiro motivo pelo qual ela começou a se arrepender de não ter ido com ele. Aquela situação toda a fez recordar de Vivienne, ou melhor, de seu passado, e que em sua época, a religião tinha uma papel ainda mais central nos núcleos sociais. Devia ter sido um verdadeiro inferno, lembrou-se do modo com que sua irmã a tratou na carta. Se a própria família já era assim, como não seriam os outros?

De algum modo, tinham aquilo em comum em ambas as encarnações.

Quando a semana começou, ela teve que fazer um grande esforço para se levantar da cama, era o início das provas, e ela sabia o quanto tinha se esforçado para conseguir aprender alguma coisa. Tinha muitas dificuldades, e sabia que precisava de ajuda profissional com elas, coisa onde os seus problemas financeiros não ajudavam.

Enquanto caminhava até a escola, depois de um café da manhã com um silêncio mortal e olhares desconfiados de ambas as direções, ela sentiu que sua vida iria voltar à rotina, e não sabia se aquilo era bom ou ruim.

Tinha lido em algum lugar que as pessoas se viciaram em adrenalina, em viver aventuras, viajar. Se não fosse o seu Bullie estar morto agora, as coisas seriam exatamente como janeiro. Seu relacionamento era uma boa válvula de escape, e sem ele, temia que o tédio a consumisse a ponto de enlouquecê-la.

Pensar em Yan era confuso, ela era cúmplice de um crime, dois se pensasse na cobertura que tinham invadido para transar no sofá de uma sala muito luxuosa. Talvez por sua idade não conseguisse mensurar com realidade a seriedade daquela situação, ao menos, sabia que se falasse algo errado podia ser responsabilizada.

Não sabia também o que Damiani queria dizer com “acobertar” quando falou sobre aquilo, mas esperava que funcionasse, se continuassem a ligar o seu sumiço com o seu irmão e não com o incidente na escola seria bem mais fácil para ela.

Respirou fundo antes de entrar na escola, e ao cruzar o pátio, olhou em direção a onde Yan sempre ficava, desta vez somente seus amigos estavam ali, conversando de cabeça baixa e com uma expressão preocupada, sequer olharam para ela. Era uma quebra na rotina de xingamentos e piadas preconceituosas que estava acostumada a ouvir dali, se repetindo em um ciclo trágico.

Ao entrar na sala número três, a turma inteira estava naquele mesmo silêncio e murmúrio que tinha visto nos *bullies* do lado de fora. Alguns viraram a direção para olhar para ela, mas logo voltaram às próprias conversas. Beatriz estava sozinha desta vez, sentada bem ao lado de onde ela costumava se sentar, olhando para fora com uma expressão de preocupação.

— Bom dia.

Disse Adriana, sem saber como disfarçar sua expressão de culpa.

— Bom dia, Adriana.

Ela se sentou em sua cadeira de costume, deixando sua mochila nas costas da cadeira e pegando seu caderno, pensando em repassar alguns assuntos da prova.

— Tá todo mundo tão estranho.

— Não param de falar do Yan, de onde ele pode estar.

A morena deu de ombros, se virando para o seu caderno e o abrindo em uma página cheia de fórmulas matemáticas.

— E ainda não acharam ele não?

— Não. A polícia acha que tenha sido por causa do irmão dele, alguma facção rival o levou como forma de vingança.

— Bom, faz sentido mesmo... Do jeito que ele arruma problema com todo mundo

Beatriz permanecia com a mesma expressão séria, e ao firmar seu rosto no dela, apertou sua mão sobre a cadeira.

— Eu preciso falar com você sobre isso, depois da aula.

Aquela frase caiu em seus ouvidos como uma pontada que sentiu bem no fundo de seu estômago, e uma dor fina se formou no alto da sua barriga, era uma péssima hora para ter uma crise de ansiedade.

— Tudo... Tudo bem.

Logo o professor chegou e as conversas cessaram, as provas foram distribuídas, e por Deus, estavam tão piores do que ela esperava. Ela realmente tinha se dedicado, mas o nervosismo que corroeu o seu estômago e todas as memórias que vinham a sua lembrança a fizeram ficar por minutos paralisada, olhando para a folha em branco. Algumas cenas passavam pela sua cabeça, pensava no que Damiani tinha feito com o garoto, e agora que sabia o que ele realmente era, as coisas só ficaram mais obscuras, imaginando a violência de seus atos e a responsabilidade que tinha naquilo.

Ela foi uma das últimas a sair da sala, já eram umas dez da manhã quando entregou a prova, estava pálida e tinha certeza que tinha se saído mal, tentaria a recuperação, mas todos os fatos que aconteciam em sua vida pessoal não a ajudavam.

Adriana caminhou até a saída, alguns alunos ainda estavam por lá, mas a maioria tinha ido embora, como era comum aqueles dias de prova. Beatriz, porém, estava ali, aguardando por ela, e caminhou ao seu encontro assim que a viu saindo da escola, a levando para um dos bancos que ficavam na praçinha bem a frente da escola, onde um enorme chafariz em formato de sereia jorrava uma água esverdeada.

— Bom, o que você queria conversar?

— Eu só queria falar sobre tudo isso... Agora eu vou poder voltar para casa, pelo que me disseram, o irmão de Yan nem sabe do problema que ele teve conosco, está bem mais preocupado em procurar o irmão, então as coisas estão seguras.

— Isso é ótimo!

Sua amiga mantinha a expressão neutra.

— Eu não sei, essa situação toda não te deixou preocupada, com o que pode ter acontecido?

— Sinceramente, não. Ele me perseguia desde que entrei na escola, é bom não ouvir xingamentos ou ser ameaçada.

Seu discurso estava cada vez mais parecido com o do Vampiro, Beatriz suspirou, olhando em direção a escola.

— Apesar disso tudo, ele era um ser humano, eu o detestava, mas não sei como me sentir em pensar que ele morreu.

Apesar de tentar manter a expressão mais inocente possível, o tempo que tinham de amizade fazia com que ela conseguisse reconhecer quando a amiga estava mentindo, ou escondendo algo.

— Adriana, você sabe alguma coisa sobre isso, não sabe?

— Não!

Ela se levantou, ficando de pé em frente a sua amiga.

— Você devia confiar em mim.

— Adriana, não conheço nenhuma mentirosa tão ruim quanto você!

A garota de cabelo azul agarrou o seu braço, o prendendo entre sua pequena mão.

— Eu não vou te soltar até você me contar a verdade.

— Não tem nada para contar.

Ela falou em voz alta, tentando se soltar dela.

— Você me falou que seu namorado era polícia, que estava bravo com tudo isso!

Adriana finalmente conseguiu se soltar dela, dando alguns passos para trás.

— Não fale alto sobre isso! Quer piorar a situação para nós duas?!

— Então estou certa?

Adriana se virou de costas para ela, olhando em direção a rua que dava acesso a sua casa.

— Esqueça esse assunto, é o melhor a se fazer!

— Se você se considera minha amiga mesmo, você vai me contar o que aconteceu.

Ela começou a se irritar com a sua insistência, se algo tinha acontecido, havia sido para defendê-las, graças a isso seu namorado havia sido banido daquele mundo, sabe-se lá por quanto tempo, pensar naquele fato fez seus olhos se marejarem e sua voz perder a força.

— Então eu não sou sua amiga.

— Você é uma péssima pessoa!

Adriana se virou com tudo, tinha as mãos fechadas em punho e estava prestes a bater na garota, naquele momento, nem ela mesma se reconheceu.

— Ontem, depois da escola, o Yan me perseguiu e me agarrou, na saída da escola, e me jogou em um terreno baldio, eu consegui fugir dele, mas ele teria sido capaz de coisa bem pior se não fosse o meu namorado.

— Que? Não acredito que ele...

Ela deu alguns passos para trás, observando ao redor e verificando se ninguém os ouvia.

— Meu namorado o seguiu, e ouviu ele planejando me matar, matar você e a sua namorada, não diretamente, mas ele iria pedir ao irmão para “dar um jeito”.

— Ele pareceu tão triste no fim da aula, depois de tudo que a diretora disse, e depois ele...

Adriana estava cansada de todo aquele assunto.

— Pessoas como ele fazem essas coisas, por pouco não nos tornamos mais uma Dandara mortas por ódio.

Beatriz olhou no fundo de seus olhos, mesmo com aquela informação, estava irredutível.

— Ele não deveria ter feito isso, a gente podia ter procurado meios legais... Podia...

Agora foi a morena quem agarrou seu braço, o apertando com as unhas.

— Você não sabe de nada sobre isso, deixe que continuem pensando como estão, você entendeu?

— Isso foi uma ameaça?

Disse a garota, olhando para as unhas que presas a sua carne, a machucavam levemente.

— Isso é sério, Bia! Encare como quiser.

Ela se desvencilhou, e a menor continuou a encará-la, decepcionada.

— Eu não sabia que você era assim, não vou mais tocar nesse assunto, mas não quero me envolver nisso e nem falar mais com você.

Depois daquela conversa tensa, ambas não se falaram mais, indo cada uma na direção contrária, abaixo daquela grande imagem de sereia, a amizade das duas chegou ao fim, igual a um canto que começa bonito, mas que fere o pescador que se aproxima.

Enquanto voltava para casa, teve a impressão de que todo o policial a encarava, e até mesmo que um carro deles a seguiu, cochichando alguma coisa em um daqueles rádios transmissores enquanto descia a rua de sua casa, em direção ao Ver-o-peso, talvez só estivesse paranóica pela culpa, ou se não, eles desconfiavam de seu envolvimento, o que era péssimo.

Ela chegou em sua casa mais tarde do que esperava, e sua avó ainda estava na cozinha, preparando o almoço. Adriana seguiu o que lhe era de rotina, bateu os pés no tapete de entrada, e tirou pequenos saltos, os deixando bem ao lado da porta de entrada.

— Onde estava?

— Na escola, estava terminando minha prova.

Disse ao ir até a geladeira, dando alguns goles na água gelada. Suas mãos tremiam sobre o plástico do copo. Ela notou que a idosa havia saído, tinham algumas sacolas de compras, tanto de comida, quanto de alguma loja de roupas.

— Você saiu?

— Sim, fui comprar comida e uns presentes para você.

Aquilo a surpreendeu, não sabia se estava tentando ser gentil ou tinha se arrependido de tudo que andava fazendo, sendo aquele gesto um pedido de desculpas. Então se aproximou com felicidade dos pacotes, até ver o seu conteúdo.

— Ah, vó, é sério isso?

As sacolas estavam lotadas de roupas masculinas, que não seriam um problema exato, se não soubesse o que significava naquele contexto.

— Nem mesmo o seu filho, que era super intolerante comigo, me forçou a usar isso, e você vai?

Alessandra deu de ombros, continuando a cortar os legumes que estavam sobre a tábua a sua frente, calmamente.

— Se quiser continuar morando aqui, vai ser assim.

Ela não conseguia acreditar que sua avó estivesse realmente agindo daquele modo. Desde que ela tinha se mudado, tinha sido sempre tão tolerante, descobrir a história sobre Damiani a tinha feito regredir a um ponto que ela não sabia que existia.

— Olha, eu vou fingir que você não está fazendo isso, eu vou na loja trocar essas roupas amanhã e ninguém mais fala nisso.

— Eu quem vou fingir que não está me desafiando!

Adriana suspirou fundo. Se aquele era realmente o comportamento de sua avó, ela compreendia o motivo de seu pai ter se afastado dela por tantos anos.

— Eu nunca pensei que você pudesse agir desse jeito.

— Eu sempre fui assim, eu só mudei porque achava que fosse loucura, mas agora que sei que tudo que eu vi era real, vou voltar a agir como deveria.

Ela não conseguia tirar os olhos das sacolas, confusa.

— Você está enganada, muito enganada! Eu já te expliquei tudo isso.

Adriana baixou a cabeça, e deu alguns passos em direção ao seu quarto.

— Ele é um demônio!

— O próprio demônio me aceita melhor que minha avó, então.

“Minha mãe morreu me dizendo para ser forte, para não deixar que ninguém invalidasse quem eu era”. Ela pensou, e pegando sua mochila de volta, trancou-se no quarto. Precisava falar com alguém, buscou seu celular, pensando em falar com Beatriz, mas sua amiga a tinha bloqueado em tudo que era possível.

— Como pode dar tudo errado assim?

Ela se deitou sobre a sua cama, escondendo o rosto com o travesseiro, embora tivesse vontade de chorar, não conseguia, estava cansada, como se tivesse corrido uma longa maratona. Olhou ao redor, seu quarto parecia cada vez maior e sua existência pequena, encolheu-se entre os cobertores. Tinha que tentar manter sua sanidade de pé, ainda, contemplou os detalhes, os desenhos de flores, seus posters de algumas cantoras pop que gostava e aquela enorme janela com vitral colorido.

Foi até o celular e colocou a música que ouviram juntos quando ela foi em sua casa. Enquanto o som ecoava baixo pelas paredes, ela respirou bem fundo, estava confusa, sabia que as coisas tendiam a piorar a partir daquele momento. Estava sem o apoio de sua melhor amiga na escola, com sua avó se tornando uma religiosa fanática e ela temia que as suspeitas sobre o sumiço do *bullie* caíssem sobre ela.

Embora tudo aquilo, se o verdadeiro medo era o desconhecido, como seria se decidisse viver naquele outro mundo? Ir para lá significava rejeitar tudo que já tinha vivido, todas as belezas deste mundo para mergulhar em uma nova existência.

Let me drag you down

Let me kiss your neck

Please don't be afraid

I'll show you things you won't forget

Bloodsucker- Paralysed age

Ela respirou fundo, e assim que ouviu aquela última estrofe da música, ela se levantou. Ao abrir a porta, sua avó a olhou curiosa, esperando que dissesse mais alguma coisa, mas tudo que fez foi seguir até a cozinha, e de lá, desceu as escadas até o quintal, tocou nas flores que circundam o local com as pontas dos dedos enquanto se aproximava da estátua, que agora bem antes que nunca, tinha um significado enorme. O céu estava tranquilo, era um contraste com a noite chuvosa do dia passado. Um vento leve movia seu cabelo na direção leste, fazendo com que os pequeninos cachos caíssem sobre o seu rosto.

A estátua estava bem ali, na sua frente, os nariz fino e as longas madeixas onduladas eram o que mais a chamavam atenção. Era realmente bastante parecida com a real, que tinha visto em suas memórias.

— Como a gente aguentou tanta coisa?

Ela perguntou para a face de pedra, que tinha seus olhos levados para baixo. O símbolo em sua mão esquerda continuava ali, talhado naquele mármore claro manchado, e ela o tocou, fechando os olhos. Um mar de luz veio até ela em um vislumbre e suas memórias foram até a

sua imagem, que conseguia ver perfeitamente, bem ao lado dela. Olhando para a estátua, a forte luz do sol banhava os seus fios de ouro cacheados da cor daquela estrela de quinta grandeza, e de tão belos, ela parecia estar olhando para o paraíso.

— Eu não sei o que fazer.

Dedicou o resto de seu dia a tentar estudar, e quando terminou, escreveu a sequência dos fatos em seu diário, falando sobre tudo que estava acontecendo e os sentimentos que estavam confusos em seu peito. Se sentia sozinha, tão sozinha como quando seus pais partiram. Naquele dia, foi dormir cedo, estava exausta pelas várias noites mal dormidas e as dores que sentia de todas as recentes aventuras que tinha presenciado, mas antes de cair no sono, lembrou-se da última vez que havia dormido, entre os braços de seu amado.

V

O escritório todo em madeira nobre e iluminado pelas luzes baixas de velas negras era um de seus ambientes favoritos naquela casa, entre eles estavam a banheira inglesa de porcelana pintada a mão com algumas miúdas flores coloridas, o jardim de inverno que podia ser acessado por aquele mesmo ambiente e a estátua de si mesma que ficava no meio do quintal na parte inferior da casa. Naqueles anos confusos, olhar para a sua imagem preservada em beleza jovial a traziam uma nostalgia confortável.

— Precisa de mais alguma coisa?

A mulher olhou para os papéis a sua frente e misturou um último ingrediente na grande pipeta borbulhante em um suporte de madeira abaixo de si. Entre algumas ervas e líquidos, estava o símbolo dos Deuses da Escuridão, talhada em um complexo desenho em madeira, todos aqueles objetos dispostos ali formavam um altar perfeito, uma réplica do que ela acreditava ser montado a Eles a séculos atrás. Uma flor de Beladonna estava em um jarro longilíneo de vidro, disposto a direita do símbolo, servindo como uma oferenda, e assim que o jovem adulto ao seu lado se aproximou dela, tomando nota de tudo que acontecia, ela tocou a insígnia, que irradiou um fio de luz, que se dispersou como pólen pelo ar, cobrindo todo o ar com um brilho mágico.

— Pegue a pequena garrafa ao seu lado por gentileza, Sr. João Guilherme.

O rapaz usava um paletó formal, recortado ao seu corpo perfeitamente, em sua pele negra tinha um brilho iluminado pela empolgação natural da idade. Seus olhos eram os mais escuros que já tinha visto, e em contraste com os seus esverdeados, pareciam tão bonitos quanto as frutas lustrosas dos arbustos de belladonna. Ele se virou, indo até uma cristaleira próxima da parede, lá ele gastou alguns minutos procurando, e antes que ela terminasse seu intento, ele observou a poeira mágica acima de si, era como olhar para as estrelas.

— Aqui está! Espero não estar atrapalhando.

— Claro que não, meu filho, agradeço pela ajuda.

Ele sorriu, mostrando os simpáticos dentes esbranquiçados.

— Ao seu dispor, mestra.

Ela ergueu o frasco, despejando o líquido da pipeta em seu interior, com um gesto. A poeira brilhante que pairava acima deles se moveu até o gargalo, em uma dança purpurinada. O líquido assim que entrou em contato com aquela magia, começou a expelir fumaça e borbulhar até mudar de cor, do transparente ao verde escuro.

— Duas gotas disso é tudo que você precisa para convencer os seus investidores de qualquer coisa que você quiser.

Vivienne a fechou com uma rolha de cortiça e o ofereceu para o jovem, que mesmo depois de todos os anos de aprendizado, continuava tão fascinado quanto a primeira vez que ela havia

lhe mostrado a verdadeira magia. Guilherme sorriu, o guardando no bolso do paletó, a senhora então se virou, colocando os itens que tinha usado de volta aos seus lugares.

— Chegou alguma carta da minha irmã?

— Não, senhora.

O rapaz notou que sua expressão mudou imediatamente, seus olhos se cobrindo de tristeza.

— Tudo bem...

O aprendiz se aproximou, a ajudando em sua tarefa. Sobre o altar haviam vários potes todos organizados com uma precisão perfeita, com seus nomes científicos grudados a eles por papéis escritos à mão em uma caligrafia perfeita. Mesmo que aquilo tudo tivesse fundo religioso, tanto para ele, e principalmente para o conselho, Vivienne via a magia com um olhar científico, e de tão aficcionada, dedicou toda a sua vida para entender os mistérios da magia violeta que irradiava do outro mundo, mesmo que sua pesquisa tivesse sido censurada e todo o conhecimento que tinha fosse morrer com ela.

— Meu tempo neste plano é curto, meu pupilo, não sei como posso agradecer por tudo que tem feito por mim nestes últimos anos.

— Eu quem digo, minha senhora, se não fosse por ti eu não teria conquistado nada que tenho hoje, e o mais importante, não teria a sabedoria que me ensinou.

Ela sorriu amigavelmente, naquele sorriso ainda tinha parte do esplendor da juventude entre as muitas rugas da idade. Tinha uma beleza quase que de uma rainha, o cabelo prateado preso em um penteado complexo no alto de sua cabeça e suas roupas que não pareciam ter acompanhado as evoluções da moda, em um corte antigo e cada detalhe cuidadosamente passado a ferro.

— Fico feliz que tenha sido indicado para fazer parte do conselho.

— É uma grande honra para mim, senhora.

E assim que terminou, apagou as velas com um forte sopro. Aquele ambiente estava constantemente na escuridão, como mandava o ritualístico, a pouca iluminação vinha da janela com vitrais e das várias velas.

— Queria ficar um pouco sozinha hoje, se não se importa.

Guilherme se preocupou, considerando o péssimo estado de saúde em que ela se encontrava, mas preferiu não insistir.

— Está tudo bem, senhora, faça um bom descanso.

— Vá em paz, querido, que a escuridão te faça companhia.

Ele fez uma reverência, pegando a pasta em couro que havia deixado perto da porta e baixando a cabeça, enquanto tocava levemente na ponta de seu chapéu coco.

— Que ela esteja com você, minha mestra.

E estando finalmente sozinha em casa, lembrava-se da rotina que tinha antes de ter acolhido Guilherme. Seus pais partiram, suas irmãs se casaram, e a mais controversa delas estava ali, a que nunca se interessou por nada além de seus próprios livros, como achavam, e que tinha práticas fora do comum demais para que algum rapaz a fizesse a corte. Ela andou calmamente erguendo o pesado vestido negro acima de seus pés, e seguiu pelo caminho de terra e pedras que separava a sua casa do terreno vizinho, terminando em um portão de ferro, que deveria ter lá pelos seus dois metros e meio, tingido de preto. Tinha o ferro trabalhado em várias folhagens. Neste caminho, vários dos arbustos de flores que usava em suas pesquisas estavam dispostos, e com um regador de ferro, começou a molhar as pequeninas flores que nasciam em ramos. De lá ela conseguia ver a rua, onde alguns poucos carros e muitas charretes passavam.

O céu aos poucos ia perdendo a sua iluminação, sendo tomado por um azul escuro com poucas nuvens. Aquele parte da cidade, em um bairro tão privilegiado, já recebia iluminação

pública, e com isso, via as luzes dos postes em ferro trabalhado serem iluminados pouco a pouco, irradiando uma luz amarelada ao seu redor,

Alguns vizinhos conversam nas calçadas, se reunindo em grandes grupos barulhentos, as risadas a incomodavam. Havia tempo que não tinha contato com o calor humano, seu isolamento tinha trazido muitas consequências, todas as décadas que sua única companhia eram seus livros e suas idéias a tornaram uma mulher fechada, mais do que já era. A chegada de Guilherme em sua vida havia mudado um pouco aquilo, mas ele era uma exceção.

Uma criança se aproximou do portão onde ela estava, a pequena não deveria ter mais que seus sete anos, ela nunca pensou em ter filhos, mas não tinha nada contra crianças, ao contrário, as achava adoráveis. A garotinha pulava, usando a grade como impulso, parecia estar especialmente interessada nas várias flores azuis que cresciam em pequenos ramos, vindo de uma planta baixa próxima daquela saída.

— Gostou das flores, querida?

Disse Vivienne, enquanto regava aquela parte do jardim.

— São muito bonitas.

A mãe da menina surgiu logo em seguida, a carregando pela cintura, ambas trocaram um rápido olhar e ela viu a mulher descendo a rua, com a garota nos braços.

— Fique longe daquela mulher! Ela é uma bruxa.

Ralhou a mãe para a pequena, em voz bem alta.

Depois de todo aquele tempo, aquela frase não mais a ofendia, ela sabia que como havia dito Andersen, há algumas décadas, o homem teme aquilo que desconhece, o que realmente era doloroso era toda aquela inquisição moderna que lhe era imposta, já que não podiam mais queimá-la em praça pública, eles a isolavam, fingiam que ela não exista, como se tivesse cometido o pior dos crimes.

Apesar de tudo aquilo, ela não se arrependia de não ter se casado, ou de ter dedicado tanto tempo aos seus projetos. Tinha descoberto coisas incríveis, visto coisas que a maioria dos homens nem imaginava existir, e sido a primeira a falar sobre a possibilidade de várias realidades entrelaçadas no mesmo mundo, e ainda mais, conseguia trazer o poder de uma delas para si, poder este que usava tanto para benefício próprio quanto para ajudar outras pessoas, quando era possível.

Conhecer Andersen realmente tinha mudado sua vida, ela sempre fora uma mulher decidida, toda de um forte ceticismo desde que havia visto sua mãe morrer quando muito nova. Aquele evento definiu sua vida, e ela jurou se dedicar à ciência para achar a cura das doenças como aquela que tinha tirado a vida de sua mãe, e entender a verdadeira origem de tudo que existe baseados no que é racional e lógico. Quando viu a magia bem diante de seus olhos, quando experimentou o amor, a rebeldia, e todos os sentimentos que não fazem sentido, ela percebeu que o mundo ia muito além do que a pequena mente da poeira que eram os homens, e aquilo a perturbou de modo que teve pavor.

O mundo naquele período estava muito agitado, a guerra tinha acabado, a economia andava péssima, e novas ideologias cresciam nas mentes das pessoas. Com sua idade já avançada, tinha visto muitas coisas surgirem e morrerem, mas a humanidade a preocupava, pareciam continuar os mesmos sempre individualistas, preconceituosos. Temia que todos estes problemas gerassem ainda mais guerras e mais violência no futuro.

Ela subiu de volta pelo corredor de flores ao lado de sua casa, e ao passar por sua estátua, fitou a face de pedra antes de voltar para casa. Suavemente tocou a mão estendida da imagem, fazendo cintilar no símbolo um brilho rosado que iluminou o ambiente obscuro do início de noite, bem ali, naquele pequeno ponto.

— Você prometeu que voltaria...

Desabafou, com pesar, há muito tempo tinha perdido as esperanças, muito menos queria que um ser dono de juventude eterna, a visse daquele jeito. Subiu os degraus em direção a cozinha com muita dificuldade, seus pulmões e suas costas não eram mais os mesmos, e a mesma tuberculose que havia vitimado sua mãe, também a deixou debilitada, e só vivia ainda por intermédio de sua própria magia.

Tossiu um pouco, sentia-se fraca e sua vista pesava a cada passo que dava, foi até a cozinha, tinha certeza que aquele era um momento perfeito para tomar aquele chá. Observou o ambiente familiar daquele lugar, as lajotas das paredes cheias de desenhos, as cores suaves dos utensílios e o cheiro de tempero que vinha nos armários.

Colocou uma pequena panela com água para ferver, enquanto observava o fogo tocar a superfície metálica. Observava o lugar com carinho. Tinha estado toda a sua vida naquela casa, foi onde cresceu, onde teve todas as refeições de sua infância, todos aqueles feriados animados, seus aniversários com sua mãe e seu pai ao seu lado, talvez nunca conseguiria se desvincular naquela casa, ela era parte de si.

Logo depois foi até o armário onde guardava suas ervas, abrindo com delicadeza a superfície de madeira que tinha tingido de azul claro, e após de passar seus dedos sobre os vários potes de erva, procurando o que iria usar, escolheu um e dele tirou raízes secas que levou até a água fervente.

Um cheiro amadeirado subiu no ar quando fechou a panela, deixando que a raiz passasse suas propriedades para a água. A noite que começava a surgir a deixava sonolenta, e ela foi até a sala, ativando a antiga vitrola, que ecoou em seu som levemente falhante, uma música que tomou todo o ambiente.

Assim que o chá ficou pronto, pegou seu melhor conjunto de porcelana e preparou algumas torradas com uma geleia de amora que havia comprado em seu país de descendência, a França, e as levou até a sala em um conjunto de prata, deixando tudo sobre a mesa de centro.

Ela aproveitou cada segundo daquela refeição, se permitindo exagerar na geleia, que caiu um pouco sobre sua roupa. Ao fundo ouvia uma balada antiga, trazendo alguma animação para aquele ambiente tristonho.

Lembrou-se de uma vez que tinha fugido para dançar com o inglês em um baile e se levantou colocando as mãos no ar e se movendo enquanto dançava no ritmo da música, erguendo seu longo vestido negro, seus pés descalços tocando o chão de madeira. Se fechasse os olhos podia se recordar perfeitamente da pele dele contra a sua, seus beijos, e a noite em que se amaram pela primeira vez. Ele realmente tinha sido o grande amor de sua vida.

A cada minuto ela se sentia mais tonta e sonolenta, uma dor apertava o seu peito e decidiu ir se deitar, já esperava aqueles efeitos. Caminhou até o seu quarto, se deitando sobre a cama e deixando se envolver pelos vários lençóis de seda branca. Ao fundo ouvia a música da vitrola e olhando pela janela, observou a noite que irradiava em um brilho estrelado.

Naquele momento, tantos anos depois da grande história de amor que tinha vivido, desejou ter ido com ele, ter a benção da imortalidade e a certeza de que alguém sempre a protegeria, mas talvez, fosse um devaneio muito adolescente, e agora, tudo que desejava era viver uma vida sem dor. Sua jornada, com as decisões que tinha tomado, também a levaram a muito aprendizado, muitas conquistas.

Seu amado pertencia à escuridão e isso foi a última coisa que viu tomando conta do ambiente. Respirou fundo, dolorosamente, e foi envolvida por um brilho, o mesmo brilho que vinha dos Deuses que tinha contato e sua alma foi levada pela luz cintilante até às estrelas.

Adriana

Adriana acordou enjoada por mais aquelas memórias realistas, conseguia sentir até mesmo gosto de madeira velha em seu estômago e quase caiu da cama, correndo e empurrando a porta de seu quarto com pressa para ir até o banheiro. Ainda era madrugada, e sua avó não percebeu quando arrastou-se até o vaso sanitário e vomitou. Cada imagem ainda estava bem nítida em sua mente, era um processo desesperador, ela sentiu a vida saindo do seu corpo, a tristeza e todos aqueles arrependimentos de fim de vida, aquela experiência ruim, ao menos, tinha feito tomar uma decisão.

Ao sair do banheiro, limpava o canto de sua boca com a manga longa do pijama. Ao dar alguns passos descalços no chão frio, ficou paralisada, estava tão triste, com tanta raiva das pessoas, virou-se para fora, dando de encontro com as roupas que sua avó havia comprado. Aquele simples fato a tinha feito lembrar todos os eventos de sua vida, e não somente a discussão que tinha acontecido há algumas horas, às vezes é melhor abrir mão de alguma coisa para se ter outra, e aquilo foi que Adriana sempre foi, corajosa e disposta a enfrentar os próprios medos. Se ir embora era o preço por uma vida melhor, mais feliz e digna, ela o faria. A garota tinha escutado em algum lugar que as várias vidas de uma pessoa são para fazê-la evoluir em algum aspecto, se assim fosse, ela tinha crescido muito, o próprio Damiani havia dito isso, de certo modo.

Seu coração pulsava nervoso em seu peito, e naquela ansiedade, sentou-se em sua escrivaninha. Nas últimas páginas de seu diário escreveu o sonho que tinha tido, o deixando sobre a cama desarrumada.

Na caixa que tinha achado no sótão colocou os objetos mágicos que guardava bem no fundo de seu armário, observando melhor cada um daqueles itens. Olhou-se no espelho determinada, vestiu seu vestido favorito, um longo e branco que caía sobre o seu corpo em um corte clássico, e pegou suas botas marrons de salto baixo, o colar de sol brilhava bem perto de seu peito.

— Acho que isso é tudo.

E suspirou, amarrando uma fita branca em um laço no topo de seu cabelo antes de deixar o quarto, rumo a porta de entrada.

Damiani

Já tinha visto aquele corredor algumas vezes, e mesmo já estando em vários lugares estranhos em suas viagens, concordava com Adriana que aquelas fotografias antigas e as janelas em fita de vidro que a acompanhavam, deixavam aquela passagem assustadora. Ele sabia que sua avó estava no quarto dela, e ouvia um choro baixo quando abriu a porta de madeira, lentamente.

A senhora estava sentada sobre a cama, era alta, bem diferente da neta, tão pequena. Ao seu lado estavam suas duas muletas e em suas mãos, o diário de Adriana, que segurava nervosamente, enquanto tremia.

— Veio me matar também?

Ele se aproximou, parando a alguns metros ao seu lado. Assustada, ela se armou com uma de suas muletas.

— Sua neta está bem, assim como sua amiga.

Ela suspirou, limpando suas lágrimas com a ponta dos dedos.

— Então você é um vampiro?

Damiani balançou a cabeça afirmativamente.

— Não gosto desse termo.

A senhora olhava para a foto da neta, ainda apontando a haste de ferro em direção ao seu peito.

— Sabe, quando eu era mais jovem, minha amiga Vanessa era fascinada por vampiros, ela acabou me levando nisso junto com ela.

— Bom, vampiros reais são menos comuns... Já viu Nosferatu?

A mulher sorriu.

— Não, vocês não são tão feios quanto ele.

Damiani sorriu de volta, baixando a muleta com a ponta de seus dedos.

— Você não pode levar minha neta de mim.

— A decisão não é e nem nunca foi minha.

O diário havia deixado bem claro cada passo de sua jornada.

— Eu fui péssima com ela, não fui?

O vampiro olhou para os seus olhos, com franqueza.

— Não vou negar a verdade.

Ele se sentou ao seu lado, e a mulher olhava para o seu longo cabelo branco amarelado, estava tão surpresa como tinha ficado ao ver um deles há quase quarenta anos.

— Ela está bem? Onde está com você?

— Ela ainda não partiu, está aqui.

A mulher se virou para ele, olhando seus olhos amarelos com confusão.

— Você ainda não a levou para o seu mundo?

— Não, não vou fazer isso antes de vocês duas se falarem, não acho que tenho esse direito.

Alessandra realmente achou aquilo um ato muito nobre.

— Eu mudei toda a minha vida, pelo ódio e medo que eu tinha de vocês... Achava que fossem demônios.

Ele sorriu de lado, olhando em direção ao jardim.

— Eu vim aqui quando ela estava doente, fizemos esse jardim juntos.

O olhar de ambos se cruzou.

— Ela não merece tudo que vem acontecendo.

— Eu sei. Mas como vou falar com ela agora? Mal consigo andar direito!

Ele se levantou, ficando de pé em sua frente, aquela presença esguia, ainda parecia bem menor do que a que a outra, que tinha visto antes.

— Tenho uma solução para isso, mas vou precisar te tocar, tudo bem?

Ela estava apavorada, mas não tinha muita opção senão aceitar.

— Veja bem o que vai fazer!

Ele se debruçou sobre ela, e ergueu os dedos em seta na direção de sua testa, a empurrando levemente.

— Curar.

O conselho

O longo vestido branco arrastava-se no chão de pedra por mais que ela tentasse o erguer acima de seus pés. A jovem sabia que era melhor se manter em silêncio, ouvia sons sepulcrais

que vinham de algum lugar desconhecido, mas após todas as coisas que havia visto nos últimos dias, sabia que era impossível que algo mais a surpreendesse.

— Damiani!

Ela gritou, e sua voz ecoou pelas paredes de pedra cobertas de limo, sem nenhuma resposta, ele tinha sumido até mesmo naquele ambiente e achou melhor desistir de ter alguma resposta. O som de seus passos faziam um som úmido contra o chão, e com o fim dos sons desconhecidos vindos do além, tudo que podia ouvir era a sua própria respiração ofegante e as goteiras que caíam do teto ao chão encharcado.

Olhou para a tela do celular, era bem lógico que ali não tivesse nenhum sinal de coisa alguma, a bateria estava baixa, e somente a lanterna de luz branca a guiava naquele lugar centenário, deixando a sua vista, somente variações de galerias e a sua própria sombra distorcida pelas criaturas que a seguiam.

— Me deixem em paz!

Ela gritou para as sombras, apontando a luz do celular para trás de si, fazendo com que as criaturas emitissem o mesmo ganido de dor e fugissem, entrando pelas frestas das pedras como lodo descendo por um ralo de um banheiro. Continuou a andar, sabia exatamente para onde ir, já tinha estado ali antes, embora fosse bem mais fácil com seu amado.

Pensando em amor, sua mente vagueou até a sua velha avó, mal sabia o que iria encontrar naquele lugar, mas tinha a convicção que jamais a veria novamente, se tudo que Damiani disse fosse verdade, ela estava pronta para conhecer a verdade enterrada debaixo de séculos de cidade e não havia volta para isso.

Apertou o livro e a caixa com todas as coisas sobre o peito. Chegando ao final dos túneis, este estava alagado até a metade e uma fina iluminação emanava da porta de madeira no fim do corredor. A este ponto o celular não iluminava mais muita coisa. A água que tomava o corredor era verde e turva e sabe-se-lá Deus o que se escondia embaixo dela, olhou para o alagamento um pouco, suspirando fundo para encher os pulmões de coragem, logo enfiando o celular entre o sutiã. Segurou as coisas com ainda mais força e sem ver mais nada senão a iluminação da porta, seguiu a passos determinados corredor a frente.

Seu vestido branco estava verde da quantidade de lodo e algas da água, que logo começou a subir rápida e perigosamente de nível. Tentou voltar, mas era como se uma força a impedisse de andar para trás, e desesperada, começou a gritar, e correu na direção da porta. A água subindo tão rápido que teve de começar a nadar, dando braçadas com o único braço restante, haja visto que segurava na outra todas as coisas que tinha lutado tanto para conseguir.

Estava submersa, e a porta parecia agora estar não mais em um corredor curto como outrora, mas no fundo de um mar, onde ela podia ver a areia branca ao redor, e uma luz fina que vinha de cima, na mesma intensidade da luz da lua. O ar começava a lhe faltar, então nadou, segurando a respiração e guiada pela única coisa que conseguia ver, a luz amarelada da porta de madeira. Já perdia as forças quando tomou a maçaneta de ferro da porta nas mãos, vendo a familiar runa violeta talhada na porta entre a água turva. Sentiu que ia desmaiar e puxou seu corpo com todas as suas últimas forças restantes para dentro do cômodo que aquela porta dava acesso.

Caiu no chão, um chão de cerâmica preta e branca. Estava em um lugar que parecia familiar, mas que até onde sabia, jamais havia estado na vida. A porta tinha sumido, e tudo que podia ver ao redor era uma sala luxuosa, sem nenhuma saída ou entrada, era um lugar típico do século XIX, um salão de bailes, reconheceu dos filmes que já tinha visto. As paredes tinham colunas esbeltas, que seguiam até o teto coberto por decorações de gesso branco, talhadas delicadamente em sancas e detalhes em suas mais variadas formas. O pé direito era bem alto, lá pelos quatro metros, fazendo com que cada passo que desse se tornasse um eco perturbador.

Um grande Chandelier de ferro trabalhado em curvas delicadas estava bem no meio do salão, pendurado ao teto, e tudo era iluminado por uma luz amarelada de velas, mas sem formar qualquer penumbra ou lugar que servisse de esconderijo para as sombras. Havia enormes espelhos, cada qual deveria ter seus três metros, instalados nas paredes em uma moldura de ouro. Também haviam algumas janelas, todas cobertas por pesadas cortinas de veludo vermelho e detalhes em dourado.

Ela se olhou no espelho, nem sinal de água, seu cabelo estava ricamente arrumado, caindo em ondas pelas suas costas. Ela também usava um vestido de época, branco e sem muitos detalhes, era idêntico aos de seus sonhos, naquele ponto, não conseguia mais distinguir realidade de fantasia, e nem se forçaria a tentar.

Estava descalça, e tudo que havia restado era a caixa e o livro que caíram junto com ela no meio daquele lugar. Andou até a janela, talvez assim pudesse ter alguma idéia de onde estava, abriu a cortina e tudo que viu foi a escuridão do lado de fora. Não era como se fosse a noite, mas sim, algo como as sombras, que tomavam totalmente o ambiente, não permitindo que ela visse nada além, e se movendo em ondas como uma coisa viva.

Deu outro grito, se afastando das janelas e voltou para próximo de suas coisas, tentou pegar seu celular, mas ele não estava mais ali, era como se tivesse evaporado no ar. Seu estômago se contraiu em desespero, não havia mais como voltar, o que restava era fazer o que devia ser feito, como Damiani a tinha dito.

Se ajoelhou, vendo a imagem refletida de si do outro lado do espelho.

— É minha única alternativa.

Abriu a caixa, assim como o livro, este que não mais estava ilegível, e ao abrir suas folhas amareladas bem no meio, havia um ritual sendo descrito. Ela deixou suas páginas abertas sobre o chão, deixando à mostra o desenho da runa que estava em uma de suas páginas, e pegando da caixa ao seu colo a jarra de vidro circular contendo o sangue verde e pegajoso da cobra.

— Que assim seja, então.

Disse antes de abrir o pote, o deixando ao seu lado, um cheiro de enxofre exalou pelo ar, mas não tão forte quanto o da própria criatura quando estava viva. Pegou também da caixa o pincel de pérolas da Iara e a varinha da matinta. Ao se levantar olhou-se novamente no espelho, sua superfície perfeita parecia refletir todos os seus medos. Respirou fundo e mergulhou as cerdas macias no sangue gosmento e se ajoelhou, começando a desenhar a enorme runa no chão do salão, ao mesmo tempo que olhava para o exemplo no livro que carregava.

A cada traço que dava abaixo de seus pés, passando o pincel com firmeza sobre o chão liso, a tinta começava a brilhar na luz violeta que já era sua velha conhecida, dando certeza de que estava fazendo tudo certo. Demorou alguns minutos naquela tarefa, correndo a passos cuidadosos de um lado para o outro, até que o grande desenho tinha se formado em um círculo maior do que ela própria, que encarava aquela imagem com fascínio.

Como último passo, ergueu a varinha de madeira firmemente entre seus dedos, e esticando o braço, gritou a palavra que dizia o livro.

— Ativar!

Da ponta da varinha, um raio de energia brilhante tocou o chão, que começou a tremer como em um terremoto. Ouviu um som de pedra se quebrando, e deu alguns passos para trás, pulando para longe da insígnia. O piso se quebrou, e uma rachadura luminosa surgiu abaixo dos traços, erguendo uma iluminação etérea que dançava em alguns metros de ondas sobre o símbolo.

— Nossa senhora! Espero que eu tenha feito tudo certo.

Ouviu um clique atrás de si, a última vez que tinha escutado aquele som, foi quando a porta do corredor de portais se fechou, e virou-se rápido para trás, vendo que uma pequena porta de madeira, incompatível com a magnitude do ambiente, tinha surgido bem atrás dela.

Imaginou que aquele fosse o caminho, e deu alguns passos em sua direção, até que ela se abriu por uma mão enluvada.

Doze pessoas entraram. Estavam com longos capuzes negros sobre o rosto, com barras em azul marinho, daquele modo, pareciam todas iguais. Bem em seu peito estava bordado o mesmo símbolo que tinha no chão a sua frente, Adriana se assustou, apontando a varinha para os misteriosos homens, que pararam em um semicírculo à sua frente.

— Quem são vocês?

O que estava no meio deu alguns passos para frente, com as mãos em riste.

— Nós somos o conselho.

Ela baixou a varinha, olhando para eles com uma leve reverência, até que o mesmo, que deveria ser o líder de todos, baixou sua capa, deixando o seu rosto à mostra.

— Prefeito?

O homem sorriu, e todos ao seu redor fizeram o mesmo, baixando seus capuzes e fazendo uma leve reverência. Reconheceu todas as suas faces, eram pessoas do maior escalão da cidade, artistas, empresários e políticos, o que mais a surpreendeu foi que o prefeito fosse um deles, era um bom homem, e não tinha sido eleito há muito tempo.

— Entendo sua surpresa em ver todos nós reunidos aqui.

— Bom, a maioria de vocês eu vi no jornal ou na televisão.

A mulher ao seu lado, uma famosa cantora, deu uma leve risada.

— Entendo sua surpresa querida.

— Deve estar curiosa sobre o que nós somos.

Adriana ainda estava boquiaberta, olhando para os seus rostos.

— Isso, com toda a certeza.

O homem deu alguns passos para trás e fez um gesto com a sua mão, que liberou uma massa de ar colorido no ar, começando a formar uma imagem, todos os que antes estavam ao seu lado caminharam ao seu redor, formando um círculo perfeito.

— Há muitos séculos...

Disse com uma voz suave, como se que narrasse uma antiga lenda para uma criança. Na imagem da fumaça formou-se uma ampla floresta, onde havia uma caverna, que entrava pela terra em um caminho rústico para baixo.

— Havia uma passagem bem abaixo dessa cidade em uma pequena caverna perto da baía, dela o primeiro atravessador veio a esta parte do mundo. Nosso povo era perseguido em outros países, por conta dos primeiros atravessadores, que sem regras, causaram muito terror e se espalharam nas lendas deste mundo como criaturas do mal. É claro que nem todos eram ruins, mas pelo generalismo, qualquer um que tivesse contato com eles era morto, e os que se envolviam com a sua magia eram perseguidos e queimados na fogueira. Sendo assim, este atravessador explorador cruzou essa passagem, e ao ver aquele lugar belíssimo e inexplorado, se animou.

A fumaça mudou para uma imagem de um dos vampiros se aproximando de uma aldeia.

— Lá, ele conheceu uma pequena tribo que vivia um pouco mais isolada, eles adoravam a escuridão, e por isso, eram temidos pelos outros. Ele demorou um tempo para conseguir se comunicar, mas assim que perceberam que ele vinha das profundezas da noite, passaram a considerá-lo um Deus vivo entre eles, passou décadas com eles, os ensinando a mais profunda

magia e os conhecimentos que tinha. Viveram bem ali, por algumas décadas, e construíram grandes catacumbas para proteger o lugar de onde o seu Deus havia vindo. Ele também os ajudou a prender a grande cobra grande e o boitatá que aterrorizava o seu povo, após aquela grande batalha e gravemente ferido, ele teve que retornar para o seu reino.

A imagem mudou novamente, nela havia uma pequena cidade, se recordou dela do que Damiani havia contado, várias casinhas pontiagudas em uma pequena vila.

— Mais algumas décadas se passaram, e o povo prosperava ali em grande sabedoria e vivência comunitária, mas com a chegada dos colonizadores, sofreram um grande ataque, sua ciência e sua magia foram consideradas obras malignas e todos foram mortos.

Agora via na sombra uma grande chama arder, em uma pira que levava até acima das nuvens.

— Quando o atravessador voltou, ficou irado, mas já haviam se passado muitos anos desde o ataque. Descobriu que o filho do pajé, que havia sido morto, tinha fugido e estava vivendo em um casebre no meio da floresta. Graças a ele, a magia violeta se manteve viva nesse mundo, mesmo que de maneira ilegal. Juntos, escreveram um grande livro, chamado de o Livro do Conhecimento da Escuridão, escrito na língua dos colonizadores. O Deus cobriu-se de tristeza quando ele partiu, e também voltou para casa, deixando essa parte do mundo por sua própria conta. Séculos se passaram, e aquele casebre cobriu-se de mistério.

O Prefeito tocou na fumaça, que fluiu entre seus dedos, formando outra imagem. Um cavaleiro nobre achou aquele casebre, e do meio das plantas que haviam coberto a madeira envelhecida, ele tirou o livro.

— Este foi o primeiro de nós, um dos primeiros que deteve aquele conhecimento, o passando de geração em geração, sempre abaixo dos olhos atentos da igreja.

— Então, todos vocês são magos?

Assustaram-se, como se ela tivesse dito alguma heresia

— Somos clérigos, o mais alto escalão deste estado, todo o nosso poder vem da magia que flui acima da realidade de nossos Deuses.

Deuses esses, que eram o povo de Damiani, os vampiros.

— Existem muitos como nós, até os que adoram Deuses de outras realidades, diferente da que seu namorado veio.

— Então os Deuses existem?

A senhora ao seu lado se aproximou, tocando seu ombro .

— A magia vem dos mais antigos pensamentos de um povo, aqueles que tiveram contato direto com as outras realidades.

— Isso é incrível!

A imagem então, formou a imagem da Igreja da Sé, com um cenário diferente do que era o atual.

— Um fato histórico fez que nos chamássemos de conselho, quando a inquisição acabou, a igreja decidiu se reunir conosco, em várias partes do mundo em que estávamos presentes. Se pesquisou bem, viu que existem lendas sobre vampiros em muitas partes do mundo e neles os seus clérigos. Decidiram uma trégua depois de todos aqueles séculos de perseguições, naquele ponto todo o conhecimento sobre os vampiros era uma lenda na mente das pessoas. Chegaram a várias regras, permitindo que os atravessadores continuassem a vagar por este mundo, se não fossem destrutivos como antes e os conselhos regionais controlassem o que fariam. Claro que o ódio era mútuo, mas era o mais sensato a se fazer.

Um homem baixinho surgiu atrás dele, tomando espaço para falar, com uma voz humilde.

— Nós clérigos somos só humanos, detemos o conhecimento e conseguimos alcançar parte destas passagens entre os mundos, assim como nos comunicar diretamente com a mais alta nobreza do povo dos atravessadores, decidindo com eles e com a igreja daqui, quais atitudes os atravessadores podem ou não tomar. Eles são muito poderosos, e já foi provado que os deixar fazer tudo que querem é muito perigoso.

— Por isso ele não podia me contar toda a história de uma vez?

Ele balançou a cabeça, afirmativamente.

— Exato, nós tememos que eles levem para o outro lado pessoas que não suportem a mudança, ou ainda mais, pessoas que possam espalhar toda essa verdade aos quatro ventos.

— E por que todos não podem saber?

A cantora suspirou, um pouco triste.

— E saberão! Algum dia, mas não agora, não estão prontos para isso, deixe que procurem os seus semelhantes no céu enquanto pisam sobre a verdadeira magia, que flui em cada árvore e em cada animal, que vive nessa terra.

O homem baixinho voltou a falar.

— Ser levada para o outro lado é uma honra que nem mesmo nós somos capazes, você tem muita sorte de ter sido escolhida e também por passar por todas as provações até o outro lado.

A cantora, uma mulher de meia idade e um rosto forte, tocou suavemente o seu ombro.

— Imagino como este mundo deve ter sido cruel contigo, querida, mas lá não existe ignorância há milênios.

— São um povo muito avançado.

O Prefeito concordou, enquanto seus olhos passeavam pelo ambiente ao redor.

— Eu fui uma de vocês, na minha vida passada?

— Não, era uma clériga, mas não era parte do conselho, não concordava com nós termos um acordo com a igreja, entendo o seu ponto. Seu pupilo, Guilherme, foi um importante membro do conselho, que descanse em paz.

Agora, entendia em totalidade todos os acontecimentos, só tinha uma única dúvida.

— Vocês são todos bem famosos, por que?

Quase todos eles riram, em conjunto.

— No início só dois daqui eram clérigos, mas ao se tornarem amigos, um convidou o outro para a irmandade, você se surpreenderia em saber o quanto de pessoas famosas tem envolvimento com magia.

— Parece alguma teoria da conspiração.

O Prefeito sorriu, desfazendo a imagem que tinha formado com outro movimento.

— Ah, de modo algum, as teorias são bem mais dramáticas, está nos vendo sacrificar algum bebê?

Ela deu uma risada, acompanhada pelos outros, que a deixaram e foram até o redor do desenho que tinha feito no chão, formando um círculo de mãos dadas ao seu redor. Assim que isso aconteceu, a luz aumentou, indo até o teto. Ao meio dela conseguia ver uma passagem, e o mesmo cenário que tinha vislumbrado quando executou o rito com a Beladona, algum tempo atrás.

Dela, viu que se aproximavam algumas criaturas, andando do meio dos campos até o lado de fora, atravessando a luz e colocando seus pés sobre o chão perto de onde estava. Eram enormes, com os seus dois metros e meio até os três metros, suas peles eram brancas, e tinham cabelos longos e amarelados, que caíam em pequenas ondas atrás de suas costas, usavam roupas de tecidos leves vermelhos com detalhes em prata.

O maior deles seguia na frente, sobre a sua cabeça estava repousada uma coroa de ouro com várias pontas que iam em direção ao céu, adornadas com o símbolo de uma lua, era o mais ricamente vestido, dando a entender que era algum tipo de rei, ou líder político.

Bem ao seu lado havia uma humana, ela já tinha a visto antes, era a amiga de sua avó, que continuava tão bela do que como era a quarenta anos antes. Seu rosto não havia mudado nada, e estava ricamente vestida com um robe vermelho, e outra coroa, igual a do homem à sua frente. As pessoas ao seu redor se ajoelharam, e ela fez o mesmo.

— Você deve ser Adriana, ouvi meu sobrinho falar muito sobre você.

Ela se levantou, e seus olhos foram em direção a Vanessa, que estava encantada com a sua presença.

— Esta é minha esposa.

— Eu sou a neta de...

A mulher sorriu, levando a mão até o seu rosto.

— Eu sei quem você é! Fico muito feliz em vê-la.

— Eu sou o rei dos vampiros, se assim preferir nos chamar, me chamo Valendor.

Ela baixou o rosto, não sabendo como se portar frente a alguém com tanto poder.

— É uma honra te conhecer.

— Não se preocupe, é somente um título, nos veremos bastante enquanto estiver conosco.

Adriana olhou para as faces de mais alguns deles, que a olhavam sem nenhuma superioridade, talvez um pouco de curiosidade somente.

— Onde está Damiani? Está me esperando lá dentro?

— Yannfowr?

Falou em alguma língua desconhecida, quase impronunciável.

— Ela o conhece assim, majestade, mas falam da mesma pessoa.

Disse o líder do conselho, a alguns metros de onde estava.

— Na verdade, eu estou aqui.

Ela se virou, e viu que ele estava parado bem na porta, acompanhado de sua avó, que de pé ao seu lado, não usava suas velhas muletas e tinha um olhar surpreso.

— Dami? Vovó?

Ela correu até ele, o abraçando, que correspondeu emocionado.

— Estamos aqui, conseguimos, meu amor.

Sua avó estava estarecida, e caminhou a passos confusos até a Vanessa, que estendeu os braços cobertos por aquele tecido leve, em uma forte cor vermelha.

Elas se abraçaram, e sua avó não conseguiu esconder o quanto estava chocada em ver o quanto ela ainda era jovem, e ainda mais bonita do que se lembrava. Os cabelos negros ainda maiores, caindo em linhas sobre os seus ombros abaixo da coroa real.

— Você está linda! Continua linda! Estou tão feliz que esteja bem.

Disse sua avó, enquanto chorava.

— Obrigada, Alessandra, você também.

Damiani seguiu até as duas de mãos dadas com Adriana, que também chorava, sem saber exatamente o motivo.

— Como você conseguiu trazê-la para cá?

— Estamos em uma zona de transição, entre o meu mundo e o seu, aqui tanto nós quando vocês podem entrar, porém, não conseguem acessar nenhum dos lados, a menos é claro, que seja um atravessador ou que tenha feito o ritual de passagem com um.

Alessandra olhou para todos eles, parecia totalmente chocada, em especial com o rei de todos, o marido de sua amiga.

— Vocês parecem menos assustadores assim.

— Peço desculpas por tê-la assustado naquele dia.

Disse Valendor, com uma reverência.

— Eu julguei mal vocês, principalmente você, Damiani.

O ruivo fez um sinal negativo, e foi até a frente de seu tio.

— É bom revê-lo majestade.

— Digo o mesmo, sobrinho.

Ele se virou para Adriana, que confusa, olhava sem parar para a sua avó, que apesar de tranquila, estava tão fascinada quando ela.

— Agora temos de ir, Adriana, e bom, se sabes bem, não poderá retornar. Trouxe sua avó porque não me sentiria bem de partir com você sem que ela soubesse. Sei do quanto sentem pela dor da perda de seus pais, e eu não vou levá-la sem a bênção dela.

Adriana se virou para Alessandra, que deu alguns passos até ela, tocando a sua mão.

— Eu li todo o seu diário, tudo que você passou...

— Desculpa por não ter contado.

— Não! Eu te entendo, eu quem peço desculpas, pelo modo que eu agi, pelas coisas que eu disse.

Adriana a abraçou, toda a cena tinha um tom de despedida.

— Eu nunca achei que fosse ver minha amiga tão...

A rainha riu.

— No lugar que ela merece... Vá! Vá com ele, e seja muito feliz.

Apesar de sua bênção, era ela quem ainda tinha suas dúvidas.

— Como vão fazer? Vão dizer que eu morri?

— Vai ser o mesmo que eu, que fugiu com o namorado.

Disse Vanessa, rindo.

— Não se preocupe, vai ser nisso que acreditarão.

Pontuou o Prefeito, piscando o olho direito.

— Adriana, você não precisa ficar comigo pela eternidade lá, você vai ser livre, verdadeiramente livre, para fazer e aprender tudo que quiser. A única certeza que quero ter é que eu vou poder te proteger, eu não quero te ver sofrendo de novo.

— E a minha avó?

— Podemos abrir uma exceção para você, se quiser eu mesmo faço o ritual de passagem com você.

Disse o rei, olhando em direção a Alessandra.

— E viver pra sempre, com esse negócio de magia e vampiro? Não! Isso parece bem mais algo pra ti, minha neta. E eu tenho que ficar aqui, fazer justiça pelos seus pais.

— Prometo que vou ajudar nisso.

Disse o Prefeito.

— Viu só, eu sou mais útil aqui, vou sentir sua falta, é claro, mas para mim, o que importa é que sejam felizes.

Logo após aquela frase, o Prefeito tomou os itens que tinham pego em suas aventuras, e eles se desfizeram entre seus dedos.

— Retornaram para seus donos, até a próxima passagem...

O rei, com sua voz grave e poderosa, se virou para o seu namorado, tocando seu ombro.

— Antes disso, preciso que ela veja como você realmente é.

— Parecido com vocês, eu imagino.

Ele sorriu. Se sentia inseguro, por todo o tempo que tinham tido juntos, ela tinha se acostumado com a visão de um frágil ruivo adolescente, e embora fosse um adolescente realmente, se comparado aos outros vampiros quase milenares que ali estavam, temia que ela se assustasse com a sua imagem fora do comum.

— Não se preocupe, assim como o seu amor por mim vai além do meu físico, o meu também.

— Feche os olhos.

Ele sussurrou, e suas mãos tocaram levemente os seus ombros, e ela obedeceu, sentindo uma leve brisa tocar a sua pele, e as mãos em seus ombros aumentarem de tamanho.

Abriu seus olhos, e precisou levantar a vista para vê-lo melhor. Seu rosto era o mesmo, assim como seus olhos amarelos marcantes, mas agora sua pele era naquele tom branco azulado, suas orelhas eram longas e pontiagudas, e ele tinha as asas que tinha visto quando sobrevoaram a cidade juntos, seu cabelo era branco, assim como o de seu tio, e caía em ondas até o meio de seus joelhos.

Você continua tão lindo como sempre foi, só bem mais alto.

Ele sorriu, tocando a ponta do seu rosto com sua mão de unhas afiadas.

— Está na hora dela tomar uma decisão, a passagem irá se fechar.

Disse o Prefeito, olhando para a luz que dava acesso ao outro mundo.

— Se você não quiser ir, eu entenderei perfeitamente, e amanhã, você vai acordar em sua cama e tudo isso vai parecer ter sido um pesadelo. Não se lembrará de nada também, toda essa parte da história será apagada de sua memória, e vai poder continuar sua jornada, como uma humana comum, se assim desejar.

Damiani se ajoelhou, tocando sua mão e levando sua pele macia até o seu rosto.

— Se você vier comigo, eu prometo que vai ser feliz como nunca foi, eu amo você, de verdade, em qualquer vida que vier.

E se levantou, viu que os outros vampiros voltavam pela passagem, incluindo o rei e sua esposa, que fizeram uma longa reverência antes de sumir na luz brilhante. Os membros do conselho saíram também, voltando pela pequena porta, acompanhados por sua avó, que a abraçou com força.

— Eu vou te apoiar, independente da sua decisão, eu amo você.

E beijou sua bochecha, antes de ser levada até a saída pelos outros. Damiani, então, estendeu a mão para ela. Sua aparência coberta por aquela bela iluminação colorida fazia com que seus cabelos brilhassem em um tom rosado.

— E então? O que decide?

Seus olhos foram em direção a porta onde sua avó tinha ido, junto a todos os membros do conselho, a usando para retornar ao seu mundo. Ela, agora, sabia que a superfície de madeira branca com sua pequena maçaneta em ferro significava toda a vida que conhecia, suas alegrias, suas tristezas e a própria humanidade, com todos os seus defeitos. A sua frente, o portal que significava o novo, o inexplorado, a vida, que se escolhesse seria uma aventura a cada dia, ou uma grande decepção que podia se arrepender para todo o sempre. Seus cabelos voavam pelo vento que emanava daquele portal dimensional, e aos poucos o ambiente sumia, sendo

consumido por uma escuridão, como aquela visão turva de quando se fecha os olhos para dormir. Ele deu um passo à frente, pondo parte de seu corpo em direção ao portal. Adriana tinha tomado a sua decisão, suspirou fundo, e ao puxá-lo para um beijo, sentiu seus corpos se unindo em um amor que possuía tanto poder que achou que nunca teria a chance de contemplar. E em um rápido movimento tocou a mão que ele tinha oferecido, cruzando os seus dedos contra os dele.